

CAMILA MOREIRA
MUITO ALÉM
do Amor

"EU ME APAIXONARA POR
UMA MULHER QUE TINHA
TODOS OS MOTIVOS PARA
ODIAR O AMOR."



CAMILA MOREIRA

MUITO ALÉM
do Amor

1 9 1 9

Sumário

1
2
3
4
5
6
7
8
9
10
11
12
13
14
15
16
17
18
19
20
21
22
23
24
25
26
27
28
29

30

31

32

33

34

35

36

37

38

39

40

41

42

43

44

45

46

47

48

49

Epílogo I

Epílogo II

Agradecimentos

Nota da autora

Para todas as vozes que um dia foram caladas.

*aceite que você merece mais
do que amor doloroso
a vida nos move
a decisão mais justa
com o seu coração
é se mover junto*
Rupi Kaur

Diego

Dizem que quando estamos próximos da morte toda a nossa vida passa diante dos olhos em questão de segundos. Comigo não foi bem assim. No momento em que vi o carro se aproximar, só pensei em salvar a Clara, não me importei muito com a minha vida. Meu irmão não suportaria perdê-la, e tive certeza de que eu não suportaria ver o sofrimento do Alexandre. Então, fiz o que meu coração mandou, não só pelo meu irmão, mas também por Clara, uma mulher para quem o destino já havia oferecido uma segunda chance, e ela merecia aproveitar. Pular na frente de um carro salvou a vida da mulher que acabava de se tornar minha cunhada, mas também me deixou vários meses em coma.

Só que o destino quis que eu também tivesse uma segunda chance.

Sobrevivi. Renasci.

Com o microfone na mão, olhei para o pedaço de papel que retirei do bolso e ele simplesmente me pareceu insignificante demais. Como pude pensar que conseguiria explicar o amor em apenas algumas linhas de uma folha qualquer de caderno? Chegava a ser ingênuo. Não fazia sentido ler o que eu escrevera. Meu coração agora transbordava coisas que eu não sentira enquanto escrevia o discurso. Ele não batia tão acelerado, parecendo poder saltar do peito a qualquer momento, como fazia agora. Meus olhos não observavam as pessoas que eu mais amava na vida me encarando com ansiedade e alegria. Minha alma não sentia o orgulho imenso que me dominava naquele momento.

Meu irmão havia se casado.

O grande Alexandre Ferraz aposentado.

Dá pra acreditar?!

Queria saber quem inventou que irmãos deviam fazer brindes e discursos, que com certeza iriam me levar às lágrimas, porque toda essa porra que estava sentindo era muito maior que eu. Talvez um dia eu descobrisse, mas, naquele momento, tinha que respirar fundo e deixar as

palavras saírem livres, porque o casal sentado à minha frente merecia o melhor de mim. Alexandre, por ser o homem em quem eu me espelhava, e Clara, por ser a mulher corajosa que era — bem, essa merecia um troféu só por aguentar a marra do dr. Ferraz.

Mas os dois não poderiam ser mais perfeitos um para o outro, e era chegada a hora de dizer isso a eles. Levei o microfone à boca e pigarreei. Todos os outros convidados voltaram a atenção para mim, e eu sorri envergonhado quando minha irmã Priscilla gritou a pleno pulmões:

— Lindooooooooooooo!

— Muito obrigado, maninha. Não sei quem te pagou pra falar isso, mas pode ir pegar seu prêmio, garota.

Clara gargalhou e meu irmão continuou sério, como sempre fora. Mesmo assim, consegui ver uma centelha de alegria brilhar em seus olhos. A mesma que se transformava em chamas quando ele olhava para a sua menina.

— Alexandre me pediu para falar sobre amor. Não sei por que ele acha que eu entendo disso, se foi ele quem finalmente casou. — Todos riram e aproveitei a pausa para respirar fundo e continuar. Não era tão fácil quanto parecia. — Então eu prefiro falar sobre quebra-cabeças. Ganhei um quando fiz oito anos. Levei alguns meses para montar, porque fui ganhando as peças aos poucos, quando comprava o gibi da semana. No início foi fácil, divertido, mas depois comecei a desejar completá-lo rapidamente, porque olhar para aquilo inacabado sempre deixava um vazio em mim. Comecei a me frustrar, porque no saquinho de peças que eu comprava, muitas vinham repetidas. E por mais que fossem peças bonitas e até diferentes, nenhuma delas se encaixava perfeitamente no único espaço que havia sobrado. Eram peças de outros desenhos. Então, um dia abandonei o brinquedo, acreditando que nunca acharia a peça que precisava. Um tempo depois, sem muita pretensão, passei em frente a uma banca de jornal dessas de esquina e comprei três revistinhas. Para minha surpresa, a primeira peça que tirei do pacote completou o meu quebra-cabeça com perfeição. Hoje eu sei que aquilo foi mais que uma brincadeira, porque me ensinou muito sobre o amor.

Alexandre, meu irmão, você me pediu para falar sobre esse sentimento. Então lá vai... O amor é um quebra-cabeça, e as peças somos todos nós. Você completou o seu, finalmente encontrou aquela peça que deu sentido à sua vida. O desenho ficou completo. Você é a alma que faltava na Clara, e ela passou a ser o seu coração.

Lágrimas se formaram nos meus olhos, mas não tentei impedi-las. Sabia que seria assim, porque família era a parte mais importante da minha vida.

Levantei a taça de champanhe na direção deles para celebrar o amor que os unira. Meu irmão levantou, segurando a mão daquela que agora tinha o seu coração. O vestido branco e bonito não conseguia esconder a barriga já um pouco redonda, e tive a impressão de que ela nem queria esconder. Meu sobrinho estava a caminho e ele seria tão amado por esta família quanto eu fora e ainda era. Clara sorriu para mim, e fez o mesmo. Seus olhos brilharam quando ela desviou o olhar e buscou o do meu irmão com tanto amor que qualquer um, mesmo quem nunca conheceu aquele sentimento, saberia que eles haviam sido feitos um para o outro.

Recuperei minha voz para encerrar o discurso e, mesmo com um nó na garganta de emoção, terminei parabenizando aqueles que diariamente inspiravam amor:

— Um brinde ao casal Alexandre Mendes Ferraz e Maria Clara Gomes Bueno Ferraz!

1

PRESENTE

Diego

Insônia.

Um intervalo de tempo de que nossa mente *acha* que precisamos para divagar sobre a vida. É claro que não pedimos por isso, e muitas vezes não queremos horas e horas de olhos abertos, quando, na verdade, eles deveriam estar fechados e descansando, principalmente depois de um dia bastante cansativo.

Mas ela veio.

De novo.

Olhei o celular sobre a mesa de cabeceira e ele mostrava que ainda eram duas da manhã. Esperava algo assim, já que não via nem um raio de sol sequer serpenteando entre as persianas do quarto. Joguei as pernas para fora da cama e esfreguei as mãos no rosto. A ideia era acordar relaxado, e não mais cansado do que quando me deitara. Entretanto, mais uma vez meu sono fazia questão de me deixar na mão, fugindo de mim. Tinha sido sempre assim, principalmente nos últimos meses. Estava atolado de trabalho e isso interferia demais na minha tranquilidade fora do Ministério Público. Por mais que eu tentasse me desligar, minha mente insistia em continuar trabalhando vinte e quatro horas por dia.

“Exausto” era uma palavra que me definia muito bem.

Nunca imaginara que seria promotor de justiça. Advogar estava no meu sangue e achei que isso nunca mudaria, mas mudou, e hoje não me vejo fazendo outra coisa. Experimentei um lado do direito que acabou se tornando um vício. Amava o que fazia, e talvez essa entrega total fosse

uma das razões para a minha maldita insônia. Caí na cama mais uma vez e pus o travesseiro sobre a cabeça, tentando não pensar no trabalho, mas não consegui, como sempre. Então desisti e levantei.

Aproveitei que não voltaria a dormir tão cedo e fui para o escritório. Mesmo com a mente dizendo que não era hora de trabalhar, acabei não resistindo e peguei alguns depoimentos para analisar. Fazia algumas semanas que estava trabalhando em processos de violência doméstica, e um caso específico me chamara muito a atenção. Assustei-me com as condições em que se encontravam as vítimas. Claro que eu lidava com inúmeros tipos de crimes, mas esse, em especial, mexia com um lado meu que eu não conseguia ignorar. Ser um cara muito família dava nisso. Nunca entenderia como alguém podia machucar outro em nome do amor. E era exatamente isso que a vítima relatava em seu depoimento. Chegava a me causar asco.

Estava lendo as declarações, fazendo uma pausa entre uma linha e outra para não perder nenhum detalhe, quando ouvi o toque do celular.

Uma mensagem.

Sofie.

A única coisa que ainda me frustrava sobre o acidente que sofrera alguns anos atrás era o fato de ter perdido parte da minha memória. Estava praticamente recuperado e me sentia muito bem, a não ser pelo buraco que se formara no meu cérebro, engolindo algumas pessoas e determinados momentos que eu vivera. Colegas de faculdade que me visitavam cujos nomes eu sequer conseguia lembrar. Os primeiros casos em que trabalhei como advogado. Alguns clientes. Várias coisas que vivi enquanto frequentava o curso de direito. Tudo foi deletado sem mais nem menos do meu subconsciente. E Sofie fazia parte dessas lembranças que ficaram no passado.

Alexandre me contara sobre meu namoro com ela. Eu também tinha vários objetos que confirmavam que Sofie era muito importante para mim. Fotos, cartões, cartas, presentes, tudo remetia a uma excelente relação, e era uma luta diária entender por que justamente ela se perdera na minha memória.

Essas perguntas me assombraram quase todos os dias dos meses

seguintes ao coma. Relutando em reconhecer que havia esquecido uma parte tão especial da minha vida, levei um bom tempo para procurá-la. Quando percebi que não progredia, decidi que a hora havia chegado. Depois de falar com Sofie, passei a me sentir ainda mais perdido, lutando com uma confusão de sentimentos dentro de mim. Mesmo que nossas conversas soassem tão íntimas, eu não conseguia deixar de sentir um abismo nos separando. Sem falar na distância geográfica. Depois de passar por vários países trabalhando como modelo, ela se estabeleceu na Itália. Uma das poucas coisas de que me lembrava era que tínhamos terminado o namoro porque ela ia começar a carreira no Japão. Eu havia acabado de sair da faculdade e ainda era muito jovem. Ela foi meu primeiro relacionamento sério.

Abri a mensagem e foi impossível não sentir uma pitada de ansiedade antes de começar a ler.

São três da manhã aí e tenho quase certeza de que o senhor Não-consigo-me-afastar-do-trabalho deve estar acordado.

Sorri com suas palavras e não contive a vontade de responder. Coisas assim me surpreendiam, pois ela parecia me conhecer muito bem.

Acertou na mosca, senhora Sabe-de-tudo-e-de-todos.

Ela respondeu com uma carinha feliz antes de me enviar uma foto. A saudade inundou meu peito enquanto observava a imagem. Ainda me recordava dos seus cabelos ruivos, do sorriso de moleca, do rosto angelical e dos olhos expressivos. Sofie tinha feições de adolescente, mas na verdade era uma linda mulher.

Na foto, ela tinha um passaporte na mão e estava ao lado de uma mala enorme. Ao fundo, havia algumas pessoas, e eu podia ver o painel informativo do aeroporto.

Para onde a senhorita vai viajar agora? China, Dubai, Londres? Me leva na mala?

Brinquei, mas a resposta a seguir me pegou desprevenido de verdade.

Brasil.

Digitei rápido.

Você está vindo passar um tempo aqui?

A possibilidade de vê-la outra vez era algo que não esperava tão cedo. Sofie me dissera que demoraria um tempo para visitar o Brasil por causa da sua agenda de trabalho. Ela era uma modelo famosa e com muitos contratos. Não falávamos sobre isso desde a última vez que tocamos no assunto, há um mês. Pelo visto ela mudou de ideia.

Não, meu Príncipe. Tô voltando para casa. Eu amo você, Diego. Nunca deixei de te amar. E não vou me perdoar se não tiver certeza de que lutei com todas as minhas forças pelo seu amor. Quero você, e vou fazer de tudo para te reconquistar. Só preciso de uma chance.

Depois de olhar fixamente para a mensagem, como se ela pudesse me explicar algo além do óbvio, senti o coração disparar, com um medo que não costumava ter. Ainda estava pondo minha vida nos trilhos, e talvez Sofie tivesse esperanças de um futuro que eu não estava preparado para lhe entregar.

Cheguei ao Ministério Público em cima da hora. Acabei cochilando no sofá com o dia amanhecendo e me atrasei. Depois da última mensagem de Sofie, fiquei tão perdido em meus pensamentos que mal voltei a me concentrar no processo. Na verdade, não consegui lidar com a confusão de sentimentos, então apenas desejei-lhe boa viagem e disse que a esperaria.

Deus! Isso foi como dar esperanças a ela. Foi estúpido e idiota, Diego, porque você ainda não sabe o que sente por ela.

Já era. Não adiantava me arrepender.

Passei pela recepção e a assistente administrativa ainda não tinha chegado, então fui direto para a minha sala.

Recostei na cadeira, liguei o notebook e esperei a tela inicial ligar sem pressa. Até meu computador sabia que ainda não era hora de começar a funcionar. Infelizmente, ele não tinha outra opção. Quinze minutos depois de iniciar o trabalho, Fabrício enfiou a cara feia pela porta que eu deixara aberta.

— Bom dia, dr. Ferraz. — Fiz uma careta no mesmo instante e

ele sorriu, divertindo-se com a minha reação. Já havia dito centenas de vezes que queria que me chamassem de Diego, ou no máximo dr. Diego. Ferraz era como meu irmão sempre fora chamado, e de forma alguma eu poderia tomar o lugar do grande Alexandre. — Estou brincando, dr. Diego. Tenho boas notícias.

Fabício sentou na minha frente e jogou uma pasta de papel sobre a mesa. Olhei, mas não me movi, então, quando ele fez um gesto com a mão para que eu a pegasse, eu obedeci.

Antes de abrir, analisei o cara à minha frente e notei sua expressão vitoriosa. Quando assumi o Ministério Público, Fabício era um estagiário prestes a se formar. Ele era tão eficiente que eu não quis abrir mão do seu trabalho, então o transformei em meu assessor e homem de inteira confiança. Jovem, apenas vinte e três anos, mas eu me identificava muito com seus ideais e sua força de vontade. A mesma garra de quando eu saíra da faculdade. Pronto para mudar o mundo. Uma pena que ao longo dos anos percebêssemos que nossa força nem sempre era suficiente. Porém, por mais que o dia a dia lutando por justiça fosse bem diferente do que sonhávamos nos cinco anos em que passamos escutando sobre crimes e leis, eu lutava para não perder a centelha de esperança que ainda queimava em meu peito. Acho que, no fundo, sempre serei aquele Diego que sonhava em fazer a diferença. E era por isso que nunca diria a Fabício que a realidade era uma merda, porque era exatamente de homens como ele que o mundo precisava.

Diante da sua expressão de júbilo, resolvi abrir logo a pasta. Com as folhas nas mãos, foi minha vez de não conter o entusiasmo. Levantei depressa e caminhei pela sala, analisando as linhas grafadas ali.

— Indiciado: Dennis Pereira do Nascimento. Natureza: lesão corporal grave em ambiente doméstico e estupro de vulnerável. — Fabício disse, explicando cada detalhe do documento que eu segurava.

— Pelo menos isso — me empolguei, elevando a voz mais do que o de costume. Com o mandado de prisão, tudo ficaria mais fácil.

— Falei com o dr. Guy. Parece que a família está protegendo o indiciado.

— Inacreditável! — protestei, consternado.

Estava aí a razão para não encontrarem o desgraçado. Acho que se eu, o Alexandre ou a Priscilla fizéssemos algo de errado, meus pais seriam os primeiros a exigir que assumíssemos as consequências dos nossos atos. Fomos criados dessa forma desde pequenos.

— A audiência preliminar já está marcada? — perguntei a Fabrício.

— Sim. Será em três semanas.

Merda! Era isso que me irritava no sistema judiciário brasileiro. A demora para tudo. E o pior era saber que o agressor ainda poderia responder em liberdade. A prisão preventiva tinha sido decretada, mas, se ele tivesse um bom advogado, eu não duvidava que um juiz pudesse libertá-lo. Tantos buracos e brechas na lei que ficava fácil deixar um criminoso à solta. E, às vezes, nem é culpa do juiz. É da lei mesmo, que permite que esse tipo de coisa ainda aconteça.

Só passando por cima de mim.

— Obrigado pela notícia — agradei e ele sorriu. Apesar de tudo, ainda era uma excelente novidade saber que Dennis estava sendo procurado pela polícia.

— Sem problema. Eu sei o quanto esse caso em especial mexe com você. Na verdade, com todos aqui do MP, eu e a Sol também ficamos chocados com tanta brutalidade. — Fabrício soou abalado.

Era por isso que gostava da minha equipe. Além de excelentes profissionais, eles compartilhavam do mesmo senso de justiça que eu, e isso era algo de que eu não abria mão. Direito para mim estava entrelaçado à Justiça. Não era apenas uma profissão, uma forma de ganhar dinheiro, e sim a maneira que escolhêramos para tornar o mundo um pouco melhor.

Respirei fundo antes de responder: — Também não consigo entender o que passa na cabeça de uma pessoa dessas. Mas a justiça será feita. — Sorri, tentando acreditar nas minhas próprias palavras. — E agora vamos falar do júri de hoje. O que acha que vai acontecer?

Sempre pedia a opinião do Fabrício quando me preparava para algum júri, e às vezes levava em consideração suas ideias para planejar minha atuação. Não podia fraquejar ou transparecer insegurança. Muitas

peessoas dependiam de mim. Famílias, amigos, vítimas e a sociedade em geral necessitavam do meu trabalho para que a justiça pudesse ser aplicada da melhor forma possível.

Discutíamos um homicídio ocorrido havia quatro anos, em que um rapaz assassinou um amigo a sangue-frio em frente à faculdade que frequentavam. Um crime passional envolvendo três jovens: um ex-namorado ciumento, uma garota que havia encontrado um novo amor e um inocente que apenas seguia seu coração.

— Esse vai ser mole. Está tudo a nosso favor. O cara trabalhava normalmente, era um estudante em plenas condições mentais, não usava nenhum tipo de droga e muito menos estava alcoolizado no momento. Seu histórico médico não mostra nenhum tipo de alteração — explicou. — Foi preso em flagrante, no local do crime e portando a arma. O advogado vai declarar o quê?! — perguntou de forma retórica. — Insanidade?! Impossível. Ele cometeu o crime porque quis e em pleno gozo da sua capacidade mental.

Assenti, pois pensava da mesma forma em relação ao acusado. Mas em uma coisa eu discordava de Fabrício.

— Se tem algo que aprendi com meu irmão, caro Fabrício, é que nunca devemos subestimar um bom advogado.

— Esqueci do dr. Ferraz. — Sacudiu a cabeça, sorrindo. — Melhor buscar os depoimentos para analisar mais uma vez — completou, precavido.

Fiz um sinal com a cabeça, concordando com a ideia, e então ele saiu.

Iniciei uma busca nas provas que tinha e logo Fabrício voltou com todos os depoimentos que constavam nos autos. Sol chegou alguns minutos depois e não começou a trabalhar antes de provocar a mim e ao Fabrício por termos chegado tão cedo. Piadinhas como *está com o pijama por baixo do terno?* já eram comuns para mim e não me chateavam mais. Principalmente vindo da Sol, por quem tinha um grande respeito. Também pudera. Ela tinha mais de dez anos de Ministério Público. Se precisávamos encontrar algo naquele prédio, Sol sabia exatamente onde estava.

Repassamos tudo sobre o caso outra vez e trabalhamos em mais dois processos ainda naquela manhã. Um dia cheio, como sempre. Assim que Fabrício deixou a sala, quase na hora do almoço, senti meu celular vibrar. O rosto da Clara surgiu na tela, mas me surpreendi quando atendi a ligação.

— Tio Di... Tio Di. — Uma vozinha estridente gritava meu nome do outro lado da linha.

— Vitória, cadê a mamãe? — perguntei por Clara.

— Tio Di... Tio Di... — ela continuava me chamando.

— Vitória, sua pestinha. — Ouvi Clara falar ao fundo antes de tomar o telefone dela.

— Desculpa, Di. Hoje ela acordou falando em você e agora descobriu como achar sua foto na discagem rápida. Vê se pode! — explicou, em meio a uma gargalhada.

Até podia imaginar a cara que ela fazia naquele momento, tentando parecer brava, mas com os olhos brilhando para as novas descobertas de Vitória. Clara era transparente como seu nome. No começo não, foi duro chegar até ela, mas depois de muita batalha finalmente abriu o coração e nos deixou entrar.

— Não fica brava com a minha princesa.

Recostei na cadeira, enfim relaxando. Falar com a Clara era sempre muito bom. Era muito fácil me abrir com ela. Talvez até contasse sobre a vinda de Sofie para o Brasil. *Mas não era o momento*, pensei.

— Inacreditável, Diego. Você nunca vai mudar, né? — Sabia que ela ficaria chateada, mas não me contive em provocá-la. Clara odiava quando eu tratava Vitória como princesa, ou qualquer coisa que remetesse a conto de fadas. Dizia que não queria estragar a filha.

— É mais forte que eu — disse, e meus olhos pousaram no notebook, verificando o horário. Decidi almoçar mais cedo, e uma ideia genial passou pela minha cabeça.

— Traz a Vitória para almoçar comigo? Também estou morrendo de saudade dela — pedi. — Tenho duas horas e meia antes da minha audiência da tarde.

Esperei a resposta da Clara, mas tinha quase certeza de que ela não recusaria.

— O.k. Vocês venceram — respondeu. — Vamos almoçar com o tio Di, então já para o banho — escutei ela dizer a Vitória, que em resposta gritou um “Eba, tio Di”. — Diego, é sério. Você tem que parar de mimar essa menina. Você faz todas as vontades dela, daqui a pouco a Vitória vai ficar incontrolável.

— Clarinha — soei o mais gentil que pude —, ela é só uma criança. Pega leve. Podemos ir ao shopping aqui do lado — sugeri, mudando de assunto.

— Tá, tudo bem. Vou arrumar a Vitória antes que ela derrube o banheiro. Vejo você em meia hora. Amo você.

— Também amo você.

Desliguei ainda sorrindo. Só essas duas para aliviar todo o clima pesado do meu dia.

O bom de almoçar perto é que poderia aproveitar o máximo de tempo possível com minhas princesas. Ainda bem que Clara não podia ler pensamentos, ou me mataria apenas por chamá-la assim. Com certeza ela não se encaixava nesse perfil, já que escolhera o lado mau da família ao se casar com meu irmão. E eu?! Bem, segundo ela, sou o verdadeiro príncipe de contos de fadas. E ainda estou à espera do meu “felizes para sempre”.

Diego

Antes de sair, encaminhei algumas denúncias e revisei vários relatórios que estavam pendentes. Por mais que me esforçasse, o volume de processos era muito superior ao tempo que eu dedicava ao trabalho. Quando deu a hora do almoço, peguei todos os documentos e as anotações que usaria no júri e saí apressado, para não me atrasar.

Sorri ao avistar de imediato uma vaga no estacionamento do shopping. Era mesmo meu dia de sorte e desejei que se estendesse até a tarde, quando estaria em ação. Procurei uma mesa no restaurante que eu adorava. Alexandre me apresentou o lugar e caí de amores pela comida mineira que eles serviam. Não almoçava mais ali por pura falta de tempo. Por isso, assim que cheguei, o cheiro de comida caseira invadiu minhas narinas, fazendo meu estômago vergonhosamente rosnar de fome.

Sentei e aproveitei os minutos livres para enviar alguns e-mails. Concentrado no celular, nem vi a garçonete me entregar o cardápio. O que foi uma falta de educação imensa da minha parte, tinha certeza de que havia ignorado seu *bom-dia*. Quando ia me virar para responder e pedir desculpa pelo comportamento, ouvi uma voz que sabia muito bem de quem era me chamando e tomando totalmente minha atenção.

— Tio Di! Tio Di! — Vitória gritou a plenos pulmões quando me viu. Fiquei de pé para esperá-la de braços abertos. Puta merda! Eu me tornava um perfeito idiota quando se tratava dos meus sobrinhos.

Agarrada à mão da Clara, que tentava acompanhá-la, minha pequena praticamente arrastou a mãe por todo o restaurante, ainda gritando meu nome. Faltando algumas mesas para chegar à minha, Clara desistiu e a soltou. Vitória correu para os meus braços e eu a peguei, rodopiando seu corpo no ar. Sua gargalhada enchia meus ouvidos,

tornando meu dia esplêndido. Um amor incondicional e tão grande que transbordava do meu peito.

— Quem é a princesa do tio? — perguntei, já sabendo o que ela diria a seguir.

Minha sobrinha levantou dois dedinhos, fazendo um sinal de “V”. Era o nosso código secreto — que de secreto não tinha muita coisa.

— Vitória — respondeu, com brilho no olhar e um sorriso genuíno no rosto.

Dei um beijo na sua bochecha e outro na cabeça, deslizando os dedos pelos cachos brilhantes que se formavam logo abaixo do ombro.

— Isso mesmo, lindinha. Agora senta aqui que o tio Di vai dar um beijo na mamãe antes que ela fique com ciúme — expliquei, enquanto a colocava em uma cadeira.

— Mamãe gosta muito de beijos. Ela vive beijando o papai.

— Ah, é?

Arregalei os olhos, sorrindo, e dei alguns passos para chegar até Clara. Ela estava com uma expressão séria e a respiração ofegante, como se tivesse corrido uma maratona. Não riui do que Vitória acabara de falar, mas ainda assim estava linda, usando um vestido longo em tons de verde que realçavam seus olhos quase da mesma cor. Clara era elegante sem deixar de ser ela mesma. Tão natural quanto seu modo de levar a vida. O cabelo estava preso em uma trança lateral que a deixava com cara de... de... *menina*. Era assim que meu irmão a chamava. E era assim que eu a via.

— Tudo bem, meu anjo? — questionei o motivo da sua cara fechada.

Clara me puxou para um abraço e eu retribuí.

— Está sim, Di. Só a Vitória que me arrastou por todo o shopping para chegar logo até você. Não tenho mais dezoito anos. Ainda bem que chegamos, ou eu estaria estirada no chão e com a língua de fora.

Esboçou um sorriso amarelo.

Desviou o olhar assim que terminou de se explicar, e algo em sua resposta não me convenceu. Mas eu aprendera a lidar com Clara ao longo

dos últimos anos, e sabia que insistir no assunto seria pior. Ela falaria quando estivesse preparada, fosse lá o que a estivesse incomodando.

— E o Alexandre? Não falei com ele hoje.

Ela revirou os olhos.

— Seu irmão vai me fazer enfartar antes dos trinta — disse, um pouco irritada.

Ouvi Vitória conversando com alguém do meu lado, mas queria saber o que deixara Clara chateada. Na verdade, eu tinha uma ideia do que estava acontecendo, mas queria ouvir dela. Também sentia que ela tinha uma facilidade grande de se abrir comigo, por isso eu me mostrava sempre disponível. Sem dar conselhos ou dizer que ia ficar tudo bem. Às vezes, tudo que ela precisava era desabafar.

— Ainda é sobre a Ferraz?

Ela apenas assentiu.

Meu irmão queria que Clara deixasse o atual emprego para voltar a trabalhar no escritório da família. Ele até havia desistido quando ela deixou claro que não daria certo trabalharem juntos. Mas, depois que saí, Alexandre voltou a insistir no assunto, o que deixava Clara extremamente irritada. Até parecia que meu irmão não conhecia a mulher que tinha. Ela não era do tipo que aceitava ser amarrada por homem nenhum, e isso incluía o marido. Acho que o grande Alexandre Ferraz enfim encontrara uma adversária à altura. Eu tinha que confessar que era divertido ver o embate dos dois. Não sabia quem era mais cabeça-dura.

— Mamãe, tô com fome — Vitória nos interrompeu.

— E o que você vai querer?

— *Cocó* e batatinha.

Como se pudesse ser diferente.

Chamei o garçom e pedi um peixe grelhado e salada. Clara me acompanhou no pedido, enquanto tentava explicar ao garçom que o *cocó* que Vitória tanto pedia era frango.

— Além do suco da garotinha, pode trazer um de uva pra mim e uma Coca Zero pra ela, por favor. — Sabia que era o refrigerante que ela tomava, então me adiantei. — Com limão, Clarinha?

— A mamãe não tá tomando “gelante”, tio — Vitória me avisou.

— Ué, e por que não?

— Por causa do meu irmãozinho.

Fiquei mudo. Levei um tempo até absorver o que ouvira, mas a sensação ainda era de profunda surpresa. Depois de alguns segundos petrificado, um sorriso surgiu devagar no meu rosto, e tudo o que conseguia fazer era encarar Clara, que desviou o olhar para a filha. Vitória se encolheu na cadeira, sabendo que falara um pouco demais. Tampou a boca com as duas mãos, olhando para a mãe como se pedisse desculpas.

— Vitória, o que a mamãe disse antes de sairmos de casa?

Clara mantinha os olhos na filha, tentando escondê-los de mim. Minha sobrinha, por sua vez, ficou quieta, encolhendo-se cada vez mais na cadeira, provavelmente pensando no que dizer. Mais um pouco e ela escorregaria para o chão.

De repente sua voz saiu tão baixa que quase não podia ser ouvida.

— Que eu não podia contar pro papai que fomos ao médico e que você tá esperando um irmãozinho. Mas o tio Di não é o papai, mamãe. Então tá tudo bem — explicou. — Tio Di, não pode contar pro papai, tá? — Apontou o dedo para mim, sacudindo-o. — É segredo.

— É verdade? — perguntei, enfim, com o coração já acelerado e os olhos marejados. Eu sempre fui um merda de um chorão. Clara confirmou com um aceno de cabeça e eu levantei, puxando-a da cadeira. — Isso é ótimo. Parabéns! Meu Deus. Essa notícia é maravilhosa, Clarinha. — Abracei-a, dominado pela emoção. — O Alexandre vai ficar nas nuvens.

— Claro que vai, por ele teríamos um time de futebol.

Apesar da brincadeira, eu sentia a preocupação em sua voz. A gravidez de Vitória não fora fácil, e agora Clara estava com medo de passar por tudo aquilo de novo. Por baixo da armadura de Mulher-Maravilha, existia uma menina que agora me encarava com um olhar temeroso. Apertei forte sua mão e a levei à boca para dar um beijo, depois a abracei, não me importando nem um pouco que metade do

restaurante estivesse olhando para nós.

— Vai dar tudo certo — tentei acalmá-la, sussurrando em seu ouvido. — Você é a mulher mais incrível que já conheci. Não tem nada nessa vida que você não seja capaz de superar. Vitória é a prova disso.

Ela sorriu gentilmente ao ouvir o meu elogio.

Não falei da boca para fora. Conhecia a garra de Clara e acreditava que ela seria capaz de vencer mais essa batalha, assim como saíra vitoriosa de todas que ameaçaram destruir seu caminho.

— Cristo, mais um sobrinho para me deixar de cabelo branco.

Ela riu com doçura, o que me deixou um pouco mais tranquilo.

— Chegou meu “cocó”. Mamãe, mamãe, tô com fome — Vitória dizia sem parar.

Sentamos novamente, Clara visivelmente mais calma, e recebemos o almoço com sorrisos no rosto. Sabia que ela queria ser mãe novamente, ou não concordaria com a ideia do meu irmão. Clara nunca era obrigada a nada e, se resolvera fazer isso, fora completamente por ela, e não para agradar o Alexandre. Mas também tinha certeza de que meu irmão não se importaria em ter apenas Vitória. O medo que ele sentira durante a gravidez fora aterrorizante o suficiente. Mas isso não importava mais. Um bebê estava a caminho e ele seria extremamente amado por toda a nossa família.

— A garçonete vai trazer as bebidas — o garçom avisou, depois de deixar todos os pratos na mesa.

Clara encarou sua refeição e começou a remexer a comida, como se o peixe fosse a coisa mais importante daquela mesa. Tentava se esconder e camuflar mais uma vez os sentimentos e medos, evitando tocar no assunto comigo. Mas, quando respirou fundo, eu sabia que me deixaria entrar.

— Estou grávida de dois meses. — Levantou o rosto e me olhou. — Decidi junto com o Alexandre que tentaria de novo, mas não achei que aconteceria tão cedo. Sabe, por causa das minhas condições.

Eu entendia perfeitamente sua explicação e, em parte, achava maravilhoso. Depois de quase ter morrido, as chances de Clara engravidar haviam caído drasticamente. Mas, contrariando tudo e todos,

ela estava indo para o segundo filho. Lembro de toda a confusão quando ela descobriu a primeira gravidez. Alexandre teve que ir buscá-la nos Estados Unidos depois de um desentendimento deles. Quase enlouqueceu e me levou junto. Enfim... Quando eles voltaram, meu irmão passou a dedicar a vida a fazer as duas felizes. Clara brigava comigo por eu mimar nossa menina, mas Alê era muito pior. Ele beirava o exagero. Meu irmão era um pai maravilhoso. Sempre dedicando seu tempo, dando atenção, ajudando, brincando... Cansei de chegar ao apartamento deles e encontrar aquele homem de quase dois metros mergulhado entre dezenas de brinquedos de todos os tipos, ou manchado com as mais diversas cores de tinta guache.

Mas isso não me surpreendia. Ele era pai. E agia como um verdadeiro pai tinha que ser. Pelo menos os de verdade.

— Seu suco, senhor. E, para essa mocinha linda, um suco de laranja em um copo de princesa. — A garçonete entregou nossas bebidas, mas eu estava tão focado na Clara e na notícia que ela me dera que só me virei para a garota quando Vitória chamou a minha atenção, puxando a manga da minha camisa.

— Ela também é muito linda, né? — perguntou Vitória.

— Claro, meu amor, ela é... — Engasguei ao virar e senti todo o chão sumir debaixo dos pés.

Eu a conhecia.

Olhos castanhos me encaravam, e era como se todos os meus sonhos se concretizassem ali na minha frente. A garganta secou e os olhos não mudaram de direção, fixados na garota. Escutei ao longe a voz de Clara me perguntar alguma coisa, mas não consegui desviar o olhar nem mesmo para respondê-la. O da menina também ficou congelado no meu, e meu coração acelerou de forma absurda dentro do peito.

—... linda — enfim consegui completar a frase que iniciara. — Qual é o seu nome mesmo?

A garota me encarou, um pouco constrangida pelo meu súbito interesse. Podia ver o movimento de puro nervosismo em sua garganta. Os olhos desviaram dos meus por poucos segundos enquanto ela esfregava as mãos no avental escuro. Quando voltou a me encarar, a sensação de

que a conhecia voltou com ainda mais força. Eu só não sabia de onde. Devia ser mais uma das pessoas que deixara para trás depois do maldito acidente.

Quando ela conseguiu me responder, eu já não escutava mais nada a não ser sua doce voz pronunciando um nome que lhe caía com perfeição.

— Meu nome é Larissa — disse.

Larissa.

Parecia nome de princesa.

Larissa

Eu não sabia o que estava acontecendo, mas o que mais desejava naquele momento era que ele desviasse os olhos dos meus. Era assustador o jeito como me olhava, e meu coração disparou, avisando que fora uma péssima ideia dizer meu nome. Acontece que eu estava tentando agir da forma mais natural possível. Não queria sentir medo o tempo inteiro, ser dominada por ele, então decidi que não fazia mal dizer meu nome. *Era só um cliente querendo saber o nome da garçonete que o estava atendendo.* Era o que minha mente repetia, tentando me convencer de que não havia motivo para pânico. *Apenas um cliente.*

Mas o homem continuou me encarando como se me conhecesse de algum lugar, tornando as coisas mais difíceis do que já eram. Impossível! Com certeza me lembraria de alguém como ele. Parecia mais um galã de novela, de tão lindo. O cabelo não tinha um fio fora do lugar e chegava a ser perfeito demais. O paletó escuro jogado sobre a cadeira ao lado e a camisa social que vestia me faziam imaginar se era um empresário ou algo assim. Até a forma como se movia era sofisticada. Eu o vi assim que chegou, chamando a atenção de muitas mulheres que estavam no restaurante. Recebeu diversos olhares enquanto mexia em seu celular, mas não correspondeu a nenhum, parecendo não ter consciência de quão atraente poderia ser.

Ele era lindo, mas muito esquisito.

Fiquei desconfortável diante do silêncio e fitei o bloco de pedidos nas minhas mãos, tentando fugir dos seus olhos, que, aliás, nunca vira iguais. Eram de um tom forte de azul, que dava a sensação de mergulhar nas águas profundas de um mar calmo. Uma contradição, porque calmo era tudo que esse homem não parecia ser. Tinha uma espécie de

confiança arrogante.

A garotinha continuou falando, mas eu estava tão nervosa que não compreendi nenhuma palavra. Não gostava de ser encarada assim. Eu me acostumei a fugir de todos os olhares durante anos e, mesmo agora, qualquer um que me olhasse por mais tempo do que o necessário fazia meu coração acelerar de uma forma quase impossível de controlar.

— Você pode me trazer uma água sem gás, por favor?

Virei para a mulher que estava na frente dele enquanto ela fazia o pedido. Os cabelos eram castanhos, com algumas mechas claras. Os olhos esverdeados sobressaíam no rosto, que mais parecia de porcelana.

Sacudi a cabeça, fazendo que sim, e caminhei em direção à cozinha.

— O que foi aquilo, Di? — ouvi a pergunta, e ele respondeu algo que não consegui entender. — Você tava comendo a menina com os olhos.

Deus do céu! Será que a mulher achou que eu estava dando em cima do marido dela?

Óbvio, né, Larissa!

Suspirei, envergonhada, depositando a água e o copo na bandeja e me ajeitando para voltar à mesa. Queria dizer que não era nada do que ela estava pensando. Ele que me encarou primeiro, eu apenas olhei de volta, tentando entender por que me observava daquela maneira tão familiar, se nem ao menos me conhecia. Uma súbita raiva surgiu dentro de mim. O cara estava sentado com a família — que mais parecia ter saído de um comercial de televisão, de tão linda — e mesmo assim não parava de me encarar.

Assim que cheguei à mesa, tive certeza de que a mulher percebera os olhares dele em minha direção, pois o observava de um jeito estranho, desviando os olhos para mim logo em seguida. Mas entendi que ela era elegante demais para fazer um barraco no meio do restaurante. Mesmo assim, também não parecia o tipo de mulher que aceitava traição. Deu para ver nos olhos dela, pois em nenhum momento disfarçou que notara que o cara me olhava sem ao menos se importar com a filha ao lado dele.

Idiota! Idiota! Idiota!

Em silêncio, enquanto deixava a água na frente dela, rezei para que não reclamasse com a gerência, ou eu seria demitida, e não podia me dar ao luxo de perder o emprego. Então, praticamente saí correndo depois de lhe entregar o copo, tentando disfarçar o máximo possível o meu comportamento nada normal.

Já na cozinha, senti como se sufocasse. Levei as mãos aos dedos invisíveis que pareciam apertar minha garganta, e tive que respirar fundo até voltar a controlar o corpo e ter a consciência de que estava bem. Uma afirmação que não era totalmente verdadeira. Talvez eu nunca vá ficar bem.

Odiava aquele tipo de homem.

Odiava o que eles faziam com as mulheres.

Odiava que eles não soubessem o significado da palavra respeito.

Busquei o ar no fundo dos pulmões, tentando me acalmar. Ainda repetia que ele era apenas um cliente, mesmo agindo de forma tão estranha.

— O que está fazendo aqui, menina? — A voz me fez saltar no lugar. — As mesas estão cheias. Vamos, ainda não é hora pra descanso.

Droga!

Recebi uma bronca da minha gerente e imediatamente saí, cumprindo sua ordem. Por sorte, a mesa deles não pediu mais nada, então me concentrei em atender os demais clientes. Depois de alguns minutos, estava mais calma, apesar de ter a sensação de que ainda me encaravam. Não olhei para conferir. Tudo bem viver com essa dúvida.

Depois de atender vários clientes, voltei para a cozinha, mas meus olhos me traíram e buscaram aquelas pessoas. A menina de cabelos cacheados e olhos azuis como os do pai levantou os bracinhos, brincando com o homem, que agora lhe dava toda a atenção possível. A mulher sorria para os dois, e era como se eu estivesse presa em uma cena de filme romântico. Até via tudo se desenrolar em câmera lenta. Suspirei ao imaginar quão perfeitos eles eram, mas também não deixei de pensar que o cara podia ser lindo e ter uma família de conto de fadas, e mesmo assim ser um babaca.

Ele levantou o braço, chamando pelo garçom, e me afastei, fugindo das suas vistas mais uma vez. Carlos passou por mim e foi até eles. O cara pediu a conta e, uns cinco minutos depois, todos levantaram para ir embora. Observei enquanto a mulher se afastava, segurando a filha nos braços. Antes de saírem do restaurante, ela deu um beijo no rosto do homem, o que me intrigou. Devia ter ficado brava com ele por minha causa. Mas então ele fez um carinho em seu cabelo e beijou a menina, e ambos sorriram.

Não podia julgá-la.

Aliás, tudo que não podia fazer nessa vida era julgar alguém.

Antes de desaparecer por entre as portas, o homem olhou na minha direção mais uma vez. Seus olhos me fitaram como se ele soubesse exatamente quem eu era.

Não, você não sabe. Seu mundinho não conhece o meu. Não faz a mínima ideia de quanta dor eu senti. Das cicatrizes que carrego. Ninguém faz.

Tive vontade de abraçar meu corpo ou me esconder dele. Qualquer uma das opções valia para que esse homem misterioso parasse de me encarar. Algo gritava dentro de mim, implorando para sair, mas não havia ninguém que pudesse escutar. Os fantasmas eram meus e eu tinha que aprender a conviver com cada um deles.

— Ei, meu amor. Como foi a escolinha?

Malu não falou, e não sei por que imaginara que daquela vez seria diferente. Sempre tive esperanças de que essa situação pudesse mudar, mas elas iam se esvaindo a cada dia que passava, e minha filha simplesmente não pronunciava uma única palavra. Ela me encarou com um dos olhares mais tristes que já vi na vida. E olha que de tristeza a gente entendia. Seus braços se apertaram em meu pescoço, abraçando-o forte, e meu coração passou a martelar dentro do peito só de imaginar o que deixara minha princesa naquele estado.

Com Malu grudada em mim, rapidamente procurei sua professora. Depois de desviar de várias crianças, eu a avistei perto da sala

de aula. Caminhei até ela, que acenou assim que me viu.

— O que aconteceu com a Malu, Juliana?

Ela baixou o olhar, triste. Estava ficando cada vez mais aflita. Malu enterrou a cabeça nos meus cabelos, e senti que estava prestes a chorar. Encarei a professora e tive certeza de que ela era capaz de perceber toda a angústia que eu estava vivendo.

— Estamos trabalhando a família essa semana. Alguns coleguinhas fizeram comentários maldosos sobre a Malu não ter pai. — Antes de ela terminar de contar, eu já andava de um lado para o outro com minha filha nos braços. Apertei-a contra mim, como se pudesse extrair toda a tristeza que ela estava sentindo. *Malu tem pai, mas ele é um monstro.* — Mas não se preocupe, Larissa. Eu repreendi todos e mandei bilhetes para os responsáveis comparecerem aqui na escola.

Queria acreditar nela.

Queria acreditar em suas palavras.

Queria acreditar em alguma coisa.

Queria apenas acreditar.

— Por favor, Juliana — pedi, e, mesmo sem dizer o quê, Juliana me entendeu. Ela sabia o quanto Malu sofrera, e como tudo que havíamos vivido a afetara profundamente. Minha filha não podia sofrer mais nada. Não podia deixar que, além dos sonhos destruídos, também tivesse seu coração partido.

— Isso não vai se repetir — prometeu a professora, enquanto afagava o cabelo da minha filha, mas ela não se moveu.

Voltei para casa amargando a notícia de que, mais uma vez, Malu enfrentara as consequências das escolhas que eu fizera. Perguntava-me até quando. Quanto tempo seria necessário viver no inferno até, finalmente, alcançarmos o céu? Pelo visto, tempo suficiente para que a única pessoa que me importava na vida pagasse diariamente pelos meus erros.

Abri o pequeno portão que dava acesso a nossa casa. Apesar de ser apenas um quarto e sala, tinha muito orgulho do que possuíamos, pois não era o tamanho do teto que definia o que era um lar, e sim o que estava debaixo dele. Eu e Malu nunca estivéramos tão em casa quanto agora.

Assim que a soltei, ela correu até o quarto que dividíamos e arrastou um grande cesto para o centro da sala, espalhando suas várias bonecas pelo chão. Peguei a mochila que ela deixara na porta e, pelo menos hoje, decidi lhe dar uma folga. Tentava o máximo possível ensiná-la a ter responsabilidade, principalmente sobre suas coisas, mas às vezes tudo que ela precisava era ser criança.

Em pouco tempo, todas as suas princesas estavam ao seu redor e eu suspirei aliviada, pois parecia que ela já havia esquecido o que acontecera na escola. Agradei pela inocência da minha filha, com a certeza de que isso amenizaria um pouco o que ainda tínhamos para enfrentar.

— Está com fome, meu amor? — Ela sacudiu a cabeça, negando.
— Mamãe trouxe um hambúrguer do shopping — insisti.

Como em um passe de mágica, sua fome apareceu. Sorri quando ela deixou as bonecas de canto e correu para o meu colo. Retirei a embalagem da bolsa e entreguei o sanduíche a ela. Seus olhos brilharam de ansiedade e senti meu peito se apertar quando percebi que algo tão simples quanto um hambúrguer poderia trazer alegria para o coraçãozinho da minha princesa. Aquele era um momento em que devia insistir em um diálogo, aproveitando sua distração com a comida para tentar conseguir algumas palavras, como a psicóloga orientara, mas eu não tinha forças. Toda vez que tentávamos, Malu se retraía ainda mais, ficando triste e abatida. Então, desisti da ideia.

Só por hoje, vamos fingir que não existe sofrimento ou dor.

Só por hoje, vamos fingir que minha filha simplesmente desistiu de falar.

Só por hoje, vou fingir que não há uma cicatriz na minha testa e na minha boca, causadas pelo homem que amara a vida inteira.

Só por hoje, vamos fingir que nada pode nos machucar.

Só por hoje...

— Mamãe vai tomar banho. Comporte-se e não abra a porta para ninguém. Tudo bem?

Ela apenas me olhou por cima do sanduíche e uma expressão séria demais enfeitou seu rostinho fino. Malu era muito parecida comigo, o

mesmo tom de pele e cor dos olhos, lábios finos e longos cílios pretos. Os cabelos encaracolados eram herança do pai, ou pelo menos do homem que deveria ter esse título.

Tranquei a porta e, em uma atitude totalmente mecânica, conferi se todas as janelas estavam fechadas. Percebi os olhinhos de Malu acompanharem todos os meus passos, até que finalmente fui para o banheiro. Tudo que queria era um banho bem demorado, que me fizesse esquecer toda a merda que andava vivendo.

A água quente causava um leve formigamento no meu corpo. Uma sensação prazerosa e muito bem-vinda. Fiquei pensando na família que estivera no restaurante hoje. Na verdade, pensei muito neles enquanto voltava para casa. Cheguei à conclusão de que o cara devia ter me confundido com alguém, porque tirando seu olhar para mim, ele parecia perfeito para aquela família. A forma como tratava a garotinha, com todo carinho e atenção. A delicadeza dos seus gestos e de como tocava a mulher, sempre gentil e preocupado.

Vagabunda.

Você merece isso.

A culpa é sua.

— Não! Não! — A voz surgiu na minha cabeça, mesmo eu tentando de todas as formas trancá-la no fundo. — A culpa não é minha — murmurei baixinho, enquanto meus braços envolviam meu corpo já trêmulo. Não conseguia controlar esse medo que irrompia com tanta força, a ponto de causar uma dor física. Quando a voz surgia, era como se eu voltasse ao passado, revivendo dias que ficarão para sempre na minha memória e no meu coração.

Lágrimas brotaram nos meus olhos, misturando-se à água que caía, e a vontade que eu tinha era de me encolher em posição fetal até o dia em que o universo resolvesse conspirar a meu favor e me deixasse ser feliz. Mesmo que fosse uma alegria ínfima.

Você não pode se entregar!

Outra voz sussurrava, lutando contra a que ainda gritava. Minha consciência travando um duelo que em geral não saía de dentro da minha cabeça. Devia ser por isso que ela era chamada de consciência.

Alguém em nosso interior que julga nossos atos e vontades, certo e errado, lembrando que querer nem sempre é poder. Era tudo muito bonito, mas se tornava meu pior pesadelo quando tinha que transformar os pensamentos em voz.

Você não pode se entregar!

Eu não podia simplesmente me esconder dentro do meu próprio medo. Malu precisava de mim. Ela era a única que nunca deveria ter sido atingida pelas minhas escolhas. Nunca deveria ter sofrido com os meus erros, mas amargara mais do que o suportável. Minha filha, tão indefesa, sofreu ao descobrir que o pai na verdade era um monstro. Sofreu com cada tapa que ele me deu. Sofreu com cada grito que ecoou pela casa. Com cada objeto ou móvel quebrado. Malu sofreu do início ao fim, e, mesmo depois que julguei estar fora do inferno, ela sofreu quando o desgraçado a agrediu. Sofreu tanto que ficar em silêncio foi a melhor maneira que encontrou para lidar com a própria dor.

O dia estava tão fresco na minha memória que ainda podia sentir o gosto de sangue na boca. Naquele maldito dia, eu fui até o inferno. E ainda temia nunca mais sair de lá.

Diego

Na minha frente estavam sete jurados. Homens e mulheres que eu nunca vira na vida e que poderiam decidir o futuro de várias pessoas. Do réu, de uma de suas vítimas, e das famílias de todos os envolvidos. Pessoas comuns, com uma responsabilidade incomum: tinham a vida de alguém nas mãos.

Olhei para eles e, por longos segundos, encarei um a um. Se havia aprendido uma coisa com meu irmão era que a maioria das pessoas acreditava no que seus olhos diziam, por isso comecei minhas alegações finais buscando os daqueles que eu precisava convencer com a minha verdade.

Observei cada um deles. Esperei que vissem estampada em minha face a veracidade de tudo que defendera durante o dia. Rezei para que o amor tocasse seus corações e a justiça fosse feita. Desejei que olhassem no fundo dos meus olhos e acreditassem que as minhas palavras eram as únicas que realmente mereciam ser ouvidas.

Que o réu cometera o crime, era inquestionável. Mas a defesa ardilosamente tentara desconstruir a moral de uma das vítimas, jogando para ela a responsabilidade dos atos dele. Segundo eles, tudo acontecera porque a menina provocara o ex-namorado ao iniciar um novo relacionamento com um de seus amigos.

Vinícius foi morto na frente da namorada, na porta da faculdade onde estudavam, quando levou o tiro que era direcionado a ela. Um crime tão bárbaro quanto a justificativa absurda. Não conseguia acreditar que alguém pudesse usar um sentimento tão nobre quanto o amor para justificar atos tão brutais quanto o daquele fatídico dia.

Com o microfone nas mãos, continuei olhando diretamente para os jurados e mantive uma postura segura, de quem sabia o que estava

prestes a dizer.

E eu estava.

Não brincava com o destino de ninguém.

Era para isso que me preparara: para que a justiça fosse feita. Respirei fundo, certificando-me de que a voz sairia com a entonação perfeita.

— Senhoras e senhores, vocês presenciaram um embate durante todo o dia de hoje. De um lado, a justiça, lutando para ser cumprida. Do outro, um jovem desprovido de todo e qualquer tipo de sentimento, tentando alegar que tudo vale em nome do amor. Eu acredito no amor, e como acredito. E é por crer nesse sentimento tão nobre que me recuso a aceitar que um jovem de apenas vinte anos tenha tido seus sonhos destruídos em nome dele. É por acreditar nesse sentimento que bate em meu peito que luto para que casos como esse se tornem inadmissíveis. O amor não causa dor. Não machuca. Não destrói. Não mata.

“Este jovem que se apresenta perante a sociedade hoje planejou friamente o assassinato de sua ex-namorada. Foi atrás dela com o único intuito de tirar sua vida, que, felizmente ou infelizmente, foi protegida por Vinícius, que hoje não está aqui. Um rapaz que não teve o direito de viver esse amor e que pagou um preço alto demais por seguir o coração. E é por isso que peço a vocês hoje, senhores, que pensem em suas filhas, mães, amigas ou em vocês mesmas. Permitir que a mulher continue sendo tratada como objeto e propriedade é permitir que a sociedade regreda a tempos obscuros. Hoje poderíamos estar julgando o assassinato de Beatriz, mas, devido a um ato heroico de alguém que conhecia o verdadeiro significado do amor, podemos vê-la sentada aqui, assistindo a esse julgamento. Vinícius foi morto a sangue-frio enquanto defendia a namorada, e o único culpado por esse ato monstruoso está aqui, apenas esperando a decisão de vocês para que possa pagar pelo crime que cometeu.”

Os jurados me encararam com atenção e alguns com expressões indecifráveis, mas não havia mais nada que pudesse ser feito. Dera tudo de mim, e esperava que aquelas pessoas fizessem o mesmo.

Voltei para o meu lugar e guardei todos os documentos que levava

comigo. Depois de sete horas de julgamento, o cansaço já era visível no semblante de todos.

Escutei o advogado de defesa fazer suas alegações finais, zombando de mim por citar o amor, o que o contradisse, já que ele mesmo usara os sentimentos de seu cliente para justificar o crime. Tive vontade de levantar e questioná-lo, mas não o fiz. Apenas aguardei em silêncio a decisão.

E ela veio.

Veio como eu esperava e pelo que havia lutado. Nada mais que sua condenação seria permitido, e me senti vitorioso quando ouvi o juiz anunciá-la.

O condenado começou a chorar, sua família gritou indignada e eu apenas levantei e o encarei. Quem comete um crime deve saber que nunca estará sozinho. Mais cedo ou mais tarde, a vida ou a morte cobrará sua parte. E elas podem ser cruéis.

Juntei todo o meu material e, antes de sair do fórum, fui abraçado por Beatriz. Praticamente uma menina, que me agradecia com fervor e lágrimas nos olhos. Tantos sonhos destruídos em apenas um olhar, que me fazia acreditar que o mal do mundo era o ser humano. Ao seu redor, familiares e amigos de Vinícius se reuniam. Suas camisetas estampavam o rosto do jovem que eu acabara de defender, mesmo que ele não estivesse mais aqui, mesmo que nada o trouxesse de volta. Mas pelo menos honramos a sua morte. Respeitamos o amor que um dia ele sentira.

— Dr. Diego. — Beatriz me chamou, antes que eu chegasse à porta. Virei em sua direção e, em meio às lágrimas que escorriam por sua face, percebi um sorriso tímido despontar. — Obrigada por acreditar no amor.

Voltei para casa com uma sensação de dever cumprido, mas com algo martelando em minha mente. Depois que saí do fórum e me desliguei completamente do caso em que trabalhara, os olhos da garota do restaurante voltaram a me perturbar.

Não podia ser ela, seria muita coincidência.

Tentei ignorar a voz que martelava em minha mente, mas o restante da noite passou como um borrão, sem que eu conseguisse me concentrar em qualquer outra coisa. Fiz tudo no automático, o pensamento sempre voltando àquela garota. Eu enlouqueceria se não descobrisse logo quem era ela.

Durante o banho, escutei o celular tocar e decidi não atender. Eu sabia que poderia ser a Sofie, e a verdade era que não estava preparado para falar com ela. Não podia lidar com sua chegada quando mal dava conta dos pensamentos insistentes. Saí do banheiro enrolado na toalha e atravessava o quarto a passos largos quando finalmente cedi à voz que praticamente gritava comigo.

Só podia ser ela!

No dia em que peguei seu processo, senti raiva do mundo. Um canalha como seu ex-marido não poderia estar à solta na sociedade. Era doentio, asqueroso e desumano praticar algo semelhante ao que ele fizera. Meu estômago embrulhava e todos os músculos do meu corpo enrijeciam ao lembrar de tudo o que aquela pobre garota fora obrigada a passar. Uma menina de apenas vinte e três anos, que tivera seus sonhos visceralmente arrancados e destruídos pelas mãos daquele que um dia lhe jurara amor.

Ainda não tinha conversado com Larissa, não a encontrara. Isso aconteceria em breve, mas eu já estava impregnado de um sentimento de proteção em relação àquela menina. Também tinha Maria Luiza, que transformava esse desejo em praticamente obrigação. A filha de Larissa era a segunda vítima do animal, que além de tudo era seu pai — se é que podíamos chamar um ser daquele de pai.

Como pode alguém praticar um ato tão violento com um ser tão indefeso? Queria entender, mas era humanamente impossível para mim. A garotinha apenas tentara proteger a mãe do monstro que lhe agredia.

Quando vi as fotos do processo, passei mal praticamente o dia todo, pois me lembrei dos meus sobrinhos; Antônio e Vitória. Acho que se alguém apenas pensasse em fazer uma barbaridade daquela com qualquer um dos dois, eu não responderia por mim. Era o tipo de cara

que evitava confusão, mas isso não se aplicava quando minha família e amigos estavam em perigo. Calma não podia ser confundida com passividade. Se as pessoas que amava precisassem de mim, eu estaria lá, nem que para isso tivesse que mover céu e terra.

Lembrando da garota no restaurante, cada detalhe das fotos que vira em seu processo voltou à tona. A primeira imagem do inquérito mostrava uma menina que estampava um sorriso meigo e olhos castanhos sonhadores. O cabelo preto estava mais curto, na altura dos ombros. Hoje, no almoço, eles estavam amarrados em um rabo de cavalo, deixando todo o rosto à mostra. Se eu tinha alguma dúvida de quem ela era, as cicatrizes ao longo do supercílio e no lábio superior confirmavam minhas suspeitas. Na segunda foto, um olho mal se abria devido ao inchaço que havia tomado conta dele. A pele clara estava cheia de hematomas e havia um longo corte acima da sobrancelha.

Recordei-me do pavor que tomou conta dos seus olhos assim que vi a imagem. Então amaldiçoei o responsável por aquela barbaridade, e imediatamente fiz uma promessa silenciosa de que ela nunca mais teria que sentir medo. Me entregaria de cabeça àquele caso, e jamais conseguiria abandoná-las. Tinha plena consciência de que não era certo me envolver emocionalmente em um processo, mas era mais forte que eu. Estava pronto para defender Larissa, e faria de tudo para que ela e sua filha voltassem a ser felizes.

Abri minha pasta e retirei o mandado de prisão que Fabrício me entregara pela manhã.

Indiciado: Dennis Pereira do Nascimento.

Vítimas: Larissa Marques e Maria Luiza Marques do Nascimento.

— Larissa, nome de princesa.

Minha voz ressoou no silêncio do apartamento, mas foi abafada pelas batidas que ecoavam do meu coração.

PASSADO

Larissa

— Droga! Estou atrasada.

Assim que passei pela porta de casa, senti alguma coisa me segurando. Depois de dar dois puxões na mochila, percebi que a alça ficara presa. Abri a porta mais uma vez, com plena consciência de que esse minuto a mais poderia me fazer perder o ônibus. Comecei a correr desesperada na direção do ponto. Ainda bem que não era muito longe de casa. O clima estava seco e fiquei sem ar antes do esperado. Avistei o ônibus ao dobrar a esquina e fui obrigada a gritar:

— *Pede pra esperar. Preciso pegar esse ônibus.*

O último passageiro ainda não havia entrado. Não vi seu rosto, mas sabia que ele me escutara. Ele pôs o pé no primeiro degrau do ônibus, mas o outro ainda ficou na calçada. Quando me aproximei, já sem fôlego, ele entrou.

— *O-bri-ga-da — gaguejei, enquanto tentava me recuperar.*

— *Quer ajuda com a mochila?*

Mal tive tempo de processar a oferta quando o ônibus arrancou e fui derrubada na direção da porta que se fechara atrás de mim. Antes de me chocar contra o vidro, uma mão segurou a minha e me puxou para a frente. Apoiei-me na barra lateral do corredor e só depois consegui levantar a cabeça para saber quem era o meu salvador. Estava pronta para agradecer mais uma vez quando meu sorriso congelou e fiquei muda. Era o Dennis. Deus, que vergonha. Eu simplesmente paguei dois micos seguidos na frente do menino mais bonito da minha sala.

Sua mão ainda segurava a minha, e não pude deixar de reparar no

tamanho dela. Dennis tinha mãos grandes. Na verdade, ele era um pouco maior do que a maioria dos meninos da sua idade, e por isso chamava tanta atenção. Também era muito forte. Era como se eu olhasse para o meu pai — é lógico que meu pai não era tão bonito assim. Dennis tinha um rosto muito bem desenhado, como se cada detalhe tivesse sido traçado por um artista bem habilidoso. Os olhos castanhos brilhavam quando ele sorria. Os cabelos encaracolados caíam pela testa e envolviam todo o rosto, parando um pouco abaixo da nuca. Ele parecia um anjo toda vez que balançava a cabeça e os cachos sacudiam junto.

— Você é a Larissa, né?

Confirmei.

— Estudamos juntos. Não sabia que morava nesse bairro.

— Nasci aqui.

— Maneiro. Me mudei no fim de semana. Acho que seremos vizinhos.

O.k.! Algumas coisas naquele diálogo acabavam de me elevar a um patamar diferente na vida.

Dennis se lembrava do meu nome.

Ele sabia que estávamos na mesma sala.

Seríamos vizinhos.

Um gemido baixinho escapou dos meus lábios, o terceiro mico do dia. Dennis sorriu quando tapei a boca com a mão, e duas covinhas enfeitaram seu rosto, me fazendo encará-lo como uma lunática.

Era oficial. As borboletas que tanto ouvia falar existiam e, naquele exato momento, faziam uma festa no meu estômago. Não ficava nervosa assim desde que Janaína, minha melhor amiga, contara que estava ficando com nosso professor de educação física e pedira segredo. Tudo bem que éramos melhores amigas, mas esse era o tipo de coisa que não se conta para as pessoas — nem para melhores amigas. Toda vez que via o sr. Átila, tinha a súbita sensação de que ele sabia que eu guardava o segredo do seu caso com uma garota sei lá quantos anos mais nova. Qual era o problema dele? Jana tinha dezesseis anos.

— Querem dar o fora do corredor? — Dei um pulo quando o motorista gritou, enraivecido.

O que acontecia com as pessoas para ter esse mau humor logo pela manhã? Imagina quando chegassem ao fim do dia!

— Você ouviu, garota bonita, vamos lá.

Dennis foi o primeiro a passar pela catraca, mas não sentou. O ônibus estava relativamente vazio e comecei a me perguntar por que não tinha escolhido um lugar. Passei pela catraca ainda sem acreditar que ele tinha me chamado de bonita, e encontrei um banco próximo à janela. Deslizei por ele e larguei a mochila entre as pernas. Aproveitei para dar uma boa olhada no meu All Star azul, que conseguia ser mais surrado que minha velha mochila. Algumas estrelas já haviam se apagado, e eu sentia muitíssimo, porque amava aquele tênis.

Senti alguém muito próximo e olhei para o banco do lado apenas para confirmar que Dennis se juntara a mim. Ele fez o mesmo que eu e deixou a mochila no chão, entre os pés. Os tênis que usava eram parecidos com os meus — com a diferença de serem pelo menos alguns anos mais novos.

Observei seu rosto mais uma vez, pois nunca estivera tão perto dele. Limpei a garganta, chamando sua atenção. Devia um agradecimento um pouco melhor que um simples obrigado sussurrado.

— Obrigada de novo. Temos prova no primeiro horário e minha mãe me mataria se soubesse que perdi aula porque fiquei até tarde lendo.

— Então você gosta de ler?

Arregalei os olhos com seu interesse, e minha vontade era fazer uma lista com todos os livros que amava, mas algo me dizia que ele não estava a fim de saber sobre feitiços ou vampiros que brilhavam, então apenas balancei a cabeça, confirmando.

— Que livro você estava lendo? — perguntou com curiosidade.

— Crepúsculo. — Pela décima vez, mas omiti essa informação enquanto respondia quase sussurrando, com medo de ser motivo de piada.

Ele deu de ombros e olhou para a frente.

— O filme foi legal. Mas não sei por que vocês, meninas, gostam tanto desse vampirinho aí.

— Ah, é romântico, e meninas são românticas. É como se fosse um conto de fadas moderno.

Ele voltou a me encarar e seus lábios se torceram em um sorriso de

canto. Talvez esse sorriso fosse ainda mais bonito do que o que ele havia me dado um pouco antes. Já olhara tanto para o Dennis durante as aulas que podia categorizar cada sorriso dele. Esse, por exemplo, era o sorriso que ele dava para as meninas que sentavam no fundão e faziam parte da sua turma. Óbvio que eu não era uma delas. Estava mais para a garota que sentava no canto esquerdo e não se misturava com nenhum grupo específico. Mas não podia reclamar. Tinha Janaína e Matheus e eles, além de serem irmãos, eram também meus melhores amigos.

— Nem todas as garotas são românticas.

Pensei em algumas meninas da nossa escola e senti meu rosto corar de imediato. Sim, com certeza, nem todas as garotas eram tão românticas quanto eu, a ponto de sonhar com o cara certo e aguardar com muita expectativa o dia em que ele iria chegar.

— Mas acho que você não é como todas as garotas — ele continuou, e meu coração começou a bater tão forte que quase não conseguia respirar. Dennis piscou, e o gesto tornou tudo ainda pior. A sensação era de que ele estava me paquerando. Seria possível?

Tá maluca, garota?! Uma vozinha gritou no fundo da minha mente.

Levantei a cabeça e o garoto ainda me encarava com o mesmo sorriso. Tentei pensar em alguma coisa para responder, mas não consegui raciocinar rápido o suficiente. Logo o ônibus parou e três garotos entraram fazendo algazarra e chamando nossa atenção. Amigos do Dennis, que assim que entraram, foram até ele, puxaram-no do assento em que estava e o levaram para trás. Apenas fiquei sentada, vendo ele se afastar. Seus olhos ainda estavam presos aos meus e, antes de virar, ele piscou mais uma vez.

Ótimo. A comunidade de borboletas que morava no meu estômago agradecia.

— O Dennis fez o quê?

— Fala baixo, droga.

— Desculpa, é que estou um pouco surpresa.

Sabia que essa seria a reação da Janaína depois de escutar sobre o meu encontro com Dennis pela manhã. Ele era um dos nossos principais assuntos

desde sempre, apesar de nunca termos falado com ele. O problema era que agora Jana estava gritando para os quatro cantos da sala o que eu acabara de contar.

— Ele é um babaca.

— Cala a boca você também, Matheus. Todo mundo pra você é babaca.

— O Dennis é mais.

— Ah, é... — Levantei, já irritada com os dois. — Pode me dar um motivo?

Meu amigo deu de ombros e Janaína ergueu as mãos, afastando-se.

— Porque eu sei reconhecer um babaca. E ele é um. — Bufei com seu argumento nem um pouco plausível. — Não acredito que você tá toda caidinha por ele. Logo você, Lari.

— Por que logo eu? O que tem de errado comigo?

Matheus levantou, ficando de frente para mim. Ele era quase tão grande quanto o Dennis. Sua pele morena era o que mais chamava a atenção. Era o tipo de garoto que parecia ter acabado de voltar da praia. Seus olhos escuros me encaravam, e eu sabia que estava prestes a dizer alguma coisa, mas não o fez. Pelo contrário. Ele me deixou em pé, falando sozinha, e saiu sem responder. Vi quando passou por Dennis, que estava entrando, e os dois se esbarraram. Matheus olhou para ele e depois para mim, e então desapareceu pela porta.

Sentei a bunda na cadeira de novo e cruzei os braços na frente do corpo. Estava mais irritada do que gostaria, mas tudo que menos queria era brigar com Matheus.

— Ele gosta de você — Janaína disse, inclinando a cabeça na direção da porta.

— Somos amigos.

— Não, Larissa. Você é amiga dele, mas o Matheus gosta de você.

— Nunca vou conseguir olhar pra ele assim, Jana.

— Eu sei. Por isso acho que devia parar de falar de outros garotos na frente dele.

Suas palavras me magoaram, porque o Matheus era muito importante para mim. Pensei em levantar para ir atrás dele, mas assim que tomei

impulso, uma mão tocou meu ombro, chamando minha atenção. Virei para ver quem era e fiquei muda quando dei de cara com Dennis sorrindo na minha direção. Olhei para todos os lados, só para ter certeza de que ele não estava sorrindo para outra pessoa, mas sua voz quase me fez desmaiar.

— Posso sentar do seu lado, garota bonita?

Tirei a mochila do meu amigo da cadeira ao lado e a deposei no chão, atrás da Janaína.

Matheus teria que esperar.

— Claro.

PRESENTE

Larissa

Depois de almoçar, me sentei entre as caixas no depósito e aproveitei o restante do tempo livre para descansar as pernas. O dia havia sido estressante, e me sentia prestes a desabar sobre uma mesa a qualquer momento, de tanto cansaço. Estremeci só de pensar que ainda tinha que enfrentar um longo tempo para chegar em casa. Queria ter encontrado algo mais perto, mas foi o primeiro trabalho que apareceu, e eu não podia recusar.

Tirei o celular do bolso do avental para verificar as horas, mas tudo que consegui fazer foi olhar para a foto do descanso de tela. Malu estava tão sorridente que imediatamente meus olhos se encheram de lágrimas. Momentos assim eram raros em nossas vidas nos últimos tempos. Tirara essa foto dias antes de tudo acontecer. Estava confiante de que, depois de duas tentativas, dessa vez ele realmente me deixaria em paz. Engano meu. Assim como me enganara quando, na primeira vez, ele prometeu que nunca mais gritaria comigo ou me impediria de fazer alguma coisa. Assim como me enganara na segunda vez, quando ele disse que havia sido um acesso de fúria e que nunca mais tocaria em mim.

Minha vida podia ser resumida em um monte de enganos.

Ainda olhava para o celular quando Carlos apontou a cara na porta, me chamou e entrou. Meu primeiro instinto foi de dar dois passos para trás, por medo de ficar sozinha com um homem de novo, mesmo ele sendo meu colega de trabalho. Carlos ainda era um garoto, mesmo assim eu não conseguia controlar o pavor que parecia nascer dos meus ossos e correr pelas minhas veias.

Ele parou a poucos metros de mim antes de avisar: — Larissa, tem alguém procurando por você.

No mesmo instante, meu corpo inteiro se retesou. O pavor que tentava diariamente trancar dentro de mim aflorou, e sabia que qualquer pessoa que me visse naquele momento pensaria que eu estava tendo uma crise de pânico. Os olhos de Carlos se arregalaram e não me preocupei mais com sua presença, mas sim com quem poderia estar me procurando.

— Ele disse o nome?

Demorei longos segundos para fazer a pergunta e me surpreendi por conseguir formar uma frase completa, pois só conseguia pensar nas alternativas de fuga, mesmo sentindo como se as minhas pernas fossem de gelatina.

O problema do medo é este: é incontrollável. É algo que nasce no seu interior e simplesmente explode, sem que você consiga raciocinar a coerência disso tudo. Primeiro você sente, e só depois descobre por que está sentindo.

— É um oficial de justiça.

A sensação de alívio que sua resposta causou foi inevitável. Às vezes acreditava que nunca sairia desse limbo de sofrimento. Mesmo depois do inferno, continuava amargando as consequências dos meus enganos.

Carlos continuou me encarando e eu agradeci antes de segui-lo para fora. Meu colega mostrou a mesa um pouco afastada, e pude ver o homem que me aguardava. Ele usava um terno escuro, carregava uma pasta nas mãos e eu tinha uma leve ideia do que estava fazendo ali. Cumprimentei-o assim que me aproximei o suficiente, e ele estendeu um papel na minha direção.

— A senhora está sendo intimada a comparecer ao fórum na data citada, para uma audiência de instrução e julgamento.

Assinei, e o oficial saiu sem olhar para trás. Fiquei me perguntando se ele guardava todos os rostos das pessoas que visitava, ou se conhecia o problema de cada uma delas. Olhei para o papel que continha data e hora marcadas e tremi apenas ao imaginar que *ele*

pudesse estar lá. Não! Isso não ia acontecer. Ele era covarde demais e com certeza ia continuar se escondendo. Guardei a intimação na bolsa, junto com outros papéis que tinha que manter comigo. Um deles atestava as medidas protetivas que conquistara dias depois de ter registrado o boletim de ocorrência. Lembrei da reação que tive assim que li o documento. Sorri e depois chorei. Sorri porque era patético imaginar que estava depositando toda a minha segurança em um pedaço de papel, e chorei porque era apenas um pedaço de papel. *Manter-se a quinhentos metros de distância. Não entrar em contato comigo ou com qualquer pessoa da minha família. Não frequentar os mesmos locais que eu. Manter-se afastado da nossa casa.* Muito bonito na teoria, mas completamente inútil para quem vivia com um medo constante, assim como eu.

Ainda assim, confiava na justiça porque era tudo que me restava. Se não acreditasse que ela poderia fazer algo por mim, minha única opção seria desistir.

Meus minutos de descanso acabaram e voltei a trabalhar, ainda pensando que, em três semanas, as feridas que estavam começando a cicatrizar seriam expostas diante de pessoas que nunca vira na vida. Um juiz, um promotor, um advogado... Gente que sequer sabia quem eu era, ou o que eu sentia. Gente que lidava todos os dias com pessoas tão machucadas quanto eu e minha filha.

Olhei para a sala à minha volta e me senti sufocada. Hoje era pior ainda. Fazia dois dias que recebera a intimação e não conseguia parar de pensar na audiência.

O lugar em que estávamos era o mais aconchegante possível, e mesmo assim eu sentia como se enfrentasse o frio mais terrível cada vez que atravessava a porta. Sabia com exatidão o que as cores, os quadros e os desenhos escondiam. Se essas paredes sentissem toda a dor das pessoas que passavam por ali, estariam sangrando.

Minha filha se mexeu em meus braços e soube que sua vontade também era de não estar ali, mas esse era o nosso ritual havia dois meses.

Duas vezes por semana, trazia Malu para conversar com a psicóloga indicada pelo juiz, na esperança de que ela se abrisse e resolvesse voltar a falar.

Todos os dias, quando abria os olhos, tinha esperança de que a minha menina pudesse sair do casulo em que se escondera. Todos os dias, quando ela sorria para mim, eu me imaginava ouvindo sua doce voz me chamar de mamãe. Porém, tudo que recebia era um punhado de frustração. Mas em dias como aqueles, minhas expectativas dobravam. Quando íamos ao Creas,* ignorava o que aquelas paredes escondiam e me concentrava na esperança que insistia em permanecer em meu peito.

— Maria Luiza.

Respirei fundo quando o nome da minha filha foi chamado e me obriguei a sorrir para a psicóloga quando ela abriu a porta para passarmos, porque era uma tristeza dolorida ter que estar ali.

Sonhava todos os dias com o fim desse pesadelo.

As duas horas seguintes foram repletas de *nada*. Comecei a me desesperar quando saí mais uma vez do consultório sem que Malu dissesse uma palavra. Todos os esforços terminavam com lágrimas da minha filha.

Mais um dia se passara e tudo que conseguia pensar era que eu mesma destruía a minha vida.

Em dias assim, tinha certeza de que Dennis me preparara para aquele momento. Para aquele sofrimento. A sensação era de que ainda podia ouvir suas palavras estalando em meus ouvidos e matando cada vez mais a Larissa dentro de mim. Estar sozinha e completamente perdida não aconteceu por acaso. Tudo isso era fruto das várias escolhas que fora obrigada a fazer ao longo dos anos. Os amigos que deixara, a família que nunca mais vira, os lugares que parara de frequentar, as ordens que aceitara. Caminhos que me trouxeram à solidão que vivia agora.

É engraçado como as pessoas julgam relacionamentos como o que tive. Para elas, terminar seria a solução mágica. Depois disso, tudo ficaria bem, não é mesmo? Acontece que elas não sabem que somos envenenadas durante anos. Pequenas doses de abusos e agressões que demoram para fazer efeito, mas que nos matam para o mundo. Depois

do fim, ainda temos que lidar com nossa mente fragmentada e um coração doente. Aprendemos a viver cercadas por medo, insegurança, desconfiança e todos os outros sentimentos negativos que existem. Não nos recuperamos depois do fim. A verdade é que continuamos, por um bom tempo, reféns de todo o terror que um dia vivemos.

E o que mais dói é saber que acabamos aprendendo a conviver com tudo isso, que passa a ser parte do nosso dia a dia. E tinha absoluta certeza de que, mesmo longe, ele sabia que ainda controlava a minha vida como se fosse sua.

Malu soltou alguns gemidos e imediatamente virei. Ao meu lado na cama, ela dormia abraçada ao seu urso favorito, mas uma de suas mãos segurava meu braço, como se eu pudesse sumir a qualquer momento. Ela gemeu mais uma vez, e meu coração parou, porque tive certeza de que murmurara palavras completas. Nosso quarto estava iluminado apenas por um abajur que ficava em uma pequena prateleira ao lado da cama, e foi através dessa luz que inclinei o corpo, aproximando meu rosto dela.

— Mamãe — sussurrou, quase inaudível, e meu coração parou de bater por alguns segundos. Tive que me segurar para não desmontar enquanto a envolvia por completo em meus braços. Lágrimas rolaram pelo meu rosto e não tive tempo de secá-las, pois tudo que queria naquele momento era segurar minha filha e prometer a ela que tudo ficaria bem.

— Mamãe está aqui, meu amor. Mamãe sempre estará aqui.

* Centro de Referência Especializada de Assistência Social.

Diego

Sofie chegara havia dois dias, mas minha agenda de trabalho só permitiu que nos encontrássemos hoje. Ela também tinha que dar atenção para a sua família, já que fazia um bom tempo que não os via. No entanto, nos falamos por mensagens e ela me ligou de manhã pedindo esse encontro. Claro que aceitei. Um lado meu passou o dia ansiando por isso, na esperança de ter minhas memórias de volta ao revê-la. Porém, a outra parte só conseguia imaginar que eu a magoaria. Não sabia bem o porquê, afinal passamos meses trocando mensagens, mas, mesmo assim, sentia que ela esperava muito mais de mim do que eu podia oferecer.

Cheguei adiantado por motivos óbvios: viera direto do fórum. Era isso, ou nada. Fui levado até a mesa que havia reservado e pedi uma taça de vinho enquanto aguardava o horário combinado. O local tinha um ar sofisticado e, ao mesmo tempo, aconchegante. O som do piano era uma atração à parte. Fazia muito tempo que não me permitia uma noite como aquela. Fora Manu quem me indicara, e imediatamente peguei o celular para agradecê-la, porque dessa vez ela realmente tinha acertado.

Boa noite, minha médica preferida. Obrigado pela dica do restaurante.

Ela respondeu em seguida: *A garota já chegou?*

Sorri por sua falta de gentileza de sequer me cumprimentar.

Boa noite pra você também. Estou bem, obrigado. Está aprendendo a ser grossa com seu homem?

Dereck não é grosso, ele é direto. São coisas diferentes. Além do mais, não sei se essa garota merece ser levada em um lugar tão bacana.

Recostei na cadeira ainda sorrindo e larguei o celular sobre a mesa para receber minha bebida. O garçom acenou e saiu logo em seguida,

então voltei para meu diálogo com Manuela.

Você nem a conhece.

Justamente por isso. Já faz quase quatro anos do seu acidente e essa garota só esteve aqui uma vez. Essa história de “te amo e vou lutar pelo seu amor” não cola pra mim. Ela não te merece.

Depois do meu acidente, eu me apegara muito a Manuela. Ela havia sido muito mais que uma médica, e nossa relação acabou se estendendo para fora do hospital. Por um tempo, achei que engataríamos um romance, mas então acabamos percebendo que nossa amizade valia muito mais do que a possibilidade de nos magoarmos caso a relação não desse certo. Seguimos como amigos e Manu agora era a mulher de um astro do rock. Dereck Mayer e minha Manuela... Quem diria? Eu não. Ainda mais porque ele era ex-namorado da minha cunhada e o terror da vida do Alexandre. Sabia que meu irmão tentava disfarçar, mas toda vez que ele e Dereck estavam no mesmo ambiente, Alê se retraía. Óbvio que ele sabia que não havia a mínima chance de alguma coisa acontecer. Clara era completamente apaixonada por meu irmão, e eu acompanhei de perto toda a luta pessoal do Dereck para conquistar Manu e provar seu amor por ela. Mesmo assim, achava que Alexandre nunca iria esquecer que foi para os braços do Dereck que Clara correu quando as coisas ficaram difíceis. Esse era um lado do Alexandre que nunca iria mudar.

Digitei minha resposta.

Você tem que parar de me tratar como se eu fosse alguém perfeito.

A réplica veio segundos depois.

Você não é perfeito, mas é quase. E vem cá... já contou para a Clara?

Não. Pelo simples fato de que basta você enchendo meu saco.

Imediatamente me arrependi do que escrevi e emendei outra mensagem.

Desculpa.

Viu? Quase perfeito. Por favor, não deixa essa garota te magoar. Você é importante pra mim. Volto em algumas semanas. Dereck vai fazer uma pausa depois do show em Londres.

Estava pronto para responder quando alguém chamou minha

atenção. Impossível ser diferente, todas as pessoas que Sofie encontrava pelo caminho também eram atraídas por ela. Devolvi o celular para a mesa sem que meus olhos deixassem os seus. Sofie sorriu assim que me viu e meu coração disparou, enquanto uma onda de sentimentos me atingia. A sensação era de voltar para anos atrás. Lembrei de quando a vi pela primeira vez. Pelo menos essa lembrança não se fora. Um amigo em comum nos apresentara em uma festa. Depois de eu beber um pouco demais, Sofie me levava para casa. Uma atitude que claramente me surpreendera. Passamos uma semana conversando e só ficamos depois desse tempo. O primeiro beijo... Eu havia levado Sofie a um show e, antes mesmo da primeira música tocar, meus lábios estavam grudados nos dela. Um beijo quente e envolvente que me fizera ficar apaixonado pela ruiva mais linda que havia conhecido.

Porra, como tinha podido esquecer de tanta coisa?!

Não tive tempo de me sentir frustrado, pois Sofie estava cada vez mais perto. O sorriso se alargou e, quando ela estava quase na minha frente, percebi os olhos marejados. Agindo por instinto, apenas abri os braços e a recebi com um abraço cheio de saudade. Ela me apertou com força e ouvi seu choro baixinho.

— Está tudo bem, linda. Já passou. Por favor, não chora — pedi, na esperança de acalmá-la. Sofie não me soltava e agora algumas pessoas começavam a nos olhar com curiosidade.

Deixei minha ex-namorada desafogar suas emoções e, quando ela se afastou, me encarou com uma expressão saudosa que me deixou rendido. Levou as mãos à boca, enquanto seus olhos faziam uma varredura em mim, de cima a baixo.

— Tô me sentindo um frango de padaria — brinquei.

— Você não mudou nada.

— É pra ser um elogio?

— Senti tanto a sua falta, Di.

As palavras de Manu voltaram à minha mente assim que Sofie terminou de falar. Quatro anos... Será que ela realmente sentira?

— Você também tá linda — respondi, dispensando as dúvidas que se formavam na minha cabeça. — Vem... — Segurei sua mão,

conduzindo-a até a mesa e soltando apenas para puxar a cadeira para ela.

— E o mesmo cavaleiro de sempre — sussurrou.

Assim que sentei, seus olhos castanhos me buscaram e pude ver com clareza a tristeza que passou por eles.

Ficamos em silêncio, apenas nos olhando, ambos com medo de dar o primeiro passo.

Havia certo constrangimento entre nós, e considereei isso normal. Afinal, a situação não era tão simples. Sofie atravessara o continente para vir atrás de mim, e eu não sabia se isso era uma boa ideia. Aliás, não sabia se eu valia todo esse esforço. Essa mania das pessoas acharem que sou perfeito às vezes me irrita.

— Esse lugar é lindo — elogiou. — Obrigada pelo convite.

Sorri em agradecimento.

— Achei o mesmo. Uma amiga me recomendou.

— Amiga? — perguntou, não escondendo certa decepção.

— Sim. Ela foi minha médica depois do acidente, mas está em turnê com o marido. Ele é cantor.

— E você tem alguém?

— Não — fui sucinto.

— Ahhhh! Hmmm... — ela hesitou. — É bom saber que você ainda não encontrou uma namorada. Fica um pouco mais fácil tentar.

— Sofie... — não sabia o que dizer depois da sua declaração. As coisas estavam indo mais depressa do que eu esperava.

Ela estendeu o braço sobre a mesa e alcançou a minha mão.

— Por favor, Diego. Eu preciso de uma chance pra te contar tudo que vivi nos últimos anos. Eu quero recomeçar a vida aqui no Brasil. Tanta coisa aconteceu, e talvez ser modelo no exterior não tenha sido uma boa decisão. Mas agora estou de volta, e eu quero muito retomar as coisas com você. Te deixar foi a pior estupidez que já fiz.

Engoli em seco e demorei um pouco para pensar em algo para dizer. Mas, antes que pudesse falar qualquer coisa, o garçom se aproximou. Fiz um gesto para que ele parasse, e então voltei minha atenção para Sofie. Lágrimas rolavam por sua face, e o desespero evidente em sua voz partiu meu coração. Respirei fundo, analisando seu

rosto, todas as lembranças que guardara dela voltando. Quando estava pronto para falar, virei sua mão para cima, meu indicador fazendo carinhos circulares em sua palma. Sorri, ainda de cabeça baixa, encarando as linhas de sua mão, e depois mirei o fundo dos seus olhos.

— Uma coisa de cada vez, Sofi. — Ela sorriu quando a chamei pelo apelido. — Temos todo o tempo do mundo para conversar. A gente vai jantar, tomar um bom vinho, você vai me contar sobre as suas viagens, sua vida e, com calma, vamos nos conhecer de novo. Tudo bem assim?

Ela assentiu e soltei sua mão para chamar o garçom, que ainda estava parado, aguardando meu sinal. Fiz meu pedido, Sofie o dela. Um pouco mais calma, ela começou a falar sobre sua chegada e também de como a família a recebera. Expliquei sobre minha carreira, por que decidira me tornar promotor, e então pedi desculpa por não conseguir vê-la antes. Também falei sobre minha família, claro. E era impossível não sorrir quando o assunto eram meus sobrinhos.

— Vitória é um doce, mas muito geniosa. Assim como a mãe.

— Alexandre também não tem uma personalidade muito fácil de lidar, se lembro bem.

Levei a taça de vinho à boca e em seguida a deposei na mesa. Sofie imitou o gesto enquanto me observava, coisa que faria durante toda a noite.

— Você acha isso porque ainda não conheceu a Clara. Ela realmente consegue derrubar meu irmão.

— Espero poder conhecê-la — respondeu, enquanto espetava de maneira indelicada o salmão. Sua frase foi uma espécie de indireta para a situação que enfrentávamos. Um pedido.

Não sabia bem como agir. Sentia muitas coisas, e tinha que confessar que saudade era uma delas. O passado e o presente se misturavam, dando um nó em minha mente. Ela era linda, bem-humorada e inteligente. Mesmo assim, achava que talvez tivesse mais sentimentos por mim do que eu por ela. E isso talvez fosse um grande problema.

Estava na hora de abrir o jogo.

— Sofi, por que você voltou?

Ouvi sua respiração pesada antes de ela começar: — Primeiro eu preciso que você entenda por que *eu não* voltei. — Recostei na cadeira, dando-lhe total atenção. Ela estava nervosa, remexendo-se, olhos inquietos, até que eles pararam em mim. — Eu tinha alguns contratos horríveis. Multas altíssimas. E acabei me afundando em dívidas. Não foi a vida de glamour que sonhei. Quando você sofreu o acidente, decidi que estava na hora de deixar aquela vida para trás. Não suportei ver você passando por tudo aquilo. Me matou a culpa de ter te deixado pra perseguir um sonho que no fim acabou se tornando um pesadelo. Sim, ainda posso me considerar uma modelo de sucesso, mas por trás disso existiram anos em que estive mergulhada em uma tristeza que achei que não seria capaz de suportar. Depois de te ver naquela cama, voltei pro Japão e rompi meu contrato. O que posso dizer é que só agora consegui pagar a multa imposta por eles. Todos os trabalhos que consegui, cada desfile, fotos, eventos... tudo que fiz foi para voltar pro Brasil. Voltar pra você.

Meu coração acelerou com suas confissões, e segurei sua mão novamente, em um gesto protetor. Não acreditava que ela passara por tudo aquilo sozinha.

— Por que você não me procurou? Ou sua família? Eu te ajudaria.

— Vergonha. Não queria admitir que tinha errado nas minhas escolhas, e que por causa delas havia perdido você.

— Sofi...

— Diego — ela me interrompeu —, eu nunca deixei de te amar. Tudo que fiz nos últimos anos foi pensar em você. Cada hora, cada minuto do meu dia. Eu dormia pensando em você e, quando acordava, você era a primeira pessoa que vinha em meus pensamentos. No início, achei que seria mais fácil manter distância. Estava focada no que queria conquistar lá fora. Mas depois vieram os erros, e quando soube que você havia perdido a memória, fiquei com muito medo de ter esquecido de mim. Eu suportaria qualquer coisa, menos não fazer mais parte da sua vida. Então, quando você me procurou, eu sabia que tinha que fazer

alguma coisa ou te perderia para sempre. — Ela fez uma pausa, retomando o fôlego. — Tudo que te peço é só mais uma chance. Sinto tanta a sua falta que dói.

Sentia como se tivesse sido bombardeado. Muitas palavras que precisavam ser absorvidas, mas só conseguia prestar atenção nas lágrimas que rolavam pela face da garota à minha frente. Apertei os dedos sobre os dela. As palavras já estavam em minha garganta, prontas para sair, mas, quando Sofie me encarou, os olhos tão esperançosos, simplesmente não consegui dizer a ela que nossa história ficara no passado. Ela enfrentara tantas coisas para estar ali, que eu começava a considerar o seu pedido. Não queria magoá-la. Tudo que menos queria era carregar a culpa por partir o coração de alguém.

Mesmo não sendo o que meu coração mandava, acabei cedendo ao pedido.

— Vamos começar como amigos e ver como as coisas evoluem. Não estava preparado para a sua chegada, e um relacionamento não se desenvolve assim, do dia para a noite. Sei que o que tivemos foi especial, mas nós dois vivemos muitas coisas desde então. Também sei que meu coração ainda reconhece você, mesmo diante de tantas lacunas que o acidente deixou.

Ela deu um sorriso doce e seus olhos brilharam com as minhas palavras. Nossas mãos ainda estavam envolvidas uma na outra, e o toque, acima de todas as outras coisas, era íntimo e reconfortante. Sofie chegou a soltar um suspiro de alívio antes de me responder: — É tudo que mais quero. Voltar a ser sua amiga e de novo ter um espaço especial no seu coração. Vou fazer de tudo pra te reconquistar.

Depois do constrangimento inicial, o jantar transcorreu de forma mais tranquila. Nos divertimos lembrando coisas do passado. Notei que Sofie fazia muito isto: trazer à tona pequenas lembranças de nós dois. Algumas eu recordava, outras me esforçava para lembrar e me sentia frustrado quando não conseguia.

Quando o jantar terminou, ficamos do lado de fora do restaurante aguardando um táxi. A noite estava bonita, apesar de fria e com um pouco de vento, o que não impediu de apreciarmos um céu estrelado.

Ficamos olhando para ele por um tempo, buscando naqueles pontos de luz coragem para dizer algo ou, simplesmente, para não dizer.

— Continua morando no mesmo lugar? — ela questionou, chamando minha atenção.

— Não. Mudei há um ano. Mas não fica tão longe do antigo apartamento.

— Adorava te ver cozinhar.

— Hoje não tenho muito tempo, mas de vez em quando invento algumas coisas.

— Isso é um convite? — Ela ergueu uma sobrancelha.

Alcancei seu rosto e toquei a ponta do seu pequeno nariz.

— Comporte-se, mocinha.

Sofie era alta, e começava a me recordar de como era fissurado em suas sardas. Ela tinha várias salpicando o rosto, e isso, junto com o cabelo cor de fogo, resultava em uma beleza incomum.

Nos encaramos por alguns longos segundos. Não sabia por quê, mas não conseguia me afastar dela. Continuei tão próximo do seu corpo que podia sentir seu cheiro.

— Esqueci como o tempo pode mudar rápido por aqui — disse ela, quando uma rajada de ar frio passou por nós.

Retirei meu paletó e pus sobre ela, deixando minhas mãos pesarem sobre seus ombros. Quase cobriu todo seu bonito vestido, que abraçava o corpo e ia até os joelhos. Meus olhos passearam por sua nuca, observando seu pescoço nu. Respirei fundo algumas vezes e tive certeza de que ela sentiria o ar em sua pele, pois se arrepiou.

Caramba, o que estou fazendo?

Me afastei e Sofie suspirou alto.

Ela abaixou a cabeça, ajeitando a roupa, e me lançou um olhar quente e cheio de desejo. Enfie as mãos no bolso, sem saber o que fazer depois das minhas atitudes, e desviei o olhar. Temia por esse momento, pois não sabia como lidar com a despedida.

— Você usa o mesmo perfume de antes.

Voltei a encará-la.

— Não sei muito bem quando comecei a usar, mas não abro

mão.

Sorri, mas ela não fez o mesmo. Pelo contrário, seus olhos ficaram cheios de lágrimas.

— Te dei no dia dos namorados.

— Sofie...

A frase ficou pela metade quando ela colidiu com a boca na minha. Pego de surpresa, demorei alguns segundos para reagir, meu corpo ainda estático pelo beijo inesperado. Mas assim que consegui sentir seus lábios macios, soube bem o que fazer. Passei um braço por dentro do paletó e pousei a mão na base da coluna. A outra mão foi para o rosto, segurando-o enquanto assumia o controle do momento. Movimentei contra sua boca com vontade. O tipo de beijo que envolvia tudo. Ela mordiscava meu lábio inferior, fazendo com que uma onda de calor fosse enviada ao meu estômago. Deslizei a língua para dentro de sua boca, e Sofie gemeu contra meus lábios. Suas mãos seguravam com força meu pescoço, como que para me impedir de me soltar. Envolvi sua cintura com os dedos, meu polegar massageando sua pele por cima do tecido. Não podia dizer que não me sentia atraído por ela. Merda! Sofie era uma das mulheres mais lindas que já havia visto. Seu rosto transbordava doçura ao mesmo tempo que seus gemidos eram um convite ao pecado. Estava muito excitado. Tão excitado que não me importei com o fato de que estávamos nos agarrando quase no meio da rua.

— Meu Deus! — gemi ofegante quando nos afastamos, mas não por completo. Encostei minha testa na dela, tentando controlar a respiração e a ereção, que pulsava descontrolada. Seu cheiro estava ainda mais forte, e parecia se impregnar em mim de tal forma que não sentia mais nada a não ser o seu perfume.

— Senti tanta falta disso. — Sofie deslizou o nariz pela minha pele, traçando meu rosto e chegando ao pescoço. O corpo colado ao meu, encaixado em mim. — Seu cheiro, o gosto maravilhoso da sua boca, a maneira como fica ofegante quando está excitado. Ainda me lembro de como seus olhos fecham quando você está gozando. Nunca esqueci como é delicioso te ter dentro de mim. Se eu fechar os olhos,

posso sentir o peso do seu corpo sobre o meu, seus lábios em torno dos meus seios.

Caralho!

Estava com as mãos em sua cintura, e meus dedos afundaram em sua pele. Mantive os olhos fechados enquanto ela falava, buscando controle, tentando manter as coisas devagar, mas estava sendo mais difícil do que pensara.

Muito mais difícil.

— Posso te provar que ainda consigo te enlouquecer — murmurou em meu ouvido, antes de prender a ponta da minha orelha entre os dentes.

Não tinha dúvidas!

Foi a cartada final, e a certeza de que eu ia perder a porra do meu juízo. Eu me afastei mais uma vez, com dois passos para trás, e vi a decepção brilhar em seus olhos.

— Sei que consegue, mas também sei que você quer mais de mim. Muito mais do que ir pro meu apartamento, ou uma noite só. E pra isso precisamos ir com calma.

— Desculpa — pediu, envergonhada.

— Não peça desculpa. Eu adorei te beijar. Seria louco se não tivesse gostado.

Toquei seu rosto, acariciando sua bochecha, e Sofie se desmanchou ao meu toque.

— Acho que eu preciso ir — disse, quando seu táxi estacionou ao nosso lado. — Obrigada pela noite maravilhosa.

Beijei seu rosto com delicadeza, deixando a boca tocar levemente o canto dos seus lábios.

— Obrigado pela companhia.

Abri a porta do carro e ela entrou, sorrindo com meu gesto.

— O mesmo Diego — murmurou, antes de eu fechar a porta e o carro ganhar a rua.

Joguei a chave na mesa de centro e fui direto para o banho. Pensei

em Sofie durante todo o caminho e tentei acreditar que tudo que acontecera era porque tinha que ser. Ainda podia sentir o gosto dos seus lábios nos meus e, enquanto a água caía fria sobre meus ombros, lembrei de suas palavras e de como cada uma delas me parecera sincera.

Passei as mãos pelos cabelos, tirando a água acumulada, e me enrolei na toalha. Peguei o celular sobre a cama e rapidamente digitei uma mensagem.

Me avisa assim que chegar.

Por um momento me arrependi por não a ter deixado em casa.

Em casa. Sã e salva.

Respondi de imediato.

Que ótimo.

Ótimo foi te sentir outra vez.

Pensei no beijo, em como meu corpo reagira ao dela, e digitei uma resposta.

Pra mim também.

Talvez isso pudesse dar certo.

Talvez Sofie fosse aquela que meu coração esperava.

Talvez ela fosse minha princesa.

Larissa

As semanas passaram e o dia que temia finalmente chegou. Estava sentada em uma das salas do fórum, esperando o julgamento que decidiria o destino do homem que um dia amara, mas que tornara minha vida um inferno.

Estava sozinha e olhava fixamente para um cartaz pendurado na parede. Queria desviar o olhar, buscar outro ponto que segurasse minha ansiedade, mas não conseguia. A imagem no pedaço de papel me machucava. Era como se fosse eu naquela parede. Uma mulher com um hematoma no rosto e a boca sangrando. Havia uma mensagem pedindo para que as mulheres não se calassem. Sua boca estava tapada com uma espécie de mordaca, e os olhos esbugalhados encaravam o que eu imaginava ser seu pesadelo particular.

Eu tivera o meu.

O problema do abuso doméstico era o amor. Engraçado chegar a essa conclusão, pois ele deveria ser a solução. Mas não era. Não quando você acreditava que o amor podia tudo. Que as pessoas mudavam em nome dele e que qualquer ferida poderia ser curada quando se amava. A verdade era que a realidade estava bem distante desse conto de fadas. Você podia mudar o caminho que desejava seguir, mas não podia mudar o que estava em seu coração. As raízes de que você era feito. O amor podia te guiar, sim, apontar os erros, mostrar suas escolhas, mas era apenas isso quando não havia coragem. Ele te estendia a mão, mas era inútil quando você lhe dava as costas.

Eu acreditara com força no amor, e fora esse sentimento que me trouxera até ali.

Continuei encarando o cartaz e me perguntando se a modelo que fizera a foto conseguira sentir pelo menos uma fração da dor que sua

imagem carregava. Era dolorido saber que algumas pessoas se pintavam para mostrar algo que estava tatuado em nossa alma.

Eu não quero chorar. Pensei, assim que meus olhos arderam e minha garganta se fechou. *Eu não posso chorar.*

Uma movimentação chamou minha atenção e olhei para a porta de entrada, por onde passava uma das minhas antigas vizinhas. Ela sorriu calorosa assim que me viu, e caminhou até mim. Levantei e ela me abraçou antes de beijar meu rosto.

— A justiça será feita, menina. O que o monstro do Dennis fez não vai ficar impune.

— Obrigada por tudo — agradei, e ela juntou minhas mãos entre as suas e deu dois tapinhas para me confortar.

Continuei olhando para ela, seu semblante preocupado em meio às rugas que se formavam na testa. O cabelo grisalho preso em um coque me trazia lembranças. No mesmo instante, minha mãe surgiu em minha mente, e meu peito ardeu de saudade. Não a via havia algum tempo. Evitava contato com meus pais pelo simples fato de que eles não podiam fazer muito por mim, já que tinham seus próprios problemas. Não ter tido a aprovação deles quando decidira me casar também me impediu de procurá-los quando precisei. Não queria desistir e voltar para casa carregando um atestado de fracasso na bolsa. Quando saí de casa para morar com Dennis, aos dezessete anos, fiz com a mesma coragem que me movia hoje.

— Larissa Marques.

Minha mão ainda era sustentada por alguém que eu podia dizer que salvara a minha vida. Fora a dona Vânia que chamara a polícia ao ouvir meus gritos de socorro. E era ela que me acalentava quando meu nome ecoou pelo fórum.

— Que Deus esteja com você.

Não respondi.

Até a fé Dennis tirara de mim.

A cada passo que dava, sentia como se pedaços de mim ficassem para trás.

A Larissa que amava ler.

A que adorava dançar.

A Larissa que sonhava.

A que tinha amigos.

A Larissa que amava.

Todas elas ficaram pelo corredor enquanto me preparava para enfrentar as consequências das minhas escolhas. Uma parte de mim ainda queimava de culpa, mesmo sabendo que Dennis era o único responsável pelas cicatrizes que carregava. O julgamento de Dennis não seria o fim da minha dor. Pelo contrário, seria o dedo que reabriria a ferida em meu coração.

Entrei na sala de cabeça baixa e meu corpo inteiro tremeu com a energia que recebia do lugar. As lágrimas ameaçaram voltar e tive que respirar fundo para evitar chorar mais uma vez. Eu já havia aprendido a chorar em silêncio. A sofrer calada. E a gritar sem ser ouvida.

Alguém me indicou o lugar em que eu deveria sentar e senti como se agisse no automático. Na minha cabeça, tudo que desejava era que aquilo acabasse de uma vez por todas, para poder voltar para a minha filha. Por sorte, Malu havia sido liberada desse tormento.

O juiz se apresentou e me pediu para dizer meu nome. Sua voz era grossa, imponente, daquelas que mostravam autoridade pelo simples dizer das palavras. Ainda de cabeça baixa, respondi e aguardei. Toda a sala ficou em silêncio e me senti como um animal sendo observado no zoológico. Era estranho demais ter pessoas decidindo a minha vida, analisando se acreditavam em mim ou não e, o mais importante, definindo meu futuro.

— Sra. Larissa, essa audiência será gravada e eu gostaria de pedir que olhe para a câmera enquanto responde às perguntas.

Balancei a cabeça, fazendo que sim, e levantei os olhos, mas não consegui olhar para o juiz. O azul que me recebeu esmagou de imediato meu coração. Não poderia esquecer aqueles olhos e, assim que ele me encarou de volta, sentime invadida, como se ele enxergasse dentro de mim e despisse minha alma. Ele me olhou como na primeira vez, com intensidade e confiança.

O cara do restaurante.

Fiquei confusa e incomodada. Mas não conseguia olhar para mais nada, e era como se uma linha imaginária nos ligasse. Tudo que fiz foi fixar seus olhos azuis enquanto tentava de todas as formas entender por que, mais uma vez, ele me encarava daquela forma.

— Passo a palavra ao membro do Ministério Público. Dr. Diego...

Ele sacudiu a cabeça depois de ouvir as palavras do juiz, e meu queixo caiu alguns centímetros ao descobrir que era o promotor do meu caso. Fora por isso que me encarara no restaurante. *Só podia ser!*

— Boa tarde, srta. Larissa. Sou o dr. Diego e gostaria de lhe fazer algumas perguntas.

Respondi com um aceno de cabeça.

Então ele começou, fazendo várias perguntas simples: quantos anos eu estivera casada, havia quanto tempo morava na cidade, por que me divorciara e como era a relação com meu ex-marido. A cada palavra que pronunciava, sua voz penetrava em meus ouvidos e me prendia a ele.

Falar era um sacrifício, e o nervosismo trancava minha garganta e roubava meu ar. As coisas já estavam difíceis e ficaram ainda piores com a presença daquele homem. Olhei para o juiz, encarei o promotor, e só depois que ele acenou com a cabeça, para me incentivar, encontrei coragem para relatar o calvário que vivera. Lembrei de todas as palavras da psicóloga dizendo que não precisava ter medo de pôr para fora o que sentia.

E foi isso que eu fiz.

— Dennis foi meu primeiro namorado e casamos quando eu tinha dezessete anos. Nunca achei que ele seria capaz de me machucar ou machucar minha filha. Acreditei no amor que ele dizia sentir por mim e me escondi no medo de perdê-lo. Fazer suas vontades estava no topo da minha lista de prioridades, mas com o tempo percebi que nada que eu fazia era suficiente para um homem como ele.

— *Como ele?* — questionou o promotor.

— Bonito, inteligente, de família tradicional e bem-sucedido em tudo que fazia. Eu não era boa o bastante.

Um sorriso despontou em meus lábios, e tive que segurá-lo para

não sucumbir ao sarcasmo que tomara conta dos meus dias.

O homem sentado do lado direito do juiz abriu uma pasta e folheou algumas páginas antes de me encarar novamente.

— Foi a primeira vez que ele te agrediu?

Engoli em seco.

— Não!

— Quando foi?

Demorei um tempo para assimilar o que ele perguntava, e mais ainda tentando recordar exatamente quando fora a primeira vez que fora agredida.

— Pode nos dizer, Larissa? — ele insistiu.

— O primeiro roxo surgiu aos dezesseis anos.

Fechei os olhos, recordando o primeiro degrau que desci com destino ao inferno.

PASSADO

Ainda não acreditava que comprara o vestido dos meus sonhos. Ele era de um tom de rosa tão delicado que me fazia suspirar. Um fino tecido bordado com brilho cobria todo o vestido e, assim que o vesti, me senti uma princesa. Ele reluzia o brilho estampado em meus olhos. Dei uma volta em torno do meu próprio corpo enquanto sorria como uma boba.

— Lari, seu pai já tirou o carro.

— Estou indo — gritei de volta para minha mãe. Peguei uma pequena bolsa que Janaína me emprestara e encontrei meus pais na sala.

Minha mãe repetiu pela décima vez toda a “cartilha” escrita para a noite. Tantas recomendações que, se fosse seguir todas, podia trocar o vestido por um hábito. Meus pais eram um casal de idade um pouco avançada. Podia me considerar um verdadeiro milagre, já que todos os médicos haviam dito que minha mãe não poderia ter filhos. Eu os amava muito por não terem desistido, mas me sentia sufocada com tanta proteção. Praticamente vivia em uma bolha. E esse era o motivo por não ter contado a eles sobre o Dennis.

Meu pai surtaria se soubesse que estava namorando.

O pensamento em Dennis me fez sorrir, uma onda de ansiedade me atingindo em cheio.

Dei um beijo na minha mãe e conferi, a pedido do meu pai, se meu documento estava na bolsa. Depois de mostrar a ele minha identidade, saímos com destino à escola. Era a festa de formatura do ensino médio, e eu não via a hora de chegar a minha.

No caminho, pensei no meu namorado. Seria a primeira vez que ficaríamos juntos na frente de todos os nossos amigos, pois, até então, nosso relacionamento se desenrolara às escondidas. Não me importara quando Dennis propusera assim. Afinal, ele era o cara mais perfeito que já vira na vida. Mas agora tudo seria diferente.

Despedi-me do meu pai quando chegamos, e ele me olhou com intensidade antes de eu sair do carro.

— Temos muito orgulho de você. Não nos decepcione.

— Nunca, papai — disse, antes de lhe beijar a bochecha.

Respirei fundo assim que saí do carro. Tinha bastante gente e estava muito animada, pois quase nunca ia a festas. Passei as mãos pelo vestido, desfazendo qualquer dobrinha que pudesse ter ficado nele. Caminhei pelo tapete vermelho que estenderam na entrada, um pouco deslumbrada com tudo que via. A maioria dos formandos chegava com seus pares, e isso me trouxe uma pontinha de frustração. Dennis poderia ter me esperado na porta, pelo menos.

Cheguei, amor.

Enviei uma mensagem antes de entrar. Pronto. Agora ele sabia que eu havia chegado.

Observei cada foto pendurada no hall de entrada e sorri para várias delas. Comecei a escutar a música no interior do salão, e meu coração passou a bater no mesmo ritmo que os sons que ouvia. Quando entrei, fui tomada por uma alegria que me fez querer dar pulinhos. Só não dei porque já destoava demais sendo a CDF da sala.

— Larissa. Larissa. — Virei na direção do chamado e vi Janaína e Matheus se aproximando. — Ainda bem que você chegou. Estou entediada. Esse povo parece estar morto. Ninguém dança.

Minha amiga estava linda em seu vestido preto... Como posso dizer? Desenhado em seu corpo. Os saltos das sandálias eram quase o dobro dos meus, e seu longo cabelo preto estava preso em uma trança lateral. Jana ficaria linda até vestida de saco de arroz. Produzida, então, estava deslumbrante. Assim como Matheus. Tive que prender a respiração por um segundo quando o vi. Ele não usava terno, apenas camisa, uma gravata escura e calça social.

— Uau! — exclamei, o queixo se reerguendo de uma queda catastrófica. — Jana fez um bom trabalho com você.

Seus olhos se prenderam aos meus, e a primeira reação que tive foi desviar do seu olhar.

— Você também está linda, Lari.

— Você viu o Dennis? — perguntei a Janaína, mal dando atenção para meu amigo.

— Aquele idiota... — Matheus bufou, mas eu o interrompi.

— Por favor. — Voltei a encará-lo. — Hoje, não, Matheus.

Ele fechou a cara imediatamente, sacudindo a cabeça de um lado para o outro.

— Eu tentei avisar — resmungou antes de sair.

Olhei para Jana, que deu de ombros, mas logo seu semblante mudou e ela sorriu, grudando em meu braço. Meus olhos buscaram Matheus. Por mais que ele estivesse sendo um idiota, eu não queria perder sua amizade.

Janaína me levou para o meio da pista de dança. Nos juntamos a um grupinho e começamos a dançar. Passei quase metade da noite verificando o celular e olhando para todos os cantos do salão à procura do Dennis. Nenhum sinal dele. Quando uma música mais romântica começou a tocar, me afastei dos casais que tomavam conta da pista e fui em direção a um canto menos barulhento para tentar fazer uma ligação. Meu coração se apertou dentro do peito quando vi a hora. Ele estava muito atrasado. Comecei a me preocupar que alguma coisa tivesse acontecido.

Caminhava de cabeça baixa quando trombei com algo duro. Olhei para cima e vi Matheus parado na minha frente e me encarando com um olhar triste.

— Podemos dançar essa música?

Ainda tinha o celular na mão, mas a voz do meu amigo soava tão

convidativa que não consegui recusar seu pedido. Guardei o aparelho na bolsa e o segui. Ele sorriu para mim e fiz o mesmo quando seus dedos se entrelaçaram aos meus e juntos voltamos para o centro da festa. Levantei o braço direito para que ele pegasse minha mão, mas Matheus ignorou, pousando as duas mãos na minha cintura. Deixei que ele fizesse aquilo, mesmo sabendo que era um gesto muito íntimo para quem tinha um namorado — ou para quem achava que tinha, já que praticamente fora abandonada. A decepção que estava sentindo me fez jogar os braços no pescoço de Matheus e deixar o rosto descansar em seu peito. Ele tinha um cheiro tão bom e me segurava com tanta delicadeza que algumas lágrimas começaram a rolar pelo meu rosto. Tentei secá-las antes que manchassem minha maquiagem, mas Matheus percebeu e se afastou para me encarar. Seus lindos olhos emanavam decepção.

— Aquele babaca não te merece, Lari. Eu só queria que você entendesse isso.

— Você só diz isso porque ele namorou a sua ex.

Ele me olhou com espanto enquanto seu peito subia e descia com um suspiro profundo.

— Foi ele quem te disse isso?

Dei de ombros, sem querer responder, mas confirmando.

— Lari... Lari... Você é tão ingênua, minha linda. — Matheus segurou uma das minhas mãos e apertou sobre seu peito. — Queria poder te contar tudo sem partir seu coração, pois sei que isso vai acontecer.

— Contar o quê?

Fomos interrompidos.

Antes que pudesse questionar sobre o que ele estava falando, me surpreendi com uma voz que conhecia muito bem fazendo a mesma pergunta.

Empurrei Matheus e nos separamos rapidamente quando Dennis se pôs na nossa frente. Ele olhou para mim e depois para o homem ao meu lado, que ainda segurava minha mão.

— Que porra é essa, Larissa? — gritou Dennis.

Abri a boca, mas fechei quando escutei mais gritos.

— Você é um merda se acha que vai gritar com ela na minha frente.

— Cai, fora, porra! — Dennis gritou ainda mais alto, fazendo com

que as pessoas se aglomerassem à nossa volta. Meu rosto imediatamente esquentou, tamanha a vergonha que sentia. Procurei por Janaína, mas não a vi em nenhum lugar e tremi por ter que enfrentar a situação sozinha.

Ele estufou o peito e Matheus fez o mesmo ao me empurrar para o lado, como se estivesse me defendendo. Precisava fazer alguma coisa. Era só um mal-entendido. Soltei a mão do meu amigo e fiquei no meio dos dois, meus olhos grudados no meu namorado.

— Não foi nada. A gente só estava dançando.

— Dançando? — Dennis me encarou com os olhos cheios de cólera. — Esse filho da puta estava com as mãos na sua bunda.

— Nãããão! — foi a minha vez de gritar. — Foi só uma dança. Só isso. Matheus é meu amigo.

— Amigo de merda.

— Você é um babaca — Matheus xingou.

— Que merda, Matheus — esbravejei. Ele não estava tornando as coisas mais fáceis. Muito pelo contrário. Dennis estava prestes a partir para a briga.

— Lari, escuta... — Meu amigo buscou meus olhos antes de continuar. — Vem comigo? Por favor?

Não entendi a súplica em sua voz e tentei ignorar seus olhos, que imploravam por uma resposta. Virei, olhando Dennis, e decidi ficar. Sacudi a cabeça para Matheus e ele se afastou.

— Que se foda! — disse, antes de desaparecer, abrindo espaço entre a multidão.

— Matheus...

As pessoas começaram a se afastar e, quando achei que tudo estava resolvido, senti um forte aperto no braço, que me fez gemer de dor. Dennis me arrastava em direção a um canto escuro.

— Eu vou cair — protestei, os saltos das sandálias me desequilibrando, mas Dennis ignorou, bravo demais para escutar qualquer coisa que eu dissesse.

Ele me pressionou contra a parede assim que chegamos ao destino que ele escolhera. Soltou meu braço e suspirei aliviada, mas logo suas mãos estavam no meu rosto, segurando forte, me obrigando a encará-lo.

— *Você é minha, menina bonita?*

Não consegui mover a cabeça sob suas fortes mãos, que me seguravam. Ele cheirava a álcool.

— *Diz Larissa. Fala que não estou perdendo meu tempo com você? Diz que você não é como as outras meninas. Que nunca teria coragem de me trair com aquele babaca.*

— *Ele é meu amigo. Só isso.*

Dennis sorriu de uma forma esquisita.

— *Não é mais — sentenciou, autoritário. — Se quiser ficar comigo, vai se afastar dele.*

Não podia acreditar no que ele me pedia. Meus olhos se arregalaram de puro espanto. Tentei me mover, mas Dennis não deixou.

— *Eu te quero, menina bonita. Mas você é só minha, entendeu?*

Antes de responder, fui surpreendida por um beijo inesperado. Dennis prendeu meu lábio inferior entre os dentes e, por um segundo, achei que o gosto que sentia misturado ao álcool dos seus lábios era sangue. Ele me mordeu com tanto desejo que não se deu conta da força que tinha. Depois acariciou minha bochecha, me fazendo suspirar.

— *Dennis, eu...*

— *Shhhhhhhh... não precisa dizer nada, gatinha. Eu sei que você não quer me perder. Sei que nunca mais fará isso comigo.*

Apenas assenti.

Não continuei na festa, Dennis logo deu um jeito de me levar para casa. Fiquei na esquina, para que meus pais não o vissem, e antes de me deixar, ele me beijou novamente. Os beijos dele eram tão bons.

Entrei em casa com cuidado, para não acordar meus pais. Eles achavam que eu ia voltar com a Janaína. Fui direto para o quarto dormir.

No dia seguinte, quando tirei a camisola, algo chamou minha atenção. Havia uma mancha roxa, e tinha quase certeza de que era de quando Dennis me puxara. Corri para o banheiro e passei base no braço, na esperança de fazer a marca desaparecer. Lembrei das palavras do meu pai, sobre não os decepcionar.

Se meus pais vissem aquilo, eu estaria em apuros.

— Então ele te agrediu pela primeira vez quando você tinha dezesseis anos? — Agora era o advogado de Dennis que fazia as perguntas. — Por que continuou o namoro? Por que não se afastou?

Eu o encarei sem espanto. Aquela era uma pergunta comum. Na verdade, deveria ser o contrário: por que ele me agrediu? Por que continuou me machucando?

Ignorei por completo o advogado, procurando a única pessoa que ainda conseguia me segurar naquela realidade. Olhei para o promotor antes de responder: — Porque achei que era amor.

Diego

Aquele era um dos julgamentos mais difíceis que enfrentara desde que me tornara promotor. Claro que me empenhava em todos eles, dava o máximo de mim. Mas, daquela vez, era diferente. Não conseguia desviar os olhos da menina na minha frente. Podia ver seu sofrimento e enxergar suas tristezas. Havia apenas algumas cicatrizes evidentes em seu corpo, mas sentia que sua alma estava manchada, e seu coração, dilacerado. Isso era o que mais me deixava puto. O desgraçado matara sua alegria e apagara o brilho dos seus olhos. E fizera tudo isso usando o amor como desculpa. Ficou bem claro em seu depoimento que, antes da agressão covarde que julgávamos, Larissa fora submetida a um intenso e duradouro abuso psicológico. Por anos, ela sucumbira ao poder de outra pessoa, deixando de lado seus planos, sonhos e desejos, apenas para satisfazer alguém que se aproveitara do amor em seu coração.

Isso se chamava crueldade. Ele matara sua alma usando o amor.

Larissa terminou de falar, com os olhos sempre procurando os meus, como se isso a deixasse mais confortável. Retribuí, desejando que fosse verdade. Que eu pudesse de alguma forma acalentar seu coração. Ela contou, munida de uma coragem inacreditável, detalhes de tudo que acontecera. Relatou com lágrimas nos olhos os detalhes do sofrimento de sua filha nas mãos do homem que devia protegê-la. E cada palavra em sua boca queimou em meu coração.

Assim que seu depoimento se encerrou, ela levantou em direção à porta. Antes de sair, eu sorri, o coração pulando dentro do peito, quando vi um brilho tímido surgir em seus olhos.

Ainda havia esperança.

Concentrei-me nos outros depoimentos. Testemunhas, contradições, fatos inquestionáveis, um advogado tentando justificar o

injustificável e as alegações finais.

— Não há nem o que considerar. Agressão covarde contra uma mulher e uma criança. Requentes de crueldade. A violência doméstica não está só caracterizada no crime apurado aqui, mas também em toda a narrativa da vítima. Anos sofrendo as agressões do seu algoz. Seus relatos verossímeis não deixam espaço para dúvidas. Além disso, temos a fuga do réu. Não caracteriza culpabilidade, mas demonstra sua personalidade covarde. É um retrocesso qualquer decisão que não seja a condenação. Tirá-lo do convívio social é um serviço essencial para a sociedade.

Respirei fundo quando terminei de falar. Estava exausto psicologicamente. Tivera que me manter firme no restante do julgamento, quando tudo que queria era saber se ela estava bem. Uma vontade incontrollável que surgira do nada e estava me deixando cada vez mais confuso. Mal ouvia o que o advogado de defesa expunha, observando o processo em minha mesa. Abri na página exata que continha uma foto da vítima. Deus! Era dolorido pensar nela assim, como uma peça no jogo doentio que alguém criara. Observei atentamente seus olhos, as feridas ainda tão aparentes, e o brilho apagado de um olhar que só deveria refletir alegria.

Quando a voz do juiz se elevou, fechei a pasta e voltei a atenção para sua decisão. Estava um pouco nervoso, mas muito confiante em mais uma vitória. O protocolo da decisão foi seguido, e fiquei muito ansioso para ouvir a parte mais importante, o motivo de estarmos ali.

— Condenado...

Comemorei em silêncio quando ouvi a palavra ressoar pela sala. Talvez não fosse o suficiente para restaurar a vida daquela menina, mas com certeza a condenação do agressor seria o primeiro degrau para que ela voltasse a ter fé. Agora, tudo que precisávamos fazer era esperar que Dennis se entregasse ou que a polícia o encontrasse, fosse lá onde estivesse escondido. Só assim conseguiríamos devolver um pouco da paz que Larissa perdera e, talvez, a esperança de um futuro melhor.

Deixei a sala de audiência com a sensação de dever cumprido, mesmo que não tivesse visto o desgraçado saindo dali algemado. Eu acreditava na justiça, e sabia que mais cedo ou mais tarde ela chegaria

para Dennis.

Segui para o estacionamento correndo, pois alguns pingos de chuva desabavam de um céu escuro. Joguei a pasta no banco de trás do carro assim que cheguei até ele. Era a última audiência do dia, por isso, assim que sentei, retirei a gravata e o paletó, abrindo também os primeiros botões da camisa. Ainda era cedo, por incrível que parecesse. Em geral, nunca saía do fórum antes das sete da noite. Pelo menos teria tempo de passar em casa antes do jantar na casa do meu irmão. Clara daria a notícia a ele, e não via a hora de ver a reação do Alexandre quando descobrisse que seria pai mais uma vez.

Porém, quando virei a esquina, meus olhos imediatamente se fixaram no ponto de ônibus que ficava um pouco depois do fórum.

Era ela.

Em um ímpeto, parei o carro e abri a janela. A chuva já estava mais forte e tinha certeza de que em minutos ela estaria encharcada. Abaixei a cabeça para que pudesse me ver.

— Quer uma carona?

Larissa olhou de um lado para o outro, confirmando se eu estava falando mesmo com ela. O vento soprou, levando alguns pingos de chuva até seu rosto, e ela levou a mão à testa, afastando os fios de cabelo molhados. Seus olhos me encararam assustados e, mesmo que ela trouxesse uma doçura no olhar, ainda podia enxergar o medo no fundo deles. Confiar talvez fosse a parte mais difícil para quem tivera parte do seu mundo destruído.

— Não precisa, dr. Diego.

Não sei por que me senti diferente quando ela pronunciou meu nome. Seus braços abraçaram o próprio corpo enquanto eu ainda estava parado no mesmo lugar, à espera de que talvez ela mudasse de ideia. Quando não me olhou mais, eu insisti, mesmo sabendo que era um caminho que não deveria percorrer.

— Eu posso te deixar em algum ponto mais seguro, a chuva está aumentando.

O que eu estava fazendo? Não sabia, mas era errado pra caralho!

Ela me olhou mais uma vez com um pouco de raiva, não se

importando nem um pouco com o fato de que estava começando a ficar molhada. Seus olhos se semicerraram, buscando os meus com uma intensidade inédita até então. Em todas as vezes em que eu a encarara, ela sempre se escondera, baixando os olhos ou desviando o olhar. Mas daquela vez não. Era como se quisesse capturar toda a minha atenção. E acertou. Pois só tinha olhos para ela.

— Eu já disse que não precisa. Obrigada.

Engoli em seco.

Sua voz era autoritária e não restavam dúvidas de que ela me queria longe. Seu agradecimento final foi apenas um protocolo bem-educado para alguém que acabara de me ensinar qual era o meu lugar. Apenas assenti, envergonhado, pois sabia bem que minha conduta não era a mais adequada. Muito longe disso. Ela era uma garota marcada por um homem, e eu era um desconhecido oferecendo uma carona.

Olha, Diego, mais burro, impossível.

Fechei o vidro no mesmo momento em que o ônibus estacionou atrás do meu carro. Larissa correu até ele e entrou. Observei o veículo pelo retrovisor, apenas para ter certeza de que ela sequer olhara para mim.

— Tio Di. Tio Di.

Mal entrei pela porta e fui surpreendido por um minifurção ambulante. Vitória correu até mim e se jogou em meus braços. Seu cheirinho doce com certeza era o melhor aroma que sentira durante todo o dia. Aroma de inocência.

— Quem te deu esse vestido de princesa?

— Você — respondeu, o sorriso se alargando enquanto fazia cócegas em suas costelas. Ela se contorceu em meu colo e, quando disse que eu havia vencido, eu a pus no chão. Depois, segurou minha mão e me arrastou pela sala. Segui sem pestanejar. Era sempre assim. Aquele pacotinho cor-de-rosa me controlava. — Papai comprou um presente para a mamãe. É surpresa.

Assim que terminou de falar, parou e me olhou. Vitória realmente

não era a melhor pessoa para guardar segredos.

Dei meu melhor sorriso e fiz um sinal de zíper na boca. Ela sorriu, confiando seus segredos a mim. E, naquele momento, alguém surgiu em meus pensamentos. A filha da Larissa. Ela não estivera no julgamento. Fora liberada pelo juiz devido aos exames psicológicos. A garotinha não falava. Fiquei pensando em como uma pessoa podia machucar uma criança. Olhei para Vitória mais uma vez, e ela continuou sorrindo. O mundo dela éramos nós. Toda a confiança dela estava nas pessoas dentro daquela casa. Totalmente dependente do meu irmão e da Clara. Como alguém podia se aproveitar disso? Desse amor incondicional? Dessa pureza?

Ainda estava tão ligado àquele caso que sentia que só encontraria alívio quando o desgraçado fosse preso.

— Ora, ora, sem atrasos. É um milagre.

Meu irmão estava sentado em uma banqueta, próximo à ilha da cozinha, quando apareci em seu campo de visão. Clara estava do outro lado. Meus pais também estavam ali. Andei até minha mãe e lhe dei um beijo na testa. Abracei meu pai e segui até Alexandre.

— Falou o cara que dormia no escritório.

— Não faço mais isso.

— Claro. — Revirei os olhos. — A megera ali te pôs rédeas curtas.

Ele fechou a cara e ouvi o grito da Clara no mesmo instante.

— Eu não fiz nada. Não me envolvam na briguinha de vocês.

— Diego! — ralhou minha mãe, e eu sorri. Era engraçado vê-la chamando minha atenção, como se eu ainda fosse um moleque arteiro.

O interfone tocou, interrompendo meu momento nostálgico, e Vitória disparou para atender. Nem sei de onde ela saiu. Alexandre correu atrás, mas, antes de alcançá-la, a menina já estava assentindo para quem quer que estivesse do outro lado da linha. Balançou a cabeça e depois entregou para o pai.

— A dinda Lala tá aqui.

Alexandre pegou o aparelho um pouco bravo.

— Vai lá na sua mãe. Ela vai te dizer algumas regrinhas sobre não

atender o interfone. — Vitória saiu, cabisbaixa, mas Alê estava certo. Mesmo assim, era de cortar o coração ver como ela ficava sentida com a bronca do pai. — Oi, seu Alfredo. Eles podem subir.

Quando Alexandre voltou para a cozinha, Vitória estava no colo da mãe. Os olhinhos cheios de lágrimas e um bico que podia aquecer até os corações mais gelados. Inclusive o do meu irmão.

— Desculpa, papai. Não vou mais fazer isso.

Ela se jogou no colo do Alexandre e o abraçou.

— Muito bem, minha menina. Agora, vamos lá abrir a porta para a dinda Laís e o dindo Bruno.

Eles saíram e eu segui até Clara. Beijeí seu rosto com delicadeza enquanto ela ainda trabalhava para desenformar um pudim. O cabelo estava preso em um rabo de cavalo, e seu cheiro me lembrava Vitória.

— Você tá bem?

Ela apenas balançou a cabeça para a minha pergunta.

— Seus pais ainda estão viajando?

Clara sorriu.

— Um mês na Europa. Para quem nunca havia saído do país. Acho que meu pai enlouqueceu.

— Eles merecem.

— Aham.

Eu a senti um pouco desconfortável, e sua resposta sussurrada apenas reforçou minha suspeita. Mas não demorou muito para saber o que estava passando por sua cabecinha.

— Eu já contei pra ele.

Arregalei os olhos, cheios de surpresa.

— Acordei depois de um pesadelo na semana passada e o Alexandre não sossegou enquanto não disse o que estava acontecendo. Mas achamos melhor esperar um pouco pra contar pro restante da família. — Clara virou-se, recostando no balcão e observando Bruno e Laís entrarem na cozinha. — As primeiras semanas são as mais difíceis.

Segurei sua mão e apertei forte entre meus dedos.

— Tudo vai ficar bem.

Ela me encarou, um sorriso lindo tomando seu rosto.

— Eu sei. Porque eu tenho vocês. — Beijou meu rosto e se afastou, mas não antes de me provocar. — E você ainda tem que me contar como foi o encontro com a modelo.

Manuela. Minha doutora deu com a língua nos dentes.

— Vocês não conhecem o significado da palavra privacidade?

Clara apoiou a cabeça em meu ombro enquanto soltava uma risadinha bem cínica.

— Não quando temos que defender você.

Nem consegui responder, sabia que não chegaria a lugar algum com aquele assunto. As duas haviam cismado com Sofie, e tinha certeza de que seria em vão dizer qualquer coisa antes de elas se conhecerem.

— Dr. Diego. Como vai essa força? — Bruno, melhor amigo do meu irmão, me cumprimentou. Afastei-me da Clara e fui até ele e Laís, retribuindo.

O que podia dizer era que, havia alguns anos, o destino resolvera juntar mais do que um casal. Laís também era a melhor amiga da Clara, e os dois haviam se conhecido na mesma época que meu irmão encontrara sua menina.

Todos foram para a sala, e claro que o assunto girou em torno da advocacia. Bruno era advogado trabalhista e a conversa sobre essa área do direito muito interessava meu pai.

— Com certeza direito do trabalho seria minha segunda opção — meu pai confessou. — Pena que não houve nem chance.

Todos riram e o sr. Nelson deu de ombros. Minha mãe fez um carinho em seu ombro, e era sempre bom observar os pequenos detalhes que inspiravam tanto amor entre os dois.

Um grande e renomado advogado criminalista. Era isso que meu pai fora. Alexandre apenas seguira seus passos, herdando sua fama. Eu nem tanto. De alguma forma, sabia que minha vocação não era dentro do escritório. Era fora. Lutando para que algumas pessoas tivessem voz.

— Como está a promotoria, Diego?

— Abarrotada — suspirei, respondendo à pergunta de Bruno.

— Posso imaginar. Drogas?

Sacudi a cabeça.

— Também, mas violência doméstica chega a ser superior aos casos de tráfico.

— Estava conversando com a Clara sobre isso — Alexandre comentou. — Você acha que houve uma banalização da lei, mano?

Pensei muito no que responder. A verdade era que muitos casos eram arquivados antes mesmo de serem investigados. E a maioria a pedido da própria vítima. Havia muitos motivos para isso. Medo era o principal deles. E não somente o medo do agressor, mas também o medo de uma vida solitária. Elas eram submetidas a tantos abusos psicológicos que realmente acreditavam que aquele relacionamento era o único que poderiam ter. Uma espécie de escravidão. Incrível a capacidade de convencimento que os agressores têm. São meticolosos, sabendo exatamente em qual ponto tocar e com qual sentimento jogar.

— A verdade é que há *casos* e *casos*. Alguns realmente não são para serem resolvidos na justiça. E muitos apenas terão um fim se a justiça fizer alguma coisa.

Recebi diversos olhares de compreensão, mas nenhum deles se comparava aos que recebia todos os dias. A verdade era que só tínhamos um conhecimento superficial do que aquele tipo de relacionamento causava nas vítimas. Sequer tínhamos noção das consequências com as quais elas eram obrigadas a viver. Sabíamos que existiam feridas, mas desconhecíamos a profundidade e a extensão de suas dores.

— Não! Não! — Clara reclamou, enquanto punha a mesa com a ajuda de Laís. — Nada de assuntos jurídicos hoje. Estamos em clima de festa.

Meus pais se entreolharam, curiosos.

— E o que estamos comemorando? — minha mãe questionou.

A atenção estava toda em Clara e Alexandre. Eu ri baixinho, sabendo o que viria a seguir. O rosto da minha cunhada se transformou em pura alegria, e Alexandre a abraçou por trás, pousando as duas mãos cruzadas em seu ventre. O silêncio predominou no ar, até que Laís soltou um gritinho, sendo a primeira a descobrir o que estava acontecendo.

— Ai meu Deus! — Levou as mãos à boca, emocionada. — Vou

ser titia.

Minha mãe levantou, indo direto até Clara e a puxando para um abraço. Afagou o cabelo da nora e depois se afastou, beijando ambos os lados do seu rosto com muito carinho.

— Nossa, menina... — murmurou com a voz trêmula. — Que alegria, meu amor. Que alegria. — Foi até Alexandre e deu dois tapinhas leves em seu rosto. — E você? Sabia que seria um grande pai. Bastava ver suas atitudes com seus irmãos. Tenho tanto orgulho da família que construiu. Da mulher que escolheu para crescer junto.

Ao contrário da minha mãe, que segurava com elegância a emoção, assim que pus meus olhos no meu pai, ele se apressou em secar uma lágrima que rolava pelo rosto. O velho Nelson virou de lado, tentando disfarçar, esfregando os olhos como se algo tivesse caído neles. Ri de sua tentativa frustrada de parecer inabalável, mas a verdade era que meu pai estava prestes a se desmanchar por mais um neto. Sentia apenas por Priscilla não estar ali. Láis fez um bom escândalo, mas nada se comparava ao furacão que era minha irmã.

O que veio a seguir foi uma infinidade de abraços e beijos e muitos parabéns. Fiquei um pouco afastado, deixando que todos tivessem seu momento com a família, já que eu tivera a mesma reação no dia em que Vitória dera com a língua nos dentes. Quando chegou minha vez, Clara já estava chorando e Alexandre não saía do seu lado. Ele me olhou curioso quando me aproximei.

— Por que tenho a nítida impressão de que você não está surpreso? — disse, e eu dei de ombros, sorrindo um pouco. Foi Alexandre quem me puxou para um abraço. — Obrigado por sempre apoiá-la. — Ele puxou minha cabeça e beijou meu rosto.

Olha... Alexandre devia estar bem agradecido mesmo. Essas demonstrações de afeto tão explícitas não eram comuns em se tratando do dr. Ferraz. Pelo menos não quando não envolviam a Clara e a Vitória.

— Tá doente?

Meu irmão olhou de um lado para o outro e, quando viu Vitória nos braços da madrinha, xingou baixinho.

— Vai se ferrar, moleque.

— Agora sim parece mais com você.

Continuamos nos encarando, tendo a certeza de que muito estava sendo dito naquele momento. Alexandre sempre fora meu espelho. O cara por quem eu daria a vida se fosse preciso. Nossa relação era baseada em confiança. Do tipo que bastava um dizer ao outro *pule*, e nem perguntaríamos *de onde*.

— Vou terminar de servir o jantar.

Clara quebrou o silêncio, passando no meio de nós em direção à cozinha enquanto esfregava as costas das mãos nos olhos. Apertei forte o ombro de Alexandre e ele assentiu, balançando a cabeça e saindo atrás da esposa.

Quando deixei o apartamento de Clara e Alexandre, Vitória chorou um pouco. Toda vez que ia visitá-la, travávamos a mesma luta quando nos despedíamos. Ela grudava em meu pescoço e eu prometia mundos e fundos para a próxima vez que fosse vê-la.

Fui o último a sair e fiquei grato por Clara estar tão empolgada com o presente do Alexandre que ficara entretida durante boa parte da noite e se esquecera da Sofie. Já tinha um tempo que estava ajudando Alê a procurar uma casa na serra, mas fiquei surpreso com a notícia de que ele havia fechado negócio. Foi seu presente para o bebê que estava chegando e que, com certeza, já despertava um amor imenso em todos.

Dirigi para casa carregando uma sensação diferente no peito. A noite fora uma distração, mas, assim que a chuva começou a cair, a imagem dela voltou à minha mente. As lembranças surgiram com cada gota d'água que descia do céu. O olhar abatido e preocupado, as mãos trêmulas em seu colo, buscando algo para se apoiar. A voz que, mesmo relatando as maiores atrocidades a que fora submetida, não perdia a doçura.

Ajustei o retrovisor e olhei o processo dela ainda no banco de trás do carro. Uma ideia surgiu, mas era tão idiota que, segundos depois, voltei o retrovisor para o lugar, tentando esquecer de uma vez por todas o

que acabara de pensar. Eu tinha tudo sobre ela. Seu nome completo, telefone, endereço, sabia onde trabalhava, onde a filha estudava. Absolutamente tudo. Por mais que algo dentro do meu coração gritasse para procurá-la, ainda usava minha razão para afastar o sentimento que passou a martelar com insistência em meu peito. A cada pensamento que tinha sobre ela, apertava as mãos no volante até os nós dos dedos formigarem.

Não sabia o que estava acontecendo.

PRESENTE

Larissa

Fazia duas semanas desde o julgamento e ainda não recebera a notícia da prisão do Dennis.

O final de semana chegou e com ele a expectativa do que fazer com a folga do trabalho. Desde o acontecido e da fuga do Dennis, evitava sair de casa para fazer coisas desnecessárias. Vivia uma rotina muito bem elaborada, que não permitia erros ou acasos. Minha vida se tornara um emaranhado de regras que eu mesma impusera a mim e à minha filha. Engraçado, deveria ser ele a se esconder de mim, e não o contrário. Afinal, eu tinha um papel dizendo que podia seguir minha vida como se nada tivesse ocorrido. Mas não era o que acontecia. Era eu que andava pelas ruas observando todos os rostos que passavam por mim. Era eu que verificava portas e janelas pelo menos duas vezes além do normal. Era eu que não tinha amigos... que não tinha vida social... que não tinha sequer um futuro. E era por isso que, em dias como aquele, me sentia suspensa em um mundo do qual parecia não mais fazer parte. A sensação de não ter ideia do que fazer era aterrorizante.

Olhei para o lado oposto da cama e Malu ainda dormia agarrada ao seu bicho de pelúcia favorito. Ela o segurava com força e eu apenas observava minha filha em seu sono inocente, sabendo que em minutos ela acordaria para o pesadelo que vivíamos. Desde a noite em que chamara por mim, Malu não dissera mais nada. Tentei conversar com ela pela manhã, mas foi em vão. Entretanto, o que acontecera não deixava de ser uma centelha de esperança que voltava a se acender dentro de mim. Sua voz estava lá. Minha filha ainda estava lá. Em algum lugar,

se protegendo. Não podia culpá-la por querer se isolar do mundo através do silêncio. Eu mesma passara anos engolindo minhas próprias palavras. Talvez ela tivesse aprendido isso comigo. Um mecanismo de defesa. Se você não fala, não pode dizer nada de errado, não é mesmo?

Foi olhando para Malu que uma ideia surgiu, e por mais que fosse uma péssima ideia, ignorei a luzinha de alerta que começava a piscar sem parar na minha cabeça. Não podia mais deixar que ela sofresse as consequências das minhas escolhas. Levantei devagar da cama, fui até a mesinha de cabeceira e peguei o celular. Escrevi a mensagem, mas, ainda insegura do que estava fazendo, hesitei em enviar. Foram longos segundos ponderando prós e contras, mas quando meus olhos desviaram para a cama de novo, apertei *enviar* com um sorriso no rosto.

Rezei para ser atendida e fiquei extremamente aliviada quando, segundos depois, o bip da mensagem soou em meus ouvidos. Meu sorriso se alargou e, no mesmo instante, fui até Malu. Passando as mãos em suas costas e cabelos, eu a despertei com um beijo na testa. Preguiçosa, ela abriu os olhos, me fitando com ternura. Era tão bom vê-la acordar. Seus cabelos estavam bagunçados, formando quase um ninho de passarinho no topo da cabeça. Ela se espreguiçou um pouco antes de me dar meu sorriso de bom-dia. Um sorriso que transformava minhas manhãs. A melhor injeção de ânimo que eu poderia receber. Quando finalmente terminou de acordar, dei a notícia.

— Vamos passear?

Os olhos ficaram grandes demais em seu rosto infantil. Sabia que ela estava surpresa com a minha pergunta. Ainda me encarou como se analisasse se era realmente verdade o que eu estava dizendo. Então fez um gesto, balançando a cabeça para cima e para baixo com rapidez. Minha filha ficou de pé na cama e começou a pular e sacudir os braços, sem largar seu fiel companheiro azul de orelhas compridas. Queria chorar com a cena que assistia, mas decidi que era um dia de alegria e só por hoje aquele desgraçado não ia arrancar nada de mim.

— Então vamos para o banho rápido porque a gente vai sair depois do café da manhã.

Malu pulou da cama para o chão e, com passinhos rápidos,

atravessou o quarto a caminho do banheiro. Quase chegando à porta, parou e me encarou. Levantou sua pelúcia e pude enxergar a pergunta em seus olhos.

— Sim, meu amor, vamos levar o Nemo.

Ela voltou na mesma velocidade que tinha chegado ao banheiro e se jogou em meu colo, em um abraço apertado. Deixou Nemo do meu lado e enfim foi para o banho. Peguei o urso que ela ganhara da bisavó quando ainda era bebê e sorri ao acariciar as orelhas. Urso com nome de peixe. Esse era o mundo da minha menina.

Enquanto Malu tomava banho, organizei todas as coisas que iríamos precisar na nossa pequena aventura. Preparei uma mochila com todos os tipos de lanches que consegui fazer em casa. Tirei da geladeira algo que fizera no dia anterior, imaginando que passaria mais um fim de semana enfiada dentro de casa. Brigadeiros. De vários tipos. Recheados com frutas, castanhas e o tradicional. Arrumei-os em uma vasilha e pus por baixo de todos os outros lanches. Sabia que se Malu a achasse, não ia sobrar um para depois do almoço.

Quando terminei, fiquei impressionada com a naturalidade com que preparara tudo. Eram momentos como aquele que me faziam acreditar que talvez um dia tudo mudaria. E, para pessoas como eu, acreditar no *talvez* já era um grande começo.

Depois que a Malu terminou de se arrumar, pus um desenho para ela assistir e foi a minha vez de tomar banho. Não demorei muito. Mais uma coisa que abria mão: banhos demorados. De água caindo enquanto simplesmente pensava na vida. Quando voltei para o quarto, Malu estava no mesmo lugar, e isso me alegrou, pois significava que me obedecera quando disse para não sair do quarto. Procurei uma roupa confortável e acabei escolhendo um vestido amarelo que havia muito tempo não usava. Era simples, mas meus olhos se encheram de lágrimas quando o vesti e me analisei no espelho. Ele terminava cerca de cinco dedos acima dos joelhos, e aquele era o motivo de tê-lo esquecido no fundo do guarda-roupa.

Não era um vestido adequado.

— Mamãe está bonita? — perguntei, quando vi pelo espelho

Malu me encarando. Mais uma vez, ela acenou com a cabeça enquanto me olhava com admiração. — Que tal dizer pra mamãe então?

Seus olhos baixaram até encarar o chão. Deixei o espelho e fui até ela, apoiando o dedo em seu queixo, fazendo com que olhasse para mim.

— Não precisa ficar assim, meu amor. Mamãe sabe. Tudo bem?

Ela parecia envergonhada, mas não deixou de me olhar. Fui surpreendida por um abraço duplo. Malu e Nemo. Agarrei os dois em meus braços, sentindo o melhor e mais sincero carinho que poderia existir.

Quase uma hora depois, chegamos ao nosso destino. Malu carregava sua própria mochila e Nemo, enquanto eu a ajudava a descer do ônibus. Ela parecia não acreditar onde estávamos, e fiquei feliz por ter conseguido arrancar um sorriso mesmo antes de a surpresa estar completa. Ela segurou minha mão, olhou para cima e me encarou por um bom tempo, como se essa fosse sua forma de agradecer.

— Vamos logo — disse, quando lágrimas umedeceram os meus olhos. — São muitos brinquedos e só um dia para brincar em todos eles.

Ela fez que sim com a cabeça e atravessamos a rua. Ao chegarmos do outro lado, a segunda parte da surpresa esperava do lado da entrada do parque de diversões. Odete, a avó de Dennis, não conseguiu conter a emoção ao ver a bisneta e veio correndo em nossa direção. Odete sempre amara Malu, um amor de verdade, capaz de se virar contra a própria família para estar ao nosso lado. Assim como todas as outras pessoas, Odete não tinha ideia de que meu casamento perfeito não era tão perfeito assim. Ela, no início, também acreditava que eu era uma desastrada, que esbarrava em tudo e vivia escorregando sobre as coisas. Pequenos roxos em minha pele clara, que não chamavam tanta atenção quando as desculpas que usava eram tão naturais.

“O que foi isso, Lari?”

“Sabe que eu nem sei, dona Odete. Devo ter esbarrado em algum móvel da casa. É tão corriqueiro que, quando acontece, nem sinto mais.”

Por dentro, eu gritava. Dennis puxara meu braço com tanta força no dia anterior que seu dedo havia ficado marcado em minha pele. Às vezes me perguntava se as pessoas realmente não viam em nossos olhos uma mentira tão grande quanto aquela. A verdade era que deixávamos de enxergar sentimentos para acreditar em palavras. E palavras eram quase sempre manipuláveis. Dizíamos aquilo que os outros queriam ouvir. E acreditar era muito mais fácil do que questionar a realidade.

Quando tudo acontecera e a mentira fora exposta, Odete viera até mim e se dispusera a ficar ao meu lado. Estava com tanto medo que neguei. E fiz o que na época achava certo, privei minha filha do seu convívio, acreditando que a qualquer momento Dennis poderia tirá-la de mim através da bisavó. O medo ainda existia, mas por Malu eu o trancara no porão que passara a ser minha alma. E, olhando para o abraço cheio de saudade, tinha certeza de que fizera a coisa certa.

— Oh, minha menina, que saudade que a bisavó tava. Você tá tão linda. — Malu não respondeu, mas voltou a abraçar Odete, que ficou abaixada. — Você tá enorme. Quase do meu tamanho já.

Minha filha sorriu, gostando do que a bisavó disse. As pessoas passavam por nós, mas poucas observavam o momento tão especial protagonizado ali. Mais um exemplo de como não enxergamos sentimentos. Depois de um último abraço, Odete levantou e olhou direto para mim.

— Sinto tanto, querida.

— Eu também — respondi, ignorando o nó em minha garganta.

Agora era eu quem era abraçada. Me permiti o carinho que estava recebendo e retribuí da mesma forma, enquanto pensava sobre quanto tempo não era abraçada por alguém que não fosse a minha filha. Meus pais estavam tão longe que sequer cogitava correr até eles quando sentia que iria desmoronar, por isso demorei mais tempo do que o normal para me separar dela.

Quando nos afastamos, Odete ainda segurava minhas mãos.

— Queria que você soubesse que eu nunca permitiria isso, se pelo menos imaginasse que Dennis te tratava daquela forma. Ninguém quis me contar onde ele está. Preciso que acredite em mim, menina. Se eu

soubesse onde meu neto está se escondendo, eu mesma o entregaria pra polícia. Ele precisa responder por seus atos e pagar pelos crimes que cometeu contra você e nossa princesinha.

Eu assenti, querendo acreditar em suas palavras.

— Por favor, dona Odete, não vamos falar dele hoje.

Olhei para Malu e Odete entendeu que, apesar da necessidade daquela conversa, eu precisava que ela ficasse para outro dia. Não ia falar do maldito na frente da minha filha.

— Quem quer andar na roda-gigante? — Odete gritou entusiasmada, e Malu pulou para cima e para baixo, tão eufórica quanto ela.

Em poucos minutos, éramos apenas mais três pessoas — e um urso — no meio de uma multidão de pais e crianças. Malu parecia um pouco nervosa, mas logo começou a agir, dentro do possível, como uma criança da sua idade. Quando passamos pelo portão de um dos maiores parques de diversão da cidade, seus olhos se iluminaram e o sorriso passou a ser constante em seu rosto. Nem as filas monstruosas para os melhores brinquedos tiravam a alegria da minha filha. Dona Odete fez de tudo para o passeio se tornar ainda melhor, e logo estava carregando mais um urso e dois balões comprados por ela.

Malu soltou um gritinho de felicidade quando a roda-gigante começou a girar com nós três sentadas no banco, e fiquei impressionada com sua coragem. Em momento algum ela sentiu medo da altura em que estávamos. Quando nós duas fomos surpreendidas por um carrinho de bate-bate vindo em nossa direção, ela emitiu uma gargalhada que havia muito tempo eu não ouvia, e só parou de rir quando sentimos o impacto, mas logo o sorriso voltou a enfeitar seu lindo rosto.

Estava calor, por isso levantei seu cabelo e o preendi em um rabo de cavalo no alto da cabeça. Ela me olhou com ternura quando terminei de fazer isso.

— Parece uma princesa — Odete disse, enquanto retirava algo de dentro da bolsa. — Mas toda princesa precisa de uma coroa.

Malu e eu encaramos o objeto prateado em suas mãos. Uma linda coroa cravejada de cristais cor-de-rosa. Minha filha olhou para mim,

esperando que eu dissesse algo, e, quando acenei que sim, ela foi até a bisavó. Odete pôs a coroa em sua cabeça, prendendo com um grampo, e depois virou Malu para analisar o trabalho que acabara de fazer.

— Princesa Malu, hoje serei sua *bisa-madrinha* e vou te conceder um desejo. — Ela tocou a ponta do nariz da minha menina, que sorriu, esperando ansiosa. — Eu concedo a você toda a felicidade do mundo. De hoje em diante, haverá apenas alegria em sua vida.

O sorriso se alargou em seu rosto, mas morreu segundos depois. Odete olhou para mim e dei de ombros, sem entender o que estava acontecendo. Então, Malu levantou Nemo na direção da bisavó, e entendemos que ela também queria um desejo para o seu melhor amigo.

— E a você, Nemo, concedo a melhor amiga do mundo sempre ao seu lado. A princesa Malu sempre estará com você.

Talvez aquele fosse um dos melhores momentos da minha vida. A emoção de ver o brilho nos olhos da única pessoa importante para mim se alojou em meu peito e perdurou pelo restante do dia. Na hora do almoço, nos afastamos do centro do parque e procuramos o bosque que ficava logo atrás. Havia um espaço enorme, todo gramado e com diversas árvores fazendo sombra para as pessoas que, assim como nós, decidiram fazer um piquenique. Malu estava faminta e devorou o primeiro sanduíche em um piscar de olhos. Odete comprou suco gelado, e eu o despejei dentro do copo preferido da minha filha. Deixei a sobremesa por último e, quando abri o pote, Malu tentou pegar o brigadeiro.

— Primeiro a bisa, meu amor.

Ela olhou para a bisavó, esperando que pegasse logo o brigadeiro, para deixar o caminho livre para ela.

— Estes são recheados — disse a Odete. — Eu mesma fiz.

Ela escolheu dois. Levei a vasilha até Malu, que pegou um, enfiando-o rapidamente na boca. Sorrimos quando sua bochecha cresceu por causa do doce, e ela fez o mesmo.

— Meu Deus! — Odete exclamou. Malu comeu outro brigadeiro e sorriu para a expressão da bisavó, sabendo exatamente o que ela estava sentindo. — Isso está maravilhoso. O melhor brigadeiro do mundo.

Malu sacudiu a cabeça, concordando, e senti meu rosto queimar

com o simples elogio.

Passamos um bom tempo ali, debaixo daquelas árvores, esquecendo que havia um mundo do lado de fora e que, em pouco tempo, teríamos que enfrentá-lo. Brinquei com Malu de pega-pega e percebi que vez ou outra Odete tirava fotos nossas. Isso me incomodou um pouco, mas fiquei mais tranquila quando ela me mandou todas as imagens e depois as apagou do seu telefone.

— Posso deixar apenas esta? — perguntou, mostrando a tela do celular. Na imagem, Malu sorria para Nemo e ostentava uma coroa linda na cabeça.

— Claro.

— Queria te perguntar uma coisa — Odete aproveitou que Malu estava a certa distância para falar. Hesitei, mas depois acenei e ela continuou. — Como vocês estão vivendo? Quer dizer... Vocês estão precisando de algo? Um lugar para ficar? Dinheiro? Qualquer coisa? — suplicou.

Segurei sua mão e tentei confortá-la, pois sua voz parecia preocupada. Talvez ela se culpasse pelo que o neto fizera. Mas o único culpado por tudo era Dennis. Apenas ele.

— Estamos bem. Eu aluguei um cantinho pra nós duas e estou trabalhando em um restaurante. Malu está indo para a escolinha o dia todo e sempre que preciso, uma vizinha me ajuda com ela.

Ela começou a entender nossa situação.

— Gostaria que ficasse com isso.

Só me dei conta do que ela estava oferecendo quando abri o envelope e vi o cheque preenchido com uma quantia considerável.

— Não posso aceitar. — Devolvi sem ao menos pensar.

— Por favor, Larissa — ela insistiu. — Esse dinheiro não é do Dennis, é meu, e eu quero que seja uma forma de você cuidar da nossa princesa. Preciso que aceite. Só assim vou ficar um pouco mais tranquila.

Pensei em suas palavras, mas ainda assim não achava certo aceitar seu dinheiro. A mãe de Dennis fora obrigada pela justiça a pagar a pensão da Malu quando o filho desaparecera. Quando me separei pela

última vez, descobri que ele nos afundara em dívidas. O carro não era mais nosso e o dinheiro que tínhamos no banco havia evaporado. Claro que ele não se importava com isso. De caso pensado, ele me deixara na rua, com uma mão na frente e outra atrás, com a certeza de que eu voltaria correndo, pedindo perdão assim que a primeira dificuldade surgisse.

Mas isso não aconteceu.

Meses depois, Dennis se deu conta de que eu seguia minha vida sem ele, e isso foi a gota d'água para alguém que sempre me tivera sob suas ordens. Minha liberdade quase me matou.

Porém, tinha certeza de que dona Odete não aceitaria um não tão fácil, ainda mais diante de tantos argumentos plausíveis.

— Eu agradeço, de coração, mas prefiro que a senhora abra uma conta em nome da Malu.

Ela sorriu, aprovando minhas palavras.

Malu interrompeu o momento se jogando na toalha em que estávamos sentadas.

— Hora de irmos pra casa, mocinha — avisei.

No mesmo instante, Malu olhou para a bisavó, depois as duas me encararam.

Balancei a cabeça.

— Não vou tirá-la de você. — Dona Odete começou a chorar, e olhei para Malu. — Prometo que a bisa vai nos encontrar em breve. Podemos ir ao cinema na próxima folga da mamãe, o que acha?

Ela assentiu, gostando da ideia, e depois correu para os braços da bisavó. Mais uma vez me emocionei com o carinho que envolvia as duas e, pela primeira vez em anos, senti que as coisas poderiam melhorar.

Diego

— Dr. Diego, o senhor tem visita — disse Sol, depois de bater na porta.

Ergui uma sobrancelha, surpreso, porque não estava esperando ninguém e não fazia ideia de quem poderia ser. Vendo meu espanto, Sol pôs um sorriso no rosto e se adiantou.

— É a Manuela. Posso pedir pra ela entrar?

— Claro, por favor! — respondi, enquanto levantava para esperar minha doutora.

Salvei depressa o documento que estava escrevendo e, quando levantei a cabeça, vi Manu na porta. Fui até ela e a envolvi em um abraço. Levantei-a do chão e ela sorriu com o meu gesto. Seu cheiro era muito familiar, e só naquele momento me dei conta do quanto estava com saudade.

— Quando vocês voltaram? — perguntei, assim que a soltei.

— Ontem à tarde. Ainda estou exausta, mas queria muito ver meu melhor amigo.

— Amigo esse que você fingiu que não existia enquanto viajava pelo mundo na cola daquele roqueiro metido a besta.

Ela fez beicinho e isso já foi suficiente para me ganhar.

Dei a volta na mesa e Manu sentou na minha frente.

— É óbvio que não esqueci de você. Até trouxe um presente.

Ela levantou uma sacola de papel e vi a bandeira da Inglaterra estampada. Abri, um pouco ansioso, parecendo um menino diante de um brinquedo, e sorri para a caneca que retirei lá de dentro. Era branca, com vários pontos turísticos de Londres desenhados com finos traços escuros. Girei-a entre os dedos e vi a bandeira da Inglaterra, uma rodagigante, o Big Ben, uma xícara de chá, um ônibus de turismo daqueles

de dois andares, a Tower Bridge — a mais famosa ponte de Londres — e um guarda-chuva, além da frase “Deus salve a rainha”.

— Pra te fazer companhia durante as madrugadas. Enche esse troço de café e vai conseguir ficar acordado por algumas horas. Já cansei mesmo de falar que você precisa relaxar.

Minha amiga deu de ombros, tentando parecer brava, mas eu a conhecia muito bem para saber que ela estava com tanta saudade quanto eu.

— É perfeito! — provoqueei, e ela revirou os olhos. — E, para o seu governo, eu ando relaxando sim. Até fui a um jantar. — Terminei de cutucar a onça com vara curta. — Sofie é uma boa pessoa. Você e a Clara têm que parar com essa implicância gratuita.

— Não é implicância. — Remexeu-se na cadeira e pousou os braços cruzados sobre a mesa. — Só não acredito nessa historinha pra boi dormir que ela te contou. Ela poderia muito bem ter pedido ajuda pra alguém e voltado pro Brasil. Já que te ama tanto assim — finalizou, soando totalmente sarcástica.

— Não é assim que as coisas funcionam, Manu. Cada pessoa age de uma forma diante do medo e do perigo, e nem todas encontram força suficiente para admitir que não conseguirão sozinhas.

Sorri para ela, e Manu ficou tensa.

— Por que tá me olhando assim? — perguntou.

— Porque você sabe exatamente como pode ser difícil pra alguém lidar com erros.

Ela desviou os olhos, triste, e comecei a me arrepender do que dissera. Por anos ela guardara um segredo que poderia ter acabado com sua carreira médica. Tudo em nome do amor.

— Você gosta dela?

Surpreso com a pergunta, levei um momento para responder.

— Ainda é cedo pra falar em sentimentos. Eu sei que fomos felizes no passado, mas é complicado pensar no futuro. Mas ela é uma garota ótima, que você vai adorar conhecer.

O sorriso no rosto de Manu se alargou e ela andou até mim. Levantei, e ela parou em meus braços.

— Se você ficar feliz, eu também fico. É que... você é importante demais pra mim, príncipe. Se essa garota te magoar, sou capaz de ir atrás dela com um bisturi.

Gargalhei, pois sua ameaça era tão infantil quanto a carinha de brava que fez assim que nos separamos. Ela piscou para mim, pegou sua bolsa sobre a cadeira e, depois de jogá-la no ombro, saiu em direção à porta.

— Preciso ir — despediu-se. — Vamos marcar logo um jantar, então. Aproveita que estou dando uma chance da modelete me convencer. Vou combinar tudo com a Clara e te aviso.

Balancei a cabeça de um lado para o outro, sem acreditar que ela ainda tinha dado uma cartada final, mas caí na cadeira, derrotado, quando Manu assoprou um beijo e saiu sorrindo, sem ao menos se despedir.

Parte de mim ficou feliz que duas das pessoas mais importantes para mim tivessem aceitado dar uma chance a Sofie. Mas a outra parte questionava se eu realmente estava dando essa chance. Depois do jantar, havia três semanas, eu e Sofie saímos mais algumas vezes. Tínhamos ido ao cinema, a um parque e ao teatro. Este último encontro, no sábado, quase evoluíra para algo mais quando resolvi ir até o apartamento onde ela estava morando. Se não fosse a chamada de emergência de um amigo delegado, com certeza teríamos transado. Eu já estava sem camisa e Sofie sem a parte de cima da lingerie. Enquanto era solicitado para acompanhar um caso surreal, em que uma suspeita de furto havia dado à luz dentro da sala provisória da delegacia, observava Sofie encobrir seus lindos seios. Tinha que confessar que pensara duas vezes antes de deixá-la, mas não havia escolhido.

Os pensamentos sobre Sofie haviam se tornado bem constantes nas duas últimas semanas, e me perguntava se não havia outra explicação para minha repentina vontade de ficar com ela. No fundo eu sabia que algo me incomodava, mas não me permitia sequer pensar na possibilidade.

Respirando fundo, forcei meu corpo a levantar da cadeira e peguei um dos processos para levar até a sala do Fabrício.

— Preciso que este inquérito volte com cota para a delegacia de roubos e furtos.

— O que faltou dessa vez? — ele perguntou, me olhando por cima do notebook.

— Não tem avaliação dos bens subtraídos.

— Merda! — exclamou. Dei as costas, saindo, mas sua voz me deteve. — Verdade que uma grávida teve bebê na delegacia ontem? — Recordando do chamado do delegado, balancei a cabeça, confirmando. — Que loucura. E quem fez o parto?

— Dois investigadores. Fui lá pra ver as condições do lugar.

— Essa história foi parar no jornal hoje de manhã — comentou Sol, depois de deixar uma pilha enorme de processos em cima da mesa do meu assessor. — Audiências da semana.

Fabrizio levou as mãos à cabeça, e Sol sorriu com seu desespero.

— Ainda quer ser promotor? — perguntei, apontando para o amontoado de papel que quase não me deixava enxergá-lo.

Ele se inclinou, desviando-se do trabalho, e me encarou.

— Acho que vou pedir exílio no escritório do dr. Ferraz.

— Sinto lhe dizer, mas meu irmão te faria trabalhar ainda mais — disse, e ele sorriu.

Arqueei uma sobrancelha assim que vi minha caneta sobre sua mesa. Misteriosamente, ela sempre desaparecia da minha sala, e, mais misteriosamente ainda, sempre aparecia na sala do Fabrizio. Bati com ela na cabeça dele só para que se recordasse que a caneta era minha. Ele esfregou a testa de forma bem dramática, mas continuou sorrindo.

— E quem é o irmão bonzinho dessa história?

— Eu — respondi, ao passar pela porta.

— Tô muito ferrado — ainda o escutei dizer, enquanto caminhava de volta para a minha sala.

Na hora do almoço, Sol ligou perguntando se queria que ela trouxesse algo para comer. Ela almoçava em um restaurante próximo e, vez ou outra, levava uma refeição para a promotoria. A princípio, disse

que sim, mas depois de dois minutos liguei de volta e cancelei o almoço. Decidi ir a outro lugar.

Meia hora depois, estava no shopping. Sentei na mesma mesa da última vez, torcendo para ser a sua área de atendimento. Tentei não me questionar muito sobre o que estava fazendo, mas a verdade era que tinha consciência de que agia errado e, mesmo assim, não conseguia impedir minha mente de viajar com insistência até ela. Tirei o casaco e o pendurei na cadeira. De repente ficou muito quente, e fui obrigado a afrouxar a gravata, mas duvidava que a reação tinha sido ao clima. Estava mais para nervosismo mesmo.

— Boa tarde! — Uma voz doce, quase sussurrada, chamou minha atenção. Nunca duas palavrinhas haviam feito meu coração disparar tão rápido.

— Boa tarde! — respondi, olhando seu rosto. Parecia a mesma menina que sentara na cadeira do fórum havia duas semanas, mas sentia, através do brilho em seu olhar, que as coisas tinham começado a mudar. Sua expressão dizia com clareza que ela me reconhecia, por isso emendei o assunto. — Tudo bem?

Larissa me lançou um sorriso tímido e balançou a cabeça.

— Na medida do possível — respondeu, com um pouco de descrença. — Ele ainda não foi encontrado, né?

Neguei com a cabeça, e pude enxergar a decepção tomar seu lindo rosto.

— Mas estamos buscando informações, e espero que isso aconteça em breve. A equipe de investigadores da delegacia responsável pelo seu caso é excelente, não duvido que já estejam na cola do Dennis.

Ela segurava um bloco de anotações nas mãos, pronta para anotar meu pedido, mas fiquei em silêncio, e ela, hesitante, continuou nossa conversa.

— Obrigada por tudo que fez, dr. Diego.

Fiquei nervoso com o agradecimento, e confesso que ele atingiu um ponto diferente em mim, pois minhas mãos começaram a suar de imediato, mesmo sabendo que não merecia as palavras que ela dirigia a mim. Respirei fundo e deixei claro que não havia feito mais do que

minha obrigação. Ela apenas continuou com aquele sorriso tímido, que deixava seus olhos um pouco fechados e as bochechas coradas. O cabelo preso moldava seu rosto, e os olhos castanhos emitiam uma doçura sem igual. Poderia me perder em seu olhar, tamanha a calma que me fazia sentir.

— Sua filha, como está?

Larissa levantou o rosto e me encarou, um pouco surpresa com a pergunta. Logo seus olhos desviaram e vi o brilho de antes ser substituído pela tristeza. Era fácil enxergar os sentimentos que tomavam conta dela, pois todo o seu rosto refletia o que parecia sentir. A boca se fechou em uma linha fina e as sobrancelhas se juntaram no meio da testa, uma expressão desconfiada.

— O senhor realmente sabe tudo sobre mim?

— Por favor, é só Diego ou você. Nada de senhor. — Ela assentiu. — E a resposta é não. Eu apenas sei da parte ruim.

— É só o que tem.

Não fiquei surpreso com sua resposta, pois estava tão acostumado a lidar com vítimas de abusos domésticos que era normal conviver diariamente com baixa autoestima e vários outros sentimentos negativos. Mesmo assim, me incomodava saber que Larissa achava que não havia nada de bom em sua vida.

— Pelas fotos, você tem uma filha linda, e tenho certeza de que não acha isso uma parte ruim, ou não teria suportado tudo que viveu apenas para protegê-la.

Ergui uma sobrancelha, esperando que ela concordasse, e senti uma onda de alívio me atingir quando Larissa me lançou um sorriso.

— Ela é toda a parte boa — afirmou. — Desculpa, é que é um pouco esquisito ter uma pessoa estranha sabendo quase tudo da sua vida.

— Imagino que deva ser — concordei, encarando seus olhos.

— Você pode fazer agora.

— O quê? — perguntei, com a sensação de ter se passado muito tempo.

— O pedido.

— Ah, sim — disse, envergonhado.

De repente, não estava mais com tanta fome. Na verdade, não sentia fome alguma, mas fiz o meu pedido por dois motivos. Passaria atestado de maluco se fosse embora sem almoçar. E, segundo, porque queria ficar mais ali, mesmo que não voltasse a vê-la. Sentia que ela estava ali, e isso me bastava. Como ela havia dito, era estranho, porque eu sabia quase tudo sobre ela, e ainda assim sentia uma vontade absurda de escutá-la dizer qualquer coisa que fosse.

Larissa pegou meu pedido, mas, para o meu azar, foi um rapaz que trouxe a refeição. Almocei enquanto meus olhos a procuravam pelo restaurante. Poucos segundos depois de terminar, ela voltou até minha mesa, e foi impossível segurar o sorriso assim que a vi na minha frente.

— Sobremesa?

Eu estava cheio até a tampa.

— Claro! O que você sugere?

— Temos petit gâteau, doce de leite e... — olhou de um lado para o outro — meus brigadeiros.

— Seus? — perguntei, sem entender.

— Eu que faço.

Sua inocência ao ficar envergonhada ao oferecer o próprio doce foi algo que mexeu demais comigo. Mostrava que ela estava tentando seguir adiante, mesmo que ainda fosse difícil falar alguma coisa boa sobre si mesma.

— Adoraria os brigadeiros. Poderia embalar pra viagem? Vou aproveitar e levar alguns...

— Pra sua esposa — completou.

— Não tenho esposa.

— Desculpa — pediu, ainda mais envergonhada. — Supus que estava levando para a moça que estava com você naquele outro dia.

Só então comecei a entender o que ela dizia. Larissa falava da Clara.

— Acertou uma coisa e errou outra. Vou levar justamente para a moça que estava comigo naquele dia. Mas ela é minha cunhada, esposa do meu irmão. E agora também é uma grávida faminta, que pode me matar se souber que comi brigadeiros sem ela.

— Ai meu Deus! — exclamou. — Não quis ser intrometida, dr. Diego. Eu só pensei...

Ela se calou, sabendo que havia dito mais do que devia. Eu, por outro lado, estava adorando nossa conversa, e não me importava nem um pouco de estendê-la por mais um tempo.

— Ela é como uma irmã pra mim.

Tinha certeza de que Larissa podia sentir o carinho com o qual falei sobre Clara, pois seus olhos voltaram a brilhar como antes. Ela me deu um sorriso mais lindo do que todos que já havia recebido dela, e enfiou o bloco que segurava nas mãos dentro do bolso do uniforme.

— Vou preparar os brigadeiros. Com licença.

Eu a observei andar até a parte de trás do restaurante. Durante o caminho, seus olhos vasculhavam todo o lugar, e reconheci que isso era uma forma de defesa, como se ele fosse aparecer a qualquer momento. Um nó se instalou em minha garganta quando cheguei a essa conclusão. O desgraçado ainda estava à solta, e ela, presa em seu próprio medo. Cartas trocadas em um jogo que eu não desejava para ninguém.

Vesti meu paletó e esperei por ela depois de pagar a conta. Minutos depois, Larissa surgiu ao meu lado e me levantei. Ela era pequena perto de mim, e isso a obrigava a olhar para cima para me encarar. Peguei de sua mão o pacote feito de papel pardo e senti nossos dedos se tocarem. Um milésimo de segundo que quase explodiu meu coração.

— Espero que goste. Minha filha ama.

— Tenho certeza de que também vou amar.

Larissa

Ele saiu do restaurante com o pacote que eu havia feito e, antes de desaparecer entre as portas, olhou por cima do ombro e sorriu. No mesmo instante, me movi, envergonhada por ele ter visto que ainda o encarava. A verdade era que acompanhara todos os seus passos desde que se afastara de mim.

Mais cedo, assim que sentara à mesa, eu o reconhecera — como se fosse possível o contrário. Seu rosto de imediato me levou de volta para o julgamento do Dennis. Ele ainda me olhava com os mesmos olhos daquele dia, como se me conhecesse. E o pior era saber que realmente conhecia. Talvez ele fosse a pessoa que mais sabia sobre mim. Cada detalhe, cada dor, cada medo. Esse homem sabia tudo. E mesmo assim nunca via julgamento em seu rosto. Sempre, quando alguém que conhecia minha história me olhava, era isso que procurava: o preconceito nos olhos dela. Mas ele? Nada. Tudo que via era um homem extremamente educado, que parecia ter como objetivo de vida ajudar as pessoas, pois me defendera durante aquele julgamento. Até seu “bom-dia” era perfeito aos ouvidos. Só que agora, além da vergonha de ter sido pega no flagra enquanto o olhava, tinha que lidar com o fato de que me metera em sua vida ao falar da suposta esposa que nem existia.

— Onde eu estava com a cabeça? — murmurei sozinha.

— Até hoje você não sabe? — uma voz chamou minha atenção e meu corpo inteiro começou a tremer. Fiquei estática, com medo de virar e ser apenas uma invenção da minha cabeça, ou o desejo insano de voltar ao passado, para um momento da minha vida em que ainda tinha controle sobre ela.

Fazia muito tempo que não tinha notícias dela, mas isso não

impediu que eu reconhecesse sua voz. A mesma que sempre implicava comigo quando eu chegava à escola sem nenhuma maquiagem. A mesma que insistia em me dar conselhos que eu sequer cogitava seguir, pois eram os mais absurdos possíveis. A mesma que me implorara para escolher seu irmão. A mesma que me condenara quando eu a abandonara no momento em que mais precisava de mim.

Virei devagar, pois em meu peito crescia uma força que insistia em dizer que fugir não era mais uma opção.

— Como vai, Janaína? — disse, assim que dei de cara com minha melhor amiga. Aquela que havia muito tempo já fazia parte do meu passado.

PASSADO

Dennis havia saído para o trabalho.

Sabia disso porque escutara a porta da garagem se abrir e, logo depois, sua motocicleta acelerar. Ele não se despedira, não dissera bom-dia, não pedira desculpa. A última opção eu nem esperava mais. Não era uma palavra que usava com frequência.

Eu estava dormindo no quarto de hóspedes mais uma vez. Da última vez que brigamos, fiquei ali por uma semana, até que ele me convenceu de que eu estava exagerando, e então voltei para o nosso quarto. Ele sempre me convinha. Suas palavras me soavam tão verdadeiras que, mesmo que eu tivesse uma opinião formada sobre o assunto, acabava concordando com ele, pois parecia o certo a ser feito.

Assim tinha sido no dia anterior, quando me proibira de visitar o Matheus. Na verdade, essa briga não era a primeira que tínhamos por causa do meu amigo. Desde a formatura, eu vinha tentando convencer meu agora marido de que tudo que sentia por Matheus era um carinho de amigo, talvez até irmão. Mas ele sempre fora irredutível, e eu me sentia cada vez mais sozinha por isso, pois até Janaína se afastara de mim. Mesmo depois de, mais uma vez, concordar com ele, Dennis decidiu que precisava dormir sozinho

para pensar em nosso relacionamento. Então eu deixei a nossa cama.

Mas quando acordei, comecei a pensar e pensar, e sentia que concordar não era uma opção. Pelo menos não agora. Matheus precisava de mim.

Em todas as outras vezes eu cedera, porque Dennis não achava certo uma mulher casada ter tanta intimidade com outro homem como eu tinha com Matheus. Sabia do ciúme do Dennis, por isso evitava provocá-lo com atitudes que, com certeza, ele não aprovaria. Mas dessa vez era diferente, e ele sabia disso. E por isso eu chorava. Mesmo sabendo de tudo que estava acontecendo, seu ódio pelo Matheus não diminuiu, pelo contrário, percebi que só aumentara.

Já estava decidida. Sabia o que deveria ser feito.

Tomei um banho rápido e me vesti mais rápido ainda. Não podia perder tempo, ele não costumava andar a meu favor. Quando cheguei na frente da casa carregando apenas minha bolsa de mão e o celular, observei o carro estacionado na garagem. Sempre tivera vontade de dirigir, Dennis prometera me ensinar, mas nunca estava disponível, sempre trabalhando demais. Por isso eu tinha que correr até a próxima rua para pegar o ônibus até o hospital. Se tivesse um bocado de sorte, chegaria a tempo do primeiro horário de visitas.

Enquanto o ônibus fazia o trajeto, recebi uma mensagem de texto. Não quis abrir, com medo, e comecei a pensar no que poderia estar escrito. Minhas mãos gelaram. Se Dennis tivesse voltado do trabalho e descoberto que eu havia saído escondida, com certeza me mandaria embora de casa. Ele odiava mentiras. E era exatamente o que eu estava fazendo.

Respirei fundo depois de se passarem alguns minutos e deslizei o dedo pela tela do celular, não podendo mais ignorá-lo.

Tenho certeza de que você pensou melhor, meu amor. Você sabe que não posso viver sem você, não sabe? Tudo que faço é pelo nosso casamento.

Meus ombros caíram, aliviada.

Suspirei chorosa, porque eu o amava muito, e mesmo ele exagerando um pouco às vezes, sentia que havia amor em seu coração. Pensei em responder que também não poderia viver sem ele, mas o fato de estar mentindo me fez recuar. Decidi guardar o celular na bolsa e responder mais tarde, quando já

estivesse em nossa casa.

Quando cheguei ao hospital, fui tomada por uma onda de medo. Se algum conhecido de Dennis me reconhecesse, não sabia o que ele seria capaz de fazer. Passei rápido pela recepção, sempre tentando me esconder de todos que cruzavam meu caminho. A recepcionista me informou o quarto e disse que ainda havia quinze minutos de horário de visita.

— Obrigada! — agradei com um sorriso.

Era tempo suficiente.

Caminhei pelos corredores iluminados daquele hospital, imaginando o que minha amiga estava vivendo depois de meses praticamente morando ali, para ficar ao lado do irmão. Podia imaginar seu desespero, sua angústia, a tristeza de estar lidando com a doença da pessoa que mais amava. A última vez que vira Janaína, ela nem parecia ser uma garota de dezenove anos. A verdade era que eu também não. Abrira mão de muita coisa nos últimos três anos e me transformara em uma pessoa que começava a não reconhecer mais.

Cheguei à porta que haviam me indicado e segurei forte a alça da bolsa em meu ombro, como se ela pudesse me dar algum tipo de coragem. Bati e escutei sua voz quase irreconhecível, dizendo que eu podia entrar.

Então abri, mas não acreditei quando o vi sobre a cama. Matheus sorria para mim e eu apenas tentava não soar tão abalada, porque era exatamente assim que me sentia. Esmagada! A sensação era de que algo muito forte havia me atingido, tirando totalmente meus sentidos. Só conseguia olhar para o homem que costumava andar pelos corredores da escola atraindo olhares e suspiros, e que agora parecia mais um amontoado de pele e ossos. Seus cabelos negros e lisos haviam dado lugar a uma cabeça raspada que o deixava ainda mais abatido. Os olhos estavam fundos, envoltos por olheiras que mais pareciam círculos roxos pintados à mão.

— Vai ficar aí na porta? — perguntou, a voz soando um pouco mais alta. — Vamos, Lari, entra. Câncer não é contagioso.

Fui golpeada no estômago com suas palavras e me senti mal assim que elas atingiram meus ouvidos. Caminhei até a cama quase contando os passos, e segurei sua mão assim que o alcancei. Meus olhos já queimavam, não conseguindo evitar a vontade de chorar. Fingi-me de forte, mesmo desmoronando por dentro.

— *Como você tá?*

— *Morrendo.*

— *Matheus! — repreendi.*

Em outra época, socaria seu ombro, mas achei que ele não aguentaria sequer um empurrão.

— *O quê? — Fez uma cara de desentendido. — Eu tô mesmo. Ainda mais agora, com a sua visita. Tenho certeza absoluta de que você aqui é uma das coisas que eu ainda precisava resolver na terra para enfim partir ao encontro da luz.*

Ele sorria tão naturalmente que eu já nem sentia mais raiva por seu humor mórbido.

— *Tipo Ghost? — sorri de volta.*

— *Tipo Ghost.*

Puxei uma cadeira que estava um pouco afastada e sentei ao seu lado, sem soltar sua mão. Ficamos em silêncio por um bom tempo, apenas nos olhando, e acreditei que ele, assim como eu, estava viajando por todas as coisas que fizéramos nos anos em que estudáramos juntos. Isso me incomodava um pouco, pois me sentia culpada por ter me afastado dele, mas ainda preferia olhar seu rosto a observar toda a parafernália que estava ligada ao seu corpo, provavelmente o mantendo vivo.

— *Estava com saudade.*

— *Eu também. Sinto muito por tudo isso — disse, e naquele momento uma lágrima fujona escapuliu sem que houvesse tempo para impedi-la.*

— *Não chora, minha linda. A morte é a única certeza que temos na vida. Algumas pessoas vão mais tarde, outras mais cedo. E eu estou indo agora.*

— *Por favor, Matheus, para de fazer graça com isso.*

Apertei sua mão e ele encarou nossos dedos entrelaçados. O sorriso morreu em seu rosto e eu me senti mal por tê-lo deixado chateado.

— *Desculpa, é que eu...*

— *O que é isso? — ele perguntou.*

Ele estava com a mesma expressão no rosto enquanto levantava minha mão.

Entrei em pânico ao notar o que ele mostrava. Um nó subiu até a garganta e se instalou ali, me deixando muda. Puxei a mão, mas Matheus não soltou, e seu polegar passou a acariciar o hematoma que havia ali. Era muito pequeno. Do tamanho exato de um dedo.

— Quem fez isso? Foi ele? — Sua voz soava cada vez mais alta. — Por Deus, Lari, aquele desgraçado tá te machucando?

— Não! — obriguei-me a dizer. Puxei com mais força e dessa vez ele soltou. Levantei a mão, apertando o pulso, e desviei os olhos dele. — Foi um acidente. Eu ia cair, então Dennis me puxou com força. Só isso.

Ele bufou.

— Você não pode ser tão inocente assim. E não acredito em nenhuma palavra do que você disse.

— É verdade — continuei mentindo para ele e para mim.

Quando terminei de falar, Matheus teve um acesso de tosse. Seu corpo magro sacudiu sobre a cama e levantei desesperada, porque ele parecia sem ar.

— Vou chamar alguém. Cadê a Janaína?

Ele segurou minha mão e me impediu de sair do lugar. Sua respiração voltou ao normal aos poucos, mas por dentro eu ainda estava em pânico com a ideia de que ele poderia morrer bem na minha frente. Apertei de volta, sabendo que não havia mais o que dizer. Nenhuma desculpa faria Matheus esquecer o que vira. Então abaixei a cabeça e fiquei em silêncio, pois no fundo eu sabia que estava errada. Apesar de não querer estar.

— Você precisa me prometer que vai deixar esse cara.

Balancei a cabeça.

— Eu não posso.

— Sim, você pode. E vai fazer. E quando não estiver mais com ele, vai se lembrar de mim. Nos últimos anos, tudo que vi foram seus olhos se apagarem e seu sorriso morrer. Não posso deixar você sem saber que vai ficar bem. Então preciso que me prometa, Lari.

Ele parecia tão desesperado que eu faria qualquer coisa para aliviar seu sofrimento. Então fiz o que me pediu. Dei um sinal com a cabeça, aceitando suas palavras.

— Eu prometo.

Seu peito subiu e desceu depressa, e ele suspirou antes de me fitar com

o mesmo olhar de quando ainda frequentávamos o ensino médio.

— Bom. Agora me conta o que fez nos últimos meses.

Não havia muito para contar, por isso decidi omitir muitas coisas e mentir outras diversas. Falei para Matheus que havia me matriculado em um cursinho e que já estava olhando algumas faculdades de gastronomia. Ele sabia da minha paixão pela cozinha e ficou feliz quando contei sobre todos os pratos em que andara me aperfeiçoando. Essa parte era verdade. Todos os dias tentava preparar um jantar diferente. Dennis amava me ver cozinhando para ele. Falei também de como fora emocionante a prova de direção e que ele estava falando com uma mulher motorizada. Seus olhos brilharam de orgulho e eu estava prestes a vomitar diante de tantas mentiras. Mas a verdade era que, em se tratando de Matheus, não podia confiar no tempo, e o fato de ele poder morrer a qualquer momento me fazia querer deixá-lo feliz.

E eu consegui.

Ele gargalhou quando lhe fiz um resumo inusitado da minha série favorita.

— E todo mundo morreu — finalizei.

Ele arregalou os olhos, consternado.

— Esse foi o pior spoiler que já recebi na minha vida.

Dei de ombros.

— Você queria o quê? É Game of Thrones.

Ele sorriu de novo, mas de uma forma mais contida, como se estivesse recordando algo bom. Fiquei ali, apenas olhando o cara que sempre estivera ao meu lado, meu melhor amigo. Ele me encarava de volta e fiquei um pouco constrangida com a intensidade do seu olhar. Era assim que ele me olhava sempre. Com muita paixão. Durante muito tempo, desviei das suas investidas, mas hoje não. Hoje me permiti recebê-lo, pois sabia que poderia ser a última vez que seu olhar seria para mim.

Escutamos a porta abrir e me afastei depressa, nosso momento sendo quebrado.

— Você não vai acreditar como a lanchonete estava cheia, maninho.

Fiquei de pé.

— Oi, Jana — cumprimentei-a de supetão, mas ela não fez o mesmo.

— Olha, só... — disse, cheia de sarcasmo. — O que está fazendo

aqui?

— Vim ver o Matheus.

— Isso é óbvio. Mas por que só agora? — minha amiga perguntou, a voz tremendo de raiva. — Por que só depois de seis meses que ele vem lutando contra esse maldito câncer que a princesinha resolveu dar as caras? Veio conferir se ele vai morrer mesmo?

Engoli em seco, abatida por suas palavras.

Queria contar para ela todos os motivos que me fizeram deixá-los, mas as palavras pararam em minha garganta e era impossível dizer qualquer coisa, quanto mais tentar explicar as escolhas que fizera. Pus a outra mão sobre o pulso, com medo de que, assim como o irmão, ela enxergasse o que eu não queria mostrar. Vendo meu desconforto, Matheus interferiu, tentando acalmar a situação entre nós duas. No mesmo instante, Janaína recuou, fazendo tudo pelo irmão.

Ela não saiu do quarto nos minutos que ainda restavam, mas não conversamos mais. Quando meu celular tocou, dei um pulo na cadeira, tremendo junto com o aparelho. Abri a bolsa devagar e vi o nome do Dennis piscando na tela. Me apavorei e levantei depressa, pegando minhas coisas e pronta para voltar para casa. Matheus me olhou, um pouco decepcionado, mas não comentou minha súbita mudança de comportamento.

— Realmente eu preciso ir — disse, sem saber muito bem como me despedir. Fui até ele, que me puxou para um abraço, e me deitei em seu peito, rezando para não chorar. Sob todo o cheiro de hospital, ele ainda cheirava a Matheus, e minha vontade era ficar o dia todo descansando em seus braços. Mesmo magros, eles me davam a sensação de proteção.

Janaína olhou de longe, não sendo capaz de escutar o que o irmão sussurrou em meu ouvido:

— Você é seu próprio sol. Não é necessário mais ninguém para que você possa brilhar. Só você.

Beijei-lhe na testa e segurei o choro, que já ameaçava surgir com tudo e ficou ainda pior depois de suas palavras tão carinhosas.

— Fica bem, o.k.?

— O.k.! — ele disse, sorrindo, mas nós dois sabíamos que ele não ia ficar bem.

Antes de eu sair do quarto, Janaína segurou meu braço para que eu a olhasse. Sentia tanta falta dela. Da sua amizade e até de seus conselhos malucos. Mas algo brilhava em seu olhar, e eu tinha certeza de que ela não compartilhava das mesmas lembranças que eu.

— Nunca vou te perdoar, entendeu? Espero que Dennis te faça muito feliz, pois você perdeu as duas pessoas que mais te amavam quando o escolheu.

Comecei a chorar porque Janaína também chorava, e eu sabia, no fundo, que a doença do Matheus não levaria apenas ele de mim, mas também minha melhor amiga.

Deixei ambos para trás sem saber que aquela seria a última vez que os veria.

Quando cheguei em casa, a porta estava aberta. Fiquei parada no portão, com o coração batendo descontrolado, pois aquilo não poderia ser uma coisa boa. Peguei o celular dentro da bolsa e não havia mais nenhuma mensagem do Dennis. Isso também não era um bom sinal. Em geral ele me ligava com insistência quando não atendia na primeira vez.

Respirei fundo e obriguei minhas pernas a seguirem em frente, quando tudo que elas queriam era me levar para o conforto dos braços do meu amigo. Caminhei devagar, um passo depois do outro, uma respiração depois da outra. Terminei de abrir a porta e o vi sentado no sofá. Ele segurava um porta-retratos na mão e olhava para a nossa foto com tanto amor que no mesmo instante voltei a chorar.

— Por que fez isso? Por que mentiu pra mim?

Eu fungava enquanto ouvia suas palavras.

— Eu precisava vê-lo. Ele está morrendo.

Dennis levantou do sofá em um rompante e caminhou até mim. Senti seu cheiro impregnar meu nariz e pude identificar cada aroma que exalava. No primeiro momento, não questionei como ele sabia que eu havia ido ao hospital, apenas me sentia culpada por isso.

— Vai voltar lá? Vai me trocar por ele? — perguntou, lançando um olhar que eu conhecia muito bem. Via lágrimas em seus olhos, mas também via raiva, e ela se sobrepunha a qualquer outro sentimento que pudesse existir em seu coração naquele momento. Mas eu sabia que existia amor, ou ele não pediria tanto de mim. A gente só esperava algo de quem amávamos, não é

mesmo?

— Não! — respondi em um sussurro.

Ele sorriu com minha escolha de palavras.

Sua mão viajou até meu rosto e, depois de acariciar minha bochecha, segurou meu queixo para que o olhasse. E lá estava ele de volta. O Dennis por quem havia me apaixonado. O menino que segurara a porta do ônibus para mim e que se tornara meu marido um ano depois.

Eu me encolhi.

Meu corpo ainda continuava em pé, mas não por dentro. Por dentro eu me tornava pequena perto dele, com vergonha e arrependida de ter feito tudo que fizera. A verdade era que eu poderia ter agido de outra forma. Agora tinha certeza disso. Vendo seus olhos tão cheios de carinho, entendi que, se tivesse insistido um pouco mais, Dennis nunca recusaria meu pedido.

Ele me abraçou com tanta força que senti seus braços encostando em meus ossos. Quando se afastou, foi apenas para me beijar com volúpia e rigidez. Me rendi a ele e aos seus encantos ali mesmo, no chão da sala. Ele arrancou cada peça de roupa que cobria meu corpo e me deixou nua.

— Você é minha. Seu corpo é meu.

Ele segurou meus pulsos acima da cabeça e passou a me penetrar com força. Seus olhos nunca deixavam os meus, e ele chorava enquanto fazíamos amor. Mesmo assim, sabia que ele estava me castigando, ao mesmo tempo que marcava meu corpo como sua propriedade.

— Vira.

Dennis me pôs de quatro e meus joelhos ficaram doloridos no chão duro. Ele não parava um segundo de falar que eu era só dele e que me amava, até que gozou, depois de urrar como um animal ferido.

Ele adormeceu quando se sentiu saciado e eu fiz o mesmo. Quando acordei, ele não estava mais lá. Levantei devagar, o corpo ainda dolorido do sexo intenso. Sentei no sofá enquanto tentava ordenar os pensamentos. Dennis mexia tanto comigo que sempre me sentia confusa na sua presença. Não conseguia entendê-lo, suas súbitas mudanças de humor e a forma como me tratava. Seus olhos iam de amor a raiva em questão de segundos.

Com mais calma, tomei um banho e me senti revigorada. Ainda estava triste por Matheus, mas com a consciência enfim tranquila. A única coisa que

ainda pesava em meu coração era a conversa que havia tido com Janaína. Decidi mandar uma mensagem para marcar um encontro. Anos de amizade não poderiam terminar daquela forma.

Foi então que, depois de procurar por toda a casa, percebi que meu celular não estava em lugar algum. Eu havia deixado o aparelho no sofá. Tinha certeza. Olhara para ele segundos antes do Dennis arrancar minha blusa.

Deixei meu corpo cansado cair na cama e me permiti chorar enquanto me enrolava nas cobertas. As lágrimas desciam uma atrás da outra, e a única coisa que eu conseguia me perguntar era por que Dennis havia feito aquilo.

Quebrando a conexão com os olhos de Janaína, como se eles fossem um tipo de passarela para o passado, eu me afastei, sentindo um medo absurdo de ser humilhada na frente de todas as pessoas que estavam naquele restaurante. Não havia dúvidas de que ela ainda me odiava, e eu não a culpava por isso. Nos encaramos por um longo tempo e fiquei muito surpresa quando ela segurou minha mão e me olhou nos olhos. O que veio a seguir fez desmoronar o muro que eu tentava erguer em volta do meu coração. Ela disse palavras carregadas de um sentimento que eu não estava mais acostumada a receber: carinho.

— Eu sinto muito por tudo que te aconteceu, Larissa!

Diego

Por mais que Manuela estivesse disposta a organizar o jantar, eu não cometeria a loucura de deixar aquelas duas mexendo na comida que eu serviria a Sofie. Do jeito que elas estavam lidando com a volta da minha ex-namorada, era bem capaz de um vidro de laxante virar molho para o carré que fora preparado especialmente para a noite.

— Eu disse que já está tudo pronto. Vocês duas alguma vez vão me escutar?

— Foi você quem cozinhou? — perguntou Clara, abrindo a tampa da panela sobre o fogão, sentindo o aroma que saía dela e ignorando completamente minha pergunta. — Parece bom. Aliás, esse cheiro é meio conhecido.

— Marta veio aqui hoje.

— Sabia — disse com entusiasmo e sorrindo, ao se dar conta de que estava certa. — Sempre soube que você queria roubá-la de mim.

— É só às vezes — respondi, e daquela vez não me senti nem um pouco culpado pela cozinheira de anos do meu irmão vir me visitar de vez em quando. Ela era maravilhosa.

Tentei ignorar Clara, mas era impossível, pois ela era um furacão ambulante. Aliás, meu apartamento parecia ter sido tomado por furacões e tornados. Manu fazia o mesmo que a amiga, abrindo tampa por tampa, não deixando nada intacto e fazendo algumas caretas enquanto isso. Eu devia ter feito algo de muito errado no passado para ter duas ciumentas no meu pé.

Clara fez bico, como se não fosse culpada de nada.

— Alexandre... — gritei.

— Não tenho nada com isso — respondeu ele, ignorando meu pedido de socorro. — E me dá logo uma cerveja.

— Valeu, *mano* — agradei com sarcasmo, dando ênfase ao fato de que meu irmão me abandonara.

Ele sorriu, dando de ombros.

— Às ordens.

Fui até a geladeira, passando por Manuela e Clara, que agora conversavam entre si, peguei uma cerveja, além de uma garrafinha de água. Joguei a long neck para o meu irmão, errando sua cabeça apenas porque isso estragaria a noite, e entreguei a água nas mãos do Dereck.

— Valeu, bro. — Alexandre arregalou os olhos na direção dele e eu entendi o que se passava por sua cabeça. Acho que Dereck também, pois logo emendou. — Relaxa, cara, já faz muito tempo.

Meu irmão assentiu, abriu a garrafa e sorveu um gole da bebida. Ainda parecia envergonhado por beber álcool na frente de um dependente químico. Dereck, por sua vez, não se importava nem um pouco, os olhos vidrados na cozinha, onde Manuela estava, a única que tinha sua atenção por completo. Observei os dois e sorri. Muitas vezes o destino era algo que não podíamos cultivar, esperando colher exatamente aquilo que plantáramos. Ele era folha ao vento. Não sabia aonde ia parar e muito menos o que encontraria no caminho. Ele apenas seguia. Em geral, as pessoas não concordavam comigo, mas acreditava que, quando tinha que acontecer, acontecia. E fora assim com Manuela e Dereck. No meio do caminho, eles haviam sido pegos de surpresa pelo destino.

Sabendo que não havia mais nada a ser feito, peguei a louça e os talheres e entreguei nas mãos de Manuela.

— A mesa é sua. — Ela não ficou muito satisfeita e eu a olhei sem muita piedade. — O que foi? Não queria ajudar? — Manu me deu um sorriso forçado e começou a pôr a mesa. Clara inventou uma desculpa do tipo *estou grávida e cansada* e foi sentar ao lado de Alexandre. Ela era bem dissimulada, isso sim. Nem barriga a peste ostentava. Realmente... Ali estava a outra metade do meu irmão. *Certinho!*

Quinze minutos depois, tudo estava pronto e, por incrível que pudesse parecer, não me sentia nervoso. E isso me incomodava. Não agia como um cara que estava prestes a apresentar alguém importante para a família. Meu coração batia no mesmo ritmo e minhas mãos não

suavam. Não estava com um nó na garganta e com medo de dizer alguma coisa errada. Não! Eu estava... normal.

Ontem tudo havia sido diferente.

A voz dentro da minha cabeça, que insistia em não se calar, mais uma vez deu o ar de sua graça. Mesmo eu querendo que ela simplesmente desaparecesse, porque era inimaginável continuar pensando nela.

O interfone tocou e avisei ao porteiro que Sofie podia subir. Em poucos minutos, ela estaria em minha casa mais uma vez e eu não sabia como me sentiria com isso. Talvez tudo mudasse quando ela chegasse, e meu coração voltasse a agir como o maldito apaixonado que um dia eu fora.

Caminhei até a entrada e parei. Não precisei secar as mãos na calça e nem respirar fundo. Apenas abri a porta.

— Oi, amor.

— Sofie... — disse, ainda consternado com tanta beleza. Observei seu rosto, encantado com o longo cabelo caindo pelos ombros. Olhei em seus olhos sedutores e sorri quando meu olhar pousou nas sardas. — Você está linda.

Beijei delicadamente sua bochecha e segurei sua mão.

Mas nada.

Não havia nada de diferente.

E nada não era o que eu esperava sentir.

Ela era apenas uma bela mulher parada na porta do meu apartamento, esperando que eu a convidasse para entrar.

Cada vez mais constrangido com meus pensamentos, eu a conduzi até a sala, onde ninguém percebia a minha indiferença. Sofie manteve um sorriso empolgado no rosto, mas logo se transformou em uma expressão de espanto, ao mesmo tempo que os olhos ficavam grandes demais no rosto, mesmo que tentasse esconder a reação. Tudo isso porque acabava de encontrar o ganhador de um Grammy e a sensação do último Rock in Rio sentado no sofá da minha sala.

— Esse é o Dereck Mayer? — Inclinou o rosto para mim e sussurrou a pergunta que praticamente gritava em seus olhos.

E eu? Revirei os meus.

É isso que dava ser amigo de roqueiro metido a bad boy.

— Prazer, eu sou a Manuela.

Sei lá de onde Manu saiu, mas agora estava parada na frente da Sofie, com a mão estendida em sua direção e os olhos que pareciam de um falcão analisando sua presa. Eu queria muito rir.

— Olá, Manuela — Sofie deu um sorriso tão sincero que até Manu recuou. — Diego fala tanto de você que sinto como se a conhecesse.

— Espero que bem — disse minha amiga, e olhou para mim. — Odiaria ter que matá-lo com um bisturi.

Engasguei, pois fora exatamente o tipo de morte que ela prometera a Sofie caso eu sáísse machucado daquela história. Levei a mão à boca e tossi para que Manu mudasse de assunto. Ela sorriu, não parecendo nem um pouco a homicida em potencial de segundos antes. Sofie, alheia a tudo, respondeu: — Só coisas boas. E obrigada pela indicação daquele restaurante maravilhoso. Diego prometeu me levar lá outras vezes.

— Foi um prazer.

Assim que Manu respondeu, segurei de novo a mão de Sofie e a levei até o restante dos convidados. Clara se comportou com um pouco mais de naturalidade e Alexandre agiu com a educação de sempre. Quando chegou a vez de Dereck, Sofie disse, demonstrando uma leve emoção na voz: — Há quatro anos estive em um show seu. Canadá.

Dereck tentou ser educado, mas a expressão em seu rosto mudou por completo, tornando-se muito mais sombria do que antes. Como se ele mergulhasse no passado. Manu segurou sua mão e os dois se olharam, completamente imersos um no outro.

— Deveria devolver seu dinheiro. Foi um show horrível.

Ela sacudiu a cabeça, em negativa.

— Foi um dos melhores que já assisti.

Dereck apenas assentiu, agradecendo. Manu sorriu para mim, os olhos dizendo que estava começando a gostar de Sofie.

Servi mais uma rodada de bebidas a todos e deixei que

conversassem enquanto terminava de organizar o jantar.

Tudo saiu melhor do que eu imaginava. A conversa fluiu com naturalidade e todo mundo parecia ter algum assunto em comum. Manuela e Clara já haviam largado as pedras e tratavam Sofie com atenção e gentileza. Eu sabia que seria assim a partir do momento em que elas se conhecessem. Sofie não estava sendo falsa, disso eu tinha certeza. Ela nunca me magoaria de propósito. O que acontecera era mais um dos tantos acasos do destino. No fim, quando voltamos para a sala, Dereck até cantou um pedacinho da música que havia feito para Manu, “Minha melodia”.

Todos bateram palmas, menos meu irmão, que apenas assentia.

As meninas começaram um diálogo sobre como seus maridos eram românticos, e me surpreendi quando Sofie olhou para mim, sorrindo.

— O Diego também é. Quando fui embora para o Japão, ele preparou um jantar tão maravilhoso quanto o de hoje, a única diferença é que tinha tantas flores que eu não podia nem contar.

Houve um suspiro coletivo e, apesar de não ter vergonha de sua revelação, eu me senti estranho, como se ela contasse algo que não fazia mais parte das nossas vidas.

Sorri de volta mesmo assim, e seus olhos brilharam em resposta.

— Di, tem sobremesa? — Clara interrompeu. — Você sabe como é... tem um devorador de açúcar dentro de mim.

No mesmo instante, Alexandre pousou a mão sobre a barriga de Clara, e outro suspiro coletivo pôde ser ouvido.

— Pudim de leite condensado.

Ela deu um soquinho no ar.

— Sabia que Marta não ia me abandonar.

E, mais uma vez, ela conseguiu pôr um sorriso no rosto de todo mundo. Não pelo que havia dito, mas sim pelo entusiasmo que nunca a abandonava.

Clara era a pessoa mais espirituosa que eu conhecia, e eu agradecia por ela ser o oposto do meu irmão no quesito comunicação.

Deixei todos na sala e fui até a geladeira buscar a bendita dose de

glicose da minha cunhada. Porém, quando abri, algo diferente chamou minha atenção. Havia jogado o pacote no lixo, mas a caixa ainda estava lá. Peguei, traçando o dedo sobre o recipiente de plástico enquanto encarava seu interior.

Meu coração disparou.

Brigadeiros.

Os brigadeiros dela.

Diego

Sofie ainda ficou depois que todos foram embora. O restante da noite foi uma sucessão de erros que não conseguia sequer lembrar. Eu ainda pensava nela. Ainda pensava na garota dos brigadeiros e de olhos castanhos quando Sofie tirou a roupa. Quando deitei na cama, meu coração ainda batia descompassado ao recordar do rosto dela e de suas feições delicadas, carregadas de tantos sentimentos. Naquele dia, eu vira tristeza, mágoa, culpa e esperança... Enxergara todos eles. Suas aflições transpunham o olhar e alcançavam qualquer pessoa que apenas parasse para olhá-la. Bastava mergulhar em seus olhos. A verdadeira menina estava ali, escondida debaixo das várias camadas que o medo construía em torno dela.

Ainda ouvia sua voz envergonhada ao falar comigo quando Sofie encaixou o corpo sobre o meu. E então, quando meu nome foi dito, voltei para a realidade, envergonhado demais porque a mulher nua na minha frente se entregava para mim. Não foi difícil me concentrar em Sofie. Meus olhos a encaravam porque não havia como não a desejar, tudo nela era desejável. Cada parte do seu corpo. A pele macia, os cabelos caindo sobre mim. A forma como a boca vermelha gemia e pronunciava meu nome. Os lábios que tomavam os meu com avidez e desejo. E permiti o sexo porque no fundo eu também queria. Mas percebi, quando o prazer passou, tão rápido quanto os meus próprios pensamentos, que era apenas isso. Sexo!

Saí do banheiro vestindo uma bermuda e camiseta e Sofie não estava mais na cama. Passei as mãos pelos cabelos ainda molhados, fechei os olhos e desejei que a noite passada não tivesse acontecido, pois ela me envergonhava profundamente. Eu não era assim. Nunca fora.

— Preparei o café. Sabia que você continua falando enquanto

dorme? Quem é...

Ainda estava de olhos fechados quando a voz de Sofie chamou minha atenção. Abri-os devagar e a encarei. Usava uma das minhas camisetas e estava linda envolta pelo tecido cinza, mesmo com o cabelo amarrado de forma bagunçada no topo da cabeça e carregando duas xícaras de café. Em poucos segundos, consegui trazer à tona tudo que recordava dela e, quando continuei em silêncio, ela se adiantou, soltando um suspiro frustrado.

— Você nunca conseguiu esconder o que sente. Tá estampado em seus olhos que a noite passada foi um erro.

— Sofi...

— Diego, eu não sou burra — ela levantou um pouco o tom de voz. — Acha que eu não sei que o jantar de ontem foi apenas porque eu pedi? E que só estava se esforçando para algo acontecer entre a gente porque eu abandonei tudo para vir atrás de você?

Sofie estava errada se achava que o único motivo para estar com ela era pena ou culpa. Por mais que eu tivesse sido um merda na noite anterior, jamais faria isso.

— Tentei tudo que podia, mas as coisas não funcionam como queremos. Infelizmente, porque você é incrível — argumentei, ficando um pouco perdido quando ela sorriu de volta para mim.

— Eu sei. E eu desejei tanto você que ignorei o fato de que não me olha mais nos olhos. Eu quis tanto que desse certo de novo que esqueci o quanto você é intenso. Desde que voltei, você tem sido apenas uma chama, mas eu já conheci o verdadeiro fogo. — Uma lágrima rolou por sua face e, quando voltou a falar, a voz de Sofie estava embolada. As palavras saíam em forma de soluços. — E eu te amo ainda mais, você fez tudo isso porque tem um coração tão grande que é capaz de pôr os sentimentos de todo mundo na frente dos seus.

Caminhei até ela e meus braços envolveram seu corpo, que sacudia desesperado conforme suas lágrimas molhavam minha camiseta.

— Sinto muito.

— Sei que sente.

— Me perdoa? — pedi.

— Te perdoar por tentar voltar a me amar? — disse, depois de levantar a cabeça e me dar um sorriso que escondia certa melancolia. — Você não existe.

Ficamos em silêncio por um tempo e ela me abraçou mais uma vez, despedindo-se. Sim, a noite havia sido um erro, sentira isso no momento em que abria os olhos e vira Sofie na minha frente. Mas não precisávamos insistir nele. Ela continuaria sendo tão especial quanto vinha sendo em todos esses anos. Sofie merecia o melhor de mim. E agora eu sabia como poderia ser o melhor para ela. Beijeí sua testa com todo o carinho que sentia e ela se afastou, secando as lágrimas e juntando as roupas jogadas pelo chão. Antes de dar as costas e sair do quarto, ela me encarou com profunda tristeza, mas um sorriso no rosto.

— Você devia ir até ela.

Estreitei os olhos, observando sem entender o que queria dizer.

— Quem?

— A garota dos seus sonhos.

Fiquei mudo e meu coração parou de bater por alguns segundos. Sofie saiu e não disse mais nada, e nem precisava.

Eu sabia exatamente de quem ela estava falando.

Um bip no celular chamou minha atenção. Melhor seria não ter olhado.

MEUS BRIGADEIROS.

Com letras garrafais e autoexplicativas, entendi perfeitamente que Clara estava desesperada pelos doces que havia esquecido em meu apartamento depois do jantar. Já estava quase de saída quando voltei para buscar os benditos brigadeiros. Não fazia quinze minutos que Sofie fora embora e eu ainda me sentia envergonhado por tudo que fizera. Mal conseguia me olhar no espelho enquanto me arrumava para o trabalho. Só conseguia me culpar por ter partido o coração de alguém tão especial.

Peguei os brigadeiros e decidi passar na Ferraz antes de ir para a promotoria. Agradei pelo fato de o escritório ser no meio do caminho, caso contrário, antes mesmo de chegar à promotoria, já estaria com um

olho inchado por causa da praga que Clara jogaria em mim.

— Tudo pelos meus sobrinhos — murmurei para mim mesmo quando deixei a embalagem no banco do passageiro. Encarei-a como se fosse uma pessoa. Nunca havia olhado tanto para um brigadeiro como fazia com aqueles.

Quando cheguei, estacionei do lado da caminhonete do meu irmão. Estava de cabeça baixa, mexendo no celular, quando trombei com alguém. Não tive tempo de me desculpar, pois ele passou rapidamente por mim, atravessando o hall de entrada. Olhei para trás, observando o homem sair apressado, como se estivesse fugindo de alguém. Ele só olhou para trás quando as portas de vidro se fecharam.

— Desgraçado! — gritei, enquanto corria em direção à porta, desviando de algumas pessoas que pararam sem entender minha reação. — É ele. Só pode ser.

Olhei de um lado para o outro, o coração já acelerado e imaginando o que teria que fazer para derrubar o maldito. O desespero começou a aumentar quando não encontrei Dennis na rua. Ainda procurei pelo quarteirão, mas nada. Enquanto caminhava de volta para a Ferraz, liguei para Guy, meu amigo delegado.

— Acabei de ver aquele desgraçado — gritei, assim que ele atendeu a ligação. Nem dei tempo de ele dizer *alô*.

— Quê? Mas do que você tá falando? — perguntou, com a voz sonolenta. Guy devia estar de folga.

— O que machucou mãe e filha. — Corri porque o elevador estava no andar e eu tinha que chegar logo até o meu irmão e saber o que aquele psicopata estava fazendo ali. — Guy, aquele puto estava saindo do escritório do Alexandre. Manda uma equipe agora.

— Tudo bem! Tudo bem! Já entendi.

Não. Ele ainda não tinha entendido. Se tivesse entendido, não estaria mais no telefone quando devia estar comandando a porra de uma busca para prender o desgraçado.

— Ele tá com alguém?

A recepcionista levantou de supetão quando praticamente gritei com ela.

— Mas, mas... — Não ouvi a resposta.

Abri as portas da sala do Alexandre e seu primeiro instinto foi se pôr de pé e me observar, provavelmente lendo em meus olhos que algo não estava certo.

— Te ligo depois — disse e desligou o telefone.

— Quem era aquele desgraçado que estava aqui? — Ele arregalou os olhos e as sobrancelhas se juntaram no meio da testa. — O nome dele era Dennis, não era?

Eu soava desesperado porque era exatamente assim que estava.

— Você ficou maluco, moleque? Que merda é essa, Diego?

Eu andava de um lado para o outro, um medo absurdo me dominando. Minha experiência indicava que ele estava perto demais dela. As fotos do processo voltaram à minha mente e tudo que conseguia imaginar era seu rosto machucado pelas mãos daquele imundo, que estava tão próximo da Larissa. E isso não era nada bom. Ele iria atrás dela. Isso era uma certeza. Eu precisava fazer alguma coisa, e rápido.

— Ele deixou telefone? Endereço? Qualquer coisa?

O azul dos olhos do meu irmão refletia meu pânico, mas também toda a sua confusão.

— Por que você acha que eu ia passar contato de algum cliente meu? Perdeu a porra do juízo, Diego? Estamos em lados opostos...

— Porra, Alê. Ao menos uma vez na vida, me escuta. Aquele cara... — Rangi os dentes de ódio, mal conseguindo falar. — Aquele desgraçado estuprou uma mulher e machucou uma criança de três anos. Você não pode pegar esse caso. Pensa na Clara. Pensa na Vitória — gritei, não me importando com quem mais estivesse escutando nossa discussão.

Bati a mão em uma pasta e vários papéis caíram no chão. Segurei o rosto nas mãos, o medo que algo pudesse acontecer crescendo cada vez mais.

Meu irmão deu a volta na mesa e me alcançou, segurando meus ombros e me fazendo parar no lugar. Alexandre me encarou com superioridade e me fez respirar fundo, porque ele sempre havia sido aquele que punha minha cabeça no lugar sem precisar dizer uma única

palavra. Fiquei parado, cabeça baixa, observando meu peito subir e descer enquanto o ar voltava a entrar nos pulmões, sob o silêncio que se instalara.

— Eu não peguei o caso. Agora, moleque, se acalma e me conta o que tá acontecendo.

— Não tenho tempo — falei, já me afastando.

— Diego, porra!

— Elas precisam de mim.

Dei as costas para o meu irmão, sabendo que o tempo estava se esgotando. Precisava chegar até Larissa antes que Dennis fizesse algo, porque meu coração insistia em bater forte, dizendo que era exatamente isso que iria acontecer.

O shopping ainda estava abrindo as portas quando cheguei. Corri até o restaurante e, apesar de haver uma placa dizendo *fechado*, vi algumas pessoas andando entre as mesas. Bati no vidro, mas ninguém me ouviu, os funcionários ocupados demais. Bati de novo com mais força, e apenas um par de olhos me encarou. A audição aguçada de alguém que se acostumara com os barulhos do medo. Ela me ouviu quando mais ninguém o fez. E ela também viu o pânico em meu olhar, pois agora ele também se refletia no dela. Larissa veio até a porta, os passos apressados. Quando abriu, mal conseguiu balbuciar as palavras.

— O que aconteceu, dr. Diego?

Respirei fundo, sabendo que a machucaria mais uma vez assim que dissesse que o ex-marido estava mais próximo do que ela podia imaginar. Peguei sua mão e ela não soltou. Não sabia se por confiar em mim ou por não conseguir se mover o suficiente para se afastar.

— Dennis — disse, e ela empalideceu —, eu o vi aqui por perto.

— Não! Não! Não! — gemeu.

— Já chamei a polícia. Estão a caminho.

— Não pode ser. Ele me achou. Achou a gente. Minha filha...

— As palavras mal saíam em meio ao choro descontrolado.

Puxei sua mão e a trouxe para o meu peito, envolvendo os braços em seu corpo como uma concha protege sua pérola. Sabia que ela podia escutar meu coração bater todo fora do ritmo, porque eu mesmo ouvia o

barulho ensurdecedor vindo do meu peito. Era como se estivesse batendo dentro da minha cabeça.

— Vai ficar tudo bem! Eu prometo.

Ela se afastou de forma abrupta. O corpo todo se retesou e eu via a raiva explodir em seus olhos sempre tão gentis.

— Promete? — sorriu com sarcasmo, enquanto arrancava o avental do próprio corpo. — Eu recebi um pedaço de papel que dizia que eu estava livre. Isso parece liberdade pra você, dr. Diego? — Engoli em seco. — Você sabe quantas vezes ele disse que ia me matar? Quantas noites passei em claro, dominada pelo medo de que ele realmente cumprisse suas promessas? — Balancei a cabeça em negativa. — Tantas que cheguei a desejar estar morta.

Suas palavras me atingiram como um soco, e Larissa passou por mim sem ao menos me olhar. Eu a segui, postando-me na sua frente segundos depois. As poucas pessoas que passavam em volta começaram a parar, curiosas com a cena.

— Aonde você vai?

— Buscar minha filha.

— Deixa eu te levar?

— Por quê? — gritou, dominada pela raiva. Larissa desabafava e eu deixei que extravasasse sua fúria, porque ela tinha todo o direito de estar de mal com o mundo, pois dor era tudo que o mundo havia dado a ela. — Por que se importa? Você acha que me conhece porque leu sobre mim naquele processo idiota? Mas você não me conhece. Não sou só aquele amontoado de palavras. Sou mais do que isso. Sou mulher, sou mãe. Sou alguém que queria não sentir mais esse medo que me esmaga por dentro.

Eu a abracei de novo e, dessa vez, ela desmoronou em meus braços, segurando na lapela do meu paletó, esforçando-se para permanecer de pé. Larissa chorava copiosamente, e eu só conseguia pensar que meu coração batia tão acelerado quanto o dela.

— Só queria acordar desse pesadelo.

Segurei sua mão e segui em direção ao estacionamento do shopping.

— Vamos buscar sua filha.

Larissa não rejeitou minha oferta, mas eu sabia que um duelo fora travado dentro dela e a luta para não aceitar minha ajuda havia sido vencida pela ansiedade de encontrar a filha sã e salva o mais rápido possível.

Larissa

Não vou entrar em pânico!

Não vou entrar em pânico!

Minhas pernas balançavam para cima e para baixo e, mesmo que minhas mãos segurassem firme o cinto de segurança, não conseguia parar de tremer. Um abismo se abria dentro de mim e era impossível me livrar das lembranças que me engoliam. Respirei fundo, contei os carros à minha frente, observei as placas que deixava para trás, mas era inútil. A voz dele ainda estava na minha cabeça.

Vou acabar com sua vida.

Você só vai se livrar de mim no inferno.

— Por favor! Por favor! Por favor!

Você é minha.

Se não for minha, não será de mais ninguém.

— Não! Não! Não!

Queria gritar, mas o medo crescia tão veloz dentro de mim, envolvendo cada célula do meu corpo, que eu abria a boca e nada saía além do silêncio com o qual tanto me acostumara. A sensação era de afogamento. Estava me afogando em minhas próprias palavras. Elas estavam ali, aos montes, nadando contra a correnteza, mas cada vez mais eu afundava no meio delas, me deixando levar e esquecendo que bastava um respirar para que tudo mudasse. E eu tentava. Forçava meus pulmões, mas o ar sumia cada vez que meu peito estufava.

Não falar.

Não respirar.

Naquele momento, eu era feita de medo e só ele foi capaz de me fazer entrar no carro com um homem quase desconhecido. Segui meu coração, mesmo sabendo que ele não era muito confiável. Encarei os

olhos de Diego só para me dar conta de que emanavam segurança. Malu precisava de mim e havia um homem ao meu lado que estava disposto a fazer justiça por nós. Desde o julgamento, havia feito algumas pesquisas sobre ele. Diego Ferraz, conhecido como promotor da sociedade pela sua excelência, humildade e disponibilidade em ajudar quem necessitava. Não havia nada que combinasse melhor com ele.

Eu o observei rapidamente enquanto dirigia e, nos breves segundos que meus olhos pousaram nele, senti meu coração afundar dentro do peito. Havia alguma coisa diferente e tinha medo de perguntar o que era, porque, na verdade, tinha medo de ouvir a resposta. Então fiquei calada, submersa mais uma vez.

Durante todo o trajeto, ele conversou comigo, mesmo eu não emitindo uma palavra em resposta. Quando pegou uma saída com a qual não estava acostumada, meus olhos se arregalaram e ele notou minha reação de imediato. Foi então que senti sua mão sobre a minha. Apenas apertou meus dedos e disse que eu podia confiar nele. Logo depois a afastou, voltando a observar o trânsito. Quando percebi que o fluxo de veículos naquele local era bem menor do que o que eu costumava enfrentar, ele me deu um sorriso tímido.

— Vamos chegar mais rápido por aqui — disse ele com convicção, e assenti.

Diego estava certo, e eu imaginava se seria sempre assim: perfeito em suas escolhas. Tão diferente de mim.

Mal esperei que estacionasse o carro. Passei pelo portão e me indignei porque não havia ninguém na portaria da escolinha. Sabia que estava sendo seguida, pois seu cheiro me acompanhava e, mesmo achando que poderia sentir aquele aroma por muitos dias, naquele momento era tão forte que eu apenas sabia que ele estava muito próximo. Passei direto pela diretoria e entrei no pequeno corredor que dava acesso à sala da minha filha. Escutei vozes atrás de mim, mas não conseguia me concentrar em mais nada que não fosse Maria Luiza. Eu precisava vê-la, necessitava verificar seus braços, pernas, rosto e saber que ela estava bem e segura. Lágrimas desciam dos meus olhos e tudo que queria era minha filha nos braços.

Parei estática quando a vi, a poucos metros de mim, sentada em uma roda de crianças. De longe, enxerguei o sorriso em seu rosto enquanto batia palmas com animação. Meu corpo ficou inerte, como se flutuasse, e minha mente se perdeu entre o que sentia e o que via. Os olhos de Malu brilhavam para a professora e os coleguinhas, que cantavam uma música que eu não conhecia, mas que minha filha parecia dominar muito bem, pois, mesmo não cantando, fazia toda a coreografia, acompanhando o restante da turma.

Tudo em meu estômago se revirou e eu queria vomitar até que todo aquele medo saísse de mim, antes que eu pudesse contaminar minha filha. Virei e notei que Diego também observava as crianças. Vi em seus olhos que ele a reconheceria e, depois de olhar para ela, veio até mim. Seus braços me seguraram, e agradei pela primeira vez por ele estar ali, ou desmoronaria no chão.

— Me tira daqui — implorei. — Me leva daqui antes que ela me veja.

— Vem comigo.

Um dos seus braços passou pelo meu ombro, me puxando contra ele, e eu cedi, porque naquele momento eu queria apenas não estar ali. Caminhei sendo amparada por suas mãos. Não olhei para cima, não me importei com seu tamanho, não lutei. Se ele quisesse me ferir, iria encontrar apenas alguns pedaços intactos, já que o resto havia sido destruído.

— Eu disse que ela estava segura — a voz de uma mulher entrou em meus ouvidos. Queria responder, mas não consegui.

— A senhora pode conseguir um copo com água, por favor?

Escutei passos se afastando, mas sequer levantei a cabeça para ver quem era. Não tinha forças para mais nada, e saber disso me fazia ainda mais derrotada.

— Senta aqui, Larissa.

— Malu está bem? — perguntei, olhando para trás apenas mais uma vez.

— Ela está ótima. Dennis não esteve aqui.

Suspirei fundo, chorando ainda mais. Raiva por ter que sentir

álvio. Aquele era um dos piores sentimentos que poderia existir. Se existia álvio, existia medo.

Sentei onde ele mostrava, deixando as mãos sobre as pernas. Elas ainda tremiam e eu não conseguia parar de chorar. Diego não disse nada. Não tentou me acalmar. Não disse o que eu deveria fazer. Não chamou minha atenção. Ele apenas ficou ali. Abaixado na minha frente. De terno e gravata e com um olhar que poderia aquecer até uma alma fria. Depois de alguns minutos, um copo de água surgiu em sua mão e eu sequer notei quem entregara a ele. Só conseguia me ver através dos seus olhos. Ele estendeu o copo com um aceno de cabeça e nada mais. Bebi alguns goles da água e segurei o vidro com as duas mãos.

— Sinto muito — sussurrei. — Sinto por tudo. Não sou maluca, eu só preciso protegê-la. Você me entende, não é mesmo? Quer dizer... você vê isso todos os dias.

Diego não desviou os olhos dos meus.

— Se permita sentir. Não sentir é deixar que ele mate o que tem dentro de você. Mas não sinta por mim, ou por ele. Sinta por você. Apenas por você.

Acenei com a cabeça, buscando compreender o que ele dizia com tanta convicção. Sem querer, comparei a maneira que Diego falava com a de Dennis. A mesma confiança e certeza. Mas Diego não parecia querer me ver de joelhos, como eu sempre me sentia havia alguns anos.

— Obrigada — agradei, devolvendo o copo. Ele pegou e levantou.

Respirei fundo, sequei os olhos com as costas das mãos e também levantei. Minhas pernas ainda estavam bambas, mas o pior havia passado, tinha certeza. Vi a coordenadora da escola parada ao lado dele, os olhos me analisando.

— Estou melhor. Agora posso vê-la.

Diego balançou a cabeça e encarou a mulher, que parecia estar mais preocupada com os olhos dele do que com o fato de que um psicopata poderia estar a caminho da sua escola naquele exato momento.

— Poderia trazer a menina, por favor? — pediu, e no mesmo instante ela sorriu.

O telefone dele tocou e sua voz encheu meus ouvidos.

— Eu sei. Sei. Quando voltar a gente conversa. Guy esteve aí? —

Diego fez uma pausa e eu ouvia sua respiração. — Já disse que sei, mano.

Foi a primeira vez que sua voz saiu mais alta do que o normal. Comecei a me perguntar o que poderia estar acontecendo, mas percebi que não era da minha conta, porque nada do que estava acontecendo era normal. Mesmo não conhecendo todas as funções de um promotor, sabia que eles não andavam por aí avisando vítimas de possíveis perigos, e nem mesmo dando carona para pessoas em pânico. Então, por que estava ali? Por que batera na porta do restaurante antes mesmo de abrir? Por que seus olhos me buscavam?

Tinha poucos minutos antes de Malu chegar, e muito para saber.

Virei e procurei seu olhar.

— Por que você fez tudo isso?

Ele arregalou os olhos, surpreso com a pergunta, mas não tanto que o impedisse de responder.

— Tenho dois sobrinhos e mais um a caminho. Eu os amo mais do que minha própria vida. — Suspirei, sabendo aonde ele queria chegar. — Fiz pela Maria Luiza. Desde que peguei o caso de vocês que não consigo parar de pensar nela. Te conhecer no restaurante apenas me fez ter certeza de que eu precisava me esforçar um pouco mais para trazer a vida de vocês de volta.

Engoli em seco. Era difícil acreditar que um estranho se importava mais com a minha filha do que o próprio pai dela. Inexplicável pensar que ele fizera tudo aquilo porque também queria Malu em segurança.

— Não sei como agradecer.

Ele sorriu.

Não consegui sorrir de volta.

Tive a impressão de que ele iria abrir a boca para dizer alguma coisa quando fomos interrompidos. Malu corria até mim, mas quando viu Diego tão perto, parou no lugar, estática. Fui até ela, me joguei de joelhos no chão e a abracei, levantando-a junto comigo. Passei as mãos

pelos seus cabelos e beijei seu rosto. Ela me observava com olhos aflitos, e eu agradeci por não ter me visto antes, mas logo sua atenção foi mais uma vez para o homem parado atrás de nós.

— Lembra aquele dia em que conversamos sobre as pessoas boas que ajudam mães e filhinhas? — Malu pareceu pensar um pouco, e depois assentiu. — Aquele moço ali — sussurrei —, é uma dessas pessoas. Ele é um *policial* que ajuda mães que estão com problemas.

Ela olhou para Diego, e depois para mim. Ele manteve a distância, sabendo muito bem como agir. Então Malu me abraçou, fugindo do olhar dele. Não podia culpá-la. Ela também conhecia o medo.

Conversei um pouco mais com a minha filha, e Diego se ofereceu para nos levar para casa. Respondi que não havia necessidade. Depois do desespero, pensei melhor. Não tinha como Dennis saber onde estávamos. Ninguém sabia. Nem mesmo sua família. Diego insistiu, dizendo que poderia verificar a residência antes de entrarmos, mas neguei mais uma vez. Ele já havia feito muito por mim.

— Aqui estão os meus contatos. Ligue se precisar. — Peguei o cartão que ele me estendia e analisei seu nome desenhado em prata em um papel preto. Pisquei algumas vezes, sem entender por que ele ainda insistia em cuidar de nós. — Entendo que é difícil confiar em alguém que você só viu algumas vezes.

Era exatamente assim que me sentia.

Decidi guardar o cartão mesmo assim.

— Você sempre ajuda mulheres como eu?

Primeiro ele reagiu ao meu comentário com uma careta, depois sorriu. Dessa vez, sorri de volta, porque era o tipo de sorriso que antecedia alguma coisa boa.

— Só as que fazem os melhores brigadeiros do mundo.

Abaixei a cabeça, envergonhada, mas levantei no momento em que também escutei Malu rindo.

Levei mais tempo do que o necessário para caminhar as poucas quadras até a minha casa. Mesmo sabendo que ele não estava ali, uma parte de mim ainda temia que fosse surgir a qualquer momento para

cumprir as inúmeras promessas que fizera. Segurava na mão da Malu com força, ela sempre acompanhando meu olhar. Quando chegamos, pedi que ficasse com dona Rosa, a vizinha, por alguns minutos e fiz o que Diego havia se oferecido para fazer pouco antes. Verifiquei toda a casa e só busquei minha filha quando me certifiquei de que estávamos em segurança. A primeira coisa que fiz quando entramos foi tirar nossas roupas para entrarmos juntas no banho. Meu silêncio se misturou com o dela, e ficamos ali por muito tempo, sem nos importar com nada. Apenas decidi que aquele seria o nosso momento, porque não havia nada no mundo mais importante que a menina dos meus olhos.

PASSADO

Sempre sonhara em ser mãe, mas nunca havia pensado nas dificuldades da maternidade. Ninguém me avisara que eu teria vontade de sumir alguns dias. Ninguém me contara que eu iria sofrer, chorar e sorrir em um espaço tão curto de tempo que mal poderia assimilar o que estava sentindo. Que amamentar talvez fosse mais difícil que o parto. Que eu iria me sentir cansada, e choraria por isso, e depois me culparia por ter me sentido assim. Uma contradição de sentimentos enlouquecedora.

Mas eu estava ali. Com minha filha nos braços e pensando que nunca sentira um amor tão forte como o que habitava em meu peito. Sabia que amaria Malu, mas não imaginava que esse amor seria tão grande a ponto de ser capaz de dar minha vida por ela.

Passei o dedo por uma mecha de seu cabelo preto e ela resmungou, com os lábios ainda em torno do meu seio. A sensação mais completa que vivenciara na vida. Sorri com lágrimas nos olhos.

Queria que Dennis sentisse pelo menos parte desse amor. Desejava ardentemente que ele olhasse para nossa filha com os mesmos olhos amorosos que um dia olharam para mim. Sabia que levaria um tempo para ele entender que era pai, mas as semanas passavam e sentia ele se afastar de mim cada vez mais. Nosso casamento já caminhava para o fracasso antes mesmo de eu

descobrir que esperava minha menina, mas acreditava que tudo mudaria. Afinal, ela era nossa.

Mas nada mudara.

Pelo contrário, tudo havia desmoronado. Passara a ficar ainda mais sozinha. Apenas eu e ela e toda uma responsabilidade que sonhara em dividir com alguém, mas que se amontoava em minhas costas.

Assim como hoje.

Onze da noite e Dennis ainda não havia voltado.

Tinha medo de como chegaria em casa e torcia para estar bêbado a ponto de não conseguir falar ou fazer qualquer coisa. Fazia algum tempo que ele começara a quebrar as coisas em casa, e eu sabia que descontava suas frustrações nos móveis e objetos. No dia seguinte, ele sempre dizia que isso era bom, pois assim não machucava ninguém. Eu não acreditava que ele seria capaz de me ferir. Dennis nunca faria isso. Sua personalidade era um pouco explosiva, mas nunca passara de alguns gritos ou apertões. Coisa de casal.

Eu o escutei acelerar a moto com força quando pus Malu no berço. Ainda a ajeitava quando ele bateu a porta e entrou. Fechei devagar a porta do quarto e fui até a sala sem fazer barulho. Dennis estava sentado no sofá e, assim que me viu, caminhou cambaleante em minha direção. O odor de álcool fez meu estômago embrulhar. Assim que virei o rosto, sentindo nojo, ele segurou meu queixo e me fez encará-lo. O dedo deslizou por meu lábio, pescoço, e sua mão parou no meu seio. Dennis enfiou a mão pelos botões abertos do vestido e me apertou até eu gemer de dor.

— Já faz muito tempo, não é mesmo, minha gatinha?

— Você sabe que não posso.

— Besteira — resmungou ele, tentando me arrastar para o sofá. —

Porra nenhuma. Vamos transar agora. Não vou esperar mais nada.

Estagnei no lugar e ele me puxou com mais força, me fazendo tropeçar. Dennis me segurou em seus braços e eu não conseguia acreditar que o menino por quem me apaixonara havia se tornado o homem que eu via agora. Puxei meu braço, decidida a não acreditar em nenhuma de suas palavras. Ele semicerrrou os olhos, o semblante se fechou, e eu recuei.

— Tô começando a achar que você tem outro. É isso?

Tive que sorrir. Não tinha o menor cabimento o que ele dizia.

— *Você só pode estar maluco.*

No momento em que disse isso, ele me encurralou na parede, prendendo meu corpo contra ela com tanta força que eu mal conseguia respirar.

— *É você que me deixa assim, sua maldita. Você me provoca — desceu a mão até o meio das minhas pernas —, e depois nega o que é meu por direito. Acha que vou te esperar pra sempre?* — gritou.

Quando suas palavras ecoaram pela sala, a raiva reverberou por todo meu corpo. Eu o empurrei, mas ele segurou meu braço. Não cedi e encarei seus olhos.

— *Sua filha está dormindo, seu babaca, então faça o favor de deixar suas maluquices para outra hora.*

Grande erro. Dennis ficou ainda mais descontrolado e me segurou pelos dois braços e me sacudiu com violência.

— *A culpa é sua.*

— *Para com isso.*

— *Você só pensa nessa menina agora. Esqueceu que tem marido, que tem um homem em casa.*

— *Ela é sua filha — gritei.*

— *Será mesmo?*

Fiquei cega. Ódio e remorso explodiram dentro de mim e me debati, tentando me soltar dele o mais rápido possível. Não havia explicação para palavras tão detestáveis. Ele voltou a me sacudir enquanto mandava eu me acalmar, mas era impossível, porque eu o odiava tanto naquele momento que só queria pegar minha filha e ir para o mais longe possível. Quando gritei uma última vez para ele me soltar, senti o impacto. Minha cabeça bateu com violência na parede e caí para trás. Com o estrondo da batida, Malu começou a chorar e, por mais que eu tentasse levantar, não conseguia. Tudo girava e o gosto de sangue começava a subir para a minha boca.

— *Malu...*

Ela chorava ainda mais, e imaginei seu desespero com a minha demora. Tentei levantar mais uma vez. O rosto do Dennis apareceu na minha frente e ele me olhava com profunda tristeza e arrependimento. Eu já não conseguia pensar em mais nada. Só precisava chegar até a minha filha.

Caí de novo, perdendo todos os sentidos, mas ainda fui capaz de ouvir

suas palavras antes de apagar por completo.

— Olha o que você fez.

Foi a primeira vez que ele me bateu de verdade.

Depois de duas semanas separados, Dennis me convenceu de que havia sido uma briga sem sentido e que nunca iria se repetir. Ele me olhou com os mesmos olhos que me encararam no dia do ônibus, e prometeu dar o seu melhor. Eu acreditei quando ele disse que amava nossa família e que não seria capaz de viver sem mim. Então voltei para casa com a certeza de que estava fazendo a escolha correta, e com a esperança de que tudo iria mudar.

E tudo mudou.

Passei a viver no inferno.

Diego

Nunca, em toda a minha vida, fora tão irresponsável quanto havia sido na última semana. Quando acordei e abri os olhos no dia seguinte, tive certeza de que alguma coisa de muito errado estava acontecendo comigo. Como podia ter sido tão impulsivo?

Não tinha que ter ido atrás dela.

Não tinha que ter dado carona a ela.

Não tinha que ter feito nada daquilo.

Não tinha.

Mas havia feito.

E faria tudo de novo.

Havia feito e estava fodido por isso. Porque agora não parava de pensar no seu cheiro, em seus olhos, nas lágrimas, no sorriso triste, na voz desesperada... *Tudo!* Larissa se apossara da minha mente e eu não poderia estar mais ferrado.

Almoçara no restaurante a semana toda. Ela me atendia quase sempre, e quando não o fazia, eu a olhava de longe, com a certeza de que estava consciente dos meus olhos sobre ela. Todas as vezes perguntava como ela estava, e Larissa respondia com um sorriso no rosto e tristeza no olhar que tudo ia bem. Me agradecera mais de uma vez pelo que havia feito naquele dia, e eu me certificara de prometer que faria de tudo para pôr o desgraçado na cadeia. No fim, saía de lá com um sorriso no rosto e uma embalagem de brigadeiros nas mãos. Nos últimos dias, ela nem perguntava mais se eu queria a sobremesa, apenas trazia, e eu aceitava.

Durante muitas noites, imaginara como seria se as circunstâncias fossem diferentes. Talvez eu a visse naquele restaurante, sorrisse para ela, e ela sorrisse de volta. Levaria alguns dias para demonstrar interesse, e

com certeza eu jogaria uma indireta ou diria o quanto o sorriso dela era lindo. Iria elogiar seus brigadeiros, mas também diria que a dona deles era quem realmente me interessava. Eu a convidaria para um cinema, ou jantar. Passaria a noite elogiando sua beleza e simplicidade. E a beijaria antes de o filme acabar, ignorando os créditos subindo na tela, porque o gosto dela seria tão maravilhoso que me faria esquecer qualquer coisa à nossa volta.

Mas isso não iria acontecer.

Porque eu era um promotor e ela a vítima de um dos monstros que eu lutava para pôr na cadeia.

Eu tentava trazer pessoas como ela de volta à vida, mas não era essa a sensação que tinha quando estávamos no mesmo lugar. Seu sorriso era capaz de queimar tudo dentro de mim, me fazendo consciente de cada grama de ar que entrava em meus pulmões.

Eu me apaixonei por uma mulher que tinha todos os motivos para odiar o amor.

Não sabia o que era mais terrível naquela afirmação. O fato de pensar que estava apaixonado, ou o de ter certeza de que meu coração iria se partir mais cedo ou mais tarde.

Era sexta à noite e conseguia ignorar ligações e mensagens de todos que tentavam sugerir que eu não ficasse em casa no fim de semana. Engraçado isso: conseguia me afastar de tudo, menos das lembranças que sempre me levavam de volta para ela.

— É melhor parar por aqui — murmurei, enquanto caminhava até a cozinha. Servi um copo de uísque e levei alguns segundos para decidir se beberia ou não. Resolvi que seria bom para relaxar, ainda mais depois de uma semana de cão, em que passara quase três dias em um júri popular.

Quinze minutos e três doses depois, abri a porta para o meu irmão, que resolvera aparecer de surpresa. Torci para que Clara não estivesse com ele, pois não conseguiria esconder nada dela, e era provável que desabafasse toda uma história que sequer poderia ser contada. Clara enxergava lá no fundo, e eu sempre me perguntava se isso era um grande defeito meu: deixar as pessoas entrarem fácil demais. Acreditar mesmo

quando o universo dizia que ia dar merda.

Alexandre afrouxou a gravata assim que pôs os pés na sala, jogou o paletó no sofá e caiu ao meu lado. Eu vestia calça de moletom e camiseta branca e, naquele momento, nem parecíamos irmãos.

Ele olhou para o copo na minha mão, para a garrafa na mesa de centro e depois para mim.

Um vinco se formou entre seus olhos, confundindo-se com algumas rugas que já apareciam na testa. Alê sacudiu a cabeça e perguntou: — Desde quando você bebe?

— Eu sempre bebi.

Servi outra dose e ele arqueou uma sobrancelha.

— Sempre?

— Só não costumo ficar completamente bêbado e chorando como uma criança quando percebo que minha garota deu no pé com um roqueiro fodão.

Dei mais um gole no uísque. Ele arregalou os olhos, surpreso com a minha indireta, e a verdade era que nem eu acreditava no que acabara de dizer.

— Foi mal — pedi desculpas. — Semana difícil.

Esperei que ele respondesse alguma coisa envolvendo a palavra “moleque”, porque era sempre assim que se referia a mim quando queria chamar minha atenção. Mas ele não disse nada. Apenas levantou, foi até a cozinha e voltou segurando um copo, pronto para me fazer companhia.

— E a pergunta de um milhão de dólares é — sorveu um gole de uísque e ficou brincando com o restante que sobrara no copo, fazendo o líquido viajar de uma extremidade à outra — que porra deu em você?

Apoiei os cotovelos nas pernas e segurei o copo com muita força, como se ele fosse capaz de responder por mim.

— Não sei!

— Isso não é resposta.

— O que você quer ouvir? — respondi, enraivecido.

Assustei-me com o tom da minha voz e levantei, dando as costas para o meu irmão. Pude ouvir Alexandre fazendo o mesmo.

— Quero ouvir que meu irmão não está apaixonado por uma mulher que foi vítima de um desgraçado psicótico que é capaz de qualquer coisa, inclusive machucar uma criança.

Meus dedos apertaram o copo, e eu queria que ele se quebrassem em minhas mãos, porque a dor de ter a pele rasgada talvez fosse menor do que a raiva que as palavras do Alexandre haviam causado.

Fiquei em silêncio.

E ele entendeu.

— Puta merda! — exclamou. — Você está mesmo apaixonado? Tá maluco, moleque? Tem noção do que aquele cara pode fazer com você?

Virei, olhando para ele, e ri. Um riso sarcástico e carregado de raiva, porque sabia exatamente do que Dennis era capaz: *estuprar uma mulher e ferir uma criança*.

— E se fosse a Clara? — perguntei, sabendo que ele iria recuar.

— Essa não é a questão. Ela não é como a Clara.

Sorri de novo, mas dessa vez pela ingenuidade do Alexandre.

— O coração aperta e sua vontade é de estar lá com ela, mesmo que ela não queira, porque você sabe que por fora há uma fortaleza, mas lá dentro os pedaços estão se partindo um a um. Você deseja juntá-los, mesmo que não haja maneira de colá-los. Você. Apenas. Quer. Estar. Lá — sibilei. — Eu tô apaixonado por uma garota que não vai se abrir para o mundo porque tudo que ela recebeu dele foi dor. Isso soa familiar para você?

Alexandre ficou mudo, e eu sentia que um caminhão havia passado por cima de mim. Confessar o que sentia não me trouxe alívio. Pelo contrário, me deixou ainda mais em pânico, porque eu sabia que seria um sentimento não correspondido. Aliás, eu sequer tinha o direito de esperar isso dela.

Pelo amor de Deus! Quem se apaixonava assim? Do nada!

— Só não quero que você saia ferido dessa história. De nenhuma forma.

— Eu sei o que eu tô fazendo. — Alexandre continuou me encarando. — Não, não sei — confessei, e ele sorriu.

Voltamos a sentar no sofá, e tornei a encher nossos copos. Nem perguntei se Alexandre estava dirigindo, pois a resposta era óbvia. Ele acabou me contando sobre como as coisas haviam chegado ao ponto em que chegaram. Falou sobre a visita de Dennis e de como ele o queria como advogado. Trabalhara tanto durante a semana que mal conversáramos sobre o assunto. Eu também tentara adiar a conversa o máximo possível, porque ainda não estava preparado para falar qualquer coisa sobre Larissa. Abaixei a cabeça, envergonhado, quando me contou que nunca pegaria um caso como aquele.

— Na hora não pensei em nada — justifiquei.

— Se você não diz... — brincou, mas, segundos depois, voltou a ficar sério. — Como ela está lidando com um novo relacionamento? Sei que já faz mais de ano que eles se divorciaram, mesmo assim deve ser difícil pra ela confiar em alguém. Mesmo que esse alguém seja você — provocou.

Desviei os olhos do meu irmão, sem saber como responder. Não tinha uma forma coerente de contar a ele que eu estava sozinho nesse barco, e sem noção nenhuma de onde ele iria aportar.

O silêncio mais uma vez falou por mim, ou foi o lado advogado do meu irmão que pescou todas as referências no ar.

— Diego, até onde vocês... Quer dizer... Em que nível essa relação de vocês está?

— Dei uma carona pra ela e gosto de comer seus brigadeiros — respondi sem jeito, e dei de ombros.

Alexandre levou as mãos ao rosto e depois enterrou os dedos nos cabelos. Respirou fundo antes de me encarar mais uma vez.

— Eu não acredito que... — Ele soltou um suspiro resignado. — Por que será que não estou surpreso?

— Ahn?

— É a sua cara se apaixonar platonicamente.

— Se eu bem me lembro, você caiu de quatro pela Clara no primeiro dia.

— Não. — Ele sorriu com malícia. — Primeiro a gente transou. Fiz uma careta.

— Não preciso de detalhes, babaca.

— É sério, Diego. — Meu irmão voltou a ficar concentrado enquanto mexia no celular. Devia estar pedindo um táxi. Quando terminou, olhou para mim. — Pula fora se achar que essa garota vai trazer problemas pra você. Eu sei que ela não mereceu nada daquilo, mas é impossível ignorar toda a bagagem que ela traz. E você é meu irmão. Aconteça o que acontecer, sempre irei escolher você.

Queria ficar bravo com ele, mas entendi o que meu irmão estava dizendo, porque seria capaz de fazer o mesmo se soubesse que ele estava em perigo. Alexandre não conhecia a Larissa. Tecnicamente, eu também não, mas sabia, bem lá no fundo, que ela era muito mais do que tudo que estava escrito em um punhado de papel.

Os dias continuaram seguindo o mesmo ritmo da semana anterior. Com a diferença de que não via Larissa havia três dias. Começara a ficar preocupado e cogitara entrar em contato, mas desistira quando percebera que nada daquilo fazia sentindo e que era provável que a assustasse ainda mais. Só fiquei mais calmo quando encontrei o nome do Dennis entre os comunicados de mandados de prisão cumpridos. Enfim ele estava preso. Não adiantava a família tentar esconder todas as merdas que ele fizera. Isso me causava repulsa, pois quanto mais as pessoas achassem que esse tipo de comportamento era normal, monstros como Dennis continuariam agindo sob uma proteção velada de familiares e amigos. A verdade era que ele não passava de um criminoso que achava que podia tudo, mas que no fim não podia nada.

Nada me trazia mais gratificação do que ver meu trabalho rendendo frutos. Quando sabia que mais um bandido estava fora da sociedade, era como se toda a minha vida valesse a pena naquele instante. Mas hoje era diferente. Além de tudo isso, me sentia aliviado. Havia cumprido minha promessa, e enfim Larissa e a filha poderiam ser felizes. Foi inevitável não pensar nisso e deixar meu coração se encher de esperança. Queria só uma chance para a conhecer melhor e provar que nem todos os homens eram como Dennis.

Eu não era.

Decidi voltar ao shopping. Fiz de tudo para organizar minha agenda para, mais uma vez, almoçar com ela. Comemorarmos juntos. Talvez ela ainda não soubesse.

Poucos minutos antes de sair, estava eufórico. O coração batendo acelerado e as mãos suando. Tudo seria diferente dali em diante. Elas seriam apenas meninas cheias de sonhos e esperanças.

Sorria sozinho quando escutei meu nome sendo chamado.

— Terra chamando Marte. Terra chamando Marte.

No mesmo instante, me endireitei na cadeira e meus olhos encontraram Clara, parada na porta da minha sala. Ela sorriu para mim de uma forma estranha, como se tentasse adivinhar meus pensamentos. Desviei o olhar, porque tinha quase certeza de que seria capaz de tal proeza de verdade.

Fui até ela e a puxei para um abraço.

— Como você tá? — disse, acariciando sua barriga ainda plana, mas que dali alguns meses estaria muito redonda.

— Com fome.

Revirei os olhos para a resposta.

— Quer almoçar comigo? — perguntei.

— Não! — Foi sua vez de revirar os olhos. Uma indireta de que eu não estava acompanhando seu raciocínio. — Queria brigadeiros.

— Brigadeiros? — Sorri.

Acabara dividindo todos os meus brigadeiros com ela e, pelo visto, criara um monstro.

Ela passou as mãos pela barriga, querendo me comover. E pior que sempre funcionava. Quando estava prestes a dizer que a solução para os seus problemas — e os meus também — estava muito perto, ela se adiantou.

— Fui ao shopping aqui do lado, era o endereço da embalagem daqueles sonhos em forma de doce que você me deu, mas a moça que fazia os brigadeiros não trabalha mais lá.

Um nó subiu até minha garganta e fiquei sem reação.

Larissa.

Fiquei um tempo só olhando para Clara, sem enxergá-la de verdade, porque a sensação de vazio dentro de mim começava a tomar uma proporção gigantesca. Foi quando percebi que alimentava essa paixão apenas com as migalhas de vê-la por alguns minutos durante o almoço. Só então percebi o quanto seguia perdido nessa história, sempre ansioso pelo horário do almoço ou frustrado quando não conseguia.

Estar com ela naqueles poucos minutos era tudo que eu tinha.

— Di? — Clara chamou.

Subi os olhos até os seus.

— Desculpa, Clarinha. Preciso ir.

Deixei-a sabendo que ficaria bem, e corri até o shopping. Algo me dizia que eu teria que ir até lá e ver com meus próprios olhos para que meu coração por fim entendesse que Larissa estava muito longe de mim. Meu olhar percorreu todo o local assim que cheguei, mas não a avistei como de costume. Seu sorriso tímido não me recebeu e seus olhos não me encararam com vergonha.

Ela não estava ali.

— O senhor precisa de uma mesa? — perguntou uma mulher muito diferente da que eu esperava.

Tentei me acalmar, controlar a respiração antes de falar e, mesmo assim, minha voz soou desesperada no momento em que as palavras escapuliram da boca.

— Você tem brigadeiros? — Uma pergunta que significava muito mais para mim do que qualquer um poderia entender.

Ela sorriu e eu sorri junto.

— Engraçado — disse ela —, você é a segunda pessoa que pede apenas por brigadeiros hoje. Sinto muito, mas a moça que fazia os doces pediu demissão há dois dias.

O sorriso morreu e meu coração se afundou dentro do peito.

Saí daquele shopping sem os malditos brigadeiros e com a sensação de que, daquele dia em diante, minha vida seria muito mais amarga sem eles.

Larissa

Eu o observei de longe.

Usava um terno escuro com uma camisa no mesmo tom. Somente a gravata era de um azul que se assemelhava à cor dos seus olhos. Meu Deus, como era lindo! Sua beleza era única e, acompanhada de sua elegância, Diego ficava ainda mais impressionante.

Vi quando passou pelas pessoas com uma pressa fora do normal. Mesmo assim, não deixou de chamar atenção, atraindo olhares, colhendo elogios. Mas ele, alheio a tudo isso, parecia desesperado, e isso me preocupou. Meu coração batia acelerado enquanto meus olhos o seguiram até o restaurante. Ele entrou, olhou para todos os lados e pareceu decepcionado quando abaixou a cabeça e ficou parado por alguns segundos. Só levantou os olhos de novo quando Daniela falou com ele.

Ela sorriu. *Claro que ela sorriu.*

Mas Diego não sorriu de volta.

Depois de conversarem alguma coisa, ele saiu.

Senti vontade de ir atrás. Um desejo absurdo que me deixava apavorada. Mesmo assim, ainda cogitava a ideia de ir até lá e dizer qualquer coisa. Eu nunca o agradecera o suficiente por aquele dia. Todas as vezes em que estivera no restaurante nas últimas semanas, eu tentara falar, mas as palavras sempre eram escassas. No entanto, ele parecia me entender. No início, havia ficado com medo. Ele sempre chegava no mesmo horário, sentava na mesma mesa, e sorria o mesmo sorriso. Sabia que estava indo lá por mim. Até comentários sobre isso eu ouvi. Fiquei assustada. Medo de ele estar se aproveitando de tudo que eu vivera para me machucar. *Afinal, mulher gosta de sofrer, não é mesmo?* Mas, no fundo, algo dentro de mim dizia que ele tinha um bom coração, então comecei

a sorrir de volta.

Quando passou de volta por mim, eu me escondi atrás de uma pilastra.

Levei as mãos ao peito e o apertei com força, com a sensação de que meu coração queria saltar para fora. Tentei acalmar a respiração, procurando entender por que estava agindo daquela forma.

Meus olhos se inundaram de lágrimas.

Eu sabia o porquê.

Medo!

Diego despertara algo em mim. Não sabia como e por quê, mas simplesmente não conseguia parar de pensar em uma vida diferente. Se fechasse os olhos, ainda podia sentir seu cheiro e ouvir sua voz dizendo que tudo ia ficar bem. Ele havia feito promessas que eu sabia que não poderia cumprir, mas Deus sabia o quanto meu coração machucado queria acreditar em cada palavra que ele dissera. Uma vontade enorme de substituir a dor por algo que me fizesse sorrir.

Cada vez que ele estivera no restaurante, cada sorriso que tinha me dado, cada promessa que me fizera acordaram uma parte de mim que havia muito adormecera. Quando o via lá, sentado, a única coisa que eu sentia era vontade de abraçá-lo como naquele dia na escola, porque havia sido o abraço mais acolhedor que eu recebera nos últimos anos. Ainda sentia o seu calor... Suas palavras, a forma como me olhava, como se eu fosse tudo. Na hora, não havia percebido, mas sabia que ele fizera por mim o que mais ninguém fizera: ficara ao meu lado.

Mas eu já tinha vivido isso antes. Já tinha queimado de amor e me jogado em uma relação que apenas me deixara aos pedaços.

Eu era uma idiota, e cada lágrima que descia dos meus olhos confirmava isso. *Idiota!*

Não podia ser verdade. Eu não podia... Não... A vontade era de gritar, porque eu apenas fechava os olhos e a primeira coisa que via era o sorriso dele.

Deus.

EU. NÃO. PODIA.

Havia um abismo separando nós dois. Mundos totalmente

diferentes, que só haviam se cruzado porque ele estava acostumado a descer até o inferno. Mas o contrário nunca aconteceria. Eu não sabia o que era estar no céu. Mesmo assim, ainda pensava nele. Em como as coisas poderiam ser diferentes se...

NÃO!

Respirei fundo, tentando me acalmar e convencer meu coração de que não era nada daquilo. Repeti a frase em minha cabeça até que comecei a acreditar em minha própria mentira. Isso era fácil. Acreditar em mentiras era tudo que fizera nos últimos anos.

Você não pode pensar nele, Larissa.

O amor dói.

Machuca.

Destrói.

Você não pode amar.

Quando você tem um coração em ruínas, é fácil arrancar qualquer coisa boa que pode vir a crescer dentro dele. Senti-me decepcionada quando me dei conta de que minha vida se resumiria a isto: medo, chances perdidas e o passado sempre voltando à tona. Uma coisa que aprendera com a dor é que você acabava se acostumando. No fim, Dennis tirara até a capacidade que eu tinha de sentir. Estava anestesiada. Corpo e alma ainda perdidos naqueles malditos momentos.

Não podia ir até Diego ou qualquer outra pessoa sem antes descobrir como voltar a viver. E eu tinha que fazer isso sozinha. Por mim. Ninguém podia me curar quando nem eu sabia onde realmente doía.

Fui até o restaurante e Daniela sorriu agradecida assim que me aproximei.

— Vim pegar algumas coisas que deixei aqui — avisei.

Seus olhos me encararam como se eu fosse sua salvadora.

— Muito obrigada de novo, Larissa.

— Já disse que não tem por que agradecer.

— Tem sim — suspirou. — Esse emprego vai salvar a minha vida.

Segurei sua mão.

— Espero que sim.

Sabia muito bem do que ela estava falando. Conhecera Dani em uma das reuniões que frequentara depois que tudo acontecera. Ela estava tentando largar o namorado abusivo havia alguns meses, mas ainda não sabia como conseguir sua independência. Quando decidi pedir demissão, ela foi a primeira pessoa em que pensei para me substituir, e fiquei muito feliz quando a gerência aceitou a sugestão.

Sorri, acenando com a cabeça, e passei por ela, mas parei depois de alguns passos.

— Dani? — Ela virou para mim quando a chamei. — O que aquele moço queria?

Ouvi um longo suspiro apaixonado, e sua reação queimou alguma coisa dentro de mim. Seus olhos brilharam e, por um instante, ela pareceu apenas uma menina sonhando com um príncipe encantado.

— Ele queria brigadeiros — respondeu, e eu recuei, como se algo tivesse me atingido em cheio. Meu coração parou por alguns segundos e tive vontade de chorar e sorrir ao mesmo tempo.

Não. Ele não queria brigadeiros.

QUATRO MESES DEPOIS...

Diego

Olhava para a mulher sentada na minha frente e, enquanto ela despejava todas as suas angústias, eu só conseguia pensar que, naquele caso, não podia fazer nada. Não podia tirar das drogas seu filho adolescente. Não podia trazer a paz de volta para a sua família. Não podia afastá-lo da morte iminente e do horror que é viver como um fantasma, vagando sobre a terra em busca de um prazer mortal.

Ela secou as lágrimas que rolavam pela face e respirou fundo, a voz ainda tremendo, mas confiante de que eu podia fazer alguma coisa.

— O senhor é minha última esperança, dr. Diego. Não sei mais o que fazer. Ele levou tudo que eu tinha em casa. Não posso comer porque até o pacote de arroz que tinha sobrado ele tirou de mim. Botijão, panelas, televisão... Um dia eu cheguei do trabalho e minha cama não estava mais lá — sussurrou, e senti vontade de abraçá-la e dizer que tudo ficaria bem, mas não o fiz. A última vez que abraçara alguém, ela levava meu coração.

— Posso tentar conseguir algumas doações para a senhora — propus, mas ela balançou a cabeça em negativa, e depois sorriu. Um riso triste e derrotado.

— O senhor não entende. Prefiro dormir no chão e comer em botecos do que ajudar a sustentar o vício dele. Por isso prefiro uma casa vazia, de onde ele não possa levar mais nada.

O que via era o desespero de uma mãe que sabia não ser capaz de fazer nada, mesmo que lutasse todas as batalhas para isso.

Quando alguém entrava no mundo das drogas, ele não destruía

apenas sua vida. Sua família desmoronava sem ninguém nunca ter posto um cigarro na boca. Aquela mãe estava tão magra quanto o filho, mesmo sem nunca ter cheirado cocaína. O pai estava destruído, e ele nunca experimentara ecstasy. A irmã estava perdida, mesmo que nunca tivesse tocado em heroína. O corpo que usava era o dele, mas todos à sua volta sofriam as consequências junto.

— Vamos tentar uma internação, dona Elisa. É difícil, ainda mais na idade dele. Precisamos de todo o apoio da família, e mesmo que vocês estejam cansados, é necessário que sejam fortes mais uma vez. Não adianta nada interná-lo em uma clínica sozinho e sem o apoio de todos. Vai por mim, sem família é muito mais difícil.

Ela sorriu em meio a mais lágrimas que desciam pelo rosto, uma atrás da outra. Lágrimas de esperança, de alívio. Lágrimas de alguém que enxergou uma luz no fim do túnel.

Levantei e ela fez o mesmo. Ia pedir para que falasse com o Fabrício, mas ela me impediu, vindo até mim.

— Posso te dar um abraço, doutor?

— Claro.

Ela se aproximou e me envolveu em seus braços.

— Que Deus te abençoe e cuide do seu coração.

Quando se afastou, eu a olhei nos olhos.

— Só fiz o meu trabalho.

— Não — balançou a cabeça —, o amor nos teus olhos não faz parte da tua profissão. Faz parte de quem o senhor é. — Respirou fundo antes de continuar. — Dr. Diego, nós vamos te apoiar, mas saiba que eu também entregaria ele pra vocês. Lutarei por meu menino, mas se ele desviar ainda mais do caminho, vou rasgar meu coração, mas vou entregar ele pra vocês.

Assenti, sabendo o que ela queria dizer. Nem todas as famílias eram assim, conscientes do que deviam fazer. Muitas escolhiam mergulhar em uma falsa ignorância e fingir que nada estava acontecendo. Mas estava. E precisávamos falar sobre drogas, ou um dia elas nos destruiriam.

Expliquei para dona Elisa quais seriam os próximos passos e a

encaminhei para a sala do Fabrício. Ele a recebeu com a competência de sempre, e voltei para minha sala sabendo que fizera o que estava ao meu alcance.

Sol apareceu logo depois que sentei, ainda pensando no filho da dona Elisa. Onde ele estaria agora?

— Vai almoçar? — perguntou ela, me tirando do transe.

O relógio no canto do computador marcava meio-dia e sequer vira o tempo passar.

— Pode trazer algo pra mim, por favor?

— Posso, mas... — Eu já imaginei Sol dizendo que trazer meu almoço não era seu trabalho e o pedido de desculpa parou na ponta da língua quando ela continuou. — Devia sair daqui um pouco mais, doutor. Pelo menos na hora do almoço. Nos últimos meses, o senhor tem chegado ainda mais cedo e saído muito mais tarde. Precisa se desvincular um pouco do MP.

— Eu tô bem, é sério — menti.

— Péssimo mentiroso. Tem certeza de que já foi advogado? — provocou ela.

Sorri envergonhado.

— Acho que foi por isso que mudei de profissão.

Ela também sorriu, mas logo o gesto morreu e o rosto voltou a ficar sério.

— Não limite sua vida a *isso aqui*, ou *isso aqui* vai acabar com você. — Sol balançou a cabeça de um lado para o outro. — Desculpe a intromissão, mas gosto muito do senhor para concordar com essa sua vontade de fazer parte da decoração da sala.

O pedido de desculpas foi sincero, mas ela não se arrependeu.

— Você também é minha amiga. E amigos têm liberdade pra um puxão de orelha de vez em quando.

— Por favor — disse com entusiasmo. — Já sou intrometida demais sem esse tipo de liberdade. Não dê asas a cobra.

Balancei a cabeça, rindo.

— Só você mesmo, dona Sol. E, para o seu governo, vou sair com Fabrício hoje depois do expediente.

— Ele disse que o senhor não tinha aceitado.

— Bem — inclinei a cabeça —, acabei de mudar de ideia.

Ela manteve uma expressão satisfeita e saiu sem dizer mais nada.

Porém, antes de chegar à porta, perguntou, virando-se para mim: — Foi uma mulher?

Confirmei com um aceno de cabeça.

— Caminhos opostos.

Ela assentiu.

— Já pensou em apenas seguir na mesma direção? Às vezes funciona.

Piscou e saiu.

Sentei, recostando na cadeira, pensando em suas palavras e sobre como elas pareciam trazer uma solução simples para os meus problemas. Abri a gaveta e a foto dela estava lá. Eu a encontrara no banco de trás do carro um tempo depois do julgamento. Devia ter se soltado do processo. E eu deveria tê-la devolvido, mas não o fiz. Gostava de olhar para ela e imaginar que estaria vivendo uma vida bem melhor, longe de todo o seu passado. Passei o dedo pelo seu rosto, como se a tocasse. Como desejava tocá-la.

Eu ainda pensava em Larissa.

E o pensamento nela ainda fazia meu coração acelerar.

— Sol está preocupada com o senhor.

— Eu sei — respondi a Fabrício. — Aqui é “você”, não “senhor”, tudo bem?

Ele deu de ombros, levando a garrafa de cerveja à boca.

— Sol está preocupada com *você*.

Sorri.

— Isso já deu pra perceber.

Ele deu de ombros como se dissesse *foda-se, fiz a minha parte*.

Olhei todas aquelas pessoas ao redor, mas não conseguia agir como elas. Sorrindo, conversando, se distraindo, bebendo. Fora vencido pelo cansaço, por isso estava terminando minha sexta-feira em um bar

apenas para mostrar para as pessoas que eu tinha uma vida além do MP, mesmo que isso não fosse a verdade completa. Visitava meus pais, sempre que possível estava com Alexandre e Clara e também passeava com Vitória. Acontece que esse não era o tipo de relacionamento que esperavam de mim. Não tivera mais ninguém desde Sofie. A coisa toda não engrenara e eu sabia bem o motivo.

Por causa *dela*.

Bem... *Ela* se fora sem que eu tivesse pelo menos a chance de tentar.

Queria não pensar em Larissa, porque tudo aquilo era loucura. Eu mal a conhecia.

Quer dizer...

Conhecera suas dores, mas não seu coração. Enxergara suas feridas, mas não o que a fazia sorrir. Sabia dos seus medos, mas não o que lhe trazia alegria. Alcançara apenas a parte ruim, e o pior era que me apaixonara completamente por ela. A primeira vez em anos que meu coração se abria para alguém que não fosse minha família.

Foi a minha vez de levar a cerveja à boca e tomar um longo gole, desejando que o líquido gelado esfriasse a chama que queimava dentro de mim. Fabrício mudou de assunto e passou a falar sem parar. Balançava a cabeça de vez em quando, fingindo interesse no que ele dizia, mas tudo que queria era voltar para casa, ler um livro e me afundar na cama. Nunca havia sido um cara de balada, e sempre preferira passar minhas noites na companhia de assassinos psicóticos e detetives determinados. Romances policiais, eis o meu vício.

Enquanto Fabrício tecia algum comentário sobre uma nova operação da Polícia Federal, alguém chamou minha atenção. Sorri quando seu cabelo cor de fogo se destacou no meio de tantas pessoas. Como se sentisse meu olhar sobre ela, Sofie encontrou meus olhos e se prendeu neles. Ergui a garrafa, cumprimentando-a, e ela sorriu de volta.

— Caramba! — exclamou Fabrício, quando minha ex-namorada veio em nossa direção.

Bati no braço dele, mas meu assessor continuou olhando para Sofie como se ela fosse de outro mundo. Ela se aproximou e eu levantei

para abraçá-la. Seu cheiro continuava o mesmo, assim como o brilho nos olhos quando me encarou.

— Não acredito que saiu de casa — provocou ela.

— Vai por mim, eu também não.

Por alguns longos segundos nos encaramos, a lembrança da última noite juntos vindo à tona. Não vira mais Sofie depois que ela saíra do meu apartamento naquele dia. Ainda tentara contato, mas ela havia dito que queria um tempo para ajeitar a vida. Havia feito o que me pedira e me afastara por completo.

No entanto, nosso momento foi interrompido. Fabrício levou a mão fechada à boca e tossiu de forma dramática, chamando nossa atenção. Esquecêramos completamente dele, e me senti mal por isso.

— Sofie, esse é o Fabrício, meu assessor. — Apontei na direção dele. — Sofie é uma grande amiga.

— Essa é Meg, uma amiga — Sofie apresentou a morena ao seu lado.

Ganhei um enorme sorriso satisfeito dela. Um que dizia que ainda podíamos ser amigos. Claro que Fabrício se encantou, não podia ser de outra forma, e terminamos a noite todos juntos. Foi divertido, porque Sofie e eu tínhamos muitas coisas em comum para compartilhar. Ela contou alguns segredos meus de anos atrás e Fabrício quase se virou do avesso de tanto rir.

— É sério, eu cheguei no apartamento e ele tinha dormido de cabeça pra baixo no sofá.

— Não acredito! — disse meu amigo.

— Em minha defesa — intervim —, eu tinha passado quarenta e oito horas sem dormir.

Sofie me olhou com carinho.

— Era seu primeiro grande caso. Estava determinado e apaixonado. Nada apagava aquele brilho nos olhos. Você nunca deixou de correr atrás do que queria. É a sua maior qualidade.

— É — sussurrei, não sabendo como responder ao elogio. Fazia um tempo que não me sentia mais como ela descrevia, e talvez Sofie soubesse disso, pois me olhava com compaixão.

Quando decidi pedir um táxi, as meninas protestaram. O álcool já começava a bater forte e eu realmente tinha que ir para casa, mesmo que decepcionasse a todos. Fabrício se ofereceu para acompanhá-las um pouco mais no restante da noite, a atenção sempre voltada para a morena ao lado de Sofie. Elas aceitaram e eu levantei. Sofie fez o mesmo e me abraçou antes que eu saísse.

— Ainda sinto o mesmo por você — aproveitou o abraço para sussurrar. — E acho que sempre vou sentir. Tive tanta saudade que prefiro ter apenas sua amizade a não ter nada.

Ela se afastou e a olhei nos olhos.

Afaguei seu cabelo, enrolando uma mecha em meu dedo.

— É tudo que eu tenho pra oferecer.

Ela assentiu.

— É tudo que eu preciso.

Cheguei ao meu apartamento e caí na cama depois de um longo banho. Sentia-me inquieto, com um peso no coração. Durante o mês em que conhecera Larissa, eu tivera algo que me animava. Almoços num restaurante de shopping eram a melhor parte do meu dia. Vê-la era a melhor parte do meu dia. Sempre achara que, quando me apaixonasse por alguém, seria por uma colega de trabalho ou alguma amiga da Manuela.

E ficara esperando a pessoa que roubaria meu coração, a que traria muito mais que sexo, que iria muito além do amor. Mas esse sentimento viera de onde menos esperava. Em termos éticos, eu sequer poderia pensar em Larissa, mas não havia ética e muito menos razão quando o coração batia tão forte a ponto de tirar seu ar.

Ouvi meu celular tocar e levantei para procurá-lo.

Uma mensagem da Clara.

Tudo certo pra amanhã?

Digitei uma resposta enquanto imaginava o esforço que ela fazia apenas para me mandar uma mensagem que ia contra todos os seus princípios.

Perfeito.

Odeio você.

Sorri para sua resposta.

Não. Não odeia.

Não, mas queria odiar. Vejo você amanhã...

Pensei em responder, mas me detive ao ver os três pontinhos. Ela ainda estava digitando.

Te amo!

Também te amo.

Pelo menos eu teria alguma coisa para me ocupar. Deitei na cama e deixei as imagens de Larissa serem substituídas pelas de outra pessoa. A única princesa que de fato restara em minha vida.

Larissa

Quatro meses.

Cento e vinte e dois dias de uma nova vida.

Era bom contar. Ver que um dia viera depois do outro e que agora tinha muitos para me orgulhar. Ainda havia cicatrizes, mas elas tinham se tornado menores do que meus sonhos. Deixara para trás a bagagem ruim e me preocupara apenas com aquilo que era bom: minha filha e a vontade de vencer.

Um dia antes de Dennis ser preso, eu me olhara no espelho e chorara uma última vez ao ver a mulher que me encarava de volta.

Aquela não era eu.

Não havia resquícios da Larissa que um dia eu fora. Gritei, me debati e caí de joelhos no chão da minúscula casa que me abrigara nos últimos meses. Fui tomada pelo desespero e o medo de ficar para sempre naquele limbo.

Aquela não era eu.

Quando Malu me encontrou no chão e eu captei o pânico em sua expressão, decidi que seria a última vez que deixaria a tristeza tomar os olhos da minha filha. Decidi que ela merecia muito mais do que apenas sobreviver.

Então levantei.

Pela minha filha, fiquei de pé naquele dia, determinada a não mais cair.

Uma batalha. Um dia depois do outro. Como um dependente. E talvez eu fosse realmente isso, alguém tentando se livrar de um maldito vício. Retomar as rédeas da minha vida foi mais difícil do que pedir o divórcio. Naquele dia eu agi impulsionada pela raiva que sentia daquele desgraçado. Mas depois não. Depois tive que juntar os cacos e seguir em

uma caminhada que era apenas minha. Por isso muitas voltavam. Por isso *eu* voltava. Sentíamos que as coisas não faziam sentido aqui fora porque havíamos sido programadas para isso. A verdade é que um relacionamento abusivo não difere muito de uma lavagem cerebral. E, no meio do caos, é difícil encontrar sua própria sanidade.

Ajeitei o avental cor-de-rosa, pronta para mais um dia de trabalho, enquanto pensava em Dennis. Sim, ainda pensava nele. Gostava de imaginar que ele ficaria preso para sempre, mesmo sabendo que não era verdade. Ele havia sido capturado enquanto tentava embarcar em um voo para sair do país. Quando o delegado me ligou, não consegui responder. Apenas desliguei o telefone quando as lágrimas se formaram em meus olhos. Caí de joelhos, desejando que o inferno tivesse chegado ao fim.

Pensar me ajudava a focar. Era um passado que não dava para apagar da minha vida, pois ele destruíra boa parte do que um dia eu fora. Por isso, pensar nele era inevitável. Assim como pensar em qual teria sido meu futuro se tivesse me atrasado mais dois minutos naquele dia. Se tivesse perdido o ônibus... Se Dennis não tivesse se mudado para o mesmo bairro que eu... Se eu tivesse dito não na primeira vez... Se eu tivesse...

Talvez eu tivesse entrado na faculdade. Ou viajado pelo mundo com Janaína. Quem sabe tivesse dado uma chance para o meu amigo. Com certeza teria ficado com Matheus até o fim e não carregaria essa culpa que nunca deixaria de esmagar meu peito. Cada vez que olho para Jana, eu me lembro dele. Do seu sorriso e de quantas vezes tentou me avisar que eu estava caindo em uma armadilha.

Eu poderia ter encontrado outro amor. Na faculdade, em um barzinho, correndo pela manhã no parque — se eu corresse, é claro —, ou até mesmo em um... um... restaurante.

Pensar *nele* ainda fazia um sorriso despontar em meu rosto.

Lembrar dos seus olhos tão confiantes me acalmava, mesmo que tudo estivesse apenas em minha mente. Quando sentia que ia cair, pensava em suas palavras. Sonhara com ele certa noite. Vestindo seu bonito terno e com os braços abertos, ele me recebia em um abraço protetor que me fazia esquecer todas as vezes em que fora machucada.

Eu me perguntava se algum dia voltaria a me apaixonar por alguém. A ideia havia começado com uma fagulha. Uma pontinha de vontade de ser amada de verdade. Imaginava como seria estar em um relacionamento saudável. Será que ele se interessaria pelas minhas palavras? Será que me tocaria com delicadeza? Olharia para mim como se eu fosse tudo para ele? No fim do dia, perguntaria como eu estava?

Deixar outra pessoa entrar em minha vida ainda me causava pânico, mas fazia de tudo para acreditar que essa parte do meu coração, um dia, iria se curar. E, quando sonhava com alguém, um amor, a personificação dos meus pensamentos era ele.

Mas isso realmente não importava, pois eu nunca mais o veria de novo.

— Mamãe! — Meu coração deu um salto como se fosse a primeira vez. Não me virei depressa, desejando que ela me chamasse mais uma vez. E foi o que fez, trazendo lágrimas para meus olhos. — Mamãe? — Malu sussurrou.

Dei as costas para a mesa à minha frente e fixei os olhos em minha filha. Seu uniforme estava sujo de terra e o cabelo nem de longe se parecia com as belas tranças que eu havia feito pela manhã. Mas não me importava. Significava que ela aproveitara o dia.

Fiz sinal com a mão, chamando-a, e ela correu até mim e se jogou em meus braços.

— Como foi a escola? — perguntei, o coração batendo forte.

Malu olhou para trás e, depois de se certificar que não havia mais ninguém, murmurou pertinho do meu ouvido.

— Foi boa.

Duas palavras sussurradas que faziam meu coração querer saltar pela boca. Duas palavrinhas que carregavam uma tonelada de esperança.

Abracei-a ainda mais forte.

— Que maravilha, meu amor. A mamãe tá muito feliz.

Dessa vez ela apenas balançou a cabeça, mas depois de olhar a colher em minha mão, piscou os olhinhos pidões para mim.

— Brigadeiro? — pediu.

— Só uma colher.

Malu sacudiu a cabeça, dizendo que não.

— Bolinha.

Fingi estar um pouco brava, mas não conseguia lidar com aquele olhar. Fui até a geladeira e retirei um dos brigadeiros que já estavam dentro da forminha. Entreguei para Malu e ela saiu saltitante até a sala. De onde estava, eu podia observá-la e ficar atenta a tudo que fazia. Ela afastou a mochila para o lado e sentou na frente da televisão. Fui até lá e pus um dos seus desenhos favoritos, e ela sorriu para mim com os dentinhos cheios de brigadeiro. Sorri de volta e beijei sua testa.

Ainda olhei para a janela antes de voltar para a cozinha. Estava fechada.

— Desculpa, Lari, fui pegar a correspondência. Malu tá bem? — Janaína caminhou, mancando com o pé engessado, esticou o corpo até enxergar a sala e sorriu quando viu nossa menina com os olhinhos grudados na televisão.

— Ela disse alguma coisa pra você? — perguntei, esperançosa.

Jana sacudiu a cabeça.

— Ainda nada.

Malu voltara a falar havia dois meses. De repente, do nada, me pedira brigadeiro. Olhei para todos os lados achando que estava ouvindo coisas, mas então ela repetiu: *Mamãe. Brigadeiro.* Não consegui responder. Apenas chorei tanto que Janaína correu até nós, achando que havia acontecido alguma coisa. Abaixei até ela e pedi que repetisse. Malu olhou para Janaína e se calou mais uma vez.

Um tempo depois, a psicóloga explicara o que havia acontecido.

Você me disse que, quando Dennis abusava de você de alguma forma, principalmente na frente da Malu, ele sempre dizia que ela não podia dizer nada às pessoas, e que deveria ser uma boa menina, ficando calada. O trauma dela está aí. Ela sente que se conversar com alguém, ele poderá voltar a fazer algum mal para você e também para ela. Um enorme passo foi dado, mas agora devemos ter ainda mais paciência.

Paciência. Era tudo que eu poderia fazer pela minha filha além de lhe dar um lar seguro e saudável. Todas as minhas decisões haviam sido tomadas colocando ela em primeiro lugar. Mudara para uma casa maior,

mas apenas a poucas quadras de onde morávamos. Malu continuava na mesma escola, frequentando a mesma psicóloga e brincando com os mesmos amiguinhos. Não tinha a menor chance de mudar sua rotina sem afetar tudo que já havíamos conquistado. Então eu me adaptara às suas necessidades e engolira o orgulho. Ligara para Odete e contara meus planos. Ela havia me apoiado incondicionalmente, e não apenas com palavras. Havia resolvido aceitar o dinheiro que ela oferecera aquele dia no parque.

Olhei em volta.

Ele me ajudou a recomeçar.

— Você já não tinha terminado?

Janaína me trouxe de volta à realidade.

— Alguns não estavam bem enrolados. Resolvi fazer outra receita para substituir os defeituosos.

— Pelo amor de Deus, Lari. Estão perfeitos — ela disse, depois de abrir e verificar tudo que estava na geladeira. — Bolinhas perfeitamente enroladas por mãos talentosas. Amiga, os meus brigadeiros parecem ovos ou ficam finos e pontudos.

Não consegui sorrir.

— Você não entende. — Fiz uma pausa apenas para pôr o doce na embalagem rosa. Só voltei a falar depois de ajeitá-lo com perfeição. — Esta é nossa maior encomenda em três meses. Tem ideia da divulgação que essa gente chique pode fazer? O melhor marketing ainda é o boca a boca. Tudo precisa estar perfeito.

— Mas está — rebateu ela.

Pus seis brigadeiros dentro da caixa em forma de coroa e aponte o dedo para eles, contando.

— Dois de morango, dois de amêndoa e dois de framboesa. — Olhei para Janaína e ela sorriu. — Agora sim, está perfeito.

— Você é maluca.

— E você é uma péssima sócia. Tudo pra você está ótimo.

— Gata, seus brigadeiros são os melhores do mundo. Não tenho com o que me preocupar.

Mostrei a língua, mas no fundo estava orgulhosa de mim, do que

ela dissera. Abri a geladeira, que estava abarrotada de caixas de papelão. Dentro havia diversas caixas pequenas, como a que eu segurava nas mãos. Por fora estava escrito o nome da nossa empresa: DELÍCIAS DA MALU.

Fora por isso que pedira demissão. Meus sonhos haviam ficado grandes demais para aquele restaurante e, depois de anos, pela primeira vez eu havia acreditado que eles poderiam se tornar reais.

Pela primeira vez eu acreditara em mim.

— Vocês vão ficar bem? — questionei pela décima vez.

Jana revirou os olhos pela nona vez.

— Você quer que eu vá no seu lugar?

Fiquei envergonhada quando me lançou um olhar ríspido.

— Claro que não. Você quebrou o pé. É só que... — Mordi o polegar, nervosa. — É a primeira vez.

Escutei o gesso de Janaína bater no piso da cozinha até ela chegar aonde eu estava. Quando nos reencontráramos, havia alguns meses, temia que nossa amizade tivesse acabado, mas estava enganada. Ela nunca morrerá. E agora, além de minha sócia, Janaína fazia parte da nossa família. Quando decidíramos morar juntas, eu havia ficado com medo da reação da minha filha, mas Janaína era tão alegre e animada que logo Malu se acostumara com a presença da tia Naná em nossa casa. Era assim que ela chamava Janaína. Minha amiga se emocionou quando lhe contei seu novo apelido.

Um alívio poder confiar em alguém outra vez. Era como tirar o peso do mundo das minhas costas. Primeiro Odete, depois Janaína. As únicas pessoas a quem eu confiava minha filha e nossa segurança.

Mesmo assim, não deixava de me sentir aflita. Era a primeira vez que os papéis se invertiam. Por causa da queda de moto em que quebrara o pé, Janaína ficaria em casa enquanto eu serviria os doces em uma importante festa. Eu sempre ficava na cozinha e, por esse emotivo, minha aflição era quase aceitável.

— Vai se sair bem, amiga. Relaxa.

— Espero que sim — disse, mais para mim do que para ela.

Eu conhecia a mãe da aniversariante. Assim que meus olhos pousaram nela, voltei ao dia em que a vira no restaurante. O cabelo continuava o mesmo. Os fios castanhos descendo pelas costas em forma de lindos e perfeitos cachos. Usava um vestido longo, branco, com pequenos detalhes em rosa. Na cabeça, uma tiara de princesa e uma maquiagem que a deixava parecida com uma das bonecas da minha filha.

— Ah, meu Deus! — Ela suspirou entusiasmada assim que me viu. — Não via a hora de você chegar. Por favor, pode me dar uma das caixas? Se eu não comer um agora, meu filho vai nascer com cara de brigadeiro — pediu, passando a mão pela barriga redonda. Meu Deus! Aquela mulher estava prestes a dar à luz.

Vendo meu olhar e a boca aberta em uma expressão de surpresa, ela se adiantou em esclarecer.

— Não se preocupe. É para daqui alguns meses — disse, com a boca cheia de brigadeiro, e eu sorri. — A propósito, sou a Clara.

— Larissa

— Vamos, Larissa, vou te mostrar a mesa de doces. Meu Deus, isso aqui — gemeu — é simplesmente divino.

Eu a segui. No caminho, Clara comeu seis brigadeiros. Todos que estavam na caixa. Era muito simpática e educada. Acho que não me reconheceu, pois não disse nada, então resolvi não tocar no assunto, até porque eu a vira apenas uma vez com...

Parei, estática.

— Tá tudo bem?

Balancei a cabeça, sem saber como responder sua pergunta. As borboletas no meu estômago ficaram atordoadas, voando de um lado para o outro e me fazendo sentir uma sensação muito, muito estranha.

Ansiedade?

Medo?

Alegria?

Meu Deus do céu! Eu iria vê-lo mais uma vez.

Diego estaria naquela festa. A forma como falara da cunhada e da sobrinha... Ele estaria aqui. E agora, o que eu faria? As caixas em

minhas mãos tremiam e eu tive que segurá-las com força para não deixar nenhum doce cair. Queria sorrir. Meu coração deu um salto dentro do peito só de pensar na possibilidade de estar outra vez no mesmo lugar que ele.

— Querida, estou ficando preocupada.

Encarei Clara, e ela parecia mesmo agitada. Seus olhos me observavam apreensivos, então forcei minha mente a voltar para a realidade.

— Está tudo bem. Desculpa — pedi, e o vinco em sua testa se suavizou. — Só um pouco preocupada com a minha filha. Ela nunca ficou sem mim. Geralmente é minha sócia quem cuida dessa parte externa.

Tecnicamente, não havia mentido. Realmente estava preocupada com Malu. Ela tinha chorado quando eu saíra.

Clara abriu um amplo sorriso. Um que iluminava ainda mais seu rosto.

— Quantos anos ela tem?

— Vai fazer quatro.

— Podemos resolver esse problema — disse, batendo palmas de animação e me deixando confusa. — Vamos mandar buscar sua garotinha. Teremos algumas crianças aqui, e com certeza Vitória vai amar mais uma amiguinha pra brincar.

— Não sei.

— Mandamos o motorista, ele é de confiança.

— Motorista? — Não queria parecer deslumbrada, mas com certeza foi como soei.

Estava com três caixas repletas de brigadeiros nas mãos e ainda havia muitas para retirar de dentro do carro de Janaína.

— Humpf! — bufou ela. — O marido da minha melhor amiga é um cantor famoso e eles chegaram agora há pouco. Lá embaixo deve ter um motorista e um segurança, pelo menos. Dereck nunca sai sem eles.

Eu não fazia a menor ideia de quem ela estava falando, então só balancei a cabeça.

— Isso é um sim?

— Não... quer dizer... — Abaixei a cabeça, minhas bochechas pegando fogo de tanta vergonha. — Não quero incomodar. Estou aqui pra trabalhar.

Clara me deu um sorriso tão cheio de carinho que era como se me conhecesse. Seus olhos encontraram os meus e juro que brilharam de forma diferente. Esse tipo de pessoa existia mesmo? Que oferecia carona com motorista e sorria como se enxergasse apenas o lado bom da nossa alma?

— Você está aqui porque tem os melhores brigadeiros do mundo. Não faz ideia do quanto te procurei, Larissa. Fui ao restaurante duas vezes até sua amiga me dar o telefone do seu bufê.

Meu queixo caiu e não houve tempo para devolvê-lo ao lugar. Ela tinha me procurado. Lembrei que, na primeira vez, Diego dissera que levaria os doces para ela. Ele me ajudara tanto e nem ao menos sabia.

— Vamos. Me dá o endereço que vou pedir esse favorzinho pro Dereck.

Considere todas as opções. Ela me parecia alguém em quem eu podia confiar. Mesmo assim, pediria para Jana vir junto. Ela poderia ficar sentada cuidando da Malu, ou voltar de táxi para casa.

Assenti, as caixas pesando mais do que o normal em meus braços.

— Onde eu posso...?

— Ah, desculpa. A ilha de doces vai ficar na outra sala.

Acompanhei Clara até o local que ela apontara. Tudo era tão lindo, mas a simplicidade era o ponto forte da decoração. Havia alguns balões, flores, luzes piscando e um castelo em tamanho gigante. Era a única coisa extravagante de verdade naquela festa. Deixei as caixas em uma cadeira e comecei a montar a ilha de doces. Meus olhos vaguearam até o castelo mais uma vez.

— Ideia do meu cunhado. — Engoli em seco com seu comentário. — Aliás, toda essa baboseira de princesa é coisa do Diego. Nunca mais vou deixar aquele filho da mãe me convencer de alguma coisa.

— Você não gosta de contos de fadas?

O olhar dela pousou em um ponto específico da sala. Um homem

lhe encarava de volta e pude ver o amor envolvendo os dois. Tinha uma beleza inconfundível. Rosto másculo, barba por fazer, cabelo bem cortado e uma expressão inabalável. Senti um pouco de medo dele. Mas seus olhos? Hummm... Em segundos me dei conta de que era o irmão do Diego. Os mesmos olhos.

— Nunca quis ser princesa — deu de ombros. — Prefiro a história do Lobo Mau.

Sorri, sem graça, pois não entendi muito bem do que ela estava falando. Clara fez o mesmo, mas sem desviar o olhar do homem do outro lado da sala. Ele também parecia não enxergar mais ninguém. Meu peito se apertou e minha fé se abalou por um instante. Eu não sabia como era ser olhada daquela forma. Como se fosse tudo para alguém.

— Só um minuto — pediu, e me deixou sozinha.

A festa ainda não havia começado, mas algumas pessoas já estavam no local. Foi inevitável procurar por ele. Vasculhei todos os lugares que meus olhos alcançavam e só me acalmei quando tive certeza de que ainda não estava ali.

Mas logo vai chegar, meu subconsciente gritou.

Um brigadeiro quase caiu da forminha e tive que respirar fundo para continuar o trabalho sem deixar que nada desabasse. Era tudo um pouco demais para mim. A ideia de ele estar ali, a quantidade de pessoas estranhas à minha volta, a novidade de sair da cozinha. Meus nervos estavam à flor da pele.

Clara voltou alguns minutos depois e eu já havia montado as primeiras caixas. Um homem todo tatuado e com brincos por todos os lados veio atrás dela.

— Você pode dar o endereço pro Dereck.

Recuei.

Eles riram.

— Tá tudo bem. Eu o conheço há anos. Ele só tem cara de mau. O coração é tão mole quanto o nosso.

— Como é que é? — Ele pareceu bravo, mas quando Clara deu de ombros, ignorando-o, ele sorriu.

O constrangimento se abateu sobre mim. Quis pedir desculpa,

mas achei que ficaria ainda pior. Passei o endereço para eles e avisei que Janaína viria junto. Clara não se opôs. Ela já conhecia a Jana e sabia que havia se machucado em um acidente. Dereck saiu, ao telefone, e deu para perceber que não falava em português.

Durante a meia hora seguinte, fiquei com o coração na mão. Queria me convencer de que não havia feito uma besteira, mas sabia que Janaína deixaria Malu tranquila durante a viagem. Ela já havia pegado táxis outras vezes, então não se assustaria com a chegada de um carro em casa.

Mesmo assim, não aguentei a espera e mandei uma mensagem.

Estão bem?

Guardei o celular no bolso, mas ele apitou poucos minutos depois.

Relaxa. Estamos chegando. Malu está empolgada. Amiga, que carro.

Putá merda.

Ignorei seu deslumbramento.

O.k.

Fiquei ali, ao lado dos doces. Nosso serviço de bufê de brigadeiros incluía atender os convidados e repor a mesa durante a festa, além de rechear brigadeiros na hora. Eu usava um vestido rosa-claro até os joelhos, um avental preto e um chapeuzinho também cor-de-rosa. Havia amarrado o cabelo em um rabo de cavalo e passara apenas um batom nude nos lábios.

Malu entrou pela porta dos fundos quase arrastando a coitada do pé quebrado. Seus olhinhos observavam tudo e ela sorriu assim que me viu. Soltou da mão de Janaína e correu até mim, se jogando em meus braços.

— Obrigada, mamãe.

Quis chorar.

— Deixa eu ver você. Que vestido lindo!

Minha filha olhou para Janaína e sorriu. Era sua forma de agradecer.

— Ela escolheu o azul. Eu queria o amarelo.

Malu fechou a cara, fazendo biquinho.

— O azul está lindo — disse.

Seu cabelo estava solto, os cachinhos escuros caindo pelos ombros, e ela usava a tiara que a bisá havia dado. Logo uma menina se aproximou. Tímida, mas com os olhinhos tão ansiosos quanto os da minha filha. Quando Malu não disse nada, ela deu mais alguns passos.

— Oi, sou a Vitória. É meu aniversário. Também tenho uma tiara de princesa — disparou.

Malu segurou minha mão.

Olhei para Clara, que chegara logo em seguida, e me apressei a explicar o que estava acontecendo.

— Malu não fala com quem ela ainda não conhece.

— Ah, sim.

Esperei que fosse me perguntar o motivo, e o arrependimento de ter levado minha filha até ali começou a surgir. Porém, fui surpreendida. Clara se abaixou até a filha, disse algo em seu ouvido, e depois se afastou. A garotinha sorriu, balançou a cabeça e estendeu a mão para a minha pequena.

— Malu, quer conhecer meu castelo?

Mais uma vez ela olhou para mim.

— Vai lá, tá tudo bem. Mamãe tá bem aqui se você precisar.

Devagar, ela soltou da minha mão. Sentia toda a sua indecisão em me deixar. Mas ela o fez. Minha garotinha saiu segurando na mão de uma menina desconhecida, confiando nela, assim como eu havia confiado em sua mãe. Isso poderia ser besteira para muita gente, mas não para nós duas. Era mais uma batalha que vencíamos.

Chorei vendo-a se afastar e Clara pousou a mão em meu ombro.

— Obrigada — agradei, secando as lágrimas e com um sorriso bobo no rosto.

Ela passou a mão pela barriga.

— Filhos — disse, apenas.

— Filhos — repeti.

A tarde começou a passar muito rápido. Cada vez que a porta abria, eu imaginava que era ele. E cada vez que outras pessoas entravam, algo se revirava no meu peito.

— Tia Lari, pode me dar mais um docinho, pufavô?

Era a terceira vez que Vitória vinha até mim. Sempre pedindo *por favor* e agradecendo depois. Perguntei a Clara se a filha podia comer os doces antes do parabéns, e ela autorizou, então peguei um brigadeiro de morango e dei para ela. Logo ele desapareceu em sua pequena boca, enquanto ela fazia ruídos de quem estava gostando.

— Esse é gostoso?

— Muito. — Ela balançou a cabeça. Malu estava com ela, e as duas não se desgrudavam. Só isso já fazia todo aquele trabalho valer a pena. Vitória fez menção de dizer mais alguma coisa quando a porta se abriu outra vez. Não olhei, concentrada no que estava fazendo. Mas, quando ela saiu gritando pelo salão, meu peito se apertou. — Tio Di. Tio Di. Tio Di.

Segurei na mão da minha filha, que ainda estava ao meu lado, enquanto observávamos Vitória pular no homem que acabara de entrar. Seu vestido rosa bufante quase o encobriu, mas assim que ele a rodopiou no ar, consegui ver seu rosto.

Assim como me lembrava.

Assim como sonhara.

Vitória o abraçou com força e, depois que ele a pôs no chão, pude olhá-lo melhor.

Sorri.

Diego usava uma fantasia.

Príncipe.

Ainda olhava para ele quando escutei a menina dizer: — Tio Di, come os doces da tia Lari. Eles são os melhores do mundo inteiro. — Puxou a mão dele na minha direção, arrastando o homem com ela. Meu coração quase explodiu.

Seus olhos me encontraram. O mesmo azul em que eu mergulhara na primeira vez. Suspirei, sem saber como agir, porque no fundo estava apavorada. Malu ainda segurava minha mão e eu agradeci em silêncio por ela estar ali.

Quando eles chegaram, Vitória me pediu: — Tia, pode dar um brigadeiro para o tio Di? Ele é o meu príncipe.

Meus olhos se fixaram nos dele e eu podia sentir o calor que ele emanava. Ficou difícil respirar. A música tornou-se incoerente e tudo que eu conseguia enxergar era o homem à minha frente.

A garotinha ainda me encarava, esperando que eu atendesse seu pedido.

Peguei um brigadeiro e entreguei a Diego. Nossos dedos se tocaram e, mais uma vez, meu corpo inteiro se acendeu. Mas não da maneira que a maioria poderia imaginar. Era minha alma que voltava a se iluminar. Um coração que havia aprendido apenas a apanhar, resolveu, enfim, bater.

Ele ainda não havia dito nada, então abri a boca, forçando as palavras.

— São os melhores.

Ele sorriu o sorriso que havia me encantado. Um sorriso que iluminava seu rosto, alcançava os olhos e me fazia querer acreditar no mundo.

Quando abriu a boca para falar, sua voz alcançou um ponto escondido dentro de mim.

— Eu sei que são.

Diego

Estava parado na frente dela. Um brigadeiro na mão e Vitória me puxando pela outra. Não podia acreditar que aquilo estava acontecendo. Meu coração batia tão forte dentro do peito que tive medo de que ela pudesse ouvir todo o meu nervosismo. Tentei me acalmar, juro que tentei. Mas porra! Meu sonho estava na minha frente. A mulher que simplesmente roubara todos os meus dias de mim — porque tudo que consegui fazer nos últimos meses foi pensar nela — estava ali.

O sorriso tímido e os olhos amedrontados ainda estavam lá, como se o tempo não houvesse passado. Mas se olhasse melhor — e eu olhei — ela estava diferente. Prova disso foi sua voz saindo antes da minha. *Confiante*. Estava confiante.

Ela olhou para os lados, inquieta, e eu sabia que precisava dizer alguma coisa antes que se afastasse.

— Como está? — perguntei, controlando o máximo possível a emoção em minha voz.

Ela não baixou os olhos como de costume.

— Bem. — Achei que nãoalaria mais nada, mas então mudou de assunto. — Essa é uma parte da minha nova vida. Delícias da Malu.

Olhou para o lado, para a garotinha que segurava sua mão. Malu trazia a mesma doçura no olhar, capaz de alcançar o fundo da nossa alma. Ela me encarava o tempo todo, e tive uma leve impressão de que sabia o motivo. Eu quase poderia ter saído de uma história infantil qualquer. Desde que Clara perguntara a Vitória sobre seu aniversário, ela vinha dizendo que queria que eu fosse seu príncipe. Eu, óbvio, dissera sim. Por isso, estava na frente da mulher por quem me apaixonara vestindo uma roupa com mangas bufantes e um chapéu que carregava uma pena na ponta. E claro que havia uma espada. Um príncipe nunca

sairia de casa sem ela.

— Oi, princesa. Você já viu nosso castelo? — Maria Luiza olhou para Larissa, depois para mim, e balançou a cabeça. Ela ainda não falava.

— Vamos voltar lá? — interrompeu Vitória, me deixando e pegando na mão da outra garotinha. Para minha surpresa, ela seguiu minha sobrinha sem titubear.

Larissa acompanhou meu olhar enquanto as duas corriam até as outras crianças. Quando chegaram lá, Vitória não soltou a mão de Malu, e as duas foram juntas até o castelo.

— Sua sobrinha é um encanto.

Sua voz me chamou de volta. Eu mal conseguia responder, porque era difícil acreditar que a ouvia mais uma vez.

— Ela é.

— Malu está se divertindo com ela.

— Isso é muito bom. Estou realmente feliz em ver que ela está bem.

— Preciso voltar a trabalhar.

Ela me deu as costas.

— E você, está bem? — As palavras pularam da minha boca.

Larissa me olhou de novo e sorriu.

— Eu fico bem quando minha filha está bem. Então sim, estou mais do que bem.

Apenas balancei a cabeça, decidindo me afastar um pouco, mas ela me chamou.

— Dr. Diego. É... Obrigada por tudo. Nem sei como agradecer.

Resolvi brincar com ela e retirei o chapéu, fazendo uma reverência. Quando me levantei, busquei seus olhos. Ela estava de boca aberta.

— Príncipe Diego à disposição — disse, fazendo-a rir baixinho.

— E tem uma coisa que você pode fazer, Larissa. — Ela me olhou apreensiva. — Me chamar de Diego. Não sou mais um promotor de justiça e nem você alguém que precisa dos meus serviços. Somos duas pessoas comuns que se encontraram por acaso em uma festa. Um homem e uma mulher... Apenas isso.

Queria que ela entendesse minhas palavras.

Sou apenas um homem que te deseja muito. Que achou que era um encantamento passageiro, mas que acaba de perceber que está apaixonado de verdade. Muito apaixonado.

— Eu...

— Aí está você. — Clara interrompeu. — Você realmente se superou, Di. Está ridículo. Só não mais do que o Bruno quando se vestiu de Tigrão para pedir Laís em casamento.

Mal processei as palavras que ela dizia. Larissa se afastou assim que Clara chegou, e eu me senti mal por ela ter ido para longe. Queria falar mais com ela. Desejava mais dela. Qualquer coisa que pudesse me dar seria o suficiente para matar a saudade que crescera dentro de mim.

— Aquele dia realmente foi memorável. — Clara continuava falando, como se uma lembrança surgisse em sua mente. — Diego, você está me ouvindo?

— Aham.

— Olha lá, a Vitória acabou de se pendurar do lado de fora da janela.

— Que bom.

— Diego! — gritou ela.

— A Vitória o quê? — Foi minha vez de gritar, enquanto meus olhos procuravam a janela. Meu coração só se acalmou quando vi minha sobrinha sentada no chão, abrindo um presente.

Fuzilei Clara com o olhar.

Ela deu de ombros.

— Você não estava me ouvindo.

— Precisa enfiar minha princesa no meio?

Ela deu de ombros outra vez. Que diabos!

— Se ela não chamasse sua atenção, mais ninguém faria. Quer dizer... — murmurou, olhando para a mesa de doces. — Acho que só a docinho ali seria capaz de tal proeza, não é mesmo?

Pigarreei.

Ajeitei o chapéu na cabeça e virei as costas. As coisas com Larissa já eram difíceis por si só. Não havia nenhuma necessidade de Clara se

meter e torná-las ainda piores.

— Não faço a menor ideia do que você tá falando — disse, com falsidade.

Clara me seguiu, parando na minha frente.

— Você é um péssimo mentiroso, Diego Mendes Ferraz. — Sorriu e me deixou seguir, ficando para trás, mas ainda ouvi sua voz murmurar algo como *eu estava certa*. Tinha até medo de perguntar do que falava, então apenas continuei caminhando.

Tinha tudo para me distrair naquela festa. Todos pegavam no meu pé pela minha fantasia — menos minha mãe. *Santa mãezinha*. A conversa alternava entre assuntos jurídicos, shows de rock, prédios em construção, cirurgias de emergência, crianças, partos... Mas eu não prestava atenção em nada do que eles falavam. Vitória me puxava para dançar com ela de vez em quando, e esse era o tempo que usava para procurar Larissa. Quando meus olhos a encontravam, era inevitável sorrir como um adolescente apaixonado. Ela, por sua vez, apenas baixava a cabeça e seguia mexendo em qualquer outra coisa. Não me importava. Eu conhecia todos os seus medos, mas agora também sabia de suas conquistas. E a admirava cada vez mais.

Deixei Vitória mais uma vez e decidi ir até ela, mas me interceptaram no meio do caminho. Alexandre apenas sacudiu a cabeça, mostrando um canto afastado do salão.

Olhei para trás, vi Larissa, mas acabei seguindo meu irmão.

— Posso saber o que aquela garota está fazendo aqui?

— Não entendi.

— A vítima daquele caso — esclareceu.

— Qual caso? — perguntei entre dentes.

— Não se faça de desentendido, moleque. Você sabe muito de quem estou falando.

— Eu sei muito bem de quem você está falando — repeti. — Só não sei *por que* você está falando.

Alexandre estava irritado. Os olhos semicerraram e as sobrancelhas se juntaram no meio da testa, como de costume.

— Quero saber como essa garota veio parar dentro da minha casa,

junto da minha família?

A raiva dele já estava me contagiando.

— Foi sua mulher que trouxe *aquela* garota. Nem sabia que a Larissa estaria aqui. Agora o que eu não entendo é por que você está agindo como um babaca — rebati, alterando a voz, mas ainda falando no mesmo volume.

Ele passou a mão pelos cabelos, dando as costas para mim e voltando a me encarar logo em seguida.

— Eles voltam, Diego. Você sabe que voltam. E eu não quero minha família, e isso incluiu você, nesse fogo cruzado. Sei que a garota não tem nada com isso, mas se aquele desgraçado chegar perto de um de vocês...

— Não vai.

Ele riu, irônico.

— Para de agir como se pudesse mudar o mundo, moleque. — Seu olhar seguiu até onde Larissa estava e depois voltou para mim. — Vai adiantar eu te avisar que isso vai dar merda?

Balancei a cabeça.

— Gosto dela.

— Jura? Realmente eu não conseguiria chegar a essa conclusão sozinho. — O sarcasmo pingava das suas palavras, e eu sorri. Alexandre deu as costas, saindo, mas virou para me dizer algo mais. — Porra! Tira esse chapéu ridículo.

Segurei o chapéu na mão, analisando-o. De repente, até aquela pena pareceu mais interessante do que as palavras do meu irmão.

Vitória ficou radiante ao ouvir os parabéns. Todos os seus amiguinhos estavam ao seu lado, incluindo Maria Luiza. Ambas sorriam com a inocência que só as crianças tinham, e eu admirava a interação das duas. Quando as fotos terminaram, uma música começou, e eu sabia que era a minha deixa. “Let It Go” ressoava por todo o salão e eu peguei Vitória nos braços. Esqueci de tudo naquele momento, enquanto dançava com a minha sobrinha. Ela ergueu a mão direita, segurando a

minha, e a outra pousou em meu ombro. Havíamos ensaiado algumas vezes, então saí rodopiando pelo salão, dançando a música escolhida por ela. Ela sorria encarando meus olhos, e eu fazia o mesmo, afinal, era o seu príncipe. Quando a música terminou, algumas amiguinhas dela se aproximaram e eu dancei com todas elas, assim como havia feito com Vitória.

— Agora a Malu, tio Di.

A garotinha ao seu lado se retraiu e eu soube que estava com receio de se aproximar. Ela levou um dedo à boca e começou a mordiscá-lo, nervosa. Malu não respondeu, então Vitória se aproximou e fez sinal para que eu abaixasse.

— Mamãe contou que temos que ser bonzinhos com ela. Malu só fala com amiguinhos. Seja amigo dela, tá bom?

E se afastou.

Não sabia quem amava mais: Clara ou Vitória. Minha sobrinha estava se saindo uma cópia da mãe.

— Entendi. — Balancei a cabeça de forma séria.

— Ele é um príncipe. Pode dançar com ele. Até chapéu de príncipe ele tem.

Malu estava desconfiada. Olhou para Vitória, para mim, e depois encarou por longos segundos o meu chapéu. Eu o tirei e mostrei para ela, que passou o dedo na pena e depois sorriu. Então ela deu os braços para mim e eu a segurei. Fiz a mesma coisa que havia feito na última meia hora, mas com o coração disparado. Aquela garotinha que havia sofrido tanto confiara em mim. Sabia que em sua cabecinha ela realmente achava que eu era um príncipe, então era melhor não a desapontar. Rodopiei com ela algumas vezes e dançamos uma música inteira. Dei um beijo em sua testa e a pus no chão. Assim que seus pezinhos se equilibraram, ela saiu correndo em direção à mãe. Larissa nos encarava com olhos esbugalhados e o queixo caído. Sua expressão surpresa estava escancarada para quem quisesse ver. Malu segurou na barra do seu vestido, começou a gesticular e a apontar o dedo para mim. Larissa disse alguma coisa que não pude ouvir, e olhou em minha direção. Estava parado como uma estátua no meio do salão, obrigando

as crianças que corriam e brincavam a desviar de mim.

— Agora é minha vez. — Ouvi a voz da Clara, mas não consegui olhá-la. Então ela deu a volta pelas minhas costas e parou bem na minha frente, chamando minha atenção. — Você vai assustá-la.

— O quê? — questionei, atordoado.

— Está agindo como um maluco. Para de encarar, ou sorrir toda vez que ela te olha.

— Eu não...

— Me dá a porra da mão e dança comigo.

Clara puxou meu braço e comecei a dançar por livre e espontânea pressão. Encarei seu rosto, esperando que ela me explicasse alguma coisa, mas por um tempo tudo que recebi foi seu sorriso forçado.

Até que ela resolveu falar.

— Por que você acha que eu a trouxe aqui?

— Por causa dos brigadeiros.

Ela inclinou a cabeça para a direita e sorriu.

— Por isso também. — Ficou pensativa. — Principalmente por isso, na verdade. Mas o que quero dizer é que seu irmão não tem segredos comigo. Então, quando me contou que você estava apaixonado pela vítima de um caso seu, eu juntei os pontinhos em um lindo desenho.

Suspirou com exagero.

Que Alexandre iria dar com a língua nos dentes, era meio óbvio, mas isso ainda não explicava o que Larissa estava fazendo ali. Vendo minha expressão confusa, Clara se adiantou.

— Não tinha certeza, mas algo me dizia que era ela, a garota do restaurante. Quando descobri que ela e a dona dos brigadeiros eram a mesma pessoa, fiz de tudo para trazê-la. Achei que não ia conseguir. Sempre foi a sócia que me atendeu, mas, para minha surpresa, ela apareceu hoje. E, bom... Pela sua reação, eu acertei.

Fiquei em silêncio, sacudindo a cabeça e confirmando com gestos o que não conseguia expressar com palavras. Estava estupefato. Meu irmão devia ser avisado de que aquela mulher, quando queria descobrir alguma coisa, era um perigo.

— Mas você tem que parar de agir assim.

— Estou dando muito na cara?

— Só falta deitar no chão pra ela passar por cima. E, considerando tudo que ela viveu, isso não é bom.

— Não sei como agir. — Ergui sua mão para que girasse em torno do próprio corpo. — Preciso dizer que estou interessado, mas a iminência de um fora está acabando comigo.

Clara encostou o rosto no meu ombro enquanto ainda balançávamos no ritmo de uma música que havia acabado segundos antes. Não podia deixá-la, ela era a única ali que entendia meu coração.

Paramos e Clara se afastou, ainda me olhando.

— Seja apenas o Diego. Sem forçar nada. Apenas você. Puro e verdadeiro. E, por favor, não diga a ela que se jogou na frente de um carro para me salvar ou ela vai questionar sua sanidade.

Eu a puxei e beijei sua testa.

— Faria tudo de novo.

— Sei que sim.

Segui o conselho da Clara e tentei ser o mais discreto possível, mesmo que aquilo acabasse comigo. Estávamos tão perto e, ao mesmo tempo, tão longe. Saber que ela estava ali, a poucos metros de distância, fazia meu coração saltar dentro do peito a cada minuto. Ainda mais quando pensava que ela podia ir embora e desaparecer mais uma vez.

Meu Deus!

Não havia ar suficiente em meus pulmões.

Era o meu quinto copo de refrigerante e eu não ia aguentar beber mais um gole sequer, mesmo que estivesse fazendo isso apenas para me manter ocupado. Deixei alguns amigos na mesa em que estava e fui até Larissa. Clara estava certa quando dissera que não podia assustá-la, mas eu também não podia deixá-la sumir mais uma vez.

Ela estava de costas para mim, arrumando alguns doces.

— Oi — falei baixinho. Mesmo assim, ela se assustou um pouco. Percebi pela forma abrupta como se virou. — Desculpa, não queria,

você sabe... cheguei do nada.

— Tudo bem. Eu só não esperava que alguém viesse falar comigo.

Assenti. Fiquei sem saber o que dizer, então vi Vitória e Malu brincando com algumas bonecas.

— Elas se deram bem.

— Aham. Foi muita gentileza da Clara mandar buscar a Malu. Acho que ela nunca foi a uma festa tão linda. E foi bom. Ela está começando a esquecer de tudo que aconteceu. Se é que isso é possível.

— Ela tem todo o seu amor, então tudo vai ficar bem. — Ela sorriu, abaixando um pouco a cabeça. — O que foi?

— Você deve estar tão acostumado a lidar com gente como eu que sabe de cor o que dizer para fazer a gente se sentir bem.

Não consegui esconder que suas palavras haviam me ofendido. Pior que não poderia argumentar, pois ela descrevera exatamente o que a situação parecia. Estava na hora de esclarecer alguns pontos.

— Desde o dia em que você saiu daquela sala de audiência que não te vejo mais como uma vítima. As coisas que fiz, não fiz como um promotor de justiça, fiz como o Diego, esse mesmo cara que está na sua frente agora.

Ela arregalou os olhos, surpresa com minha declaração. *Lá se foi a ideia de não a assustar.* Larissa parecia ter visto um fantasma, e tudo que eu mais queria era conseguir engolir de volta todas as palavras que deixara escapar. Aquele sempre fora meu grande problema: intensidade. Nunca fazia nada pela metade. Se sofria, sentia, chorava, e meu coração se despedaçava. Se amava, amava com tudo que tinha. Sorria, me doava e desejava. Se me apaixonava, não ficava questionando como e quando acontecera, apenas sentia.

— Não entendo — disse ela, olhando para os próprios pés. Depois de alguns segundos nessa posição, levantou a cabeça e me encarou. — Por que você fez, então?

— Eu... — gaguejei. Não havia maneira de explicar aquilo para ela. — Desculpa, eu só falei demais. Não devia ter te importunado com isso. Só me desculpa.

Quando virei as costas para sair, sua voz me chamou.

— Se queremos a confiança de alguém, mentir não é a melhor maneira de começar.

Voltei a olhá-la e, mesmo com uma expressão séria, sentia que ela abrira uma pequena brecha para que eu pudesse entrar. Uma passagem estreita demais e cheia de obstáculos, mas eu era um maldito persistente, que estava determinado a não desistir.

Olhei no fundo dos seus olhos antes de responder.

A verdade.

— Fiz porque meu coração mandou.

Larissa

Uma parte de mim olhava para o Diego e pensava *Uau!*, mas a outra parte olhava para o homem e pensava que ele era alguém que um dia poderia vir a me machucar. Era insano imaginar que sempre olharia as pessoas assim, classificando-as em graus de periculosidade.

Eu não era burra. Estava na cara que ele havia dito mais do que eu esperava ouvir. No entanto, o que eu iria fazer com essa informação me apavorava. Entrava em pânico só de pensar em entregar minha vida, meu corpo e meu coração para outra pessoa. Mesmo que essa pessoa fosse um homem que lutava por pessoas como eu. Não confiava em ninguém. A maldade não vinha com um aviso. Então, não importava se era um maltrapilho ou alguém usando um terno caro. O que ele trazia em sua alma era a única coisa que iria defini-lo.

Foi por isso que deixei aquela festa sem falar com ele mais uma vez. Aproveitei um momento em que estava distraído, falei com Clara e fui embora levando minha filha. A maneira como ela me olhou, e depois para o cunhado, foi estranha. Como se soubesse dos meus pensamentos. Fiquei envergonhada. Primeiro porque havia sido paga para servir na festa, e não para admirar os homens da sua família. Segundo, por constatar que eu realmente estava admirando um homem da sua família.

Entrei com Malu no carro e partimos depressa para casa. Janaína não ficara nem meia hora na festa e havia ido embora inventando uma desculpa, mas eu sabia que ela estava de caso com um carinha, por isso aproveitava cada momento que não estava comigo para ficar com ele.

No caminho, pensei ter ouvido coisas, e jurei que ficara maluca. Mas não estava. Malu estava mesmo cantando “Livre estou” bem baixinho. Ela cantarolava o refrão enquanto brincava com a boneca que Clara dera como lembrança do aniversário. Comecei a cantar também,

sem desviar os olhos da rua. Não queria intimidá-la. Minha filha parou por um instante, e quando percebeu que eu não a encarava, continuou cantando. Repetimos o refrão umas vinte vezes até chegar em casa, e a música tornou-se a minha favorita de todos os tempos.

Como havia previsto, Janaína não estava em casa. Pus Malu para dormir e, depois de um longo banho, aproveitei o silêncio total para ler um livro novo que comprara. Tinha me interessado pela sinopse, mas o que me impulsionara a trazê-lo comigo fora a capa. Havia um homem seminu nela. Quando peguei o exemplar, minha primeira reação foi devolver à prateleira. Mas então percebi que a Larissa que eu fora não se limitaria tanto assim. Então fiz um exercício que passei a repetir com frequência. Cada vez que tinha que tomar uma decisão, imaginava uma Larissa sem o Dennis decidindo por mim. Foi assim que peguei o livro de volta. Eu era livre para fazer aquilo e muito mais. Uma liberdade que eu conquistara. Não havia sido nenhum juiz que me dera. Fora eu, apenas eu, que decidira sair do inferno. Eram méritos meus e ninguém nunca tiraria isso de mim.

O livro era bom. Na página setenta minhas bochechas começaram a pegar fogo. Partes do meu corpo começaram a esquentar quando li tudo que o mocinho estava fazendo com a mocinha. Desejo insano de estar no lugar dela e ser tocada daquela forma, com tanta devoção, respeito e amor. Fechei os olhos e imaginei exatamente isso, que era eu dentro daquelas páginas. Então me toquei. Coisa que voltara a fazer nos últimos tempos.

Você precisa conhecer seu corpo. Estar em paz com ele.

Nos últimos dois meses, resolvera me abrir com a psicóloga sobre sexo. Infelizmente, o trauma deixado por Dennis não surgira depois daquele maldito dia. Durante o casamento, era proibida de me masturbar. Afinal, eu tinha um marido em casa que me satisfazia, não havia necessidade de buscar prazer sozinha. Fora privada de tantas coisas ao longo dos anos que me sentia uma virgem.

Não mais...

Abri as pernas, afastei o short que usava e meus dedos se esgueiraram para dentro dela. O tecido era leve, convidativo, e roçava em

minha pele quente, causando arrepios. Afastei os grandes lábios até encontrar o ponto que agora pulsava desesperado. Eu o toquei, e fiquei impressionada com como sabia com exatidão onde tocar. Fiz um pouco de pressão, mexendo o clitóris para os lados, esfregando o dedo nele. Pensei no que acabara de ler, imaginei a cena, o sexo, os gemidos... Pressionei mais o dedo, tocando a parte interna da minha boceta. Meu coração passou a bater acelerado e minha testa começou a suar. Contorci-me sobre a cama, temendo fazer algum barulho, enquanto sentia o orgasmo se aproximando. Girei o quadril sobre meu dedo, encontrando outro ponto em meu interior que nem sabia que podia me dar tanto prazer. E deu. No momento em que o pressionei, o orgasmo veio rápido e forte. Durou apenas alguns segundos, mas tempo suficiente para me fazer delirar. Joguei a cabeça para trás e fechei os olhos. Pensei no mocinho do livro, mas nenhum rosto concreto veio à minha mente. Eu imaginava apenas seus olhos.

“... mergulhei em seus olhos azuis e desejei nunca mais sair dali. Sentia-me protegida, segura e amada.”

Eu conhecia olhos assim.

Minha mãe ligou no dia seguinte da festa. Fazia um tempo que não falava com ela e fiquei feliz em saber que meu pai estava cuidando melhor da saúde. Ele sempre fora o tipo de pessoa que, por não gostar de hospitais, evitava até tomar vacina. Mas ainda bem que aprendera que com diabetes e pressão alta não se brinca. Prometi visitá-los em breve, e minha mãe agradeceu. Eles não tocaram em nenhum assunto relacionado à minha antiga vida. Havia contado a ela sobre o Dennis no mesmo dia em que soubera de sua prisão. Eles ficaram aliviados, é claro. Mesmo assim, eu ainda acreditava que não tinham a real noção do estrago que essa relação causara. Uma coisa era ficar sabendo pelo telefone tudo que acontecera, outra era ver as feridas ainda não cicatrizadas.

Deixei Malu aproveitando o sono de domingo e liguei o computador. Ouvi a porta abrindo, o que desviou minha atenção.

— Vamos participar de um festival de food trucks.

Janaína veio arrastando o pé até mim e se jogou ao meu lado no sofá. Ela não usava mais o gesso.

Arqueei uma sobralalha, esperando que explicasse mais uma de suas ideias malucas, mas ela simplesmente ligou a televisão e ficou em silêncio.

— Vamos fingir que eu sabia sobre esse tal festival e que concordei com tudo. Tem um pequeno detalhe: não temos um food truck.

— Aluguei um.

— Você alugou um carro? Qual a parte de que somos sócias você não entendeu?

— Olha — ela fez beicinho antes de explicar —, sei que deveria ter te consultado antes, mas a oportunidade era única, então agi por conta própria enquanto você estava na festa dos bacanas. Havia outra pessoa interessada, então eu reservei primeiro, mas podemos desistir.

Janaína tirou um papel da bolsa e começou a me explicar como funcionaria. Diversos food trucks se reuniram em um local aberto, levando as pessoas que visitassem o festival a uma verdadeira viagem gastronômica. Entre cachorros-quentes, hambúrgueres e churros, estaríamos lá com nossos brigadeiros. Depois de me acalmar um pouco, acabei me empolgando com a ideia. Não era de toda ruim.

Conversamos muito sobre o assunto e acabei concordando.

— Quando você tirou o gesso?

— Hoje de manhã.

— Domingo de manhã? — questionei, confusa.

— Ah, é... Esqueci de te avisar que o carinha com quem estou saindo é médico. Nós, bem... humm... Ele me levou na clínica dele hoje de manhã e tirou o gesso.

— Só o gesso?

— Pode ser que tenha tirado algumas peças de roupa também, sabe? — Ela deu de ombros, rindo. — Para analisar melhor.

— Você não presta.

Ela me deu as costas ainda rindo.

— E você me ama — gritou, antes de bater a porta do seu

quarto.

É... Eu amava mesmo.

Janaína se enfurnou no quarto com a desculpa de recuperar o sono perdido. Voltei para o notebook e entrei na página do Delícias da Malu. Fiquei surpresa com a quantidade de notificações. A maioria sobre a festa da Vitória. Clara havia feito um álbum com fotos maravilhosas do dia anterior. Abri uma por uma, lembrando de todas as sensações que sentira enquanto estava com aquelas pessoas. Em todas as fotos em que aparecia a ilha de doces, ela havia marcado nossa página. Diversas pessoas elogiavam meus brigadeiros, e meu queixo caiu quando li dezenas de comentários pedindo o contato da *moça dos doces*. Clara respondia a todos com o nome da empresa, e o ícone de mensagens recebidas já piscava. Fiquei eufórica, imaginando que poderiam ser novas encomendas tão grandes quanto aquela, mas, antes de abri-las, resolvi terminar de ver as fotos. Meu dedo parou de se mover assim que vi uma imagem específica. O ângulo era tão maravilhoso que tinha certeza de que o fotógrafo havia conseguido capturar muito mais que uma foto. Esqueci as mensagens por um instante. Uma ideia surgiu, e a primeira coisa que fiz foi fechar os olhos e imaginar o que a Larissa sem o Dennis faria.

Corri até o quarto e peguei o cartão que eu havia escondido dentro da gaveta. Guardara o número em segurança, imaginando que um dia voltaria a precisar dele. E de certa forma, estava certa.

Gravei o número no celular e apareceu a foto do Diego, abraçado a duas crianças, um menino e uma menina. Tão lindos quanto ele. Salvei a foto da festa no celular e escrevi o seguinte texto: *Não tive tempo de te agradecer por isto. Larissa*

Enviei enquanto ainda observava a forma como Malu olhava para Diego enquanto dançava com ele. Seus olhos brilhavam e ela sorria, encantada. Ele também a encarava como se minha filha fosse um tesouro. Havia tanto sentimento naquela foto que meu coração começou a acreditar que suas promessas poderiam ser verdadeiras.

É uma linda foto. Diego

Ele respondeu.

Meu Deus! Era mesmo ele. Fiquei com os olhos fixos na tela do celular enquanto ele digitava.

Você também sentiu como é especial?

Meu peito se comprimiu, apertando o coração dentro dele.

Não respondi.

Espero que tenha sentido, porque tudo que fiz essa noite foi pensar em você. Odiaria saber que tudo isso é minha imaginação.

Continuei sem responder.

Ainda não havia nada para ser dito.

E ele entendeu.

Eu realmente adoraria mais alguns brigadeiros.

Foi inevitável não sorrir diante de suas palavras. Diego sabia ser sério sem perder a delicadeza. Por isso era muito fácil conversar com ele. Lembrei de nossos pequenos diálogos no restaurante. De como parecia certo ele estar ali, falando comigo.

Apertei a tecla *enviar* e deixei o celular em um canto qualquer.

De repente, mesmo que por um instante, esqueci de todos os tapas, gritos, mordidas e arranhões. Eu era apenas aquela menina de dezesseis anos que ainda acreditava em conto de fadas.

Minha resposta às suas mensagens foi apenas um ícone.

Nada de palavras.

Apenas um sorriso.

Larissa

— Você vai mesmo?

Janaína estava encostada no batente da porta da sala e ainda me encarava com um olhar desacreditado.

— Eu disse que ia, não disse? Então — respondi, enquanto preenchia uma planilha que me dava mais dor de cabeça do que informação. Precisava de um curso, faculdade, ou pelo menos um treinamento que me desse um pouco mais de conhecimento. E rápido...

— Quer que eu faça? — perguntou ela.

— Não. Eu consigo.

— Tudo bem — deu de ombros, sem insistir. Jana sabia que eu estava me esforçando para aprender cada vez mais, por isso deixava que eu me virasse sozinha de vez em quando. — E a Malu?

Foi a única coisa que fez minha atenção se desviar para ela.

Janaína havia me chamado para sair e eu tinha aceitado. Fizera isso por mim e por ela. Hoje fazia quatro anos que Matheus se fora. Durante a semana inteira, ela andara cabisbaixa e chorando pelos cantos, mas eu a conhecia muito bem, sabia que hoje, no dia mais difícil, minha amiga iria querer sair e ocupar a cabeça com qualquer outra coisa que não fossem as lembranças do irmão. Era doloroso demais.

Eu também queria sair e ver outras pessoas. Queria testar minha capacidade de estar com gente desconhecida. Fazia uma semana desde o aniversário de Vitória. Gostara de como me sentira naquele lugar, interagindo com tantas pessoas. Eu me sentira viva de novo. E isso nada tinha a ver com o Diego. Mas era óbvio que ele acendera algo dentro de mim, e eu começava a sentir que poderia fazer muito mais do que vinha fazendo.

— Pedi à Odete que ficasse com ela — falei baixinho, palavras

ainda incertas.

Essa era a parte que duelava dentro de mim: deixar minha filha com outra pessoa. Mesmo que confiasse em Odete, sabia que ninguém cuidaria tão bem de Malu quanto eu. Mesmo assim, precisava tentar dar esse passo. Essa dependência não podia durar muito tempo, ou faria mal para nós duas. Tinha consciência disso, mas a mente não parecia mandar tais informações para o coração, que era esmagado apenas com a possibilidade de me separar da minha filha, mesmo que por poucas horas.

— Você está bem? — perguntou ela, preocupada.

Balancei a cabeça, sorrindo.

— Vai ficar tudo bem.

Janaína andou até mim e me envolveu em um abraço desajeitado, meio de lado, meio de costas, que culminou em risadas. Eu a olhei e vi algumas lágrimas rolando por seu rosto. Ela se parecia tanto com Matheus.

— Vai ficar, porque você é a melhor! — Ela beijou meu rosto e saiu. Talvez não quisesse compartilhar as lágrimas que revelavam sua dor. Eu a entendia muito bem. E como.

A semana havia sido agitada. Depois de aceitar a ideia da Jana, começamos a trabalhar duro para o festival de food trucks. Investimos em uma embalagem especial, adesivos para o caminhão que ela tinha alugado e divulgação. Inclusive, acabara de publicar no nosso site um banner lindo, feito especialmente para o evento. Jana tinha razão, o festival seria uma forma diferente de divulgar nossos doces. Sem falar que também iríamos nos divertir.

Devido à festa do final de semana, as encomendas também haviam aumentado. Mas uma delas fora especial. Um pedido singelo e cheio de segundas intenções. Depois da troca de mensagens no domingo, não falara mais com Diego. Até o dia anterior, quando ele havia ligado e pedido uma caixa grande de brigadeiros para comemorar o aniversário de uma funcionária do Ministério Público. Janaína atendera o telefone, mas ele pedira para falar comigo. Sua voz fez meu coração bater forte e minhas mãos tremerem. Quase não consegui falar quando ele perguntou

se eu iria fazer a entrega. Queria muito dizer sim, mas não podia. Diego se disponibilizou a vir buscar, mas aquele medo ainda em brasa que vivia dentro de mim fez com que eu evitasse o encontro. Mandeí um entregador até ele.

Se ele tivesse ficado tão decepcionado quanto eu, sua frustração seria grande. Tudo que recebi dele depois foi uma mensagem.

Os melhores. ☺

Ele também me entregara seu sorriso.

— Lari, quer ajuda pra escolher a roupa? — Não respondi, apenas me virei para a porta do quarto, onde Janaína estava parada. — Eu acho que não! — Assobiou.

Abri um largo sorriso enquanto olhava para meu próprio corpo, envolto em um vestido que comprara havia uma semana. Não sabia bem quando teria a oportunidade de usar, mas assim que o vira, *Larissa* decidira por mim e eu o trouxera para casa. Tinha sido como no dia do livro, com a diferença de que ainda me sentia estranha dentro daquela roupa, coisa que não acontecia com a leitura.

— Jura? — Mordi o lábio inferior.

— Você tá brincando, né?

— É que...

— Não tem nada de *é que*. Você tá maravilhosa.

Balancei a cabeça, acreditando nela, porque sabia que não havia motivos para Janaína mentir para mim. Ela nunca fizera isso quando éramos mais novas, e não faria agora. Malu estava no meu quarto, e Odete com ela, por isso havia ido até o quarto da Janaína para terminar de me arrumar. Caminhei até o espelho e me observei. Apesar de vermelho, o vestido era muito simples. De alcinhas e com um leve decote de coração acima dos seios. Era justo até a cintura, mas abria um pouco a partir do quadril e descia até acima dos joelhos. Até maquiagem eu já havia feito. O batom era escuro, também vermelho. Cheguei a tirá-lo uma vez, mas me senti covarde, então passei de novo. Levei as duas mãos à parte de trás do cabelo, mas quando o ergui todo para o

alto, senti a presença de Janaína atrás de mim e logo a vi refletida no espelho.

— Deixa solto — disse ela.

Inclinei a cabeça, olhando os diversos ângulos da figura refletida no espelho. Alisei uma mecha e sorri.

— Você sempre usou cabelo solto, e era tão lindo, tão você. Mesmo quando chegava na escola sem nem um brilhinho na boca, ainda parecia uma modelo com aquele cabelo selvagem caindo pelas costas. — Ela pôs a mão no meu ombro depois de ajeitar meu cabelo, e eu sorri com os olhos marejados.

— Obrigada — murmurei.

— Não me agradeça ainda. — Deu um sorriso forçado e se afastou. — Algo me diz que você vai querer me matar até o fim da noite.

— O que você fez?

Dezenas de coisas começaram a passar pela minha mente e nenhuma delas tinha um final feliz.

— Eu? — Ela se fez de desentendida. — Ainda nada.

Quando ia dizer mais alguma coisa, ela já havia saído. Pensei em desistir, mas me olhei no espelho outra vez e decidi que, independentemente do que Janaína tivesse preparado para mim, ainda valeria a pena.

Certifiquei-me de que Odete anotara o nome do local ao qual iríamos e também verifiquei se ela tinha todos os telefones à mão para qualquer emergência. Quase fui expulsa de casa por ela quando perguntei, pela décima vez, se iriam ficar bem.

Então fui.

Metade do meu coração ficou em casa. A outra metade abandonou meu corpo assim que chegamos ao bar. Melhor assim, ou seria a Janaína a próxima a morrer bem devagar. Enquanto dois caras caminhavam até nossa mesa, eu já havia planejado diversas mortes para ela. Inclusive uma em que eu partia sua cabeça com uma colher de pau.

Um dos homens acenou.

— Relaxa, amiga — disse ela, mas não olhou para mim, apenas

sorriu como se nada estivesse acontecendo.

Também abri um sorriso e o cara sorriu de volta, achando que acabara de sorrir para ele. Eram muitos sorrisos para eu assimilar.

O.k. Já podia morrer.

— Vou acabar com você — disse, entre dentes.

— Eles são legais — sussurrou, antes de se levantar. — Oi, amor. Oi, Fred. — Ela se jogou nos braços do primeiro carinha e cumprimentou o segundo. Fiquei sentada, apenas olhando a cena e me sentindo mortificada com aquilo. — Amor, quero que conheça minha melhor amiga, Larissa. Amiga, esse é o Heitor.

O cara era mais baixo que Jana, mas, considerando que ela usava um salto enorme, talvez eles fossem da mesma altura. Era mais velho, cabelos castanhos começando a ficar grisalhos. Tinha os olhos escuros e agora me estendia a mão, acompanhada de um largo sorriso no rosto.

— Finalmente estou conhecendo a famosa Larissa. — Olhei para Jana e ela deu de ombros. — Melhores amigas desde sempre?

Acenei com a cabeça.

— Tirando todas as vezes em que eu quis matá-la, sim, desde sempre.

Como agora. Pensei.

— Não posso culpá-la — sussurrou ele, e Jana deu um tapa leve em seu peito. Ele fez uma cara de arrependido e voltou a me olhar. — Esse é meu irmão, Fred.

Heitor abriu espaço para o outro cara se apresentar. Era um pouco mais alto, mais jovem e tinha um sorriso encantador que alcançava os olhos. Naquele momento, ele tinha os cantinhos dos olhos franzidos. Uma graça.

— Olá, Larissa. Jana falou muito de você.

— Prazer. — Apertei sua mão. — É, parece que minha amiga anda tendo muito assunto a meu respeito.

— Não se preocupe. Foram apenas coisas boas.

E piscou.

Meu coração bateu contra o peito com seu gesto, mas respirei fundo antes que alguém notasse que eu estava completamente em pânico.

Não estava preparada para aquilo.

Sentamos e dei graças a Deus quando emendaram um assunto com o qual eu não fazia a menor questão de me envolver. Tomei um drinque e fiquei aguardando o fim da noite. Nada poderia ser tão constrangedor quanto participar de um encontro às cegas. Eu não saía nem com gente conhecida, imagina com alguém que nunca vira na vida.

— Fred, as meninas vão participar de um festival de food trucks na semana que vem.

O carinha ao meu lado me lançou um olhar de admiração.

Até tentei ser invisível por um tempo, mas ele não deixou. Aproveitava cada gole em sua cerveja para me olhar. Não era intimidador, mas não sabia como agir diante daquilo.

— Que coragem de enfrentar a crise e abrir um negócio próprio quando o país está em colapso. Admiro vocês.

Coragem! Talvez ele nem soubesse o real significado dessa palavra.

— Foi preciso — disse, sucinta, e ele arqueou uma sobrancelha, curioso, mas não perguntou nada.

— Por favor — interrompeu Heitor. — Nada de assuntos políticos, Fred.

Ele levantou as mãos em sinal de rendição e levou a garrafa à boca mais uma vez, sorvendo um longo gole da bebida. Depois, encarou a todos e pousou os olhos sobre mim.

— O.k.! — disse ele, estalando a língua nos lábios e saboreando uma gota de cerveja que havia parado ali. Eu não entendia por que estava olhando para seus lábios. Eram bonitos e convidativos, mas não para mim. Pelo menos não ainda. Mas era inevitável me sentir bem. — Vamos todos fingir que o país não está uma merda e afundando cada vez mais — completou, resignado, quando pousou a garrafa de volta na mesa.

— Isso vai der difícil — comentei, e todos sorriram.

— Com toda razão — disse Fred.

Depois do primeiro sorriso, ele me envolveu em uma teia de mais sorrisos e olhares melosos. Jana e Heitor se beijavam o tempo todo, e a situação constrangedora de ver duas pessoas se agarrando me aproximou

do outro cara na mesa. Ele contou que já havia estado em festivais parecidos com o que nos preparávamos para participar. Comecei a me soltar um pouco mais e me permiti ter uma conversa tranquila com um cara que acabara de conhecer. Fred também parecia fazer de tudo para me agradar. Pediu petiscos, repôs meu drinque e até perguntou se eu tinha alguma música especial, pois estava indo fazer um pedido à banda, que tocava em um pequeno palco.

— Tudo bem. Vou apenas ouvir — respondi.

Ele assentiu, escreveu alguma coisa no guardanapo e depois foi até a parte da frente do bar. Entregou o papel para alguém e voltou sorrindo. Fiquei sem entender por que agia daquela forma. Quando o cantor anunciou a música, Heitor gargalhou.

*And I say hey hey hey, hey hey hey
I said hey what's goin' on?*

Eu conhecia a música, mas não fazia ideia de por que os irmãos se entreolhavam e sorriam cúmplices um para o outro. Busquei a ajuda de Jana, mas ela deu de ombros, também sem entender. Fred percebeu nossa confusão e, antes de responder, deu um sorriso torto. Caramba! Meus dois drinques haviam subido à cabeça ou esse cara começava a ficar interessante? E eu estava gostando do que o *interessante* estava causando em mim. Sentia-me cada vez mais confiante perto dele.

— Assim como meu irmão, meu pai odeia quando falo de política em casa. Quando isso acontece, eu ponho essa música. Ela meio que fala por mim.

— Ah! — respondi.

Ele me olhou com intensidade.

— *Vinte e cinco anos e minha vida está parada. Estou tentando escalar essa grande montanha de esperança. Até um destino.* — Ele declamou em português a frase que a banda e outras pessoas entoavam. Então fez uma pausa, voltando depois em outra estrofe. — *E eu digo, hey! E disse, hey, o que está acontecendo?*

Minha primeira reação foi me sentir uma idiota por conhecer a música, mas sequer saber o que a letra significava. E aquela, em especial, significava muita coisa. *O que está acontecendo?* Era uma pergunta que me fazia todos os dias e que, somente havia pouco tempo, soubera responder. Eu estava morrendo. Essa era a verdade. Aos poucos e em silêncio.

— Larissa? — Ouvi alguém chamar.

— Oi? — respondi, sem saber exatamente quem me chamava.

Fred sorriu um pouco constrangido. Ele sabia que havia interrompido algo dentro da minha cabeça.

— Quer dançar?

— Oi? — perguntei incrédula.

— Você já disse isso. — Riu.

— Desculpa, é que eu não entendi muito bem.

— Perguntei se você quer dançar.

Ele ignorou minha cara de pânico — e minha desculpa — e inclinou a cabeça para a pista, onde algumas pessoas dançavam, inclusive minha amiga e seu irmão. Ainda estava sem ar. Sua pergunta roubara um pouco da paz que havia conquistado nos últimos minutos com aquela música. Algumas perguntas surgiam uma atrás da outra.

Eu queria dançar com ele?

Eu conseguiria dançar com ele?

Que diabos!

Pelo menos eu sabia dançar?

Fred ainda me olhava esperançoso. Ele tinha um olhar malicioso, do tipo que podia esquentar garotas. Sabia o que ele queria comigo, mas não estava preparada para retribuir da mesma forma, e ele parecia um cara legal para ser enganado.

— Não consigo fazer esse tipo de coisa.

— O quê? Dançar? — perguntou, em meio a um sorriso.

— Você sabe. — Soltei um suspiro frustrado.

— Larissa, você é linda, inteligente, sensual, corajosa, encantadoramente tímida e eu seria um maluco se não estivesse atraído por você. Mas eu juro que, se me disser que vai apenas dançar comigo, é

só isso que vou esperar de você.

A música estava alta, mas conseguia ouvir cada palavra que ele dizia, e me esforçava para entender todas elas.

— Não vai achar que estou me fazendo de difícil?

— Prometo! — Cruzou os dedos sobre os lábios.

— Me convenceu.

Ganhei mais um sorriso. Meu novo parceiro de dança gostava de sorrir. Quando levantei, ele me estendeu a mão. Demorei longos segundos para decidir acompanhá-lo.

— Deixa eu adivinhar... Acabou de sair de um relacionamento?

— Balancei a cabeça. Não estava mentindo por completo. — Então temos algo em comum. Acabei de terminar um namoro de quatro anos.

— Deve ser por isso que Jana e Heitor acharam que... bem... você sabe.

Ele riu.

— Exatamente por isso.

Foi a minha vez de sorrir.

Nos juntamos a Jana e Heitor e passamos a dançar em grupo. Senti-me tímida e deslocada e, cada vez que executava um passo, sentia vergonha. Tinha vinte e quatro anos, mas a alma que habitava em mim era de uma velha caquética. Nem dançar direito sabia. Ainda mais quando as pessoas à minha volta pareciam sensuais, exuberantes, e se mexiam como se tivessem saído de uma escola de dança direto para aquele bar. Mesmo assim, não recuei. Continuei movimentando braços, pernas e quadril como se soubesse exatamente o que estava fazendo. Ouvia muitos risos, gritinhos excitados, e levei alguns esbarrões. Um deles me fez desequilibrar e Fred segurou meu braço. Usava salto alto e quase caí, o que exigiu dele um pouco de força para não me deixar parar no chão. Quando senti seus dedos apertarem minha pele, a reação foi imediata e incontrollável. Puxei meu braço em um tranco e me afastei, em pânico. Fred me observou sem entender o que estava acontecendo, e seu olhar confuso partiu algo dentro de mim.

Saí empurrando as pessoas até encontrar o banheiro. Algumas mulheres me olharam assim que entrei, mas logo nenhuma delas prestava

mais atenção em mim. Procurei um lugar mais vazio e lavei as mãos. Levantei o rosto, passando a mão molhada na nuca, e me olhei no espelho. Eu era uma farsa. Aquela noite toda era uma farsa. A mesma Larissa usando um vestido vermelho e fingindo que seu coração não havia sido destruído.

— Ei, cadê você?

Era a Jana.

Saí de trás da pilastra onde me escondia.

Não queria chorar. Não podia chorar. Não ia chorar.

Ela parou de frente para mim.

— O que ele disse? — perguntei, envergonhada por ter tratado o garoto daquela forma.

— Nada. Apenas pensou que tivesse feito algo errado. Queria vir atrás de você, mas eu o fiz ficar lá.

Encostei na parede, passando a mão pela saia do vestido. Não queria falar sobre o que sentira, então continuei falando sobre seu amigo.

— Ele é um cara legal — comentei, olhando para minhas sandálias.

— Sim, ele é, Lari. E, como ele, tem diversos outros por aí. Nem todo mundo é fodido como aquele desgraçado.

— Eu sei.

— E eu sei que você sabe. — Ela se aproximou. — Não se preocupe com o tempo. Um dia tudo isso vai passar. Não precisa apressar nada.

— Você é uma ótima, amiga, sabia?

Eu a puxei para um abraço, feliz de verdade por ela estar ali. Por estar na minha vida. Por fazer esse *tempo* ser mais fácil. Ela me abraçou de volta, forte, dizendo que estava ali para mim e que sempre estaria.

Ficamos um pouco mais no banheiro, até que eu realmente estivesse recuperada. Assim que saímos, Fred e Heitor vieram em nossa direção. Com discrição, Jana e o namorado nos deixaram sozinhos. O clima ali era mais calmo.

— Jana disse que você não estava passando bem. — Sacudi a cabeça em negativa. — Posso buscar um remédio, se quiser.

— Ele me agredia. — As palavras saíram de supetão. Não sabia por que tinha dito aquilo. Era como se a frase estivesse me sufocando e implorando para ser dita. E foi aquele cara que acabara de conhecer que escolhi para escutá-la. Fred me olhou por longos segundos e senti vontade de vomitar. Achei que ele ia se afastar, mas me surpreendi quando veio até mim e me deu um abraço, acalmando também o meu estômago.

— Acredite no tempo. Um dia ele vai trazer alguém que te dará apenas sorrisos. Seu coração vai disparar, e não será por medo.

Fechei os olhos, pensando em suas palavras, sendo acolhida pelos braços de um estranho. Enquanto ele falava sobre meu coração disparar por outro alguém, olhos azuis inundaram minha mente.

Meu coração já disparava de novo.

Por *ele*.

Sorri, o rosto ainda encostado no ombro de Fred.

Diego.

Respirei fundo.

— Podemos continuar de onde paramos? — perguntei ao me afastar.

— Se quiser, posso pedir à banda para tocar a mesma música — brincou.

Eu o puxei para a pista de novo e senti que, daquela vez, me entregara um pouco mais à música. Dancei várias com Fred e ele foi um cavalheiro, sempre sorrindo. Observei uma loira nos encarando, nitidamente interessada em meu parceiro. Mostrei a garota para ele, Fred desviou o olhar para ela, mas não se afastou de mim. Tomei a iniciativa de voltar para a nossa mesa e ele me acompanhou, mesmo sob meus protestos. Conversamos um pouco mais até que decidimos ir embora. Jana e eu ainda fomos ao banheiro e, quando voltamos, Heitor disse que ia nos acompanhar, mas Fred ficaria. Quase na saída, eu o vi com a loira. Ele parou de beijá-la e me olhou, um pouco envergonhado. Sorri, e Fred piscou para mim.

Engraçado que o cara que mais se aproximara de mim nos últimos anos havia terminado a noite nos braços de outra. Não me importei, pois minha mente e coração estavam em outro lugar.

No príncipe de olhos azuis.

Diego

Fechei o notebook sabendo exatamente o que iria fazer. A excitação tomou conta de mim apenas pela possibilidade do que poderia acontecer naquela noite. Tomei um banho demorado, sonhando acordado o tempo todo, como um adolescente apaixonado. Sentia-me assim. As mesmas sensações. Foi uma das únicas vezes em que parei na frente do guarda-roupa sem saber o que vestir. Optei por jeans e camiseta. Tinha que me desvincular o máximo possível da figura do promotor que ela sempre vira. Queria que enxergasse apenas o Diego, o cara que não parava de pensar nela um segundo sequer.

Depois do aniversário de Vitória, eu havia enlouquecido. Não vira Larissa sair e isso me frustrara em um nível que não sabia explicar. A vontade que crescia dentro de mim era de ir atrás dela, mas não podia. Larissa era diferente. Pela primeira vez, eu tinha que agir com a cabeça, e não com o coração. Controlar minha impulsividade era algo que tentara trabalhar durante toda a semana. Mas fora inútil. Explodi quando vi sua mensagem. Não só pela foto com a menina, mas pelo fato de ela ter tido a confiança necessária para estabelecer o primeiro contato. Eu podia imaginar a luta que travara para escrever aquelas poucas palavras e, meu Deus, como eu tinha orgulho disso. Larissa poderia se chamar “recomeço”. Ela inspirava esse ato, puro e singelo.

Colocava o relógio quando o interfone tocou. Fui até lá correndo. Quem quer que fosse, teria que voltar depois.

Manuela.

Bem, o que havia pensado não se aplicava a ela.

Pedi que o porteiro liberasse sua entrada e logo ela tocou minha campainha. Quando vi Manu na minha frente, sabia que ela não estava em seu melhor dia. O rosto transparecia cansaço e eram visíveis as

olheiras abaixo dos olhos. O cabelo cacheado estava preso em um coque e ela deixou os ombros caírem assim que me viu. Seus olhos estavam marejados, então apenas me calei, esperando que me contasse o que estava acontecendo. Desejei que não fosse o Dereck, ou teria que chutar a bunda dele.

— Perdi um paciente.

Sua voz saiu embargada.

Devia ter imaginado.

Puxei Manu para dentro do apartamento e a abracei. Ela envolveu minhas costas com os braços e descansou a cabeça em meu ombro. Fungava como uma criança, e meu coração sempre se apertava quando a via assim. Manuela amava sua profissão. Ser médica era tudo que ela sabia fazer de melhor, mas nunca conseguira ser apenas razão, por isso sempre ficava arrasada quando perdia alguém.

— Tenho certeza de que você fez de tudo — tentei acalmá-la.

Ela fungou mais uma vez, afastou-se e limpou as lágrimas com a manga da camisa.

— Meningite. Rápida e cruel. Um menininho.

Sentia toda dor em seus olhos, por isso não pensei duas vezes.

— Quer companhia?

Ela apenas balançou a cabeça.

Fiquei dividido, mas sabia que Manu precisava de mim naquele momento. Eu a levei para o sofá e a escutei contar toda a história do garoto. De vez em quando sorria ao se lembrar dele, mas logo lágrimas voltavam a enfeitar seus lindos olhos tristes. Fiz de tudo para acompanhar suas palavras e envolvê-la com meu carinho, mas a verdade era que meu coração não estava ali, e muito menos meus pensamentos.

— Está com fome? — perguntei.

Ela deu de ombros.

— Talvez. — Suspirou e mudou de assunto. — A banda resolveu fazer um show extra na Irlanda. Os ingressos para as duas datas esgotaram em poucas horas. Dereck vai ficar lá por mais dois dias.

— Isso é bom, ué. A carreira dele nunca esteve tão no auge quanto agora.

— Estou com saudade — choramingou ela, e eu ri. — O quê? Você nunca sentiu saudade de alguém? Poxa, é meu marido.

Saudade. Quanto tempo era necessário para sentir a falta de alguém? Seria possível sentir saudade de uma pessoa que nunca estivera com você? Não sabia responder, mas sabia dizer que sentia falta da Larissa. Do seu sorriso tímido e olhar envergonhado. Sentia falta de como ela fazia eu me sentir quando sua voz delicada chamava meu nome ou apenas perguntava se eu queria algo mais.

Se saudade era ausência, havia um grande vazio dentro de mim.

— Você quer comer alguma coisa? — perguntei, insistindo.

— Qual o seu problema com comida, Diego? Até parece que passou fome. Não estou com tanta fome assim.

— Mas a gente vai sair para comer — afirmei, puxando sua mão e fazendo com que levantasse do sofá.

Manu me seguiu reclamando e xingando alguns palavrões. Ri quando soltou um *fuck*, mas, assim que chegamos à porta, fui eu quem teve vontade de gritar *merda*.

Sofie estava parada do lado de fora.

— O que você tá fazendo aqui? — perguntei, antes de cumprimentá-la.

— O porteiro não estava lá embaixo, então subi — respondeu, constrangida. — Mas tudo bem, eu posso voltar outra hora.

No mesmo momento me arrependi do que havia dito. A ansiedade de sair logo de casa me deixou nervoso e acabei descontando em uma garota que não tinha nada a ver com tudo que estava acontecendo.

— Desculpa, é que estávamos de saída.

— Tudo bem, eu volto outra hora. Na verdade, só queria saber se você queria sair, comer alguma coisa, ver um filme.

— Que ótimo — Manu interrompeu a conversa. — O Diego tá faminto e eu não tô nem um pouco a fim de sair pra comer. Bem — deu dois tapinhas em meu ombro —, sua companhia chegou.

Manu deu apenas dois passos, mas eu a fuzilei com o olhar, então ela parou, entendendo meu pedido desesperado, e voltou.

— Pensando bem. Por que não vamos nós três? — reconsiderou. Sofie sorriu e Manu fez o mesmo. Eu estava muito ferrado.

— O que exatamente estamos fazendo aqui? — perguntou Manu, assim que chegamos ao festival. Ela sussurrava do meu lado enquanto Sofie caminhava do outro, falando ao telefone. Isso não era bom. Como eu ia fazer para falar com Larissa longe da minha ex?

Eu ia matar a Manuela.

— Fica quieta porque você tá me devendo.

Ela suspirou, frustrada.

— Isso eu sei. Só não sei o quê.

Manu se afastou assim que escutamos Sofie encerrar a ligação. Com um sorriso no rosto, olhou de um lado para o outro, observando tudo com uma repentina animação.

— Que incrível! — exclamou Sofie.

— Meu Deus! E esse cheiro de comida?! — emendou Manu.

O ambiente realmente era ótimo. Estávamos em um local aberto, todo gramado e com diversos bancos espalhados pelo centro. Em volta, vários food trucks.

— Hambúrguer, cachorro-quente. Puta merda! Sanduíche de costela?! — disse, incrédula. — Di, você me trouxe pro paraíso.

— Espera. Quem não estava com tanta fome assim? — provoquei.

— Retiro o que disse. Vamos procurar uma mesa.

Manu saiu me arrastando e Sofie apenas caminhava, em silêncio. Não a vira desde o barzinho, mas nos falamos algumas vezes pelo telefone. Eu só não esperava que ela tomasse minhas respostas às suas ligações e mensagens como uma abertura para algo mais. Fiquei preocupado, então repassei mentalmente todas as nossas conversas, para me certificar de que havia dito apenas o necessário. Se ela estava pensando outra coisa, estava errada.

O lugar estava cheio, principalmente de famílias. Crianças

correndo, segurando balões e dançando ao som de uma banda que se apresentava em um pequeno palco. Encontramos uma mesa do lado oposto à entrada. Manu apontou para o lugar e seguimos até lá. Meus olhos vasculharam cada centímetro daquele festival, até que encontrei o pequeno caminhão rosa. Respirei fundo, esperando meu coração disparar, e ele não demorou dois segundos para bater frenético dentro do peito.

— Desculpa. — Ouvi Sofie dizer a alguém.

— Não foi nada. — Desviei o olhar assim que ouvi aquela voz.

Era inconfundível, porque minha alma a reconhecia. Larissa estava parada na frente de Sofie. Malu olhava para a mãe, agarrada à sua mão. Nossos olhares se cruzaram e sorri, porque não havia forma possível de guardar dentro de mim toda a alegria de estar com ela mais uma vez. Larissa também sorriu, os olhos grudados nos meus, como se o mundo inteiro tivesse parado para apenas a gente existir. Eu tinha tanta coisa para dizer, mas aquela troca de olhares falou muito mais do que eu conseguiria transmitir em palavras. Não precisava vê-la de novo para ter certeza do que sentia. Mas ver seus olhos sorrindo para mim foi essencial para entender que ela também sentia algo.

Pena que meu celular tocou sem que eu conseguisse dizer pelo menos um *oi*. Olhei para a tela, para Larissa, e para a tela de novo.

Eu tinha que atender.

— Por favor, já volto — quase implorei.

Larissa sorriu, acalmando meu coração, que quase pulava boca afora. A respiração acelerada dava uma vaga ideia do quanto eu ficava nervoso na frente dela, mas tudo isso era superficial comparado ao que realmente estava sentindo. Aquela garota mexera com cada parte de mim. E ela nem sabia disso.

Larissa

Fiquei estática, e Malu parecia tão surpresa quanto eu. Havia duas mulheres na minha frente. Uma delas eu reconheci, e, pelo seu olhar, ela também sabia quem eu era.

— Você... — Bateu o dedo no queixo. — Conheço você.

— Minha empresa serviu os doces no aniversário da filha da Clara.

— É isso... Você é a garota dos brigadeiros. — Ela olhou de um lado para o outro. — Vocês estão aqui?

Eu sorri ao ouvi-la me chamar daquela forma. É, parece que brigadeiro virara meu segundo nome.

— Ali... — Apontei para onde o food truck estava. Odete e Janaína estavam lá, assim como Heitor, que fizera questão de nos ajudar a montar tudo. Fred apareceu no começo da noite e eu fiquei feliz em vê-lo. Ainda mais porque trazia a loira do bar grudada em seu braço. Eles ficaram um tempo e depois foram embora. Acabou que virei cupido.

— Será minha primeira parada — disse a morena que eu não sabia o nome. — Sempre gostei de sobremesa antes do jantar mesmo. Você vem, Sofie? — perguntou para a ruiva ao seu lado. A garota não parava de me encarar desde a hora em que abri a boca. Me analisava, medindo cada centímetro do meu corpo. Sentime acuada diante de sua beleza exótica. Parecia ter saído direto da TV com aqueles cabelos ruivos e olhos expressivos.

— Tudo bem. Vou esperar o Diego — respondeu ela.

Escutar o nome dele em sua boca fez alguma coisa sacudir dentro de mim. Sua voz pronunciava o nome de uma forma que transbordava intimidade. Ela era algo dele. Foi a única coisa em que eu me fixei.

A outra mulher deu de ombros e saiu em direção ao Delícias da

Malu. Deveria ter ido com ela, mas ainda podia escutar a voz do Diego avisando que voltaria logo, quase pedindo que eu o esperasse. E foi o que fiz. Mesmo com essa garota me encarando. Observei seus olhos por um tempo e ela ia... ia... chorar?! A garota estava prestes a desabar na minha frente.

— Então você é a Larissa?

Não soube o que responder, ainda mais quando ela secou a lágrima que escorria pelo rosto. Fiquei imaginando se Diego havia falado de mim. Ainda pior: se ele tinha contado toda a minha história. Meu rosto esquentou e de repente senti uma enorme vontade de sair dali, querendo me esconder de seus olhares julgadores. Não precisava mais daquilo. Porém, minhas pernas não me obedeciam, ainda paradas na frente daquela garota. Olhei além dela e vi Diego se aproximar, ainda falando ao telefone e com um sorriso largo no rosto. A garota levou a mão ao rosto mais uma vez. Olhou para trás antes de se afastar. Antes que eu dissesse alguma coisa, ela voltou um passo e me encarou.

— Ele disse seu nome enquanto dormia — sussurrou, em um tom quase inaudível. — Assim que ele te viu, eu soube quem você era... Larissa. — Meu nome estalou em sua boca. — Ele nunca me olhou como olha pra você. Espero que saiba que ele é o melhor homem do mundo.

E foi embora.

Ela apenas foi embora.

Estava desnorteada.

Eram tantas informações na minha cabeça que eu não conseguia assimilar todas elas. Como bombas, uma a uma foram explodindo dentro de mim. Não sabia o que pensar ou como agir. Mas precisava descobrir porque Diego estava vindo em minha direção e eu não conseguia mais sorrir. Aquela garota tinha me quebrado mais um pouco. Minha paixão. Minha esperança. Com poucas palavras, destruíra o laço que me ligava àquele homem.

Enquanto dormia.

De tudo que ela dissera, era a única coisa em que conseguia pensar. Eles dormiam juntos.

— Plíncipe. Plíncipe — sussurrou Malu, e eu só queria sair dali o mais rápido possível. Eu a peguei no colo e comecei a caminhar. Antes, vi o sorriso no rosto do Diego morrer.

— Larissa — chamou ele.

— Plíncipe — repetia Malu.

— Ele não é um príncipe, meu amor. — Elevei o tom de voz e senti raiva de mim mesma. O que disse para Malu me magoou, pois, assim como ela, eu acreditava no que ele parecia ser.

— Larissa, por favor.

Ouvi sua voz mais perto. Senti seu cheiro. E as lágrimas arderam em meus olhos. Respirei fundo antes de me virar. Ele não me veria chorar. Porém, quando encarei seus olhos azuis tão perturbados, foi exatamente isso que fiz, deixei uma lágrima cair.

— Mamãe, chola não.

Foi Malu quem secou minha bochecha. Meu coração se apertou e eu queria que o mundo inteiro não ficasse contra mim só uma vez. Para alguém que estava cansada de ouvir não, não era pedir muito.

— Sua namorada foi embora.

— Quem?

— A garota ruiva. Ela foi embora.

Ele arregalou os olhos.

— Sofie disse que era minha namorada?

Queria odiá-lo por me fazer aquela pergunta. Por jogar toda a responsabilidade em cima da pobre garota. Virei as costas para ele sem dizer nada e voltei a caminhar.

— Por favor, me escuta.

— Acho que não tenho nada pra ouvir, dr. Diego.

Continuei andando. Malu em meus braços, virada para trás. Ela ainda sussurrou a palavra príncipe pelo menos três vezes antes de chegarmos ao nosso *truck*.

— Oi, princesinha. — Eu ainda o ignorava, mas ele respondeu à minha filha. Aquilo me fez ficar com mais ódio. Ele também a envolvia em sua teia de mentiras. Malu não podia sofrer de novo, e era exatamente isso que aconteceria se eu deixasse Diego se aproximar ainda

mais.

— Vai embora.

— Larissa, me deixa explicar?

Diego ainda estava atrás de mim e, pelo seu olhar, não ia sair dali. A cabeça mandava eu me afastar, mas meu coração batia tão pesado dentro do peito que deixei que ele ganhasse aquela batalha.

— Vai com a bisa, meu amor. — Odete me olhou confusa. — Está tudo bem — tentei acalmá-la quando seu olhar pousou em Diego atrás de mim.

— Podemos conversar? — insistiu ele, a voz quase implorando.

Não ia ter aquela discussão na frente da minha família, mas também não queria ir para muito longe, então caminhei até perto do palco. Uma distância razoável para que a música não atrapalhasse. Parei de frente para ele, mas quando Diego abriu a boca, não deixei que falasse. Não seria ele quem conduziria a conversa. Não haveria espaço para mentiras.

— Você me enganou. Mentiu pra mim — disparei, mesmo sabendo que aquilo era loucura. Ele não me devia nada. Mas um homem não deveria fazer promessas que não poderia cumprir. E Diego me fizera várias, e muitas vezes sem dizer uma única palavra.

— Você... O que está dizendo? Eu nunca menti pra você.

Minha garganta estava seca. Era horrível me sentir daquele jeito, dominada pelos meus sentimentos. Eu tinha que voltar à razão. Prometera que nunca mais o amor me cegaria, e por mais que estivesse disposta a abrir meu coração mais uma vez, faria com a consciência de que o amor-próprio era inegociável. Nunca mais deixaria minha felicidade nas mãos de outra pessoa. Então respirei fundo, para dizer as palavras que precisavam ser ditas.

— Você ficou dizendo aquelas coisas. Insinuando que a gente...
— Respirei fundo. — Que estava...

— Interessado em você? — interrompeu. Fiquei em silêncio, apenas encarando o homem que parecia tão perdido em minhas palavras e, ao mesmo tempo, tão confiante em suas próprias. — É porque estou, Larissa. E eu tentei. Juro que tentei afastar o que estava sentindo, porque

não era ético me envolver dessa forma. Mas eu falhei. Cada dia que passava, você tomava um espaço diferente dentro de mim, e hoje eu vivo cheio de você.

— Eu não entendo...

Meu coração batia muito forte e rápido. Uma sensação única de estar viva.

Ele sorriu com tanta gentileza que me derreti.

— É simples de explicar. — Diego se aproximou. Recuei dois passos, então ele parou. — Eu tô apaixonado por você desde a primeira vez que te vi. E eu planejei mil maneiras de te dizer isso sem te assustar, mas agora o assustado sou eu. — Ele riu de maneira nervosa. — Meu coração está em pânico por pensar que você pode virar as costas para mim antes que eu possa dizer qualquer coisa.

Era exatamente isso que eu ia fazer antes de suas palavras me deterem, mas ainda queria uma explicação. Na verdade, queria que ele explicasse o que aquela garota havia dito. Que ele reconstruísse o castelo que havia sido destruído com aquelas palavras.

— Pode dizer — pedi.

— Podemos sair daqui?

— Não. A gente vai conversar bem aqui.

Ele passou as mãos pelos cabelos, arrastando os fios e parando na nuca. A camiseta que vestia apertava seus braços, e ele parecia muito diferente de todas as vezes em que o vira, como se fossem homens completamente distintos. No tribunal, seus olhos me acalmaram. Foi neles que busquei forças para voltar àquele dia em que estivera no inferno. Mas hoje não. Seus olhos eram inquietantes, como se não conseguisse controlar os próprios sentimentos. Não me acalmavam. Me faziam ferver.

Ele respirou fundo e aguardou alguns segundos antes de começar a falar. Odiava o fato de estar escolhendo as palavras, como se eu fosse quebrar na sua frente.

— Eu e Sofie namoramos por muito tempo, mas acabou.

Meu coração pulou uma batida e engoli em seco.

— Não quero ser responsável por isso.

— E não é. Terminamos há muito tempo. Há anos...

— Ela disse que você fala enquanto dorme. Isso quer dizer que não acabou completamente.

Diego respirou fundo, parecendo ainda mais nervoso. Nunca o vira agir assim. Sempre era tão calmo, gentil, que o fogo nos seus olhos começou a me assustar. Era intenso e devastador.

— Nunca mentiria para você. E espero que acredite que não sou esse tipo de cara. Quando estou com alguém, eu me entrego por completo. Você precisa entender que não há mais ninguém na minha vida. Sofie passou por ela e, depois de muitos anos, voltou. A gente achou que podia continuar, mas percebi que o passado era uma fenda grande demais para ultrapassar, então ficamos apenas com as lembranças boas do que vivemos. — Ele parou apenas para recuperar o fôlego. Respirei junto com ele. — Eu nunca a traria comigo. Principalmente porque você foi a única pessoa capaz de me fazer atravessar a cidade para estar aqui. Foi uma coincidência.

A confusão duelava com a vontade de acreditar nele. Fiquei com medo. Vira como aquela garota havia sido arrasada pelo que sentia por Diego. A forma como ficara. A tristeza em seus olhos. Eu não sobreviveria àquilo. Mas então o encarei. A forma carinhosa como me olhava de volta. Como me pedia para acreditar nele. Eu não queria, mas meu coração ignorava os sinais e eu apenas quis acreditar que seria possível. Que contos de fadas ainda poderiam acontecer comigo. Então sorri. As lágrimas descendo com insistência, porque tudo em mim transbordava, querendo encontrar tudo dele. A outra Larissa gritava, implorando para ser ouvida, pedindo uma única chance.

Não podia matá-la dentro de mim. Ainda havia vida, e eu poderia vivê-la.

Passsei as mãos pelo rosto e ergui a cabeça, respirando fundo e buscando por coragem. Coragem para dizer sim. Não ao Diego, mas a mim. Ao que eu ainda podia ser, sentir.

Encarei o homem à minha frente e deixei o sorriso surgir.

— Achei que tinha vindo por causa dos brigadeiros.

Ele piscou, sacudindo a cabeça em um sinal negativo.

— Dessa vez não. Eu vim por você. Apenas por você. Todo por você.

— Isso é loucura! — exclamei. — Como e por que estamos sentindo isso?

Ele se aproximou, e dessa vez não recuei. Então, ele ficou muito próximo de mim. Seu cheiro confundia os meus sentidos. Era um aroma tão acolhedor, tão Diego. Fechei os olhos, escutando sua respiração cada vez mais próxima, e me concentrei nela. Em como parecia desregular à medida em que se aproximava. Senti quando roçou os dedos nos meus, tão devagar que me perguntei quando por fim iria me tocar. Mas ele ficou ali, brincando, sentindo minha pele, até que nossos dedos se enroscaram. Abri os olhos para ver nossas mãos unidas e engasguei com o nó que se desfazia em minha garganta.

— Você acredita em Deus? — perguntou, encarando o fundo dos meus olhos. Balancei a cabeça, confirmando. — Pode explicar sua existência? — Respirei fundo e, mais uma vez, balancei a cabeça, negando. — Porque é amor. Não se explica. Se sente. E eu sinto. — Ele levantou nossas mãos até seu coração. Estava disparado, assim como o meu. — Bem aqui.

Eu já não sabia mais o que sentir ou pensar. Havia esquecido por completo onde estávamos. Tudo ficou em silêncio à nossa volta. Em minha cabeça, existíamos apenas nós dois e a música que tocava, embalando nosso momento como se fosse um sonho. Um sonho que eu queria viver.

Eu quero a sina de um artista de cinema.

Eu quero a cena onde eu possa brilhar.

Um brilho intenso, um desejo, eu quero um beijo.

Um beijo imenso, onde eu possa me afogar.

— Não existe algo que eu queira mais neste momento do que te beijar. Eu só consigo olhar pra sua boca e pensar que ela é tudo que sonhei. — Seu rosto estava inclinando, se aproximando, até que parou a

poucos centímetros da minha boca. Levantei a cabeça para olhá-lo. — Deixa eu te beijar, Larissa? Te provar, sentir o macio dos seus lábios nos meus? Me deixa ser seu?

Entreabri os lábios, esperando por ele como se tivesse feito isso minha vida inteira, mas ele não se mexeu, ainda esperando minha resposta. Diego perguntara a sério, então respondi do jeito que meu coração pedia.

Eliminei a pouca distância que havia entre nós e coleí nossos lábios. Eu o beijei, e quando senti sua boca, algo explodiu dentro de mim. Diego segurou meu rosto, as duas mãos me acariciando com delicadeza, enquanto o corpo envolvia o meu. Ele me beijava com tudo que tinha, cada parte do seu corpo estava comigo naquele momento, e não apenas a boca. Seus lábios amavam os meus, me envolvendo em seu gosto. Senti sua língua, e o que ele fazia dentro da minha boca enviava ondas para todo meu corpo. Estava ciente de todo ele. Diego foi gentil e ao mesmo tempo voraz. Não me assustei com o beijo, apenas senti. E como senti. Minha alma partida se encontrara naquele momento. Eu o abracei, não permitindo que se afastasse, e ele me tocou profundamente, como se alcançasse dentro de mim, naquele pequeno ponto havia muito tempo destruído. Quando prendeu meu lábio inferior entre os dentes, gemi seu nome, incapaz de me controlar.

— Diego...

— Por favor... Não me peça pra parar. Não vou conseguir — suplicou ele, voltando a me beijar com mais vontade. Nunca fora beijada assim, com tanta necessidade, como se fosse o ar de alguém.

Ele enfiou as mãos em meus cabelos, puxando, aprofundando o beijo. Eu me deixei levar, até que ouvi alguns gritinhos de crianças que passavam. Foi quando me toquei de onde estava e pensei em minha filha.

Me afastei e Diego ficou assustado com meu gesto brusco.

— Malu... — sussurrei, ainda entorpecida pelo seu gosto em minha boca.

— Meu Deus! — Ele veio até mim e me abraçou. Desapareci em seu corpo, sendo engolida por ele. Olhei para onde estava Malu e fiquei

aliviada ao perceber que ela não podia nos ver. — Desculpa. Desculpa. Eu só... quis tanto isso que apenas perdi a razão quando senti você. Desculpa.

Nossos corações estavam acelerados, batendo em um único sentimento. Escutava o ritmo descompassado que nos movia, enquanto absorvia o calor que emanava dele.

— Foi um ótimo primeiro beijo — disse.

Diego se afastou e me encarou um pouco sério. Olhou para ambos os lados antes de se mover.

— Dizem que o segundo é melhor. — E me beijou brevemente. — O terceiro... — Outro beijo. — O quarto... — Mais uma vez seus lábios me encontraram. — Eu poderia te beijar por uma vida inteira.

Eram palavras profundas e com muito significado. Eu me afastei, precisava ficar longe dele para pensar com o máximo de clareza possível. As coisas estavam caminhando depressa demais e, quando vi, as palavras já haviam escapado da minha boca.

— Precisamos ir com calma. Está acontecendo tudo muito rápido. Não quero tomar uma decisão baseada nisso que você me faz sentir. Vai muito além disso tudo. O fogo passa, e às vezes destrói tudo.

Ele sacudia a cabeça a cada palavra que eu dizia.

— Aceito qualquer coisa — disse. — Menos um relacionamento aberto — emendou depois de alguns segundos, sorrindo. — Digamos que sou um pouco antiquado e sei que você pode querer experimentar outros relacionamentos, é normal, mas a verdade é que não suportaria te ver com outra pessoa, então só não posso fazer isso.

Suas palavras me assustaram. Existiam alguns gatilhos que sempre disparavam ao menor sinal de ameaça. E ciúmes era um deles.

— Não sei se eu saberia lidar com o seu ciúme.

Diego me olhou sério.

— Você não vai precisar. Eu sei lidar com ele.

Meu coração se encheu de esperança. Não esperava essa resposta, mas era a que eu precisava ouvir.

Me aproximei e beijei seu rosto.

— Eu só quero você — murmurei, com uma confiança que

sequer sabia ter. Diego pegou minha mão mais uma vez, beijou o nó dos meus dedos e me deu um dos seus sorrisos perfeitos.

— Isso você já tem, princesa. Sou todo seu.

Larissa

— Mas o que foi aquilo?

— O quê?

— O quê?! — questionou Jana, perplexa. Não ousei responder porque sabia que qualquer coisa que dissesse seria usada contra mim. Mas ela continuou. — O.k.! Vou fingir que você não está se fazendo de desentendida e reformular minha pergunta: Quem é o bonitão? O que está acontecendo? E puta merda! Que beijo foi aquele?

Ignorei suas perguntas e vesti o avental mais uma vez, tentando agir como se nada tivesse acontecido. O que era uma besteira, porque *tudo* tinha acontecido. A intenção era levar Malu ao banheiro, mas as surpresas no caminho de volta ainda me deixavam sem fôlego. Apoiei as mãos no balcão enquanto tentava inutilmente acalmar a respiração. Ainda podia sentir seu gosto, e meus lábios formigavam só de lembrar que eu não havia vivido um sonho. Diego realmente me beijou. Quer dizer... Tecnicamente, eu o beijei.

Meu Deus! Eu o beijei.

Fui eu quem o convidou para tomar minha boca. Nunca esperaria que um simples beijo mexesse tanto comigo, mas foi exatamente o que aconteceu. A sensação era de que todas as células do meu corpo haviam despertado depois de um longo tempo adormecidas. Naquele momento, sentia minhas pernas bambas, o coração disparado, e minha pele queimava. Cada parte minha sentia aquele beijo, e eu tinha a impressão de que o sentiria por um longo tempo. E, mesmo que o momento não ficasse marcado em meu coração e mente, Janaína faria questão de me lembrar a cada maldito segundo, pois era isso que ela estava fazendo agora. Parada ao meu lado e me encarando, na esperança de que eu respondesse o mais rápido possível.

— Malu viu? — Era a minha grande preocupação.

— Não. Odete começou a contar uma história e logo ela dormiu.

Está lá na frente.

Isso era bom! O que não aliviava minha culpa de quase ter confundido a cabecinha dela. Se Malu me visse beijando Diego assim, do nada, com certeza ficaria confusa a ponto de regredir em tudo que já havíamos conquistado. E isso era inaceitável. Esse era um dos motivos por que saía correndo. Precisava de um tempo. Tempo para que todas as feridas cicatrizassem. Tempo para me reerguer por completo. Tempo para descobrir o que realmente estava sentindo e o que estava acontecendo.

Tempo...

Olhei para Janaína e respirei fundo, tomando ar como se fosse coragem.

— Nos beijamos — disse, não sabia se para ela ou para mim.

— Óbvio que vocês se beijaram. Sé é que podemos chamar aquilo de beijo. Foi mais para algo cinematográfico. Nunca vi nada igual.

— Ei! — Heitor estava do lado de fora do truck e chamou nossa atenção. — Está desdenhando dos nossos beijos?

— Ah, por favor! — Jana revirou os olhos para o namorado. — A gente foi pra cama antes mesmo das nossas línguas se conhecerem.

Pronto. Era tudo que eu precisava para me arrastar para debaixo da mesa, deitar em posição fetal e morrer de vergonha.

Heitor sorriu e eu o olhei.

— Você também viu? — perguntei, e ele balançou a cabeça, confirmando. — Ai meu Deus, que vergonha!

De repente, parecia que todas as pessoas à minha volta me encaravam. Eu sabia que era coisa da minha cabeça, mesmo assim tinha a sensação de estar sendo julgada pelo que havia feito. Ouvi alguns risinhos e, mesmo que eles não fossem para mim, estavam fazendo meu estômago embrulhar. Minha respiração acelerou e novamente grudei as mãos na bancada de atendimento, fazendo força para não entrar em pânico.

Senti uma mão em meu ombro e aos poucos fui relaxando sob seu toque tão reconfortante e cheio de carinho. Ela só falou quando percebeu que eu estava preparada para ouvir.

— Tá tudo bem, Lari. Você tá bem, amiga. Sei que foi um passo grande se abrir de novo, mas você chegou aqui com um brilho diferente nos olhos e um sorriso bobo no rosto. Não tem nada a temer.

Queria acreditar nela, mas sabia que essa afirmação não era de todo correta, pois eu tinha sim, muito a temer. Se é que um dia eu realmente conseguiria me abrir de novo, entregar meu coração mais uma vez seria a coisa mais difícil em todo o meu processo de recuperação. Mesmo que a pessoa a recebê-lo fosse o Diego.

— Ele é promotor... — comecei a explicar. — Cuidou do caso contra o Dennis, e depois começou a frequentar o restaurante em que eu trabalhava, e acabamos nos reencontrando na festa da filha dos advogados.

— É claro. — Jana bateu a palma da mão aberta na testa. — Sabia que eu o conhecia de algum lugar. Nos encontramos na portaria do prédio naquele dia. Fiquei olhando por um bom tempo porque ele estava fantasiado de...

— Príncipe — dissemos juntas, antes de ela soltar um longo suspiro dramático e bater seus cílios sonhadores.

— Não acredito, amiga! — Ela se aproximou e juntou minhas mãos entre as dela. — Estou tão feliz por você.

Fiquei sem saber o que responder, porque na verdade eu não sabia muito bem o que estava acontecendo. O.k.! Eu o beijara, ele me beijara de volta, e a gente meio que se perdera no momento. Mas e agora? Estávamos em mundos diferentes, posições distintas na linha do destino. E nem dizia isso por causa da nossa diferença social. Era por causa do que ele fazia e de quem eu era.

Não seria ético me envolver com você.

Alguns pensamentos começaram a passar pela minha cabeça e, mesmo que eu não entendesse bulhufas de direito, sabia muito bem do que ele estava falando. Eu poderia pôr toda a sua gloriosa carreira em perigo.

— Não sei o que fazer — disse à minha amiga. Detestava o tremor que saía em minha voz, pois ele pertencia à Larissa que ainda sentia medo. A que eu tentava esconder embaixo de centenas de camadas de força de vontade, mas que emergia cada vez que eu tinha que tomar grandes decisões que poderiam mudar a minha vida e a da minha filha. — Pedi um tempo a ele. Não tenho certeza do que é certo e de como vou enfrentar isso.

— Lari, não interessa o que vai acontecer. — Jana usava sua voz mais doce, a que destoava de tudo que ela era, mas que sempre sabia exatamente o que dizer nos últimos meses. — O que importa é o agora. É o que você fez ao seguir seu coração. Desamarrou mais um fio que te mantinha ligada ao passado. Me orgulho da mulher corajosa que você é, e não de ter conquistado um cara gatíssimo que, inclusive, está vindo na nossa direção.

Arregalei os olhos e esperei em silêncio que me dissesse que estava brincando, mas as palavras não vieram. Janaína levantou as mãos e saiu sorrindo. Eu apenas me virei devagar para dar de cara com o homem que fazia meu coração bater descontrolado dentro do peito. Diego parecia inabalável, e tirando um leve rosado em seus lábios, causado pelo meu batom, poderia jurar que aquele beijo sequer havia acontecido. Abri a boca para falar, mas senti medo. E se ele não tivesse sentido o mesmo que eu?

— Você quer brigadeiro?

Sua boca se ergueu em um meio sorriso. Diego encarou a embalagem que eu agora segurava e, segundos depois, sua mão envolvia a minha.

— Quero saber quanto tempo *seu tempo* vai durar. — Apenas balancei a cabeça. — Não deixe o medo arrancar essa semente que foi plantada. Só te peço isso. Apenas me diga que está disposta a tentar que eu espero o tempo que precisar.

Suspirei fundo, absorvendo suas palavras.

Deus! Homens assim não existiam!

Existiam?

Diego abaixou a cabeça, escondendo os olhos cheios de

expectativas.

Putá merda! Eles realmente existiam.

— Eu quero isso — afirmei com tudo que havia restado do meu coração.

— É tudo que precisava ouvir.

— Não posso te dar uma data.

Ele deu de ombros.

— Não preciso saber mais. Os dias não vão importar, porque sei que ao final desse tempo estaremos juntos. Eu vi você, Larissa. Aquele dia no shopping você disse que era muito mais do que apenas um processo. E eu sei que é, porque eu vi quem você é, e não quem um dia foi. Consigo sentir a vida que tem dentro de você.

Senti sua mão pesar sobre a minha. Seus dedos enroscaram nos meus, assim como ele estava fazendo com a minha vida: se entranhando em cada espaço vazio. Queria dizer que sentia a mesma ansiedade que ele, mas antes que pudesse pronunciar as palavras, fomos interrompidos.

— Tá tudo muito lindo, Romeu e Julieta, mas a fila tá grande atrás de você, bonitão.

Meus olhos foram para além dele e sorri orgulhosa quando vi a quantidade de pessoas que aguardavam em frente ao Delícias da Malu. Diego fez o mesmo, depois movimentou os lábios para me dizer um silencioso parabéns, e senti minhas bochechas queimarem.

— Preciso trabalhar.

— É claro — assentiu. — Te vejo em breve.

Quando o vi se afastar, meu coração se apertou e senti um medo absurdo de nunca mais encontrá-lo. Pensei no que fazer, em tudo que já havia perdido e em todo o tempo em que deixara a escuridão me guiar.

— Diego — gritei, antes mesmo de atender à primeira cliente. Ele virou e um sorriso iluminou seus olhos e meu coração. Enfiou as mãos nos bolsos do jeans que vestia e eu sorri de volta. — A última coisa que me disse lá atrás, é verdade?

Seu sorriso se alargou, alcançando os olhos, e ele piscou, fazendo algo dentro de mim desejá-lo para sempre.

— Cada parte de mim.

E saiu me deixando com um sabor doce diferente nos lábios. Algo a ver com esperança.

Quando acordei no dia seguinte, achei que tinha sonhado. Abri os olhos, encarei o teto e repassei toda a noite anterior a fim de me certificar de que realmente havia acontecido. Fechei os olhos de novo apenas para recordar seu cheiro, ouvir sua respiração e sentir o sabor dos seus lábios. Era difícil manter a mente no lugar e não sonhar acordada quando Diego era o próprio sonho. Fiquei ali, jogada na cama e pensando no meu príncipe.

Verifiquei se havia alguma mensagem no celular, mas não tinha nada. De repente, a ideia de tempo não me pareceu tão boa quanto havia imaginado, já que meu coração implorava para estar com ele mais uma vez.

O dia se foi, a noite chegou, e apenas Malu e eu estávamos em casa. Fizemos uma sessão de cinema com muita pipoca, e ela riu o tempo todo com os filmes a que assistimos, e também com todas as cosquinhas que fiz nela. Adormecemos no colchão arrumado no chão da sala e, mais uma vez, minha princesa dormiu segurando minha mão. E eu tinha a intenção de nunca soltá-la.

Os dias seguintes passaram como todos os outros: comigo tentando fazer Malu tomar banho para ir à escola. Depois da luta diária, tomávamos café e saíamos sempre apressadas pelas ruas do bairro. Diego não ligou, não mandou mensagem e muito menos me procurou. Lutei diversas vezes contra a vontade de quebrar o meu pedido e ligar para ele. Por um lado, estava agradecida pelo fato de ele ter respeitado o espaço que eu havia pedido. Por outro, buscava entender como conseguiria analisar tudo que tinha acontecido quando só tinha pensamentos para ele.

Talvez estivesse na hora de parar de pensar.

Na quinta-feira, minha filha sorria o tempo todo a caminho da escolinha e estava mais falante do que o usual. Tentei agir com

naturalidade, mas por dentro tinha que lidar com as pequenas explosões causadas por suas palavras e seu progresso.

— Cadê meu abraço de urso? — perguntei, assim que chegamos à porta da escola. Ela segurou os bracinhos no meu pescoço e se pendurou nele, me fazendo curvar para a frente.

— Amo mamãe — sussurrou em meu ouvido, e aquelas duas palavrinhas foram suficientes para trazer lágrimas aos meus olhos.

— Mamãe também te ama muito, meu amor.

Beije cada lado do seu rosto, nariz, testa, cabelo, e só depois a deixei ir com a professora. Fiquei observando enquanto se afastava segurando na mão da Juliana, mas, como sempre fazia, ela ainda acenou um tchau antes de entrar. Eu ainda fiquei um tempo parada, tentando acalmar as minhas emoções, mas tudo que consegui foi escutar a voz de alguém que não era bem-vinda em minha vida. Só o fato de ela estar tão próxima da escola de Malu me deixava em pânico.

— Que bom que você anda rindo à toa enquanto meu filho está apodrecendo naquele inferno em que você o pôs.

— Não fiz nada. Quem fez foi seu precioso Dennis.

Saí andando, dando graças a Deus que a diretora tinha ordens para não entregar minha filha para ninguém.

— Meus advogados ainda vão provar que foi tudo uma armação sua — continuou ela. — Atraiu meu filho, se ofereceu e depois negou. A culpa é sua. — Parei, estática, e olhei para aquela mulher, imaginando em que mundo ela vivia que não entendia que o filho era um monstro.

Apontei um dedo na cara dela e tive que respirar muito para não a agredir e perder toda a razão, pois a vontade naquele momento era de sacudi-la com tapas. Não acreditava que ela fosse tão ingênua a ponto de falar aquilo.

— Ele me estuprou.

— Papo furado. Você deve ter se esfregado e se oferecido como a boa sem-vergonha que sempre foi.

O sangue fervia em minhas veias e comecei a questionar se realmente seria capaz de me segurar. Dennis nunca iria mudar se continuasse recebendo o aval da família, em especial da mãe. A verdade

era que ele aprendera que tinha o poder de fazer tudo que fizera comigo.

— Ele machucou a sua neta — disse, consternada. Já que Angélica não via o que o filho havia feito comigo, que ela pelo menos reconhecesse o monstro que havia machucado nossa menina.

Minha ex-sogra olhou de um lado para o outro, envergonhada, mas não hesitou ao responder: — Foi um acidente. — Apontou um dedo rente ao meu rosto. — E a culpa disso também é sua. Você sabia que ele estava instável e ficou provocando.

— Você é maluca. Não chega perto de mim e muito menos da minha filha.

Encerrei o assunto.

Angélica ainda me ofendeu com diversos palavrões, mas não fiquei para ouvi-la. Fiz um caminho diferente, sempre observando se estava sendo seguida por ela. Sabia que me encontraria mais dia menos dia, mas a queria o mais longe possível da minha família. Quando cheguei em casa, Jana já havia saído. Liguei para a escolinha da Malu e reforcei mais uma vez que ninguém tinha autorização para vê-la. Corri para o quarto e me tranquei no banheiro. Entrei embaixo do chuveiro com roupa e tudo. As lágrimas caíam e se misturavam à água que escorria pelo meu rosto e encharcava minha roupa, enquanto sua voz ecoava em minha mente.

A culpa é sua.

Larissa

Malu fora passar o fim de semana com o pai, assim como determinara o juiz. Mesmo depois de tudo que ele me fizera, ainda tinha que concordar com as malditas visitas sem poder fazer nada. Dennis me batera, me ameaçara, tirara meus sonhos e matara minhas esperanças, e mesmo assim um juiz me obrigara a entregar Malu uma vez por semana a ele. Nos primeiros meses, havia feito de tudo para me manter calma, mas rompia em lágrimas toda vez que ele a tirava de mim. Então me convencera de que, por mais que meu casamento não tivesse dado certo, Dennis nunca seria capaz de fazer qualquer coisa contra a filha. O problema dele era comigo. Era eu que despertava sua ira, transformando-o em um homem que não conhecia.

E fora pensando nisso, repetindo todos os dias que ela estava segura com ele, e tentando voltar a levar uma vida normal, que aceitara sair com alguns colegas do escritório em que estava trabalhando. Não seria nada demais, apenas comemorar o aniversário de uma das meninas da contabilidade em um barzinho.

Me arrumei cedo, ansiosa por voltar a sair desde a separação. Um ano sem o Dennis e não havia posto o pé para fora de casa. O que não mudara muito, já que era a mesma coisa quando ainda estava com ele.

Antes mesmo de sair de casa, recebi uma ligação dele. Ignorei, mesmo sabendo que era a pior coisa a ser feita. Dennis ainda não havia se conformado com a separação. Seu mundo havia ruído quando eu pedira o divórcio e fizera as malas. Uma semana depois, ele me buscara na quitinete que havia alugado e me deixara ficar na nossa antiga casa com Malu. Mas o

fato de ter feito isso fez com que pensasse que ainda tinha algum controle sobre a minha vida. Ligações fora de horário e insistentes, visitas não programadas... Ele fazia tudo isso com a desculpa de que era quem pagava o aluguel. Eu aceitava apenas por saber que nunca teria condições de alugar uma casa como aquela para minha filha com o salário que ganhava. Dennis não fazia mais do que a obrigação, mas, em sua cabeça, ele estava me fazendo um favor.

Peguei o ônibus e no caminho até o bar já haviam sido dez ligações. Ele não lidava bem com o “não”.

Poderia, por favor, verificar se a Malu está bem?

Mandeí uma mensagem para Odete, na esperança de que ela me respondesse, pois tinha quase certeza de que Dennis seria capaz de usar minha filha para que eu o atendesse. Alguns minutos depois ela me respondeu, me tranquilizando um pouco mais. Mas não foi o suficiente. Comecei a andar em direção a saída quando ouvi uma voz chamando meu nome.

— Aonde você vai, mocinha?

Era a aniversariante.

— Preciso voltar. Minha filha está com o pai, e logo eu terei que buscá-la — menti. Dennis nunca me deixaria pegar Malu quando o dia era dele.

— Não sem antes tomar um drinque comigo. Também acabei de chegar, e parece que somos as primeiras. Por favor, não me deixa sozinha aqui.

Olhei e vi as mesas que estavam reservadas para a comemoração. Realmente não havia ninguém ainda.

— Tudo bem, eu fico, mas só até outra pessoa chegar. Realmente preciso ir.

— Obaaa! — disse ela, com entusiasmo.

Sentamos e pedimos um drinque. Ângela ria muito contando histórias de balada, e eu me sentia um ET diante de tantas coisas que sequer tinha experimentado. Fiz um esforço tremendo para não a deixar falando sozinha, mas a sensação de estar deslocada nunca saía de mim.

Alguns colegas chegaram e decidi ficar um pouco mais para não parecer indelicada. Eles eram gentis, tentavam ao máximo me envolver na conversa,

mas era nítido o desconforto que tinham na minha presença. Também pudera. Em um ano que estava trabalhando, quase não falara com ninguém. Nem sabia o motivo ao certo de eles terem me convidado para o aniversário.

Começara a trabalhar pouco antes de me separar do Dennis. Na verdade, fora exatamente por isso que procurara um trabalho: a vontade de deixá-lo para trás. Nos meses anteriores, ele estava cada vez mais irritado com tudo, e sempre perdia a cabeça em atitudes totalmente explosivas. Eu tentara de todas as formas possíveis manter nosso relacionamento, mas quanto mais tentava, mais ele se afastava. Vivia um looping eterno com ele. Dennis me maltratava, se arrependia e pedia perdão. E eu sempre o perdoava porque achava que ele iria mudar, mas não mudava, então desisti do nosso amor. Havia doído. Eu ainda o amava, sentia que podia fazer algo por ele, mas já estava cansada demais para tentar.

— Larissa... — Nem sei quanto tempo fiquei perdida nos meus pensamentos, mas a voz que ouvia me despertou depressa. Ergui os olhos e o vi se aproximando. Levantei no mesmo instante. Seu rosto estava vermelho, a mandíbula travada e os punhos cerrados ao lado do corpo. — Vamos embora agora.

Seu tom de voz indicava animosidade. Todos que o viam sabiam que algo errado estava acontecendo. E foi por isso que um colega se levantou, pondo-se entre Dennis e mim. Mal sabia o nome dele e duvidava que soubesse o meu, mas ele estava ali, na frente do meu ex-marido, usando o próprio corpo como um escudo para mim.

— Quem você pensa que é, camarada? Baixa a bola.

Dennis se aproximou mais, seu corpo musculoso tentando intimidar o rapaz bem menor do que ele. Porém, o garoto não se moveu, e isso me fez tremer. Meu ex-marido ficou rente ao rosto do meu colega e bufou.

— Sou marido dela. Por quê? Vai fazer alguma coisa a respeito?

E o olhou de cima a baixo.

O garoto ainda não se movia.

— Tu... tudo bem — eu disse, gaguejando.

Ângela pousou as mãos nos meus ombros e sussurrou.

— Não precisa ir, Larissa. Nós ficamos com você.

Olhei em volta enquanto ela dizia aquelas palavras. Todo o bar olhava

para a nossa mesa e um segurança já se aproximava. Senti mais vergonha do que medo. Queria me esconder e não deixar as pessoas verem a Larissa que havia me tornado. Meus olhos buscaram os da menina ao meu lado. Ela tinha a mesma idade que eu, mas parecia muito mais decidida.

— Tudo bem. Foi um mal-entendido. Eu resolvo isso.

Ela olhou para Dennis, que ainda estava atrás do garoto, e depois para mim.

— Tem certeza?

Balancei a cabeça e ela me abraçou de repente.

— Obrigada e feliz aniversário.

— Ligue para a polícia — murmurou, antes de se afastar.

Balancei a cabeça em negativa.

Polícia? Não. Isso não adiantava. Eu já tentara.

Dei a volta na mesa e o garoto ainda me olhou antes que eu seguisse Dennis. Seu ar preocupado me dizia tudo, e fiquei extremamente comovida com seu gesto. Ainda existiam pessoas boas no mundo.

Dennis segurou meu braço e eu fiz de tudo para acompanhá-lo, mas caí de joelhos assim que chegamos próximo ao carro. Fiquei prostrada no chão, tentando levantar, enquanto lágrimas rolavam pelo meu rosto. Levantei sozinha e entrei em seu carro. Dennis dirigiu por diversas ruas até entrar em uma totalmente escura. Comecei a tremer.

— Aonde você tá indo? — perguntei, a voz trêmula.

— Vamos conversar, meu amor. — A calma na sua voz fazia meu coração acelerar. Minhas mãos estavam geladas e o pânico voltou a me dominar.

— Por favor, Dennis, me leva pra casa.

— Acha que eu vou te machucar? — Parou o carro de forma abrupta. Tentei sair, mas ele havia trancado as portas. Grudei meu corpo na porta, me afastando dele o máximo que pude. — Não vou te machucar de novo, Larissa, mesmo que você mereça. Deveria ferir você da mesma forma que você faz comigo.

— Nunca fiz nada com você. Por favor, vamos? — supliquei.

Ele riu. Uma risada sarcástica, fria. O som ecoou no carro e fez cada osso do meu corpo temer o que viria a seguir.

— *Você destruiu a minha vida. — A risada deu lugar a um choro descontrolado, doentio. — Tudo que eu tinha era você e Malu, e agora não tenho mais nada. Minha filha nem me reconhece. Eu te amo, meu amor. Te liguei tantas vezes. Sei que me pediu um tempo para pensar, mas não sei viver sem você, preciso de você. Te dei o tempo que queria, agora volta pra casa.*

— *Você me ligou duzentas vezes, Dennis, isso não é me dar espaço pra pensar. E eu já tinha dado minha resposta. Não vou voltar. Você tem que seguir sua vida e me deixar seguir a minha. Já faz um ano.*

— *Nunca! — gritou, socando o volante com violência. Mais uma vez ele mudou de expressão. Seu rosto, que antes se contorcia pelo choro, agora dava lugar a um ranger de dentes que inspirava ódio. — Deixou a menina comigo para ser uma vadia não foi? Se esfregar com esses machos que trabalham com você.*

Sua mão agarrou meu braço.

— *Dennis, me solta ou eu grito.*

— *Grita, vagabunda, e eu acabo com você. Eu te mato, Larissa. Se vir outro homem tocando em você, mato você e ele. Me entendeu? E a culpa será sua. Toda sua.*

— *Vou chamar a polícia — falei, chorando.*

Dennis estava possuído.

— *Faz isso e eu transformo sua vida num inferno. Você vai se arrepender do dia em que me conheceu. Você não vai conseguir trabalhar, estudar, e até a Malu eu tiro de você. Vai ficar sozinha e sem nada, do mesmo jeito que era quando nos casamos. Agora desce.*

Olhei de um lado para o outro. Mal sabia onde estava. O escuro dominava o lugar e não havia ninguém passando por aquela ruela.

— *Vai me deixar aqui?*

— *Não queria ficar sem mim? Então desce.*

E eu desci. Acompanhada apenas pelo medo e pelo arrependimento de ter entregado meu coração ao anjo que definitivamente se tornara um demônio.

Não era a primeira vez que Dennis me ameaçava, e nem seria a última.

Diego

Peguei o celular, escrevi a mensagem, apaguei e joguei o telefone na gaveta de novo. Assim como de manhã, igual a ontem e ao dia anterior, e ao outro... Desde o momento em que saíra daquele festival. Tudo que tinha feito era lutar contra a vontade de mandar o maldito *tempo* para os ares apenas para ouvir sua voz mais uma vez. Mas não podia. Prometera a Larissa que a esperaria e era isso que estava fazendo, mesmo que custasse minhas noites de sono, minha tranquilidade, e até minha capacidade de respirar. Estava existindo para esperar aquele maldito telefone tocar.

E ele tocou.

— *Oi, Di, tá livre pra almoçar?*

Era ótimo ouvir a voz da Clara, mesmo não sendo ela quem eu esperava ansioso.

— Claro. Mas não tenho muito tempo — avisei.

— *Tô chegando. Te encontro no shopping, pode ser?*

— Chego em dez minutos.

Seria bom conversar com alguém depois de quase uma semana recluso. Avisei Sol de que não seria necessário mandar entregar meu almoço e ela sorriu, feliz por me ver sair do MP por livre e espontânea vontade. Caminhei até o restaurante com uma sensação de déjà-vu, o coração revivendo todas as vezes em que estivera ali apenas para vê-la, com a sensação de que veria seu sorriso assim que sentasse. Cheguei antes da Clara, escolhi uma mesa, e meu coração afundou quando a garçonete veio me atender. Mesmo sabendo que ela não estaria, era impossível controlar as lembranças que me remetiam a Larissa.

A única coisa que me fazia sorrir era ver Clara andando na minha direção, um barrigão lindo e um brilho nos olhos que só ela tinha. A

envolvi com um abraço assim que se aproximou, e sua voz foi como um bálsamo me trazendo mais fé.

— Senti sua falta — murmurou ela.

Beijei sua cabeça e ela sentou, me encarando.

— Também. Foi uma semana difícil.

Ela me olhava como se tivesse algo a dizer.

— Alexandre está preocupado — disse ela, angustiada.

É. Pelo visto ela nem ia disfarçar ou me enrolar um pouco antes de falar o que de fato a levava a se abalar até ali.

— Alexandre está sempre preocupado — falei, buscando amenizar o clima. — Vai querer o quê?

Clara não respondeu. Apenas me olhou como se dissesse que negar o que estava acontecendo era errado. Eu sabia que sim, mas não queria ter aquela conversa com ela. Alexandre estava sendo um babaca, mesmo que no fundo ele tivesse um pouco de razão.

Cobri sua mão com a minha e apertei meus dedos sobre os dela. Clara sorriu com o gesto e a senti relaxar um pouco mais.

— Meu irmão está exagerando.

— Não quero que nada de ruim te aconteça, Di. Ele disse que o ex-marido da Larissa é perigoso. É óbvio que ele não me contou detalhes. Ele nunca conta. Mas é nítida a preocupação dele com você.

Não acreditei que Alexandre tinha envolvido Clara em sua maluquice. Eu não era um moleque, sabia muito bem o que estava fazendo.

— Clarinha, eu quero que me escute com atenção. — Ela assentiu, os olhos presos aos meus. — Está tudo bem, Alexandre ficou um pouco paranoico, e eu não posso culpá-lo por se sentir assim, ainda mais depois de tudo que vocês viveram na mão da Ana. Mas posso te garantir que vai ficar tudo bem. Dennis está preso e ele não vai chegar perto de mim ou da Larissa de novo.

— Tudo bem. É só que... me preocupo com você.

— Eu sei. Mas quero que esqueça esse assunto e apenas me escute contar como foi o primeiro beijo mais maravilhoso de todos os tempos.

O sorriso se alargou no seu rosto e ela fez uma careta de desprezo

em seguida.

— Aposto que teve uma música romântica ao fundo, promessas de amor e corações explodindo pelos ares.

Gargalhei. Recostei na cadeira e cruzei os braços na frente do peito, observando a menina sentada do outro lado e imaginando Clara e Larissa sendo ótimas amigas. Algumas coisas uniam as pessoas, e o medo era uma delas. Ambas tiveram que lidar com seus fantasmas, e tinha certeza de que minha princesa se sairia tão bem quanto nossa menina.

Contei para Clara como tudo aconteceu. Precisava compartilhar com alguém que entendesse o momento mágico que vivera. Apesar de nada romântica, Clara entendia de amor. Ela sabia muito bem que o sentimento que batia no meu peito era sincero, quando a maioria das pessoas poderia achar que eu estava maluco por me apaixonar por alguém assim, tão platonicamente. Clara me conhecia tão bem que não questionou nada que eu disse, apenas ficou ali, escutando cada palavra e sorrindo como se estivesse revivendo cada passo junto comigo. Acho que uma amizade verdadeira era isto: viver junto com você todas as coisas, boas ou ruins. E eu tinha os melhores amigos que poderiam existir.

— Acho que me apaixonei por ela aqui, enquanto a via esconder seus medos pra sorrir pra cada cliente que atendia. E quando ela sorria pra mim, parecia que era diferente. Fiquei imaginando diversas vezes que aquele era o meu sorriso, um que ela entregava só pra mim. Dia após dia, meu encantamento foi crescendo, e a vontade de conhecê-la mais também. — Sorri, balançando a cabeça. — Vai me chamar de idiota, né? Posso ver isso escrito nos seus olhos.

Ela fez um gesto com a cabeça, em negativa.

— Vou te chamar de Diego. — Uma lágrima correu pelo seu rosto e ela secou, antes que mais alguém pudesse enxergar a menina doce que a guerreira Clara escondia. — Você me salvou, Diego. E não apenas no dia em que se jogou na frente daquele carro. Você me salvou muito antes, quando estive naquele cemitério e amparou minha dor. E eu não poderia desejar um amor menos bonito pra você. Por isso não, você não é um idiota, você é um homem apaixonado que não tem vergonha de dizer isso, e que vai lutar para manter aquela garota ao seu lado pra

sempre.

Ficamos em silêncio, muito sendo dito sem nenhuma palavra pronunciada.

Então ela levantou, encaixando a bolsa no ombro e sorrindo para mim com olhos ainda marejados.

— Você não vai almoçar? — perguntei, vendo-a se preparar para ir embora.

— Não! — piscou. — Acabei de almoçar com o seu irmão. Só precisava tirar você daquele mausoléu que é o MP. Comida sempre funciona, ainda mais se for ao lado de uma companhia maravilhosa como a minha.

Atrevida, ela saiu. Observei-a até sumir do meu campo de visão, com a certeza de que Clara não mudara apenas a vida do meu irmão. Essa garota, que odiava contos de fadas e amava um Lobo Mau, bagunçara o nosso mundo.

Cheguei em casa mais exausto do que de costume. Tomei um banho demorado e decidi sair um pouco. Escolhi um filme leve no cinema mais próximo, para não ter que passar mais uma hora analisando possibilidades e criando teorias. Isso eu fazia durante o dia. Quando estava prestes a sair, o celular tocou. Atendi, imaginando que seria Alexandre. Havia deixado dois recados para o filho da mãe. Ainda tinha que chutar sua bunda.

— Oi... — Não era ele.

A voz suave do outro lado da linha fez meu coração disparar e, no mesmo instante, um sorriso idiota surgiu em meus lábios.

— Oi, princesa.

Queria esconder a empolgação, mas foda-se, minha voz saiu tão entusiasmada que a sensação era de que ela podia sentir naquelas duas palavrinhas o quanto meu coração se alegrava de ouvi-la.

— Tá ocupado?

— Não. E se estivesse, isso não ia importar mais.

Ela riu. Eu daria tudo para ver aquele sorriso em seu rosto.

— Não quero atrapalhar — disse, um pouco constrangida.

— Estava indo ao cinema, mas isso pode ficar pra amanhã, ou depois.

Convide-a, Diego! Minha mente gritava.

— Eu... é... — Larissa se perdeu, gaguejando.

— Quer ir comigo?

A pergunta saiu sem que eu me desse realmente conta do que havia dito. Os segundos seguintes pareceram horas, até que ela por fim resolveu aliviar meu calvário.

— Seria ótimo. — Respirei fundo, soltando o ar que nem percebera que estava segurando. — Me manda o endereço que chego o mais rápido que puder.

— Posso te buscar.

— Não. Prefiro te encontrar lá.

— É claro. — Não insisti. Eu sabia que só conseguiria conquistar Larissa através da confiança. — Vou mandar também os horários e você vê qual é o melhor pra você.

— Tudo bem — assentiu e, antes de desligar, fez meu coração saltar mais uma vez dentro do peito. — Estou ansiosa pra ver você.

— Também, princesa, eu também.

Larissa

Um cinema.

Era só um cinema e estava tão nervosa que mal conseguia andar. Desci do táxi uma quadra antes, porque não queria que ele me visse no estado em que estava. Precisava me recuperar antes de finalmente pôr os olhos no Diego. Ai meu Deus! Respirei fundo diversas vezes, o coração querendo saltar pela boca. Mais uma vez, murmurei para mim mesma que era apenas um cinema. Levantei o corpo e respirei outra vez. Passei as mãos na calça e me questionei pela décima vez se escolhera a roupa certa. Olhei para minhas sapatilhas com um pouco de dúvida, que se dissipou depressa, pois elas realmente ficaram ótimas com o jeans e a blusa de renda ombro a ombro. Assim como Janaína havia sugerido no outro dia, deixei os cabelos soltos, cacheados e caindo pelos ombros.

Sorri ao me dar conta de que estava bem porque eu voltara a ser eu mesma. Foi essa confiança que me fez caminhar até a entrada principal do shopping, onde havia combinado de encontrar com ele. Eu o vi antes que Diego me enxergasse, e por isso pude observá-lo melhor. Também usava jeans, uma camiseta azul e tênis. Estava parado, o olhar no horizonte, enquanto mantinha as mãos no bolso da calça. Era tão lindo, tão hipnotizante, e estava ali, à minha espera. Quando ele me viu, sorriu. Um sorriso lindo, escandaloso, de quem não tinha a menor vergonha de ser pego sorrindo para uma mulher. Imediatamente caminhou até mim.

— Oi, princesa. Não vi você chegando.

— Desci do táxi um pouco antes.

Ele sacudiu a cabeça, entendendo minhas palavras. Era tão fácil falar com Diego, tão natural, porque ele parecia entender cada decisão minha e compreender meus motivos para tomá-las.

Ele se aproximou devagar, os lábios tocando meu rosto, e prendi a respiração. Se me movesse apenas um milímetro, nossas bocas se encontrariam e eu estaria perdida. Por mais que fosse exatamente o que eu queria, havia decidido que só aconteceria depois que conversássemos. Foi ótimo ver que Diego também pensava o mesmo, visto a maneira como me cumprimentara.

Sem dizer nada, ele me estendeu a mão. Um pedido silencioso para que o acompanhasse, e foi o que fiz. Sentir nossos dedos entrelaçados serviu para me mostrar a realidade que estava vivendo. Um símbolo de que não estava mais sozinha. A solidão nem sempre era de todo ruim. Às vezes, o silêncio se fazia necessário para que pudéssemos encontrar nossa alma. Mas quando o coração transbordava sentimentos, era nosso dever compartilhá-los. Não se aprisionava o amor. Não se detinha a esperança, e muito menos se matava a fé. E era tudo isso que eu compartilhava com Diego naquele simples gesto de aceitar sua mão e caminhar ao seu lado. Não atrás. Não à frente. Nem antes e nem depois. Exatamente ao seu lado. Acabara de aprender, naquele momento, a grande diferença entre entregar meus sentimentos e compartilhá-los com alguém. Não havia subtração, apenas soma.

— Espero que você goste do filme.

— Que filme?

— O que vou fingir assistir enquanto olho pra garota mais linda do mundo, que estará ao meu lado.

— Ahhhh, esse filme.

Ele riu, balançando a cabeça. Diego nunca sorria apenas com os lábios. Seu corpo inteiro parecia se iluminar com o gesto. Mesmo quando a boca não se movia, eu sabia que ele estava sorrindo. O tipo de pessoa que sorria com a alma.

Ficamos alguns minutos aguardando na fila, e por sorte eu tinha o nosso balde de pipoca nas mãos — claro que dividiríamos —, para descontar minha ansiedade. Diego tinha a mão aberta nas minhas costas, sempre mostrando que estava ali.

— Como foi sua semana? — perguntou.

Mas eu não consegui responder.

Tudo que sentia era que sua mão havia saído das minhas costas para afastar uma mecha de cabelo do meu rosto. Com o gesto, seus dedos tocaram a pele nua do meu ombro, e tive que me segurar para manter o controle com a explosão que isso causou dentro de mim. Fazia muito tempo que não sentia um toque tão íntimo, e ao mesmo tempo tão inocente. Busquei os olhos do Diego. Minha boca estava aberta porque o ar parecia denso, difícil de respirar. Ele também parecia nervoso, pois soltou um longo suspiro. Abaixei a cabeça, um pouco envergonhada, mas logo senti seus dedos em meu queixo, me fazendo olhá-lo. Olhos flamejantes que queimavam tudo dentro de mim.

— Quer saber como foi a minha? — sussurrou, a voz grossa e sensual penetrando meus ouvidos. Balancei a cabeça, dizendo sim, e ele se aproximou mais. Sua boca estava perto do meu rosto, e achei que ele ia me beijar, mas Diego se inclinou um pouco mais, alcançando meu ouvido. — Não consegui parar de pensar no nosso beijo. Na sua voz dizendo meu nome. No seu cheiro, que me acompanhou durante o sono. No gosto da sua boca. Nos seus olhos, que me fitavam com desejo. Em nossas promessas.

Quando se afastou, acariciou meu rosto, o polegar deslizando pela minha bochecha.

— Eu também — murmurei, sem ao menos pensar no que estava dizendo, porque fora exatamente assim que me sentira após aquele dia.

— Pensar em você é a melhor parte do meu dia, e estar com você é ver essa pequena parte se transformar em tudo. Porque estar aqui, te sentir, ouvir sua voz, faz cada segundo valer a pena.

— Você parece ter saído de um conto de fadas! — exclamei.

Ele deu de ombros.

— É o que dizem.

Nos encaramos e, no instante em que nossos olhos ficaram presos um no outro, a fila andou. E o beijo? Bem, o beijo teria que ficar para depois.

Foi exatamente como Diego havia dito. Fingimos muito bem. A gente se encarava enquanto as pessoas riam, e nos tocávamos enquanto elas suspiravam. Nossas mãos brincavam enquanto as pessoas torciam

pelo casal protagonista. Eu e Diego estávamos mais preocupados em sentir um ao outro, provando a realidade de estarmos juntos. Pensei em tudo que vivera até chegar àquele momento, e as lembranças surgiram com mais emoção do que eu esperava. Meus olhos ficaram rasos de lágrimas e encostei o rosto em seu ombro, aproveitando a escuridão para que não me visse tão vulnerável.

— Não se preocupe. — Eu ouvi sua voz me confortando. — Eles vão ficar juntos no final. Ele está apaixonado, ela também, então nada pode separá-los.

Segurei em seu braço, apertando-o mais ainda. Não era sobre o filme. Essa era mais uma de suas promessas. Uma das tantas em que eu começava a acreditar.

— Posso te levar? — perguntou enquanto caminhávamos de mãos dadas. Tinha tanta coisa para perguntar para ele, mas a verdade é que não queria estragar nossa noite mágica com perguntas enfadonhas.

— Claro — respondi sem titubear.

— Tem certeza de que não quer jantar primeiro?

Balancei a cabeça.

— Não gosto de deixar Malu por muito tempo. Janaína cuida bem dela, mas... — Parei, puxando sua mão. Diego fez o mesmo e virou para mim com uma expressão um pouco confusa. — Ela sempre estará em primeiro lugar na minha vida. Se vamos fazer isso, você tem que saber que não há e nunca haverá ninguém mais importante que ela.

Ele puxou minha mão, aninhando meu corpo em seu peito e me envolvendo com seus braços.

— O mundo precisa de mais mães como você. — Afastei-me, olhando seu rosto tão sereno e confiante. — Malu é uma parte de você, e se hoje estou apaixonado por você, também estou por ela. Pensando bem, depois da nossa dança no outro dia, acho que estou mais apaixonado por ela.

— Obrigada por dizer isso — sussurrei. Seus olhos pousaram em minha boca e minha reação foi deslizar a língua para fora e lambe meus

próprios lábios como um gato faminto. — Vai me beijar agora?

— Você quer ser beijada?

Olhei em volta. Estávamos parados no meio do shopping, as pessoas passando à nossa volta, mas dane-se, eu queria ser beijada.

— Sim...

Diego se aproximou, seu cheiro se misturando ao meu, tornando um aroma único. Fechei os olhos esperando seus lábios, ansiando por sentir novamente o gosto de sua boca e todas as sensações que ela me causara. Quando senti a maciez em minha bochecha, experimentei uma frustração diferente. Uma que punha um sorriso em meus lábios e uma batida diferente em meu coração.

Abri os olhos e ele tocou o dedo indicador na ponta do meu nariz.

— Tecnicamente, esse é nosso primeiro encontro, então farei as coisas como manda o protocolo. — Arqueei uma sobranceira, sem entender. — Vou te deixar em casa e, antes de você entrar, vou roubar um beijo em frente ao seu portão. Não vou querer soltar sua mão, e antes que me deixe, vou te beijar outra vez, até que não sobre mais ar em meus pulmões. Porque foi exatamente assim que me senti naquele dia: totalmente entregue a você.

Fiquei parada, olhando para ele e buscando alguma coisa em suas palavras que me fizesse recuar, mas não encontrei. Pelo contrário, ele me inspirava apenas desejo. Essa era a palavra que definia: desejo. Eu o desejava de todas as formas que uma mulher poderia desejar um homem. Seu corpo, coração e alma, e Diego estava compartilhando tudo comigo. E eu aceitaria.

— Então já podemos ir — disse com a convicção de que queria tudo que ele me prometera.

— Acho uma excelente ideia.

O caminho até o carro foi feito em silêncio. Quando entramos, ele ligou o rádio e uma linda música ecoou pelo interior do veículo. Me deixei levar pela voz potente da mulher que cantava enquanto ganhávamos as ruas escuras da cidade.

*Hands, put your empty hands in mine
And scars, show me all the scars you hide
And hey, if your wings are broken
Please take mine so yours can open too
'Cause I'm gonna stand by you.**

A melodia era muito bonita, não triste ou extremamente romântica, e sim do tipo que faz seu pé balançar. E eu fazia exatamente isso. Quando acabou, fui trazida de volta à realidade. Olhei para Diego, que estava dirigindo concentrado, e imediatamente senti vontade de falar.

— Me conta um pouco mais sobre você? — pedi, e ele me encarou por alguns segundos, voltando a atenção mais uma vez para a rua. — Só sei o que você faz no trabalho, e nada mais.

Ele deu de ombros antes de virar uma esquina.

Fiquei olhando para a frente, observando as luzes passando por nós, até que percebi sua movimentação. Ele abaixou o volume um pouco mais antes de começar a falar.

— Sou o filho do meio — sorriu —, e isso nem sempre é bom. Você conheceu meu irmão no aniversário da Vitória. Alexandre é o mais velho, sempre cuidou de mim e da minha irmã, Priscilla. Ela mora na Espanha com o marido e meu sobrinho.

— O que está no seu perfil?

Lembrei da foto no aplicativo de mensagens. Duas crianças.

— Sim, é o Antônio. Ele é um ano mais velho que Vitória. Um bom menino e de quem sinto muita falta. Mas essa foi a vida que a Priscilla escolheu, e como família a apoiamos.

Pensei em dizer alguma coisa, mas não encontrei palavras para fazer um comentário. Não entendia nada sobre ser apoiada. Meus pais praticamente haviam me abandonado quando fiz a pior escolha da minha vida. Não tive para quem voltar, e mesmo que eles dissessem que estava tudo bem, sabia que no fundo ainda sentiam vergonha por tudo que eu fizera.

Diego continuou.

— Há alguns anos, meu pai se aposentou e deixou o escritório para mim e o Alexandre. Meu irmão, como bom líder que é, passou a administrar tudo com mãos de ferro, tornando a Ferraz Advogados mais famosa do que já era.

— Ele parece ser um homem bem autoritário.

Minha mente vagou até a lembrança de Alexandre sentado no sofá, olhando para Clara de maneira intensa, até um pouco demais.

— Ele era — Diego me olhou, sorrindo —, até a Clara chegar. Digamos que ela domou a fera.

Foi minha vez de sorrir. Não conseguia imaginar aquela mulher tão meiga, com tanta doçura nos olhos, e aquele barrigão enorme, domando um homem daquele tamanho. No fim das contas, talvez a força física não importasse muito.

— Por favor, conta mais — sussurrei quando ele parou de falar.

— Aquele foi um ano tumultuado. Aconteceram muitas coisas que poderiam ter separado Alexandre e Clara para sempre, mas eles confiaram no que sentiam um pelo outro e nada foi capaz de destruir esse sentimento. Eles me inspiram.

Sentia como se estivesse escutando a narração de um livro. Diego contava com tanta emoção e entusiasmo a história de amor do irmão que me tornei uma espectadora. Nos minutos seguintes, ele fez um resumo de tudo que acontecera e eu tive que segurar algumas lágrimas. Não acreditava que histórias como aquela poderiam existir, mas Diego mostrou que elas eram reais, e que aconteceram bem ao seu lado. Uma lição de vida para aqueles que não acreditam em segundas chances.

Uma lição para mim.

— Isso tudo é... — esfreguei os olhos — lindo.

— Nem tudo — disse ele. Parou o carro e só então notei que já estávamos em casa. — Há cinco anos eu sofri um acidente — desviou os olhos —, perdi parte da minha memória e até hoje não me recordo de algumas coisas que vivi.

— Foi muito grave? — perguntei surpresa.

Ele balançou a cabeça.

— Fiquei em coma por vários meses.

— Ah, meu Deus, sinto muito.

Diego continuou olhando para as mãos no volante, como se recordasse de alguma coisa, ou pelo menos como se tentasse.

— Quando saí, foi como se não fizesse mais parte do mundo. Continuei levando minha vida, mas dentro de mim alguma coisa havia mudado. Sentia como se tivesse acordado em outro século. Não havia mudado muita coisa aqui fora, mas eu tinha me transformado enquanto lutava para sobreviver. Foi então que decidi largar a advocacia e seguir carreira no Ministério Público. Acho que me encontrei no que faço hoje.

Olhei para as mãos, nervosa, as palavras de Diego o revelando, ao mesmo tempo que me descreviam. Foi exatamente assim que me senti quando deixei o Dennis. Jogada em um mundo do qual não fazia mais parte. E foi justamente o Delícias da Malu que me fez tomar as rédeas da minha vida.

Respirei fundo, sabendo que eu e Diego tínhamos mais em comum do que eu podia imaginar.

— Vivi seis anos com o Dennis, e a sensação que tenho é de que vou demorar uma eternidade para recuperar o tempo perdido. Nunca é uma conta justa. A vida inteira por apenas alguns anos.

Ele segurou minha mão e eu o encarei. Seus olhos penetraram os meus, alcançando fundo dentro de mim. Me encarava com uma intensidade que começava a me deixar preocupada.

— Diego...

— Larissa, você quer namorar comigo?

Engoli em seco e meu coração disparou, sem que eu conseguisse de alguma forma controlá-lo. Batia forte com a resposta que deveria dar, e mesmo sabendo o que eu queria, a dúvida ainda apertava meu peito. Pensava principalmente em Malu, e em como as coisas poderiam acontecer rápido demais para sua cabecinha acompanhar. Enxergando a hesitação em meu olhar, Diego se adiantou, antes que eu respondesse alguma coisa.

— Quero estar ao seu lado, fazer parte da vida da Malu, conhecer seus pais, me apresentar para seus amigos como o homem que teve a

felicidade de ganhar seu coração. Quero viver com você o hoje, o agora.

— Eu... eu... — gaguejei temerosa, enquanto lágrimas rolavam. Não sabia o que fazer. Uma luta árdua entre a razão e o coração. Diego era a parte que pulsava em meu peito, e o passado era o que me impedia de dizer sim ao seu pedido. — Não sei... — balbuciei.

Diego tirou o cinto, ficando de lado no banco e inclinando o corpo para mais perto de mim. Sua mão, que ainda segurava a minha, secou uma lágrima que parara no canto da minha boca. Ele tocou meus lábios com a mesma delicadeza com que me beijara pela primeira vez.

— Vamos deixar essa conta mais justa? — pediu com um sussurro. — Nada de uma vida inteira pra recuperar alguns anos. O que acha?

Eu ri. Lágrimas se misturando a uma risada de libertação. Eu ri enquanto apertava sua mão contra meu rosto, porque tudo que queria era mais dele. Eu fiz isso porque a resposta brincou em meus lábios e não mais hesitou em sair.

— Sim... Eu aceito.

Ele arregalou os olhos.

— Jura?

— Sim — confirmei. — Você já pode me beijar.

Fiz o pedido, mas ele não atendeu e saiu do carro. Levei as duas mãos ao rosto, não acreditando no que eu acabara de fazer. Eu havia dito sim a ele com a certeza de que seria um sim que traria outros tantos para a minha vida.

Ele abriu a porta, me guiando pela mão, e me abraçou quando saí. Um abraço tão forte que me fez querer parar o tempo apenas para permanecer em seus braços. Diego me acolheu e eu senti cada parte do meu corpo. Senti a força de seus braços, a delicadeza de seus dedos em minhas costas. Senti seu peito firme contra o meu rosto e seu queixo sobre minha cabeça. Apoiei as costas na porta e ele pressionou o corpo contra o meu. Tive que respirar algumas vezes e olhar para ele, para ter certeza de quem estava ali. Eu estava segura.

Ele afagou meu rosto, os dedos acariciando minhas bochechas, então fechei os olhos. Não demorou muito para que eu sentisse sua boca

implorando pela minha. Os lábios conquistando os meus. Primeiro ele beijou o canto com delicadeza, mas não menos explosivo, um aviso do que viria. Gemi ao sentir sua língua me provocando, pedindo para que eu me abrisse para ele. Não resisti e o puxei, levando a mão ao seu pescoço, puxando-o contra mim e aprofundando um beijo que já me deixava sem ar. Diego veio comigo, me seguindo, me deixando conduzi-lo de uma forma que eu nunca fizera com mais ninguém. Suas mãos vagaram pelo meu corpo até que uma parou no meio das minhas costas e a outra segurou minha cabeça. O orgulho do que estava fazendo implodiu dentro de mim e lágrimas vieram à tona, mas não parei o beijo. Deixei que escorressem enquanto sentia a maciez de sua boca e absorvia as sensações que experimentava. Me perdi entre o momento e as lembranças de tudo que vivera.

Quando passamos do ponto de ficar sem fôlego, eu me afastei. Diego colou a testa na minha e as mãos seguraram meus ombros. Ele viu meu rosto molhado e então fez algo que levou meu mundo a desmoronar. Beijou minhas lágrimas. Os lábios tocando logo abaixo dos meus olhos. Primeiro um e depois outro. Isso fez com que mais lágrimas rolassem.

— Estou aqui, princesa. Bem aqui — disse ele.

— Desculpa, mas é que você mexe comigo. Um paradoxo. Tenho medo, mas ao mesmo tempo quero me jogar em seus braços. Isso me assusta muito e acabo perdendo o controle do que sinto. — Usei toda a força que ainda tinha para me desculpar. — Não era para ser assim.

— Foi do jeito que tinha que ser.

Não podia negar que ainda sentia medo. Diego era um sonho, e eu aprendera que todos os sonhos podiam se tornar pesadelos no instante em que nossos olhos se abrissem. Bem, então eu teria que mantê-los fechados, porque tudo que eu queria naquele momento estava bem na minha frente.

Sorri.

— Do jeito que tinha que ser — repeti suas palavras, fechando os olhos para sonhar antes de me desmanchar em seus lábios mais uma vez.

* Mãos, ponha suas mãos vazias nas minhas/ E cicatrizes, mostre-me todas as cicatrizes que você esconde/ E ei, se suas asas estiverem quebradas/ Por favor, segure as minhas para que as suas possam abrir também/ Pois eu vou ficar ao seu lado. “Stand by You”, Rachel Platten.

Diego

Algumas semanas haviam se passado desde o nosso primeiro encontro e eu sentia o quanto havíamos desenvolvido nosso relacionamento durante esses dias. Nos falávamos sempre, mas fiz questão de dar a Larissa o espaço que sentia que ela ainda precisava. Quando me dizia que seu dia seria cheio, eu mandava uma mensagem prometendo que estaria à sua espera. Quando ela me respondia, fosse de imediato ou cinco horas depois, eu ainda estava do outro lado... Esperando por ela. Confesso que estava vivendo sobre um campo minado, escolhendo cada palavra, cada toque e cada atitude para que Larissa confiasse em mim. Não estava agindo como outra pessoa. Continuava sendo eu, mas com a certeza de que agora tinha um coração extremamente frágil em minhas mãos. Um que eu morreria para proteger.

No entanto, estava experimentando um dia especial. Faltava pouco para o Natal e prometera levar Larissa e Malu para assistir a uma cantata. Era a primeira vez que sairíamos nós três, e com certeza estava mais nervoso do que no dia do cinema. Conquistar Malu fazia parte do processo para ter Larissa em definitivo na minha vida. E não fazia isso apenas pela minha namorada, fazia pela imensa vontade de estar presente na vida de uma criança tão especial. Com cuidado e da forma mais natural possível, começara a me inserir em seu mundo. Era incrível ver a forma como Malu vinha desabrochando na minha presença. Uma flor regada todos os dias com amor e carinho. Sua recuperação estava indo muito bem, falava mais a cada dia. Mas eu ainda tinha alguns obstáculos para enfrentar e contava com um furacãozinho para me ajudar.

Liguei o som do carro, “Dois rios” do Skank tocando, e aliviei a mente de todas as coisas que poderiam me impedir de ter uma bela

noite com a minha família.

*Que os braços sentem
E os olhos veem
Que os lábios beijam
Dois rios inteiros
Sem direção.*

Estacionei e as lembranças da primeira vez que estivera ali inundaram meus pensamentos. Como se tivesse acontecido ontem, e não há um mês. Ainda lembro de como meu coração bateu forte quando Larissa disse sim ao meu pedido. Parecera piegas demais pedi-la em namoro, mas não via outra forma de começar qualquer relacionamento que não fosse me comprometendo de corpo e alma. E eu faria tudo de novo apenas para sentir naquele beijo o quanto ela se abria para mim. Desci do carro com um sorriso de orelha a orelha, um que insistia em não me abandonar. Incrível como a vida se tornava mais leve quando se tinha amor.

Toquei a campainha e esperei. As mãos no bolso da calça e o coração acelerado. Quando Larissa abriu a porta, além de um coração descontrolado, eu tinha dois pulmões idiotas que simplesmente pararam de fazer seu trabalho. O ar me faltou. Larissa caminhou em minha direção segurando a mão da filha. Usava um vestido na altura dos joelhos, assim como Malu. Pareciam duas bonecas, e meu peito se encheu quando percebi que eu estava olhando para as minhas princesas. Malu sorriu e, para mim, não era apenas um sorriso, era uma vitória. Desviei os olhos para Larissa, que observava a reação da filha com um brilho nos olhos.

— Isso aqui é um concurso de beleza? — perguntei, fingindo surpresa.

Malu sorriu.

Ela continuou sorrindo, mas não disse nada. Não fiquei frustrado. Sabia que seria difícil.

— Quem é a princesa mais bonita? — perguntou Larissa,

arrancando mais um sorriso da filha.

— Hummmmm. — Bati o dedo na boca, pensativo. — As duas.

Malu se desmanchou em um biquinho lindo, que me dizia que minha resposta não era a que ela queria ouvir.

— Tudo bem. — Eu a peguei em meus braços e ela veio sem ressalva. — Você é a princesinha mais linda, e a mamãe é a princesa. Tudo bem assim? — Toquei o dedo em seu pequeno nariz. O bico se desfez e ela sorriu.

Larissa se aproximou, roubando todo o meu ar.

Beijei sua testa e encarei sua boca, morrendo de vontade de me deliciar com seus lábios. Aquele dia, mais do que nunca, eles estavam apetitosos, pintados com um batom rosa que implorava para ser tirado por mim. Senti o sangue esquentar, porque a verdade era que Larissa era muito sexy, e apenas beijá-la fazia com que meu corpo ardesse em um tesão que me matava para controlar. Respirei com dificuldade, meus olhos descendo de sua boca e passando rapidamente por seu colo. Malu então se mexeu em meus braços, me arrastando para fora dos pensamentos pecaminosos que começava a ter.

— Vamos lá? — chamei, empolgado. — Tenho uma surpresa pra você, menina linda.

Malu olhou para a mãe, na esperança de que Larissa dissesse algo.

— Surpresa, Diego? — perguntou, desconfiada.

— Confia em mim?

Um pedido simples e ao mesmo tempo tão poderoso.

Ela curvou a boca em um sorriso que alcançou seus olhos.

— Confiamos.

Malu estava impaciente. Sussurrou no ouvido da mãe perguntando qual era o segredo, e eu a enrolei dizendo várias coisas e pedindo que adivinhasse. Ela apenas sorria. Porém, a alegria pareceu ter morrido quando saímos do carro e vimos a pequena multidão que se dirigia para o mesmo local que nós. Malu se agarrou às pernas da mãe e Larissa me olhou amedrontada. Abaixei, observando a garotinha que se encolhia

para o mundo da mesma forma que sua mãe um dia fizera.

— Ei... — chamei sua atenção. — Não quer ir lá ouvir a música?

Ela balançou a cabeça em negativa.

Meu coração se apertou com as lágrimas que vi se acumularem em seus olhos. Ela escondeu o rosto no vestido da mãe e Larissa me fez um pedido, mesmo sem dizer uma palavra. Seus olhos imploravam que eu as levasse dali. Acenei com a cabeça, atendendo a súplica, mas quando peguei na sua mão, dando as costas para o teatro, ouvi meu nome sendo gritado de uma forma impossível de não reconhecer.

— Tio Di. Tio Di.

Olhei e vi Vitória segurando a mão do Alexandre. Meu irmão e Clara vinham em nossa direção e eu senti meu rosto queimar quando Clara abriu a boca, quase arrastando o queixo no chão. A surpresa era para eles também. A poucos metros de nós, Alexandre soltou Vitória e ela correu até mim, balançando seu vestido vermelho. Abaixei e ela se jogou em meus braços, me envolvendo em um de seus abraços de urso.

— Tava com saudade.

— Eu também. — Beijeí sua bochecha. — Quem é a princesa do tio?

Dois dedinhos surgiram imediatamente na frente dos meus olhos.

— Vitória.

— Isso mesmo. Agora olha quem o tio Di trouxe pra brincar com você.

Malu havia afastado o rosto da mãe e olhava curiosa para mim e Vitória.

— Oi, Malu — disse minha sobrinha, assim que a pus no chão.

— Que vestido lindo. O meu é vermelho. — Rodopiou sobre os pés.

Malu olhou para a mãe e depois para a garotinha na sua frente.

— O meu é azul.

Olhei para Larissa e ela pareceu tão surpresa quanto eu. Malu falara com Vitória. Se expressara de uma forma tão natural que só conseguia concluir que era pela inocência de ambas. Amor puro. Alexandre e Clara já haviam nos alcançado, mas ninguém ousava

interromper aquele diálogo.

— Também gosto de azul. É a cor preferida do meu papai. Ele tem olho azul, igual o meu e do tio Di. Cadê seu papai?

Meu coração quis saltar pela boca. E pelo visto os olhos da Clara iam encontrar com ele no meio da calçada.

— Vitória! — Clara chamou a atenção da filha.

— Desculpa, mamãe — minha sobrinha pediu, mesmo sem saber o que havia feito de errado.

Mais uma vez, Malu olhou para mim e depois respondeu, me deixando surpreso.

— Meu papai foi embora.

Vitória se aproximou e abraçou Malu. Sério, aquela menina não existia.

— Tá tudo bem, Malu, porque agora você está com o tio Di, e ele é o melhor tio do mundo. Não é, mamãe?

Clara se aproximou, pegando a filha nos braços.

— É sim, meu amor. Agora vamos ali conversar um pouquinho antes de entrar.

As duas se afastaram e eu sabia muito bem que Clara explicaria para Vitória sobre o pai da sua nova amiguinha. Alexandre ficou ao nosso lado e Malu pareceu um pouco mais relaxada, mas ainda segurava forte a mão da mãe, seu porto seguro.

— Desculpe por isso. Não sabíamos que estaríamos aqui, ou teria conversado com ela em casa.

— Era uma surpresa para as meninas — expliquei.

— Tudo bem. — A voz da minha garota soou tranquila. — Vitória é muito fofa.

— E tão comunicativa quanto a mãe — disse Alê, revirando os olhos.

Clara e Vitória regressaram e voltei a me abaixar para tentar convencer Malu a entrar. Ela parecia pensativa, mas quando Vitória estendeu a mão, minha princesinha não pensou duas vezes. Segurei na mão de Larissa, Alexandre fez o mesmo com Clara, e caminhamos atrás de duas garotinhas que abriam espaço pelas pessoas andando de mãos

dadas e sorrindo para o mundo.

— Sinto muito, Larissa. Já falei com ela — desculpou-se Clara.

— Não foi nada. São apenas crianças.

Clara acabou concordando.

— Estou muito feliz em ver você aqui. — Seus olhos desviaram de Larissa para mim. — Muito mesmo.

Balancei a cabeça, sorrindo. Larissa apertou forte minha mão antes de responder à Clara, ainda olhando em meus olhos.

— Também estou feliz por estar aqui.

— Você poderia levá-la ao jantar na quarta-feira, Diego. — As últimas semanas haviam sido tão tumultuadas que sequer lembrara que meu irmão estava lançando um livro sobre direito internacional.

— Você esqueceu do lançamento, moleque? — ralhou Alexandre.

— Amor! — Clara chamou a atenção do marido, inclinando um pouco a cabeça e apontando para Larissa, sabendo que ela era a explicação para o meu pequeno esquecimento. E Clara tinha razão. Ela virou para Larissa, sorrindo. — Alexandre vai lançar um livro. É sobre direito. Chato, mas necessário. Vamos fazer um pequeno coquetel e faço questão que você esteja lá.

Larissa me olhou pensativa.

— Não sei.

Clara revirou os olhos.

— Explica pra ela, Di.

E se afastou, andando um pouco mais à frente.

Larissa ainda esperava uma explicação.

— Clara pode ser muito persuasiva quando quer algo.

— Você quer que eu vá? — Senti toda a hesitação em sua voz.

Parei, ficando de frente para ela.

— Não te convidei porque realmente havia esquecido. As últimas semanas foram um pouco... — Meus olhos percorreram seu rosto e ela abaixou a cabeça, rindo baixinho. — E é claro que quero que você esteja comigo, porque você é minha namorada e te quero ao meu lado em todos os lugares em que eu estiver. Óbvio, se você quiser.

Larissa apenas balançou a cabeça, concordando, e eu beijei seus

lábios com delicadeza, sabendo que teria que me esforçar muito para me manter longe deles durante a apresentação.

O restante da noite não poderia ter sido melhor. As meninas se divertiram e se encantaram com todas as luzes da apresentação. Larissa também se emocionou em diversos momentos da noite. Nunca a julgava por isso. Eram muitos sentimentos para lidar, e a mulher estava sendo uma guerreira ao pôr todos em ordem. Um dia depois do outro.

Em um dos intervalos, Clara e Larissa levaram as meninas ao banheiro. Alexandre não disse muita coisa a noite toda, mas aproveitou aquele momento para falar.

— Está gostando mesmo da garota?

Continuei encarando o palco à minha frente.

— Mais do que isso.

— Foi o que pensei.

Nosso pequeno diálogo se encerrou e eu tive a certeza de que enfim ele tinha entendido que Larissa agora fazia parte da minha vida, e que eu não me importava com seu passado e com o que sofrera para chegar até mim. Pensando bem, eu me importava sim, era por causa dele que eu prometera me esforçar todos os dias para fazer aquela garota sorrir.

Olhei para o corredor e me assustei quando vi Clara andando rápido por ele, tropeçando nas pessoas e arrastando Vitória junto. No mesmo instante, Alexandre e eu nos levantamos, e o pânico no rosto da minha cunhada acendeu cada célula do meu corpo.

— Cadê as meninas?

— Não sei. Larissa saiu arrastando a Malu pelos corredores. Eu gritei, mas ela não me ouviu, e quando a alcancei do lado de fora, já tinha entrado no táxi. Di, acho que ela viu alguém.

As últimas palavras mal saíram da sua boca e eu já estava correndo para fora do teatro. O pânico que havia visto nos olhos da Clara parecia ter tomado conta de mim. Era uma força surpreendente, que apertava meu peito ao ponto de me deixar sem ar. Não conseguia raciocinar direito e, quando cheguei à calçada, tive que parar por um segundo e fechar os olhos para me acalmar. Uma parte de mim ainda estava

descontrolada, mas a outra traçou uma lista do que eu deveria fazer.

Peguei o carro e liguei para Fabrício assim que entrei.

Ele atendeu logo.

— Sei que não está em horário de trabalho, mas preciso de um favor.

— Claro, dr. Diego.

— Descubra em qual penitenciária Dennis Pereira do Nascimento está e confirme se ele recebeu ordem de soltura nos últimos dias.

— O.k.!

— Fabrício, eu preciso disso o mais rápido possível — supliquei.

Virei todas as esquinas em uma velocidade que não estava acostumado a dirigir, e agradei pelas ruas estarem relativamente vazias, pois mal conseguia enxergar sinais e placas. Quando entrei na rua da casa dela, vi o táxi indo na direção contrária e suspirei aliviado. Pelo menos ela tinha voltado para casa. Desci depressa e toquei o interfone. Ninguém me atendeu e parei de tocar a maldita campainha apenas quando meu telefone tocou.

— Não há nada, ele ainda está preso.

— Obrigado, Fabrício. Te devo essa.

Desliguei sem ouvir suas últimas palavras.

Respirei fundo, me acalmando, pois precisaria estar bem para explicar à Larissa que o maldito ainda estava na cadeia. Não sabia o que tinha acontecido, mas só Dennis poderia ter feito com que corresse daquela forma, sem ao menos olhar para trás.

Toquei a campainha mais uma vez e sua amiga saiu.

— Preciso entrar, por favor — pedi, desesperado.

— Não sei o que aconteceu. Ela entrou carregando Malu pro quarto e as duas se trancaram lá dentro.

Abriu o portão e entrei como um furacão. Olhei ao redor apenas para me certificar de que não havia nada. Em todas as poucas vezes em que estivera ali, não passara da sala, por isso sequer sabia onde deveria procurá-las.

— É a segunda porta à direita — Janaína sussurrou.

Segui pelo corredor e bati na porta que me indicara.

— Princesa, sou eu, Diego. Por favor, abra a porta.

Não houve resposta. Apenas um som de choro. Um choro doído, daqueles que partem a alma e enfraquecessem a fé. Olhei para a mulher ao meu lado, os olhos apreensivos e as mãos juntas na boca em um sinal de aflição.

Voltei para a porta.

— Meu amor, me escuta. Sou eu, você pode abrir a porta pra mim. Preciso apenas de um abraço, o.k. Só isso.

— Diego... — Ouvi meu nome, como se fosse um soluço.

Em uma reação automática, pus a mão na maçaneta e vi que estava destrancada. Abri com cuidado, devagar, e meus olhos demoraram um pouco para se acostumar à escuridão. Entrei, procurando por elas, e logo as vi no chão, encostadas na cama e iluminadas apenas por um pequeno abajur. Larissa estava sentada e segurava Malu nos braços. A garotinha abraçava seu pescoço e se escondia atrás do rosto da mãe. Imediatamente fui até elas e me joguei no chão, abraçando-as. Larissa rompeu em um choro descontrolado. Um choro que vinha da alma e alcançava todos à sua volta.

— Ele estava lá. Deu doce pra Malu. Era ele, eu sei.

— Shhhh... — Puxei seu rosto para perto do meu e fiz um carinho. — Tá tudo bem. Estou aqui.

— Ele estava lá. Ele estava lá — continuava repetindo.

Malu parecia dormir no ombro da mãe, e meu peito doía só de pensar em tudo que elas haviam passado, a ponto de a simples ideia de ver Dennis mexer tanto com o medo dela. Precisava dizer que não era ele, mas não havia uma melhor maneira de contar aquilo. Larissa sucumbira ao medo, e dizer a ela que Dennis não estava lá, que tudo que vira tinha sido projeção do que ainda habitava nela, iria quebrá-la da mesma forma. Talvez até mais do que se fosse verdade.

Acaricieei seu cabelo diversas vezes, respirei fundo e me preparei para o que estava por vir.

— Olha, meu amor, eu liguei na cadeia, Dennis não saiu — sussurrei.

No mesmo momento ela levantou a cabeça para me olhar.

— Eu vi.

— Eu sei, meu amor. Acredito em você. Vou ligar lá de novo e ver o que aconteceu. Pedir para verificarem outra vez.

Seus olhos se arregalaram e ela balançou a cabeça de um lado para o outro.

— Impossível. Eu... eu... não posso ter imaginando isso. Posso?

Apertava Malu contra si.

— Isso é muito comum, Larissa. Você ainda está caminhando para se libertar de tudo que aconteceu. É normal seu cérebro fazer essa associação tão rápido que você não consegue realmente perceber o que está fazendo. É um mecanismo de defesa. Foi isso que protegeu você e a Malu até agora.

Ela beijou a cabeça da filha com carinho.

— Eu tirei ela de lá, Diego. — Chorava — Praticamente arranquei Malu da mão da Vitória e a arrastei comigo. Plantei o medo na minha filha. — Soluçou, não contendo a dor. — Quando tudo isso vai passar? Me diz. Algum dia vai passar? Terei paz de novo? Me fala, Diego. O medo vai embora?

As lágrimas desciam dos seus olhos e eu queria muito secá-las e dizer alguma palavra mágica, mas a verdade era que não podia. Não existia fórmula ou encantamento que fizesse todo o passado desaparecer. Larissa só podia recuperar sua vida vivendo.

— Seria ótimo se pudéssemos pular o tratamento e irmos direto pra cura, mas não dá. A verdade é que somos moldados pela dor e pelo amor. E tudo isso, todo esse medo, um dia vai se transformar em coragem. Um processo lento, mas acredite... — Olhei em seus olhos e enxerguei o amor dentro deles. — Você não estará sozinha. — Ela piscou, não compreendendo as minhas palavras. — Larissa, eu sou feito de coração e passei a vida inteira esperando por um amor que me fizesse queimar. — Segurei sua mão com força e me aproximei o máximo que pude, com cuidado para não acordar Malu. Pus sua mão no meu peito, logo acima do coração, e percebi o exato momento em que ela o sentiu disparado. — E eu encontrei. Por você, Larissa, eu virei brasa.

Larissa levantou os olhos, encontrando os meus, e me perdi dentro

deles, sabendo que não havia mais volta. Estava apaixonado por aquela menina e dedicaria o resto dos meus dias a trazer de volta o que aquele desgraçado havia roubado: sua vida.

Larissa

Diego passou quase a noite toda comigo. Depois de pormos Malu na cama, sentamos na sala e ficamos assistindo a um filme qualquer que passava na televisão. Ainda estava apavorada com tudo que tinha acontecido.

Quando saí do banheiro e vi Malu e Vitória conversando com um homem de cabelos pretos e cacheados, não pensei duas vezes em ir até minha filha e quase arrastá-la comigo. Malu ainda segurava a mãozinha de Vitória quando a forcei a me acompanhar pelos corredores daquele teatro.

Além de medo, sentia raiva. Raiva porque deixara mais uma vez aquela sensação me dominar. E mais ainda por ter estragado uma noite tão especial como aquela. Minha filha não merecia. Ela estava feliz, se comunicando bem, à sua maneira, mas ainda assim era mais do que qualquer progresso que já havíamos feito. Quase não acreditei quando ela andou pelas pessoas sem recuar. A verdade era que Vitória fazia muito bem à Malu, e agora, depois do meu surto, eu imaginava que Clara iria manter a filha bem longe de mim.

Pensando naquela família, segurei a caneca de chá que tinha preparado havia pouco. Diego saíra para falar ao telefone e sequer me importei com quem ele estava conversando já quase de madrugada.

Ele guardou o celular no bolso da calça e voltou até mim. Estava tão lindo, vestindo uma roupa social. Assim que o vi parado em minha porta, sentira que estava caminhando para uma noite de sonhos. Pena que ela se tornara um pesadelo.

— Clara te mandou um beijo. Disse que vai te ligar para combinar um programa com as meninas.

Tive que sorrir. Parecia que eu estava errada, afinal.

Sentou-se ao meu lado e puxou minha mão com delicadeza, apertando seus dedos sobre ela.

— Preciso ir e você tem que descansar.

Assenti.

— Vou ficar bem — disse, não sabendo se para ele ou para mim.

— Eu sei que vai.

— Você tem muita fé em mim. Talvez mais do que eu mesma.

— Porque eu vejo algo que você não vê.

— E o que seria? — perguntei com desdém.

Vi seu peito subir e descer em uma respiração profunda.

— Eu vejo você. — Seu dedo fazia pequenos círculos na minha mão. — Vejo uma mãe maravilhosa que protege e cuida da Malu com toda a força que existe. Vejo a mulher que não precisou de ninguém para reconstruir a vida. Larissa, você não precisou me conhecer, ou a qualquer outra pessoa, para seguir em frente. Você buscou seu caminho por você mesma, e mais ninguém. Tudo isso — ele levantou o corpo, acenando com a cabeça para a minha casa, que também era o Delícias da Malu — foi feito por você, suas mãos e a força que existe em você.

— Você vê tudo isso? — perguntei, sorrindo.

Diego se aproximou e em poucos segundos nossos lábios se encontraram de leve. As bocas entreabertas e um toque gentil me fizeram suspirar alto.

— E também vejo uma mulher linda e sensual. Cada vez que me aproximo de você, tenho que segurar meus desejos. — Quando levantei o rosto para encará-lo, vi seus olhos queimarem, inflamados pelo sentimento de que falava. Cada palavra ardia em minha pele e pulsava em meu peito. — Desejo sua boca e anseio o dia em que tocarei sua pele. — Sua mão acariciou a base do meu pescoço e engoli em seco. — Desejo o dia em que seremos um só.

Olhava sua boca entreaberta, os olhos que me fitavam profundamente escuros de desejo, e me faziam sentir coisas que havia muito tempo não sentia. Sua mão ainda estava em meu pescoço, os dedos roçando minha pele, fazendo-a se arrepiar.

Em uma atitude impensada, me joguei sobre ele e sentei em seu

colo.

Diego soltou um gemido quando segurei seu rosto.

— Eu quero isso — pedi.

O medo que sentira naquela noite dava lugar a um sentimento desconhecido. Eu queria tanto aquele homem que doía. Meu peito se esmagava em uma sensação que me deixava completamente sem ar. Suas mãos se arrastaram por baixo da saia do vestido, tocando a pele exposta, e de repente eu queria que ele me tomasse ali, no sofá. Algo batia dentro do meu peito, exigindo que ele fizesse toda aquela escuridão desaparecer. Com Diego eu poderia deixar para trás toda a vergonha, medo e dor.

Beijei sua boca com malícia. Chupei seus lábios com tanta força que achei que se rasgariam em minha boca. Deslizei minha língua para dentro dele, sentindo sua dureza crescer embaixo de mim. Meu corpo queria alívio, eu queria alívio. Soltei seu rosto e abri sua camisa, não me importando de arrancar alguns botões. *Meu Deus, como ele era gostoso.* Arranhei sua pele, desejando ter mais dele, amando sentir os músculos rígidos sob meu toque, e como ele reagia a isso. Um gemido rouco escapou da minha garganta quando Diego me inclinou para trás, beijou meu pescoço e colo e desceu a boca até os seios.

— Por favor — implorei, quando ele abaixou a parte de cima do vestido, expondo meus seios. Senti sua língua, molhada e excitante, contra meu mamilo. Ele fechou os lábios ali, chupando e mordiscando. Me esfreguei em seu colo, sem me importar com nada. Tudo que queria era que ele arrancasse aquele sentimento de dentro de mim. Queria que ele iluminasse minha alma escura.

— Princesa — choramingou, parando e me deixando frustrada.

— Não quero ser princesa. Hoje não.

Eu só quero que você faça o medo ir embora.

Diego prendeu meu rosto entre as mãos, meu quadril ainda se movimentando contra ele, mas parei assim que vi a intensidade no fundo dos seus olhos.

— Você é minha princesa, e sempre vai ser, mas também será minha mulher. E eu juro por Deus que essa decisão é a mais difícil que já tomei na vida. — Ele me abraçou, segurando-me forte contra ele, e

descansei o rosto em seu ombro. — Sinta, Larissa, meu corpo pedindo o seu, meu pau implorando para estar dentro de você. Estou tão duro que não consigo pensar em outra coisa a não ser te deixar nua e te amar aqui e agora. Mas não posso. — Afastou-se, colando a testa na minha. — Quando eu entrar em você, não vou conseguir parar até te escutar gritando meu nome. Essas paredes não vão segurar todos os meus gemidos quando eu enfim conhecer seu corpo. Vamos fazer amor a noite toda e quero que acorde comigo enterrado em você, porque tenho certeza de que não há melhor lugar no mundo para estar. Quero me perder em você, Larissa.

Arfei, pois suas palavras não me traziam alívio. Pelo contrário, estava ainda mais excitada. Mas ele tinha razão.

— Me desculpe. — Sentime envergonhada por tudo.

— Porra! Não faz isso. Nunca se desculpe por desejar. Ouça sempre seu corpo, o que ele pede. Mas me deixa fazer isso ser perfeito. Não vou conseguir ser de outra forma, porque quero muito mais do que sexo. E você não poderia receber nada menos do que isso.

Balancei a cabeça, compreendendo suas palavras. Só então percebi que usaria o sexo com ele para esquecer o que estava sentindo. Nem eu, nem Diego merecíamos aquilo. O que a gente estava compartilhando ia muito além de uma simples transa. E aquilo já era uma certeza para o meu coração.

Larissa

A semana do Natal se aproximava. Eu tentava focar em todo trabalho que tinha e esquecer de tudo que acontecera havia alguns dias. Levei Malu à psicóloga, e ela ficou encantada com a evolução da minha pequena. Queríamos muito que ela voltasse a falar, mas no último mês ela havia surpreendido todo mundo, inclusive a profissional que a acompanhava. Também tirei algumas dúvidas em relação à entrada do Diego em nossas vidas. Dúvidas que envolviam minha filha e eu. Ainda não acreditava que agira daquela forma, praticamente me jogando nele. Sempre achara que seria imensamente difícil me entregar para outro homem, mas não havia sido isso que acontecera: se Diego não tivesse parado, teríamos transado no sofá da minha sala.

As palavras da psicóloga ainda estavam frescas na minha cabeça.

A maioria das vítimas tende a se fechar para o sexo, mas há uma parte que se põe na posição de reviver o trauma sofrido. Foi o que aconteceu com você. O medo abriu uma comporta de sentimentos e você se permitiu se entregar naquele momento apenas para ter algo para substituir o que estava sentindo.

Eu não era uma compulsiva sexual, não tinha me tornado uma, mas no momento de tensão, havia sido a primeira coisa que procurara para ter algum alívio. Isso e o fato de ser Diego, já que nunca havia sentido aquilo antes.

Era mais uma consequência que enfrentava. Saía do inferno, mas parecia que ele ainda insistia em queimar dentro de mim.

Malu também sentira o peso do que eu havia causado, mas, quase uma semana depois, isso parecia ter mudado. Achava que uma certa menina de cachinhos dourados e que falava pelos cotovelos tinha algo a ver com a transição.

—Vamos pra piscina de bolinhas?

Malu não respondeu de imediato, e eu a incentivei.

— Vai com a Vitória, meu amor. A mamãe vai ficar aqui com a tia Clara.

Quando ela puxou forte minha mão, me forçando a abaixar, sabia o que queria. Dei um beijo em cada lado do seu rosto e um último na testa. Só depois é que Malu seguiu em direção ao brinquedo, de mãos dadas com a amiguinha. Cruzei os braços, observando as duas se afastarem com um aperto diferente no peito. A independência da minha filha era algo com o qual estava me acostumando.

— Vitória mal dormiu essa noite de tanta ansiedade.

A voz da Clara chamou minha atenção.

Virei para ela e sorri ao vê-la acariciando a própria barriga. Diego havia dito que ela tinha que tomar alguns cuidados na gravidez, mas parecia que nada se comparava ao que ela havia sofrido na gestação de Vitória. Ficava feliz em vê-la bem, o pouco que conhecia dela já me inspirava confiança.

— Um menino. Parabéns!

Ela olhou para a barriga e sorriu, confirmando.

— Diego te contou?

— Desculpa se fui indelicada.

— Não foi nada — balançou a mão —, não era nenhum segredo.

Eu só fico feliz em ver Diego compartilhando coisas da família com você. Significa que é importante para ele. Bom, isso eu sabia, mas é bom confirmar.

Virei meu corpo e fiquei de frente para ela.

— Quero pedir desculpa por aquele dia. Assustei vocês sem motivo algum. Pelo menos não o que eu imaginava. Acho que você conhece parte da minha história, então sabe que estou me reerguendo, por isso saí correndo. Achei que tinha visto meu ex-marido.

Clara me lançou um sorriso reconfortante e segurou minha mão.

— Não precisava me explicar nada. Eu sei como é viver à sombra de um passado que, às vezes, parece querer nos engolir. Mas aprendi a conviver com tudo que tenho, inclusive com o que o passado me

deixou. Eu sei que Malu é uma parte do que você deixou para trás, e ela é tão maravilhosa que tenho certeza de que você não se arrepende de tê-la. Igual a você, existe algo dentro de mim que me lembra dos dias mais tristes que já vivi, e essa mesma coisa é o que me mantém viva e aquilo que me deu a oportunidade de ter uma família e um futuro. O passado pode ser ruim, mas com jeitinho a gente consegue transformar a tristeza em amor.

Enxergando o que ela me falava, vendo em seus olhos a tristeza que parecia ter vivido em algum momento da sua vida, eu me perguntei como ela se mantinha de pé.

— Como você fez? — sussurrei. — Como conseguiu?

Ela olhou para Vitória, que jogava algumas bolinhas para cima e ria, acompanhada pela minha filha.

— Começou com Alexandre, quando ele me mostrou que eu podia amar novamente. Mas eu só deixei tudo pra trás quando Vitória nasceu. Era ela que me trazia de volta cada vez que minha mente se perdia. O homem que eu amo e que me ama, minha família e meus amigos. Foram eles que nunca me deixaram chegar ao fim. — Clara abaixou a cabeça e sorriu, como se soubesse de algo que eu não sabia. — Você já tem um homem que te ama. — Acenou para o outro lado, me mostrando Diego caminhando em nossa direção. — Tem uma família e agora tem amigos. Não tem por que não conseguir.

Observei Diego chegando mais próximo, escutei sua voz me cumprimentando, senti seus lábios nos meus e vi quando ele envolveu Clara em um abraço. Malu e Vitória correram até nós, e as duas se jogaram nos braços do homem que vinha sendo parte da minha vida. Ele fez um carinho em cada uma, e apenas assisti à cena, que com certeza mudaria minha vida.

Eu estava amando.

Clara me olhou de soslaio, como se quisesse confirmar o que acabara de dizer.

Ela tinha razão.

Não havia por que não conseguir.

Depois de almoçarmos juntos, Diego nos deixou em casa. Ele estava de plantão naquele fim de semana e, mesmo atolado de trabalho, tinha conseguido um tempo para ficar com a gente. Nos despedimos com um beijo rápido e ele saiu. Ainda fiquei observando seu carro virar a rua, se afastando, e só despertei quando Malu puxou a barra da minha saia, chamando minha atenção.

— Desenho, mamãe. Por favor.

— Claro. — Puxei-a para os meus braços. — Você está ficando grande, hein, mocinha?

Ela riu, mas também encarou a rua pela qual Diego tinha saído. Assim como eu, minha filha também não via a hora de ele voltar. A verdade é que ele tinha ganhado as duas ao se doar por inteiro para nós.

O resto do dia foi dedicado a Malu e suas bonecas. Passamos várias horas no meio delas, e eu nunca me senti tão próxima da minha filha. No fim da tarde, quando ela tirava uma soneca, aproveitei para tomar um banho. Ouvi a campainha tocar quando saí do banheiro e vesti uma roupa qualquer antes de atender a porta. Confesso que fiquei petrificada quando o vi parado do outro lado. Por mais que soubesse que ele era uma pessoa boa, ainda sentia medo, pela postura que mantinha. O marido da Clara me olhava como se pudesse enxergar cada segredo dentro de mim, e isso fazia com que eu me encolhesse diante dele.

— Desculpa incomodá-la. — Ele se adiantou, já que eu não conseguia esboçar nenhuma reação. Afinal, não fazia ideia de por que Alexandre Ferraz estava na minha casa. — Queria saber se tem alguns minutinhos pra conversar. Serei rápido.

Balancei a cabeça devagar, como se estivesse hipnotizada. Eu não sabia o que aquele homem queria e, mesmo assim, não me opus a atender o seu pedido.

Abri espaço e deixei que ele entrasse.

— A Clara não está com você?

— Não.

Ele não era muito de falar, e eu começava a imaginar o que queria comigo.

— Então suponho que não veio buscar brigadeiros.

Ferraz parou no meio da minha sala e não olhou para mais nada além de mim.

— Não. Mas pensando bem, Clara me mata se souber que estive aqui e não levei nada pra ela. — Tive que sorrir, mas Alexandre não fez o mesmo. — Estou aqui por outro motivo, Larissa. Meu irmão.

Eu sabia!

Clara e Diego entenderam bem meu surto, mas Alexandre não parecia ser um homem que aceitava expor sua família ao perigo. Com certeza ele estava ali para pedir que eu me afastasse de todos eles.

— Diego sabe que está aqui?

— Não — respondeu, sucinto. Enfiou as mãos no bolso da calça jeans que vestia e, agindo daquele jeito, já não parecia mais tão atraente. — E acho que ele vai querer me matar quando souber que tivemos essa conversa. Mas não me importo. Sempre fui a razão da família, e Diego o idiota que acha que vai mudar o mundo. E ele fica ainda pior quando está apaixonado.

— Por favor, não fale assim dele.

— Acredite, menina, eu fiz um elogio ao moleque.

Confusa, pensei em pedir desculpas pela outra noite, mas algo naqueles olhos que me fuzilavam dizia que não era isso que o levaria até ali. Várias coisas começaram a passar pela minha cabeça e a conclusão à qual cheguei me fez ter náuseas. Alexandre queria que eu me afastasse do seu irmão, era óbvio. Comecei a pensar em tudo que havia vivido com Diego nos últimos dias e em suas promessas. Pensei em cada dia que sonhara com ele e na forma como ele olhava minha filha, como se fosse dele. Meu peito se encheu de coragem e me preparei para enfrentar um homem que seria capaz de me destruir.

— Se está aqui para pedir que eu me afaste do Diego, perdeu seu tempo. Não vou fazer isso, a não ser que ele me peça. Então, o senhor pode sair da minha casa.

Alexandre não se moveu. Seus olhos demonstraram confusão depois das minhas palavras, e eu fiquei ainda mais confusa com sua reação.

— Eu nunca interferiria na vida do Diego assim, pelo menos não

dessa forma. Não foi isso que vim te pedir. O moleque te ama, e jamais faria esse pedido sabendo que o destruiria. Diego é um idiota sim, mas não porque se apaixonou por você, e sim porque está deixando uma parte importante dessa relação de lado. Dennis é perigoso, Larissa, e você sabe disso.

Imaginei que Diego devia ter contato algo a ele, mas ouvindo Alexandre falar, me senti doente de vergonha.

— Não estou te julgando. E sei o que deve estar pensando, mas a resposta é não. Diego nunca me disse nada.

— Então... Como sabe?

— Dennis me procurou antes de ser preso. Acho que ele não estava muito feliz com seu advogado. Mas, como você deve imaginar, eu recusei.

Desabei no sofá e segurei o rosto com as mãos, repetindo para mim mesma que aquele inferno, um dia, iria acabar.

Alexandre fez o mesmo, sentando de frente para mim.

— Eu só quero proteger minha família, Larissa. Diego gosta de enxergar o lado bom das pessoas, mesmo convivendo diariamente com todo mal que pode existir. Para isso, preciso saber de tudo, do que Dennis seria capaz, e assim me preparar para quando ele sair. Preciso me certificar de que vocês vão ficar bem.

— Nós? — perguntei, sem entender.

— Eu disse que vou proteger minha família. E agora você e sua filha fazem parte dela. Não vim te pedir para se afastar do Diego. Pelo contrário, vim dizer que eu estarei com vocês.

Eu o observei, sem acreditar no que dizia. Durante bons minutos, minha mente vagou pelo desconhecido, até que enfim entendi porque Clara vencera o passado. O homem que estava à minha frente seria capaz de ir ao inferno pelas pessoas que amava. Disso eu tinha certeza. Meu coração dizia que eu podia acreditar nele, e eu escutei.

— Conheci Dennis quando tinha dezesseis anos...

Comecei a falar e, por cerca de uma hora, resumi tudo que meu ex-marido me fizera. Cada ofensa, agressão, ameaça. Cada vez em que machucara meu coração e todas as vezes em que ferira minha alma.

Contei sobre os tapas, socos e mordidas. Falei sobre o terror psicológico e também sobre o estupro. Contei tudo a Alexandre e ele assentia a cada palavra que irrompia em minha garganta. Quando terminei, ele levantou e apenas me encarou.

— Obrigado por confiar em mim. — Estendeu a mão e eu apertei de volta. — Pode apostar que farei de tudo para deixá-los em segurança.

Não sabia o que ele podia fazer, mas acreditei nele.

— Muito obrigada — agradei.

Não consegui dizer mais nada. Eu simplesmente precisava de um tempo para assimilar tudo que Alexandre dissera. Ele então se despediu, mas, antes de sair, disse, sorrindo: — É... O moleque está ferrado.

Sorri de volta.

Parecia que os irmãos Ferraz tinham o dom de arrancar sorrisos das pessoas. Primeiro Diego e depois Alexandre.

Que Deus abençoe essa família.

Não consegui parar de pensar em tudo que vivera naquele dia. Parecia que todos tinham se preparado para me dizer palavras que sabiam que iam mexer profundamente comigo, e foram os sentimentos despertados que me fizeram tomar uma decisão.

— Oi. — Bati na porta e entrei no quarto de Janaína. Ela acabara de sair do banho e ainda estava com a toalha enrolada no cabelo. — Podemos conversar?

— Aconteceu alguma coisa com a Malu?

— Não. Está tudo bem. Ela jantou e capotou. O dia foi cansativo.

Janaína expirou aliviada.

— Na verdade... — comecei a falar, mesmo que a vergonha tomasse conta de mim. Minhas bochechas queimavam e ainda não acreditava que estava prestes a dizer aquilo.

— Desembucha, Lari — incentivou Jana, diante da minha longa pausa. Depois, sentou de frente para a penteadeira e desenrolou a toalha

do cabelo, fazendo os longos fios negros caírem pelas costas.

— Queria saber se pode ficar com ela esta noite.

— Claro. Heitor está em um congresso e eu não tenho nada pra fazer mesmo...

— A noite toda — completei.

O pente parou no meio do cabelo e Jana virou para me olhar. O sorriso brincava em seu rosto, e era tão malicioso quanto o seu olhar para mim.

— Com toda a certeza do mundo — disse ela, empolgada.

Ela foi até onde eu estava e se jogou na cama, ao meu lado. Descansei a cabeça em seu ombro e fiquei pensando se tinha tomado a decisão certa.

— Acha que está pronta?

— Não sei. Não tô pensando nisso. Eu só quero estar com ele.

— Entendi. Então quer dizer que você não está ansiosa para ver aqueles lindos olhos azuis se revirarem?

— Jana! — ralhei, me afastando e batendo o ombro no dela.

— Ué... Disse algo de errado?

Ri baixinho, me dando por vencida.

— Viu? — continuou ela. — Você tá louquinha pra saber se ele também é todo perfeitinho quando geme. Será que ele fala vagina? Deus me livre de homem que fala vagina. Pelo amor, quem goza falando vagina? Pior... vulva. — Fez uma cara de nojo e eu explodi em uma gargalhada. — Amiga, é sério, se ele falar vulva, cai fora. Dica número um da tia Jana: nunca se apaixone por um homem que chama sua boceta de vulva.

Caí de costas na cama, deitada, e Jana fez o mesmo. Me senti de volta à adolescência, quando ficávamos no quarto lendo revistas para adolescentes e imaginando quando seria a nossa primeira vez.

— E qual a dica número dois, sua maluca?

Ela levantou, apoiando um dos cotovelos no colchão e me encarando.

— Vai pra casa daquele homem lindo e deixa seu coração falar por você. Não se importe com roupa, lingerie, cabelo e nem

maquiagem. Você nunca precisou disso pra ser linda. Mas se quiser fazer, foda-se, faça. Você pode fazer o que quiser, minha amiga. Principalmente se apaixonar.

— Me ajuda a escolher um vestido?

— Será um prazer.

No fim, deixamos o vestido de lado e pus um macaquinho curto, branco. As alças finas deixavam muito à mostra e me espantei com o que vi quando me olhei no espelho. Sorri ao perceber que não estava com medo ou envergonhada.

Eu me sentia linda.

E foi com esse sentimento que peguei o táxi com destino ao apartamento dele. Trocamos mensagens e ele me disse que ficaria em casa, já que eu havia inventado uma desculpa para não sair. Diego ainda insistira em vir até mim, mas o convenci de que estava cansada.

Quando cheguei à portaria, encontrei um casal conhecido saindo do prédio. Observei a morena segurando na mão do cara tatuado e, antes mesmo de cumprimentá-los, Manuela veio até mim.

— Larissa? — Assenti. — Aquele filho da mãe. Foi por isso que não quis sair com a gente, amor — disse para o cara parado ao seu lado.

Eu a abracei, lembrando de quão bem Diego tinha falado dela.

— Na verdade, ele não sabe que estou aqui.

Manuela olhou para o marido, depois para mim, e sorriu, segurando minha mão.

— Então vamos fazer as coisas direito. — Me arrastou com ela e observei o cara sorrindo para o que a mulher fazia. — Seu Jorge, pode liberar a entrada da moça aqui. Ela vai lá no Diego. E não precisa avisar — avisou ao porteiro, quando ele pôs a mão no interfone. O homem olhou para ela, pensando no que fazer.

— Isso não vai trazer problema pra mim, doutora?

— De jeito nenhum. — Ela balançou a mão como se aquilo não fosse nada. — Por minha conta e risco.

O porteiro assentiu e me disse o andar e o número do apartamento do Diego. Dei um beijo em Manuela e agradeci pelo que havia feito. Ela apenas me disse para cuidar dele, e mesmo que eu

achasse que Diego não precisava de cuidado, prometi a ela que o faria.

Enquanto subia, senti a excitação do que estava fazendo correr em minhas veias, e só então comecei a ficar nervosa, mas não a ponto de pensar em desistir. Era uma ansiedade boa.

Não pensei duas vezes antes de tocar a campainha. Ele não atendeu, então toquei de novo. Segundos depois, a porta se abriu e o sorriso que estava em meu rosto congelou. Não era capaz de esboçar nenhuma reação. Não quando tinha um Diego totalmente sem camisa parado na minha frente.

O sorriso tomou conta do rosto dele e seus olhos brilharam para mim.

— Foi aqui que pediram uma garota extremamente apaixonada e que não para de pensar em um certo príncipe que surgiu em sua vida?

Ele estendeu a mão e aceitei, indo em sua direção e colando meu corpo no dele. Diego cheirava a sabonete e tinha um frescor de quem acabara de sair do banho. Olhei para cima, encarando sua boca.

— Acertou em cheio. Mas espero que ela tenha trazido junto o coração extra que pedi, já que o meu já não suporta tanto amor.

— Ele tá aqui. — Segurei sua mão em meu peito. — Pronto para compartilhar tudo com você.

— Princesa...

Diego

— Princesa...

Foi a única coisa que consegui dizer, pois o restante das palavras parou em minha garganta. *Eu te amo!* Era o que eu ia dizer. *Eu te amo...* Porque não havia outra forma de explicar o que estava sentindo. Afinal, amar era querer bem, não é mesmo? Sonhar acordado, ouvir a voz da pessoa mesmo a quilômetros de distância. Amar era dormir e acordar com o mesmo pensamento. Sentir saudade antes mesmo de se afastar. Amar era sorrir com o coração apertado. Viver com um único propósito: fazê-la feliz.

E era exatamente isso que sentia pela garota em meus braços. Cada parte de tudo que formava o amor batia em meu peito.

Sentia o despertar de seu coração através dos dedos. A forma como batia alto e rápido. Queria que as horas não passassem, ao mesmo tempo que desejava viver outros momentos ao seu lado. Amar também era contradição. Era querer e não querer.

— Desculpa ter vindo sem avisar. — Larissa sorriu envergonhada, baixando a cabeça e olhando para onde nossas mãos se encontravam. — Queria fazer uma surpresa.

— Não poderia esperar nada melhor pra esta noite. Vem, entra.

Fechei a porta atrás de nós e vi Larissa andar até a sala, observando tudo à sua volta. Seus olhos iam de um ponto a outro e, de repente, eu estava nervoso. Era a primeira vez que me sentia assim, inseguro e com medo do que ela poderia achar do meu mundo. Parei, esperando que terminasse sua pequena exploração. Larissa caminhou até um quadro pendurado na parede acima do sofá e me olhou sorrindo.

SEUS MAIORES BENS SÃO SEUS SONHOS

Nietzsche

— Belo pensamento — disse ela. — E quais são os *seus* sonhos?

Senti que estava me testando. Procurando saber se realmente se encaixava naquilo que eu sonhava.

Ah, minha linda, se você soubesse que você faz parte de todos os meus sonhos.

Comecei a caminhar em sua direção enquanto falava.

— Sonho em continuar fazendo um bom trabalho como promotor, levar um pouco de paz a quem precisa. Sonho com minha família e amigos sempre unidos. Sonho com um mundo melhor pros meus sobrinhos. — Alcancei-a, meu corpo tão próximo a ela que podia sentir seu calor. Devagar, ela levantou a mão na altura do meu peito, mas, antes de tocá-lo, parou no ar, como se algo duelasse dentro dela, impedindo-a de seguir seus desejos. — Sonho em me casar com uma mulher maravilhosa, ter filhos, viver pra fazê-la feliz. Sonho em ver uma garotinha crescendo sob os meus cuidados e poder fazer parte da vida dela como um verdadeiro pai.

Larissa soltou um suspiro. Mesmo sabendo que ela estava mergulhada em uma emoção que era só dela, continuei. Se me calasse, sufocaria com o amor que ela necessitava saber que eu sentia.

— Sonho em amar você todos os dias e poder estar ao seu lado a cada nova transformação. Sonho em ser aquele que te fará acreditar mais uma vez no amor, e sonho em poder te dar momentos que se transformarão em boas lembranças.

Larissa levantou o rosto, encarando meus olhos, e enfim tocou minha pele. Senti queimar, ardendo na paixão que ela me fazia sentir.

— Por favor — murmurou, lágrimas se misturando ao sorriso que surgia em seus lábios. — Nunca deixe de sonhar.

— Só quando eu parar de respirar.

As palavras mal chegaram ao destino e seu gosto já me invadia. Ela trazia uma doçura nos lábios que era só dela, e eu nunca me sentiria saciado do seu sabor. Suas mãos deslizaram pelos meus ombros, deixando um rastro de desejo por onde tocava, e minha mente implorou

que seus dedos cobrissem cada centímetro de pele que existia em mim, porque a sensação de ser tocado por ela era sublime. Já fora tocado por várias mulheres, mas nenhuma delas fizera eu me sentir daquela forma: como se existisse apenas aquele momento. Pousei a mão na base de suas costas e a inclinei para trás, aprofundando o beijo, mas com a certeza de que nunca seria suficiente. Senti seus seios enrijecerem sob o fino tecido da roupa que usava. Gemi em sua boca com a expectativa de que fariamos amor. Quando Larissa deslizou a língua pelos meus lábios, eu a segurei ainda com mais força, distribuindo beijos pelo pescoço, até morder o lóbulo da orelha. Eu já estava duro, meu pau crescendo, regido pelos pequenos gemidos que ela dava.

— Ahhh... — Ela gemeu alto quando deslizei uma alça do macacão. Queria ver seus seios de novo. Não conseguia parar de pensar em como eles eram deliciosos e o quanto haviam ficado excitados sob o toque da minha língua. Eu ia saboreá-los de uma maneira que Larissa jamais esqueceria. Ia desvendar seu corpo a ponto de conhecê-lo mais do que o meu próprio. — Só... Por favor... Calma.

Demorei um tempo para entender o que ela pedia, a adrenalina viajando pelo meu corpo e me deixando em êxtase de tanto tesão. Me afastei, encarando-a. Seus lábios estavam inchados e os cabelos bagunçados, mas nada a deixava tão sexy quanto seus olhos flamejantes. Larissa queimava com o mesmo desejo que me incendiara.

— Eu quero isso. Quero você mais que tudo, mas eu... eu... só...

Segurei seu rosto em minhas mãos e a beijei com delicadeza.

— Tudo bem. Eu sei. — Sorri, tentando tranquilizá-la, porque eu realmente sabia, o que não evitava que me sentisse frustrado. — Espera só um pouquinho?

Ela assentiu.

Deixei-a na sala e fui até o quarto. Joguei uma água no rosto, tentando me acalmar, e esperei alguns minutos até poder andar de novo. Vesti uma camiseta, troquei a bermuda e ajeitei o cabelo. Comecei a pensar em um plano para a noite, o sorriso nunca abandonando meu rosto, pois sabia que o passo que estava prestes a dar mudaria nossas

vidas. Mais ainda, já que eu não me reconhecia desde que Larissa cruzara meu caminho.

Quando voltei, ela observava uma foto sobre a estante. Eu e Alexandre. Quando sentiu minha presença, pôs a foto no lugar e virou para mim.

— Que tal pedirmos comida? — Levantei o celular e ela assentiu.
— O que você prefere? Comida italiana? Pizza? Portuguesa?

— Você pode escolher.

— Tenho gostos simples — avisei, sem tirar os olhos da tela do celular.

— Duvido.

Parei, surpreso com suas palavras. Levantei a cabeça e a peguei observando a sala mais uma vez. Pude ver em seus olhos que ela se sentia deslocada.

— Não faz isso, por favor.

— Isso o quê? — perguntou, irônica.

— Agir como se fôssemos diferentes.

— E somos.

— Não! — disse, consternado.

— Olha pra isso, Diego. — Ela abriu os braços. — Olha pra mim. Eu vim aqui hoje porque sinto que meu coração vai explodir de tanta saudade quando você está longe. Vim porque estar ao seu lado é tudo que mais desejo. Mas chegar aqui e ver esse abismo que nos separa é como um aviso pra eu parar de brincar com uma vida que não é minha. Você está além dos meus sonhos.

O pânico começou a me invadir quando a vi caminhando para a porta. Um sentimento de angústia apertou meu peito, e eu sabia que se a deixasse sair, ela nunca mais voltaria, mas também tinha consciência de que não podia obrigá-la a ficar.

— Você tem razão — falei alto, e ela parou com a mão na porta.
— Somos diferentes sim. Eu tive oportunidades em minha vida que você sequer sonhou em ter. Sempre estudei em excelentes escolas e frequentei os mais diversos cursos que você pode imaginar. Inglês, francês, espanhol, posso falar em todos esses idiomas. Tive pais e irmãos

que acreditaram em mim e me deram todo o apoio que eu poderia ter.

— Está dizendo que não me esforcei? Que tudo que sou foi porque eu não quis ser diferente?

Aproximei-me um pouco mais, ignorando sua raiva.

— Não. E você sabe disso. E eu também tive que me empenhar. A única coisa que nos diferencia são as oportunidades, Larissa. Você não pode se sentir inferior a ninguém quando as condições não foram as mesmas. Você conquistou o mundo com as ferramentas que te deram. E isso é mais do que muitos podem conseguir. Mesmo com oportunidades.

Eliminei a distância entre nós e fiquei aliviado quando ela não recuou.

— O que eu vou dizer agora pode parecer ter saído de um livro, e eu não duvido que alguém já tenha escrito sobre essa verdade: eu sei o que é errado, Larissa. E isso aqui — balancei o dedo entre nós dois — é a única coisa que não é errada. O resto pode ser uma merda, mas isso que meu coração está gritando como um louco, isso não pode ser errado. E eu sei que você sente isso.

Ela ainda tinha uma mão sobre meu coração e podia senti-lo bater sob seus dedos. Me aproximei mais, e ela não recuou. Estava tão próximo que sentia sua respiração acelerada. Levantei a mão devagar, quase em câmera lenta. Não podia deixar que ela ficasse assustada comigo. Seus olhos estavam grudados nos meus dedos, observando a minha aproximação. Eles faiscavam, mas não era medo. Deus do céu. Ela não tinha medo de mim, isso era a maior prova de confiança que poderia receber. Ela olhou para mim e segurei a respiração, pois não sabia se seria capaz de me controlar agora que sabia o gosto da sua boca. Mas precisava. Toquei seu rosto. A face que já abrigara tantas marcas e dores. Queria poder extrair cada lembrança ruim do seu coração, porque me doía saber que ela já sofrera por amor. Deslizei o polegar sobre sua pele macia e absorvi a sensação incrível que era tocá-la. Fechei os olhos e, quando enfim abri mais uma vez, Larissa deixou um sorriso escapar entre seus doces lábios enquanto lágrimas surgiam em seus olhos. Sorri também, o coração batendo forte no peito, implorando para ser aceito

por ela. Porque ela me tinha tão forte em suas mãos e sequer tinha noção. Respirei fundo, pois sabia que o que iria dizer poderia assustá-la.

— Esperei muito tempo para entregar meu coração a alguém, e sempre ansiei por esse dia. O dia em que poderia dizer que encontrei a minha única certeza. A maior delas. E a que quero ao meu lado. Minha alma ama a sua mais do que eu posso suportar. Então, por favor, não me deixe amar sozinho. — Puxei sua mão, fazendo-a caminhar de volta para mim. — Ame comigo. — Ela começou a chorar, colocando para fora tudo que a impedia de dizer sim. Queria abraçá-la, mas senti que ela precisava daquele momento, para deixar para trás o medo de amar de novo.

— Eu fiquei tão machucada que tenho medo das feridas nunca cicatrizarem. O que aconteceu naquele dia. O que acabou de acontecer. Eu sempre terei dúvidas.

— Diga pra mim — pedi. — Quando sentir que algo não está certo, fale comigo, mas não se afaste.

Ela assentiu, fazendo meu coração pular de alegria. Levei a mão até seu rosto e acariciei sua pele macia.

— Acho que podemos pedir pizza — disse Larissa, sorrindo, ainda um pouco tímida.

— Excelente ideia.

Larissa

— E a Malu?

Sorvi o último gole do líquido que descia queimando pela minha garganta. Tomei duas taças de vinho e era muito mais do que estava acostumada. Ainda estava atordoada pelas palavras do Diego e me perguntava se ele sempre me conduziria dessa forma, fazendo com que acreditasse que era possível. Não parava de pensar no quanto eles eram diferentes. Enquanto Dennis me subjugava, Diego me fazia olhar para dentro de mim mesma até descobrir o que era real. Enquanto um gritava palavras que me calavam, o outro me pedia para falar. Um roubara minha voz, o outro me dera um coração.

— Janaína ficou com ela — respondi à pergunta que me fizera.
— É surpreendente vê-la com a Vitória. As duas se deram tão bem.

— Acho que vai ser aquele tipo de amizade que você leva pra vida inteira.

Balancei a cabeça, concordando.

Ele estendeu a garrafa em minha direção.

— Mais?

— Não. Obrigada. Bebi o suficiente. Posso usar o banheiro?

— Claro. Vou te mostrar onde fica.

Diego me conduziu pelos corredores até um lugar que, pela decoração, parecia ser seu quarto. Entrei, tentando não reparar na grandeza de tudo. Apenas apreciei seu bom gosto enquanto sentia sua mão entrelaçada à minha. Ele me soltou, mostrou a porta, e eu dei um sorriso agradecido. Antes de me afastar, o peguei de surpresa, dando um selinho rápido. Senti minhas bochechas queimarem com o gesto. Ele, por sua vez, me deu um sorriso largo, que o deixava mais jovem, mais simples e natural. Fui direto até a pia, lavi as mãos e levei um pouco de

água até a nuca. Sabia que a noite estava se encaminhando para algo maior, e isso me assustava a ponto de me fazer suar. A diferença entre hoje e o dia em que quase transamos no meu sofá era nítida. Eu não tinha nenhum outro sentimento me guiando, como raiva ou vergonha. Eu tinha apenas o desejo de estar com ele, e era mais difícil lidar com isso do que com a adrenalina que vivera.

Segurei na bancada, abaixando a cabeça, e respirei fundo diversas vezes, buscando coragem para ouvir meu coração e seguir em frente. Mas quando levantei e o vi, não consegui mais raciocinar, eu era só sentimentos. Diego me observava pela fresta da porta. Seus olhos encontraram os meus através do espelho e vacilei sobre minhas pernas. Tive que segurar aquele maldito granito entre meus dedos ainda com mais força, porque, se ele esboçasse qualquer movimento, eu ia desabar ali mesmo, no chão do banheiro. Porém, nenhum de nós se moveu, apenas ficamos perdidos no momento enquanto a tensão se espalhava pelo ar. Meu peito subia e descia visivelmente com a intensidade da respiração. Diego também parecia tão afetado quanto eu. A música que ele pusera minutos antes havia acabado, e outra tão romântica quanto a anterior embalava aquele momento. “All of Me”! Me perguntei se ele havia escolhido a canção para mim, ou se fora um acaso. Gostei de imaginar que ele a escolhera enquanto preparava esse momento.

Movida pelo desejo de descobrir mais sobre nós, virei, quebrando a conexão em que mergulháramos.

— Diego... — engasguei, e ele me deu um sorriso apaixonado. Sim, era amor o que via em seu rosto naquele momento, só podia ser amor, e isso fazia meu peito querer explodir. Ele me estendeu a mão, não imaginando o quanto aquele gesto significava para mim. Ele a erguera para mim quando eu achara que nunca mais teria alguém.

— Estou aqui.

— E você vai ficar?

— Até quando você quiser.

Então deixei o banheiro para trás e dentro dele também deixei o medo, a vergonha, a falta de esperança e tudo de ruim. Joguei-me nos braços daquele homem tão lindo e gentil. Diego me segurou, me

levantou, e eu envolvi sua cintura com as pernas. Beijeí sua boca enquanto sorria como uma descontrolada, porque estava feliz demais para me conter. Eu era minha, mas naquele momento eu também era dele, e isso me completava de uma forma que nunca achara possível. Ele segurou minha nuca, movimentando minha boca contra a sua, enquanto meu corpo implorava que ele me desse mais, que preenchesse um vazio que eu sabia que ele seria capaz de suprir. Um vazio de alma. O gosto da sua boca era o sabor mais delicioso que eu provara. Nenhum brigadeiro se comparava aos lábios do Diego. Viciante era a palavra que o definia. Eu poderia beijá-lo para sempre. Seu beijo rasgava tudo dentro de mim, e gemi quando chupou meu lábio inferior, prendendo-o entre os dentes. Segurei seus ombros com força, procurando algo que me trouxesse para a realidade, mas não consegui. Aquele momento era pura magia. Senti o calor da sua boca em minha bochecha e sua voz sussurrou em meu ouvido.

— Quero muito fazer amor com você, princesa. Quero isso mais do que quis qualquer coisa na vida. Quero conhecer seu corpo e te dar o prazer que você merece, mas antes disso preciso que saiba de uma coisa.

Afastei-me um pouco, observando seu rosto. Fiquei assustada, pois Diego estava com os olhos cheios de lágrimas, e minha primeira reação foi querer me afastar, mas ele me impediu, segurando forte minha cintura contra ele.

— Eu te amo, Larissa — confessou, olhando no fundo dos meus olhos. Meu coração parou. — Te amo, e eu sei que talvez isso te assuste, mas eu precisava dizer, porque sei que vou dizer quando estiver dentro de você, e não queria que achasse que é por causa do sexo. Te amo. Amo seu coração. Amo sua alma. Amo você — repetiu.

— Eu... eu... — Minha voz travou.

Diga, Larissa! Diga! Você não estaria aqui se não o amasse. Diga!

— Não precisa dizer nada. Apenas me ame.

Te amo!

Meu coração gritava enquanto o beijava mais uma vez.

Te amo!

Meus olhos disseram, quando ele me pôs com delicadeza na beira

da cama.

Te amo!

Disse para mim mesma, quando seus olhos me observaram.

— Diego. — Eu entoava seu nome como uma canção. Dizer seu nome era como dizer eu te amo, pois nunca achara que voltaria a derramar amor em minhas palavras. Diego. Cinco letras. Um sonho.

— Meu Deus, como você é linda.

— Quero tanto você.

— Não mais do que eu.

Ele sorriu.

Diego desceu a alça do macacão pelo meu ombro, os dedos sempre acariciando minha pele. Meus olhos seguiam suas mãos e ele fez o mesmo do outro lado, deixando um rastro de desejo por onde passava. O medo ainda estava lá, e quando ele abaixou totalmente a parte de cima da roupa e me deixou apenas de sutiã, um sentimento ruim ameaçou acabar com tudo.

— Diego — repeti seu nome como um mantra. Apenas para me certificar de que era ele que estava ali.

— Sou eu, amor, e estou bem aqui com você.

Balancei a cabeça, dando permissão para que continuasse. Seus dedos foram para a lateral do meu corpo, deslizando o zíper para baixo. Fechei os olhos. Bem ali havia uma cicatriz. Dennis me queimara com um ferro. Passava suas roupas quando chegara em casa e, no meio de uma briga, ele o usara contra mim. Lágrimas escorreram pelo meu rosto quando Diego a beijou. Seus lábios tocaram delicadamente a prova da dor que um dia eu sentira.

— Vou amar tudo em você, inclusive isso. — Acariciou o local que beijara. — Não vai haver canto em seu corpo que não receberá meus beijos. Não haverá lágrimas que eu não vá secar, e não terá um dia sequer que não te farei sorrir. Eu te prometo o meu mundo.

Ele me deixou nua enquanto eu viajava em suas palavras. Não tinha tempo para sentir vergonha, ou me esconder. Diego seguiu com sua promessa, ficando de joelhos e beijando cada centímetro da minha pele. Ele não beijou meus seios, pescoço ou boceta. Diego primeiro

acariciou as cicatrizes, as estrias que a gravidez da Malu causara, minhas mãos, dedos e olhos. Só então continuou, tomando minha boca enquanto me deitava sobre a cama. Mal sentia o peso do seu corpo sobre o meu e isso foi muito bom. Era surreal. Eu estava na cama de um homem e prestes a me entregar para ele.

Sua mão acariciou meu rosto, passando pelo pescoço e parando no limite do sutiã. Ele só tinha que abaixá-lo, e a expectativa deixava meus seios doloridos de tanto tesão.

— Você é a mulher mais linda que já vi — dizia, enquanto desnudava meus seios devagar. Diego não deixava meus olhos, enquanto sua mão trabalhava um pouco mais abaixo. — Seus olhos, sua boca, seu corpo. Eu amo tudo isso e enlouqueço de desejo cada vez que te toco.

Seu polegar roçou meu mamilo intumescido pela excitação e eu arqueei na cama, cravando as unhas em seu ombro, com seus olhos ainda presos nos meus.

— Ahhhh! — gemi. — Por favor... só... faz isso de novo.

Então ele me tocou de novo, rodeando meus seios com as mãos. Não conseguia manter os olhos abertos, porque a cada toque dele algo explodia dentro de mim. Quando senti sua língua molhada lambe meus mamilos, achei que ia desmanchar. Diego me levou às nuvens chupando e mordiscando meus seios. Um, depois o outro, os dedos acariciando ambos, juntando-os e passando a língua no meu colo. Eu já esfregava uma perna contra a outra quando ele correu a boca pela minha pele, distribuindo beijos até chegar à cintura. Ele abaixou, beijou minha calcinha, a renda que envolvia a parte do meu corpo que agora pulsava, implorando por um toque apenas.

— Diego.

— Estou aqui.

— Por favor.

— Sim, meu amor.

Minhas pernas foram abertas e seus dedos se esgueiraram pelo tecido, tocando delicadamente minha boceta.

— Quero te fazer gozar — disse ele.

— Sim. Sim.

Quando achei que ia me deixar completamente nua, Diego afastou a calcinha. Tudo duelava dentro de mim, e lutei para não sair correndo quando me senti totalmente exposta naquela cama. Diego deslizou a língua pela minha entrada e tudo se apagou da minha mente. Eu só sentia.

— Caralho! — soltou ele.

— Meu Deus! — Eu gemi.

— Você é deliciosa, princesa. Mais do que achei que seria. — Continuou brincando com as palavras, próximo à minha boceta. — Porra! Você está toda molhada.

Não era fácil imaginá-lo dizendo palavras como aquelas, e muito menos achei que me sentiria tão calma ao ouvi-las, mas quando ele dizia, era como se estivesse me conduzindo para a beira de um precipício. E eu ia ansiosa para me jogar.

Não foi rápido. Ele esperava a reação do meu corpo, lendo meus desejos e os saciando. Ia devagar, depois depressa, beijando, mordiscando, deslizando a língua pela pele sensível. Quando chegou ao clitóris, eu estava pronta para explodir. Diego bateu a língua no ponto pulsante e eu gemi seu nome com desespero.

— Geme de novo, princesa.

Ele me prendeu com os dentes e chupou com a destreza de quem sabia o que estava fazendo. Agarrei o lençol entre os dedos e segurei o mais forte que pude. Diego enfiou um dedo dentro de mim. A calcinha que eu ainda vestia friccionava a pele onde ele não alcançava. Quando me aqueei novamente, ele murmurou palavras que não consegui compreender.

Dois dedos, e eu me senti tão sedenta que choraminguei, implorando para que me fizesse gozar. Não aguentava mais quando ele atendeu minha súplica e juntou a boca aos dedos. A sensação era de que eu podia ver estrelas.

— Diego... Diego... — gritei, enquanto gozava em sua boca. Ele manteve minhas pernas abertas, saboreando tudo o que eu entregava. Segurei seus cabelos para afastá-lo de mim, porque a sensação era grandiosa demais para suportar. Mas minhas mãos não obedeceram a

mente e o trouxeram para mais perto, como se fosse possível puxá-lo ainda mais fundo.

Quando meu corpo parou de tremer, Diego levantou, lambendo os lábios. Os olhos me encararam com fome, e eu me senti tão faminta quanto ele. Quando tirou a camisa, suspirei.

— Posso te tocar?

Ele me deu um sorriso malicioso. Aproximou-se da cama e segurou minha mão, fazendo-a deslizar por seu abdômen. Diego fechou os olhos e eu não conseguia parar de olhar para os músculos que tensionavam sob meu toque. Sua boca emitia murmúrios quase inaudíveis e, quando soltei minha mão da dele para abrir a bermuda, seu gemido ecoou alto. Eu não conseguia parar. Não queria parar. Abri o botão e deslizei o zíper para baixo. Quando a bermuda caiu, meu coração saltou disparado. Ele vestia uma cueca boxer preta, e a ereção me deixou mais uma vez com tesão. Queria muito tocá-lo e beijá-lo, mas meu corpo não obedecia à minha cabeça. Parecendo entender meu receio, Diego se afastou e abriu uma gaveta. Imaginei o que ele tinha nas mãos. Ele ficou completamente nu e desenrolou o preservativo pela extensão do seu membro. Eu continuava travada no lugar. De repente, o medo parecia avançar. Diego segurou minha mão e me fez levantar. Tirou meu sutiã e jogou no chão, em cima da sua camiseta. Então deitou na cama. A visão era tão erótica que eu mal conseguia processar. Aquele homem lindo, de pau duro, esperando por mim.

— O poder é seu. Sempre foi. Desde quando olhei aquela foto e me apaixonei perdidamente pela dona dos olhos mais doces que já havia visto. Desde que a vi sentada naquela cadeira, munida de uma coragem que me deixou de joelhos. O poder é sempre seu, sempre será.

Sabia o que ele estava fazendo. Diego percebera minha hesitação, sabia o que eu sentia, e por isso me deixava controlar. E eu seria a Larissa corajosa de que tanto falava. Respirei fundo antes de subir nele, uma perna de cada lado da sua cintura.

— Você já controla meu coração, agora vai fazer o mesmo com o meu corpo. Rápido, devagar, fundo. É você quem decide.

Senti o medo dando lugar ao desejo. Espalmei as mãos em seu

abdômen, me deliciando com os músculos esculpidos que o tornavam tão belo e másculo. Então era isso que seus ternos elegantes cobriam. Um homem extremamente sexy.

— Porra! — exclamou, quando me posicionei sobre ele. — Posso sentir você me apertando. Caralho. Você tá quente e molhada... muito molhada. — Continuei descendo, observando seus olhos se fecharem e a excitação tomar seu rosto. Mantinha os meus abertos. Queria ver como ele reagia a mim, se seu corpo ansiava pelo meu assim como eu desejava o dele.

Tive que me acostumar com seu tamanho e grossura, então fui devagar. Quando ele estava inteiro dentro de mim, tentei me mexer, mas Diego segurou minha cintura com as duas mãos, me mantendo imóvel. Ele grunhiu um palavrão, levantando as costas da cama e ficando praticamente sentado comigo em seu colo.

— Gostosa.

Ele enfiou a mão por baixo do meu cabelo, puxando-o de leve, pegou um mamilo com a boca e começou a chupar. Foi bom ver que eu o descontrolava a ponto de deixar sua promessa de lado por alguns segundos. Afinal, ele não era perfeito o tempo todo.

Empurrei seu peito, fazendo-o deitar de novo, e ele arqueou as sobancelhas, surpreso com a minha reação. Segurei seus ombros, me inclinando sobre ele, e comecei a me mexer. Devagar, experimentando o prazer de tê-lo dentro de mim. Sentia todo o seu comprimento me invadindo e depois me deixando, apenas para entrar fundo mais uma vez. Ditei o ritmo e fui devagar até o momento em que não consegui mais me conter, necessitando de muito mais. Passei a cavalgá-lo. Meu corpo livre para subir e descer. Sem cordas, sem gritos, sem tapas. Não havia ninguém me prendendo sobre a cama. Ninguém me machucando ou me apertando. Não havia ninguém sobre mim. Eu estava livre. Eu estava amando.

Fechei os olhos quando suas mãos seguraram meus seios e seu pau passou a estocar cada vez mais rápido e fundo. Não imaginava que podia sentir tanto tesão por alguém. Diego me levou a um patamar de prazer que eu nem sequer sabia que existia.

— Linda, goza comigo. Eu não aguento mais essa boceta apertando meu pau. Vem comigo, princesa.

O apelido em sua boca. A forma carinhosa como me tratava ao mesmo tempo que me possuía. Seus olhos tão amorosos enquanto seus dedos em meus mamilos me faziam explodir de tanto tesão. Deus. Esse homem era uma contradição deliciosa.

Senti o orgasmo se formando e, quando sua mão desceu do seio para estimular o clitóris, não consegui me segurar. Entreguei a ele não somente meu orgasmo. Naquele momento, compartilhei a dor, a mágoa e todo o sofrimento que eu um dia sentira. Enquanto dizia seu nome, perdida no prazer ao qual ele me levava, dividi com ele todos os socos, tapas e gritos. E por fim entreguei meu corpo, aquilo que um dia tomaram de mim.

— Ahhhh, Diego, ah...

Ele me segurou pela cintura, mantendo-me no ar, e meteu fundo uma última vez, gozando enquanto me olhava nos olhos.

— Eu te amo — disse ele, como havia previsto. Eu sorri e ele me beijou. — E vou te amar enquanto houver tempo para amar.

Larissa

Fazia um tempo que estava acordada, mas fiquei com medo de abrir os olhos e descobrir que tudo tinha sido um sonho. Não me movi, não respirei, sequer conseguia pensar.

— Está acordada?

Sua voz penetrou em meus ouvidos.

Ainda de olhos fechados, sorri. Ele me tocava; os dedos acariciando minha coluna e traçando uma linha imaginária de cima a baixo, provocando arrepios. Virei o rosto, abri os olhos e perdi o fôlego ao vê-lo deitado de lado, me encarando com tanta paixão que eu senti minha pele queimar.

— Que horas são? — murmurei.

— Ainda é cedo.

— Foi tão perfeito. Como você disse que seria.

Ele abriu um sorriso orgulhoso e seu olhar percorreu meu corpo. Senti minhas bochechas esquentarem. Nunca achara que o sexo poderia ser assim... completo. Foi tão intenso que ainda sentia seus toques em minha pele. Minha boca ainda saboreava o seu gosto. Podia ouvir sua voz dizendo *eu te amo*.

Virei, deixando os seios à mostra. Pensei em me cobrir com o lençol, mas que diferença faria para quem havia feito um sexo tão maravilhoso quanto o nosso? Diego não conseguia desviar os olhos deles e, quando viu que eu percebi, sorriu.

— Você foi perfeita.

— Dizem que a segunda vez é ainda melhor.

Puxei sua mão para que viesse até mim.

— Disso eu tenho certeza.

Ao contrário da primeira vez, ele abriu minhas pernas e se

encaixou no meio delas. Podia sentir seu pau me tocando, mas estava mais focada em sua boca se movendo contra a minha. Eu o beijei de volta quando ele ameaçou parar, e comecei a sentir a necessidade pulsante de tê-lo dentro de mim. Diego parecia ter sido tomado pelo mesmo desejo que eu. Ele saiu e voltou segundos depois vestindo o preservativo. Depois de voltar para o meio das minhas pernas, segurou o meu rosto entre as mãos.

— Eu preciso que você saiba que, a qualquer momento, basta uma palavra sua e eu paro.

Parar? Como? Por quê?

— Não quero que você pare.

Puxei seu pescoço para beijá-lo e senti que ele me invadia conforme nosso beijo se aprofundava. Ele metia fundo, o quadril se movendo sem descanso. Diferente da primeira vez, Diego estava mais intenso. Como se o desejo o dominasse.

— Que bocetinha gostosa! Caralho... Caralho... — disse ele, mordiscando minha orelha. — Deliciosa demais.

Meu quadril subia de encontro ao dele, tamanha a necessidade de tê-lo mais fundo. Eu o queria tanto que não suportava sentir qualquer espaço nos separando. Ele estocava cada vez mais forte, mais rápido, mais fundo, mais delicioso.

— Definitivamente — sussurrei ofegante —, não pare.

Ele não parou.

Eu não parei.

Entre gemidos, sussurros e promessas, Diego me levou a um lugar aonde jamais imaginara que chegaria: ao céu.

Depois do banho, fiquei parada na frente do espelho, tentando descobrir qual Larissa me olhava de volta. Levei os dedos aos lábios, sentindo o inchaço causado pelos beijos do Diego. Sorri ao me lembrar de tudo que fizemos. Ele foi ávido, sem deixar de se preocupar comigo. Tudo que ele fez foi para me deixar segura da decisão que eu havia tomado antes mesmo de pôr os pés em seu apartamento. E eu consegui.

Houve momentos em que tive medo. Momentos em que minha mente viajou para longe, para um tempo de que eu nunca mais queria lembrar. Mas antes que eu me perdesse por inteiro, ele chamava meu nome com tanta paixão que eu voltava imediatamente para ele.

Cheguei à conclusão de que não conhecia a Larissa do reflexo. Ela era única. Uma mulher machucada que voltara a amar.

Finalmente... ela era *eu*.

— Princesa, você precisa de alguma coisa?

Sua voz atravessou a porta, fazendo meu coração disparar.

Sequei uma lágrima e respondi baixinho, sem que ele pudesse me ouvir: — Não. Eu não preciso de mais nada.

Diego me deixou em casa antes de ir para o Ministério Público. Combinamos de levar Malu a um recital no meio da semana. Só nós três, como uma família. Ele ainda prometeu aparecer e me roubar alguns beijos. Sentia como se estivesse andando em nuvens. Não queria acordar do sonho que vivia. Entrei em casa sorrindo como a boba apaixonada em que me transformara. Estava tão distraída que quase caí de costas quando vi Janaína sentada no balcão da cozinha, segurando uma panela de brigadeiro.

— Pela carinha de idiota... deu.

— Você quase me matou de susto. Cadê a Malu?

— Dormindo. E aí? Como foi?

— Como foi o quê?

Ela cerrou os olhos e me encarou com um pouco de raiva.

— Foi maravilhoso.

— Me...

— Não — interrompi, antes que ela pedisse detalhes. Jana fez beicinho, mas não me convenceu. — Foi tão perfeito que será apenas meu.

Eu me aproximei e dei um abraço na minha melhor amiga antes de ir ver minha filha. Ao deixar a cozinha, chamei por Janaína com um assovio. Ela me encarou confusa.

— Ele fala boceta — sussurrei.

— Cacete! Ele é dos meus. Quer dizer... dos seus. Ahhh, você entendeu.

Enquanto Jana falava, meu celular apitou.

Te amo, minha princesa.

Sorri.

E, pelo jeito, continuaria sorrindo por muito tempo.

Diego

Quando meu telefone tocou e vi o nome da minha princesa, percebi que não existia no mundo um homem mais feliz do que eu. Atendi sem fazer questão de esconder a empolgação por ouvir sua voz. Haviam se passado três dias e eu ainda sentia como se ela estivesse aqui, no meu apartamento. Eu não conseguia esquecer a nossa primeira vez. Lembranças da Larissa em minha cama, embaixo do meu corpo, beijando minha boca, me deixando entrar nela. Deus, eu era um maldito pervertido, porque cada vez que lembrava dela, ficava duro. Até isso ela controlava.

— Preciso de um favor — disse ela, depois de me cumprimentar.

— Diga o que queres e eu te darei um preço.

— Uau! Que mercenário! — Sua risada mexia com cada pedaço do meu corpo. Era um privilégio fazê-la sorrir. — Acabei de criar uma receita nova de brigadeiro. Deu empate técnico aqui. Malu não gostou muito. — “É azedo”, escutei uma vizinha se explicando, e sorri. — Eu, particularmente, amo menta. Então, que tal você dar um pulinho aqui e dar seu voto?

Ela não precisava pedir duas vezes.

— Chego rapidinho. E já vou avisando: se for azedo, vou ficar no time da princesinha.

Escutei muitas risadas e desliguei o telefone sem a menor dúvida de que era o homem mais feliz do mundo.

Quando cheguei, Malu me deu um abraço, mas não falou comigo. Era normal. Tinha dias em que ela estava mais falante, e em outros se expressava de outras formas. Como o desenho que segurava nas mãos e me entregou assim que se afastou. Minha primeira reação foi elogiar, mas só depois que realmente vi o que estava desenhado ali que a

emoção me dominou. Era sua família. Eu, Larissa e ela.

Levantei a folha e vi minha namorada visivelmente emocionada.

— Alguma dúvida de que é você? — perguntou ao se aproximar.

— Nenhuma.

Havia um príncipe e duas princesas naquele papel. Eu só pedia a Deus que não me deixasse falhar com elas. Eu tinha que ser a porra do melhor príncipe que já existira.

— Posso ficar com o desenho? — perguntei. Larissa balançou a cabeça, fazendo que sim. — Obrigado.

Eu a puxei e encostei de leve meus lábios nos dela.

O restante da noite passou voando. Depois de ter conseguido me arrastar para o time dos que não gostavam de brigadeiro de menta, Malu adormeceu no sofá. Fiz questão de levá-la para a cama. Acaricieei seus cabelos depois de cobri-la e dei um beijo em sua testa. Eu ainda não conseguia entender como aquela garotinha podia provocar em mim uma onda de amor tão grande. Ela me conquistara com os mesmos olhos da mãe.

Quando voltava para a sala, esperançoso para fazer amor com a Larissa, uma mensagem no celular me levou do céu ao inferno em questão de segundos. A sensação era de que meu coração estava sendo esmagado dentro do peito. Olhei para Larissa, que recolhia os lápis e papéis de Malu da sala, e aquilo só fez o pânico aumentar ainda mais. A verdade era que eu não podia protegê-las como pensara que conseguiria. Fiquei puto com a impotência que me dominava naquele momento. A mulher que eu amava e a menininha que tinha meu coração corriam perigo, e não sabia como poderia mantê-las seguras.

Li a mensagem mais uma vez e senti raiva do mundo.

A maldade do ser humano não tinha limites.

— Ela não queria dormir antes do final do filme. Pus pra gravar. Tá tudo bem, amor? — Eu não conseguia ouvi-la direito. — Diego, tudo bem?

Ao chamar meu nome, ela me despertou.

— Preciso ir.

Não conseguia raciocinar. Tudo o que eu fazia era imaginar

Larissa e Malu em perigo. Abri a porta sem olhar para trás. Ouvia seus passos e sentia seu cheiro, mas, porra, eu não conseguia imaginar uma vida sem ela. Meu peito doía só de pensar nele... nela... Deus. O que eu ia fazer?

— Diego...

— Por favor, entra.

— Você tá me assustando.

— Larissa... Entra em casa.

Minha voz saiu mais alta do que de costume. Aliás, eu nunca havia falado daquela forma com ela. Larissa se sobressaltou. Pude ver que estava assustada pela forma como seu corpo encolheu e pelas lágrimas que surgiram em seus olhos. Amaldiçoei meu descontrole, mas estava tão apavorado que não conseguia agir com coerência. Eu era só emoção.

Arranquei com o carro e dirigi tão rápido quanto pude. Quando cheguei à delegacia, Guy estava na recepção, falando com alguns jornalistas. Fiquei afastado, esperando o momento em que ele poderia me explicar o que estava acontecendo. Eu escutava frases entrecortadas enquanto minha mente viajava.

“Obrigada por acreditar no amor.”

Eu ainda não aceitava que aquela garota tinha morrido. Eu não conseguia acreditar que aquele desgraçado conseguira o que queria.

Facadas... corpo... irreconhecível... estupro... vingança...

Guy dava os detalhes para a imprensa e eu estava prestes a vomitar.

De repente, havia um microfone perto do meu rosto e dezenas de pessoas na minha frente.

— Dr. Diego Ferraz, o que o senhor tem a falar sobre o caso da Beatriz?

Olhava de um lado para o outro, sem saber o que dizer.

Ela tinha morrido.

Apenas ignorei todos e segui o delegado.

— Você soube? O cara fugiu e foi atrás dela.

— Como?

— Pergunta isso pro diretor do presídio. — Guy riu, sarcástico.

— Que porra, Guy! — gritei. — Que merda de resposta a gente

pode dar pra sociedade desse jeito? Me diz. O que vamos dizer? “Sinto muito, mas todo mundo tá fodido.”

Guy me olhava como se eu estivesse maluco. E a verdade era que eu agia exatamente como um.

— Mano, se acalma. Foi um crime brutal. Mas infelizmente não foi o primeiro e nem será o último. O mundo tá cheio de pessoas podres. Você sabe disso.

Meus olhos pousaram naquele homem que mais parecia um armário. Guy tinha quase dois metros de altura e, naquele momento, tentava me acalmar, porque tudo que eu conseguia fazer era andar de um lado para o outro, imaginando o dia em que Dennis seria posto em liberdade. Se ele fosse atrás dela, não sei do que seria capaz.

— Eu tô apaixonado. Minha namorada foi vítima de um desses desgraçados. E agora eu tenho certeza de que nossa justiça não protege porra nenhuma. Quando sair de lá, ele vai atrás dela. Agora você me diz, Guy. O que eu faço? Espero ele matar a mulher que eu amo? Que porra eu tenho que fazer?

Ele abaixou a cabeça, tão perdido naquela merda quanto eu.

— Eu amo uma garota que mal reconheço. É difícil enxergá-la quando está tão drogada que sequer sabe o próprio nome. Eu, um delegado, sou completamente apaixonado por uma viciada. Todos os dias, faço a mesma pergunta que você: que porra eu tenho que fazer? Não tenho uma resposta, Diego. Nem pra você e muito menos pra mim. O único conselho que posso te dar é: vai embora e cuida da sua garota. Você ainda a tem. Você sabe que nem todos os casos são iguais.

— Então, você quer que eu volte pra casa e conte com a sorte? Que eu torça para que Dennis se arrependa?

— Não. Eu quero que você vá pra casa, ame sua mulher, viva e não deixe o medo tomar conta de você.

Eu conhecia o discurso dele de cor e salteado. Sabia que tentava me acalmar com palavras positivas, mas também tinha consciência de que ele estava certo. Eu não podia parar a vida na expectativa de que alguma coisa ruim viesse a acontecer. Eu ia amar Larissa todos os dias, até depois que meu coração parasse de bater. Respirei fundo e, antes de

sair, não pude deixar de dizer: — Sinto muito.

Ele assentiu.

— Eu também.

Guy e eu erámos dois fodidos, com a fé na justiça abalada.

Minha vontade era dirigir de volta para minha casa, mas não consegui. Quando percebi, já estava na frente do portão dela de novo. Toquei a campainha e, quando Larissa surgiu na porta, tive que me segurar para não chorar. A verdade era que a notícia da morte da Beatriz me desestabilizara de uma forma que eu não conseguia lidar. Na minha cabeça, só conseguia ver minha princesa no lugar daquela menina que defendera havia alguns meses.

Caminhei até ela sem saber como explicar minha atitude. Foi só quando me aproximei mais e ela sorriu que percebi que me entendia, mesmo sem realmente saber o que estava acontecendo.

— Eu te amo — disse, assim que a alcancei. Eu a puxei para os meus braços e ergui seu corpo. Larissa envolveu minha cintura com as pernas e fechou a porta atrás de nós. Enterrei a cabeça no seu pescoço e inalei seu cheiro, deixando o aroma de chocolate me acalmar.

— Fiz brigadeiros... Sem menta — concluiu, sorrindo.

Eu ainda tinha o rosto enterrado em seus cabelos.

— Faz amor comigo? — perguntei.

Me afastei, observando seus olhos. Ela balançou a cabeça para cima e para baixo, dizendo sim. Meu peito explodiu de tanto amor quando ela segurou meu rosto entre as mãos e me beijou. Caminhei pelo corredor com ela em meus braços, desejando ter forças suficientes para segurá-la assim para sempre. Larissa parou de me beijar apenas para sussurrar onde eu deveria entrar. Então a pus delicadamente na cama e me afastei para olhá-la. Seus cabelos estavam espalhados pelo lençol e seu corpo chamava pelo meu, mas tudo que eu conseguia fazer era olhá-la. O quanto ela era perfeita. Eu ia amá-la com todo meu coração. No meu apartamento, fizéramos amor, mas também sexo. Mas o que queria naquele momento, o que eu ia dar a ela, ia muito além do amor. Daria a ela tudo que tinha e tudo que eu era.

Tirei a camiseta, sempre seguido por seu olhar cheio de desejo.

Me arrastei sobre ela, cobrindo seu corpo com o meu e, quando alcancei sua boca, quando minha pele tocou a dela, tudo fugiu da minha mente. Éramos somente nós e um amor que transbordava de mim. Tirei a blusa que ela vestia apenas para descobrir que minha princesa não usava mais nada por baixo. Meu pau já estava duro, mas, naquele momento, o que eu sentia transcendia o tesão.

— São lindos — murmurei, enquanto acariciava os dois cumes rosados. Minha língua implorou para lambê-los. Minha boca ansiava por sentir seus mamilos em meus lábios, mas queria que Larissa pedisse. Roci o polegar no mamilo intumescido e ela arfou, jogando a cabeça para trás. — O que você quer, princesa?

Sabia que ela tinha dificuldade de verbalizar seus desejos, e não era para menos, depois de tudo que sofrera. Não queria envergonhá-la, fazendo-a pedir. Não, não. Tudo que eu queria era que tivesse plena consciência de que eu estava ali para ela. Queria que confiasse em mim a ponto de me entregar seus mais íntimos desejos. Que me desse seu coração da mesma forma que eu entregara o meu a ela. Completamente.

Abaixei a cabeça e passei o nariz entre os seus seios, respirando contra sua pele quente. Ela se arrepiou e mais uma vez gemeu enquanto eu a beijava.

— Diego...

— Diga.

— Por favor.

— O quê?

Mais beijos.

— Quero sua boca em mim — sussurrou.

E ela teve. Cada canto do seu lindo corpo recebeu meus lábios. Eu a beijei desde o pescoço até o meio das pernas. Eu a toquei com a minha alma, porque o que eu tinha até então não era suficiente. Eu a deixei nua, exposta para mim, e ela não recuou, entregando-se ao momento com uma paixão visceral. Abri suas pernas e saboreei o gosto de sua boceta deliciosa. Os pelos ralos escondendo o objeto do meu desejo. Lambi, deixando-a toda melada. Chupei, fazendo-a se contorcer sobre a cama. Sentir sua boceta lambuzando meu rosto me deixou

incontrolável. A ideia era ir devagar, mas agora tudo que eu queria era meter gostoso nela. Mas eu precisava vê-la gozar. Precisava tê-la em minha boca. Então pus um dedo em sua entrada e deslizei para dentro, enquanto brincava com seu clitóris.

— Ah, Diego... Sim.

Não demorou muito. Excitada demais, Larissa puxou meus cabelos, me fazendo aumentar o ritmo do toque. Meu Deus! Enquanto ela gozava, eu só conseguia me lembrar da maravilha que sentira ao estar dentro dela, e que em poucos segundos ia me perder nesse prazer mais uma vez.

— Diego, ahhh, isso.

Suas unhas cravaram em meus ombros, rasgando minha pele.

— Preciso entrar em você.

Ela apenas murmurou.

Afastei-me, tirando depressa a calça. Quando peguei a camisinha, sua mão me deteve.

— Eu tomo pílula.

Putá merda! Eu não acreditava no que estava ouvindo.

— Eu nunca fiz sem.

— Nem com a Sofie?

Fiquei sério, ela ainda tinha dúvidas em relação ao meu passado.

— Nunca.

Ela sorriu.

Olhei para o preservativo em minhas mãos. Era verdade. Eu nunca havia transado sem camisinha. E também nunca amara ninguém como amava a mulher à minha frente. Deixei o pacote de plástico no chão e fiz o que meu coração mandou.

Cobri o corpo dela com o meu, já sentindo a diferença de não ter nada entre nós. Sentia sua pele nua enquanto encostava meu pau em sua boceta. Achei que ia morrer quando enfiei a cabecinha. Quando deslizei e senti o quanto ela estava molhada, tive certeza.

— Caralho — soltei.

Eu mal conseguia me mexer, sentindo que a qualquer momento iria explodir.

— Você é tão lindo. — Larissa levantou o corpo, apoiando-se nas mãos, para sussurrar em meu ouvido. — Quero você todinho.

Porra!

Porra!

Ela realmente queria me matar.

Comecei a me mover, dando o que ela pediu, me enterrando inteiro naquela bocetinha gostosa.

— Assim?

Arremeti dentro dela.

— Ahhhh... Assim. Mais fundo.

Segurei seus seios e meti fundo, meti gostoso, meti incontáveis vezes. Sua boceta gulosa sugava meu pau e eu queria me afundar cada vez mais nela enquanto apertava seus seios maravilhosos.

— Porra... Ahhh... Cacete... — sussurrei, incoerente, quando a senti se contraindo e apertando a cabeça do meu pau. Enfiei um mamilo na boca, chupando aquele peito gostoso que me deixava com um puta tesão. — Quero comer essa boceta todo dia. Caralho de bocetinha gostosa. — Assim que as palavras saíram, eu me arrependi de tê-las dito. Deveria ter me segurado, mas era difícil quando estava comendo a mulher mais gostosa que já estivera em meus braços. Parei por alguns segundos e busquei seus olhos. — Amor, diz pra mim quando for demais. Se minhas palavras te machucarem, eu me calo. Se meu corpo te pressionar além do suportável, eu me afasto. Eu faço tudo pra você nunca mais sair da minha vida.

— Não me trate diferente. Não me olhe com pena, não procure curar as feridas que ainda existem. Me trate como uma mulher normal. Apenas faça amor comigo como se ninguém mais tivesse existido. Me dê uma vida nova. Eu só vou seguir em frente se deixar o passado pra trás.

Entendendo o que ela pedia, voltei a tocá-la. Isso despertou ainda mais minha princesa, pois senti o momento em que agarrou meu pau com mais força. Senti sua boceta ficar ainda mais molhada. Ela estava gozando.

— Vem comigo, amor? — pediu ela.

Caralho. Ela pedia para eu gozar nela. Dentro da sua boceta.

Encontrei suas mãos e entrelacei nossos dedos.

— Diego, olha pra mim.

Ela tinha o controle de tudo. Puta merda! Ela me tinha em suas mãos.

Olhei no fundo dos seus olhos e o que vi fez as lágrimas surgirem. Não tive vergonha de chorar, porque vi o amor me olhando de volta.

— Eu amo você — declarou ela, em meio a um sorriso, enquanto eu simplesmente chorava. Enfiei uma última vez e ela gritou enquanto gozávamos juntos. — Eu amo você. Eu amo você.

Naquele momento, eu sabia. Nunca existira e jamais existiria alguém como ela. Havia encontrado minha alma gêmea. A que teria para sempre meu coração.

Larissa

— Você quer conversar?

Ele sacudiu a cabeça em negativa.

Eu me abrirei com ele. Dissera que o amava. Não conseguia mais segurar aquele sentimento dentro de mim, então as palavras saíram com uma naturalidade que me assustara. Na verdade, tudo naquela noite me assustava. O rompante inexplicável que o fizera ir embora. Sua volta misteriosa e a maneira como fez amor comigo, como se aquele momento fosse o nosso último. Me assustei inclusive com as minhas atitudes, mas a verdade era que nossa relação nunca seria diferente se eu continuasse presa ao que vivera, se continuasse deixando o medo me guiar. Diego era diferente, e tudo com ele tinha que ser assim. Por isso tomara a iniciativa de não usar o preservativo. Eu sabia que ele nunca pediria. Diego era perfeito demais para pensar nisso. E isso era bom. Sentia-me viva tomando decisões por nós dois, e a nova Larissa crescia cada vez mais.

— Aconteceu alguma coisa? — perguntei.

Diego estava tão silencioso que comecei a ficar preocupada.

— Coisas do trabalho — murmurou.

Deitados na cama ainda abraçados, comecei a pensar no quanto a vida podia nos pregar peças. E fora na dor que eu encontrara o amor.

— Quer dormir aqui?

— Posso? — Ele afastou uma mecha do meu cabelo e se inclinou para beijar meu rosto.

— Uhummm... — gemi em resposta, pois seus carinhos me deixavam mole.

— Então vem aqui.

Ele me puxou para ele, deitei a cabeça em seu peito e adormeci

escutando as batidas do seu coração. Um coração que eu tinha certeza que batia por mim.

Quando acordei, o sol já entrava pela janela, clareando o quarto. Diego não estava ao meu lado na cama, mas eu sabia que tudo tinha sido real. Ainda conseguia sentir seu cheiro.

Fui comprar o café da manhã.

Era o que dizia o bilhete que ele deixara sobre o criado-mudo.

Sorri como uma boba e, antes de correr para o banheiro, fui até o quarto da Malu espiá-la. Ela ainda dormia. Tomei um banho rápido. Queria estar na cozinha quando ele voltasse. Escolhi um vestido simples, de alcinha. Rodopiei na frente do espelho, sabendo exatamente quem tinha posto aquele sorriso em meu rosto: Diego Ferraz.

Enquanto arrumava a mesa, liguei a televisão em um canal qualquer. Eu só precisava me distrair, senão as lembranças da noite anterior não me deixariam fazer nada. Foi quando escutei seu nome. Primeiro achei que era impressão minha, mas, quando parei na frente da TV, eu o vi. Era o Diego. Ele olhava para a câmera como se não entendesse o que estavam perguntando. A legenda que passava embaixo da imagem fez meu corpo inteiro tremer. A porta se abriu e só então me dei conta de que ele usava a mesma roupa.

Diego não respondeu nada ao repórter, assim como não tinha respondido minhas perguntas na noite anterior.

— Por favor, desliga isso. — Ele passou por mim, pegando o controle e desligando a televisão.

— Você foi o promotor do caso?

Ele me deu as costas.

— Não vamos falar disso, princesa.

Eu o segui, a raiva me dominando. Ele tinha mentido para mim. Entreguei tudo para ele, e ele mentiu para mim.

— Foi por isso que saiu transtornado ontem? — insisti. — Quer falar comigo? — Puxei seu braço quando ele, mais uma vez, não me respondeu.

— Você queria que eu tivesse dito o quê? — Eu via lágrimas em seus olhos. — Aquela menina também foi vítima, como você. Eu lutei por ela, assim como lutei por você. Pus o cara na cadeia, assim como fiz com o Dennis. E agora ela está morta. O que você queria que eu fizesse? Que eu tivesse dito que estava com medo? Caralho... — Diego passou as mãos nervosas pelos cabelos enquanto andava de um lado para o outro. Meu coração se afundava a cada palavra dele. — Quando voltei e você abriu a porta sorrindo, uma parte de mim quis morrer, porque não há forma de viver em um mundo em que você não esteja. Então, é melhor aquele filho da puta não se aproximar de vocês, ou eu juro por Deus...

Não deixei que ele terminasse de falar. Eu me joguei contra ele e calei sua boca com um beijo.

— Não faça nenhum juramento para o Dennis. Faça para mim. Promete me amar todos os dias como se fosse o último?

Ele se aproximou, colando a testa na minha, respirando junto comigo, o mesmo ar, o mesmo amor.

— Todos os dias. Eu prometo.

— Eu sei que uma parte de mim talvez nunca mais tenha paz. Eu sei que ele pode sair a qualquer momento. Sei que ele pode me procurar pra cumprir as várias promessas que fez. Sei também que um dia posso ser eu no lugar da menina na TV. — Ele balançou a cabeça em negativa. — E você também sabe. Mas também sei que ele não vai ter controle sobre a minha vida. Não mais. Nunca mais.

— Eu vou te proteger.

— Eu sei que vai — sorri, dando-lhe um beijo delicado.

Eu não menti.

Com ele eu me sentia protegida. Meu coração estava seguro.

Liguei a TV de novo e Diego me contou tudo sobre o caso enquanto assistíamos à indignação da população com o crime. Sua voz soava abalada cada vez que falava da garota que defendera. Consegui entender o motivo de sua fama. Diego se entregava de corpo e alma ao que fazia. A justiça o motivava, mas era o amor à vida que o guiava todos os dias.

Quando a imagem de um cartaz em protesto à violência contra a

mulher tomou conta da tela da TV, suspirei, sem conseguir me controlar.

— Você realmente acha que esse tipo de campanha funciona?

A mulher tinha os braços amarrados e manchas por todo o rosto. O pânico em seus olhos causava medo em qualquer um que olhasse para aquela imagem. A frase dizia: *Não se cale. Denuncie.*

— É uma forma de conscientizar a mulher sobre seus direitos.

Sorri, meio irônica. Diego não entendeu minha reação, então expliquei.

— Se você perguntar pra uma vítima de violência doméstica quais as características de um relacionamento abusivo, ela sabe te responder. A maioria das mulheres sabe exatamente o que é um relacionamento abusivo. O que elas não conseguem é reconhecer que estão vivendo um.

— Diego assentia a cada palavra, mas fui além. — Aquele cartaz está errado. Não devemos conscientizar as mulheres pra que denunciem algo que já aconteceu. A ferida já foi rasgada, as palavras já foram ditas, a dor já é real. De nada vai adiantar. O que devemos fazer é ensinar aos homens que eles não podem agredir. Uma mulher pode saber todos os seus direitos e denunciar o agressor dez vezes. Se aquele homem não mudar, ela terá que denunciar onze.

Ele acariciou minhas mãos, totalmente compenetrado no que eu acabara de dizer.

— Às vezes sinto que é uma luta inútil.

A descrença em sua voz levou uma onda de tristeza ao meu coração. Ele abaixou a cabeça quando, mais uma vez, a foto de Beatriz apareceu na televisão. Levei os dedos até seu queixo e puxei seu rosto para mim. Olhei no fundo dos seus olhos, porque eu queria que ele sentisse a verdade do que eu ia dizer.

— Nunca se culpe pela maldade do ser humano. Não diminua seu belíssimo trabalho. Tenho certeza de que muitas mulheres voltaram a ter paz. Eu ainda acredito nisso. Preciso acreditar, e você também. Perder a fé na humanidade não vai trazer essas mulheres de volta, mas com essa mesma fé você ainda pode salvar tantas outras. — Parei apenas para respirar, porque nunca havia dito tanto para alguém. — Eu amo você como nunca achei que amaria alguém. Escolhi viver, porque a

verdade é que há muitas maneiras de estar morta. Achei que tinha morrido naquele dia, mas a Malu me mostrou que a vida é muito maior que lembranças ruins, e você me deu um punhado de novas lembranças. E a vontade de voltar a sonhar.

Ele beijou minha testa e me deu um sorriso cheio de amor.

— Princesa...

Diego

Os dias seguintes foram menos tensos. Tudo que acontecera naquela manhã servira para fortalecer ainda mais nossa relação. Não dava para dizer que todos os dias eram perfeitos, mas pelo menos havia amor em todos eles.

— Eu achei que era um jantar simples.

Larissa protestou, quando viu a mesa posta. Ela encarou um dos pratos, lagosta, e seu olhar para mim foi de quem estava extremamente deslocada.

— Não sei como usar essas coisas. — Seus olhos pousaram sobre os talheres e senti um ódio de mim mesmo por fazê-la passar por aquela situação. Eu tinha que ter previsto que aquilo seria um pouco demais para ela. Larissa ainda estava se reerguendo e tentando conquistar tudo de que o desgraçado a privara. Me remexi na mesa, desconfortável, sem saber o que fazer ou como agir. Foi então que notei Clara me encarando. Ela deu um sorriso de garota que estava aprontando e seguiu com uma piscadela.

— Meu amor! Não estou me sentindo bem. — Levou a mão à testa e de imediato Alexandre parou tudo que fazia e voltou sua atenção para a esposa.

Sua mão pousou sobre a barriga da Clara.

— Algo com o bebê, minha menina? — perguntou, preocupado.

— Não. Acho que foi uma queda de pressão.

— O.k.! Vamos pra casa — disse Alexandre, sem pensar duas vezes.

Ele se despediu de todos os convidados, que não reclamaram da súbita partida. Levantei, levando Larissa comigo.

— Com licença, senhores. Vou acompanhar meu irmão. Em se

tratando da esposa, ele fica muito nervoso pra tomar qualquer decisão necessária.

Também me despedi.

Saindo do restaurante, vi Alexandre andar a passos largos para alcançar Clara, que quase corria na sua frente.

— Está tudo bem com ela? — A voz suave da Larissa chamou minha atenção.

Entrelacei nossos dedos e levei à boca, beijando sua mão.

— Está sim, princesa — tranquilizei-a.

Caminhamos atrás deles e vimos quando Clara, depois de andar um quarteirão, entrou em uma pizzeria pequena, porém aconchegante. Da porta eu podia ouvir Alexandre exasperado, chamando-a para ir para casa.

Assim que sentamos, o garçom se pôs ao lado da nossa mesa.

— Por favor, uma pizza grande de bacon e calabresa — pediu Clara.

A expressão do meu irmão era impagável e Larissa também estava totalmente perdida. Porra! Só eu entendia o que Clara havia feito.

— Ah... — ela chamou o garçom de volta —, uma porção de batata frita também.

— Maria Clara Gomes Bueno Ferraz. — Alexandre chamou sua atenção, mas ela o ignorou.

Virou para Larissa e sorriu.

— Também odeio aqueles bichos com bigodes. E odeio jantares chatos.

Minha garota abriu um sorriso do tamanho do mundo. Olhei para Clara, que sorria para mim. Agradei com o olhar pelo que tinha feito, e tive a certeza de que Clara entendeu.

— Estraguei o jantar, não estraguei? — perguntou ela, assim que estacionamos.

Eu ri.

— Pelo contrário. Você livrou a família inteira de uma noite

chata. Ainda bem que meus pais não estavam lá, ou minha mãe teria feito o mesmo. Ela odeia esse tipo de evento.

— Alexandre vai ficar bravo.

Os vincos que se formavam em sua testa eram de pura preocupação.

— Aprenda uma coisa sobre o meu irmão: ele está sempre bravo com tudo e com todos, menos com a Clara, então não precisa se preocupar com ele. Na verdade, a única preocupação que você deveria ter agora é a de vir aqui me dar um beijo.

Larissa tirou o cinto e se aproximou, sorrindo. Ela realmente não pertencia àquele mundo. Era livre demais para se prender a protocolos, apesar de ter se portado como uma verdadeira princesa. Fixei os olhos em sua boca enquanto ela se aproximava e, quando seus lábios tocaram os meus, foi como se me apaixonasse um pouco mais por ela. Era assim a cada beijo. O sentimento crescendo e tomando forma. Foi Larissa quem me beijou, ela que comandou os movimentos, quando e onde eu deveria tocá-la. Foi ela que segurou minha mão e pôs em sua cintura. Foi ela quem pulou para o banco do motorista e sentou em meu colo. Foi ela quem gemeu ao sentir meu pau duro. Eu andava com um puta tesão e tentava o máximo possível me controlar, mas me masturbar pensando nela já havia virado rotina. Eu queria seu corpo e o desejava com cada centímetro do meu.

O vestido da Larissa se abriu e ela se ajeitou sobre minha coxa. Senti, quando o beijo se aprofundou, que ela se esfregava em minha perna, buscando alívio. Abri os botões do vestido e ela parou o beijo, me encarando.

— Confia em mim — pedi, e ela assentiu. — Você é tão linda. — Afastei o tecido para os lados, expondo seu sutiã. Eu o abaixei devagar e ela se inclinou para trás quando sua pele ficou exposta. Não toquei neles, por mais que minhas mãos implorassem para segurá-los. Primeiro beijei sua boca, meus dedos acariciando seu ombro, traçando o desenho das costelas. Lambi seus lábios, saboreando o quanto ela ficava excitada com minhas ações. Percebi de imediato que ela se esfregava ainda mais contra o meu colo. Respirei fundo, contendo meu próprio

desejo. Ainda não havia mudado de ideia. Com ela eu queria mais, mas não poderia deixar Larissa sair daquele carro sem experimentar um orgasmo.

Levei uma das mãos até seu seio. Ela parou de me beijar e observou meus olhos, que encaravam seu mamilo. Lambi os lábios antes de a minha boca saboreá-lo.

Ela gemeu.

Se contorceu.

Lambi mais. Suguei. Chamei seu nome.

Larissa se perdeu. Apertando-se sobre a minha perna. Esfregando sua bocetinha em mim. Ela não tinha noção do quanto estava sexy naquele momento. Os olhos famintos, revirando cada vez que uma onda de tesão lhe atingia, até que ela segurou meus cabelos, puxando minha boca para seu seio. Enfiei-o na boca e lambi gostoso até que ela gozou, se saciando.

Beijei sua boca, bebendo seus gemidos, e ela sorriu.

Larissa voltou para o seu banco e ajustou a roupa, os olhos desviando dos meus, envergonhada. Não disse nada para não deixá-la mais constrangida.

— Vou te deixar lá na porta.

Ela assentiu.

Saí e abri a porta do carro para que ela pudesse descer e, assim que saiu, segurei sua mão e caminhamos até a porta.

— Preciso ir ao banheiro, mas antes tenho que verificar Malu...

— Eu posso ir até ela.

Larissa abriu um sorriso e concordou.

— Já volto.

Fui até o quarto da menina e abri devagar a porta. Ela dormia em uma cama cor-de-rosa e a luz do abajur iluminava seu rosto. Aproximei-me devagar, sentindo meu coração se acelerar. Eu queria aquilo. Todos os dias. Queria as duas na minha vida. Quando cheguei ao lado da cama, ela se mexeu. Levantei o edredom, cobrindo seu corpo, e Malu abriu os olhos. Levei o dedo indicador até a boca, pedindo silêncio, e me surpreendi quando ela sorriu e fez o mesmo. Segundos depois, seus

olhos estavam fechados mais uma vez. Dei um beijo em sua testa e, assim que virei, vi Larissa, nos observando.

Parei embaixo do batente da porta e pus uma mecha do seu cabelo atrás da orelha. Ela ainda tinha o rosto corado pelo orgasmo e me encarava com vergonha.

— Obrigada pela noite maravilhosa.

— Estou sempre à sua disposição. — Fechei a porta atrás de nós e alcancei o seu ouvido para sussurrar. — Você fica linda quando goza.

— Você consegue me fazer sentir isso — confessou, e meu peito explodiu de orgulho.

— Eu te amo — disse, mas com a certeza de que ela já sabia.

Larissa

A casa estava silenciosa e eu escutava apenas os passinhos da Malu em frente ao espelho. Janaína viajara com Heitor e eu tinha uma leve impressão de que o relacionamento deles estava ficando mais sério. Tudo bem, não era uma impressão, era mais uma constatação, já que ela havia levado quase todas as roupas para a casa dele. Era muito bom vê-la feliz.

— O tio Diego vai me chamar de princesinha. — A voz da minha filha chamou minha atenção. Levantei o rosto para observá-la e ela rodopiava o corpo na frente do espelho, vendo seu vestido rosa balançar.

Meu Deus, como era bom vê-la falar.

— Ah, vai mesmo, agora vem aqui pra eu pôr o laço no seu cabelo.

— Vai ter música, mamãe?

— Vai sim.

— E luzes?

— Aham.

— Por que a Vitória não vai?

Na última pergunta, a voz perdeu a empolgação.

Eu a virei para mim e, enquanto ajeitava o laço no seu cabelo, tentei explicar o motivo de a sua melhor amiga não ir à apresentação a que Diego nos levaria esta noite.

— A tia Clara vai ter um bebê, então ela tem que ficar em casa quietinha. Aí a Vitória não quis deixar a mamãe dela sozinha.

— Ela vai ter um irmãozinho — afirmou.

— Vai sim. É o Luís Felipe.

— O nome é bonito.

E o significado dele ainda mais, pensei, sabendo que Malu não entenderia o que o dono daquele nome fizera pela Clara.

— Eu também posso ter um irmãozinho? — Engasguei. — O tio Diego pode ser o papai. Eu gosto dele. Ele não faz a mamãe chorar.

— É verdade. Ele não faz.

A campainha tocou e dei graças a Deus por Diego ter chegado bem a tempo de me salvar da conversa sobre o irmãozinho.

— Vai buscar sua bolsa que a mamãe vai abrir a porta.

Malu saiu saltitante e eu ajeitei meu próprio vestido antes de girar a maçaneta. Estava pronta para dizer ao Diego que ele estava adiantado, mas o sorriso no meu rosto morreu quando meus olhos encontraram os da pessoa do outro lado. Eu podia sentir cada cicatriz rasgar com uma dor que eu conhecia muito bem. Seus olhos me observaram de cima a baixo e ele sorriu, um sorriso de satisfação.

— Olá, garota bonita.

Diego

Acabei ficando preso no fórum e isso poderia estragar a nossa noite. Havia conhecido um projeto maravilhoso, que ajudava uma comunidade carente, principalmente vítimas de violência doméstica. Alguns talentos haviam surgido nesse projeto e um deles era um garoto com autismo que passara a fazer concertos de pianos por todo o estado. Não resisti quando um amigo me contou a história do Benjamim e decidi que minhas princesas tinham que conhecê-lo. Seria muito amor reunido em um único lugar.

Estava a caminho da casa da Larissa. Mandeí duas mensagens avisando que ia me atrasar, mas ela não respondeu. Quando meu telefone tocou, na metade do trajeto, tive certeza de que era ela. Encostei o carro e atendi sem ao menos olhar.

— Oi, amor, estou chegando...

— Diego. — A voz grave do meu irmão soou do outro lado da linha.

Imediatamente a imagem da Clara veio à minha cabeça.

— Aconteceu alguma coisa com a Clara e o Luís Felipe?

— Não!

— Que bom, eu já estava pensando...

— Escuta, mano — interrompeu ele. — É o Dennis. — Meu corpo inteiro tremeu. — Ele conseguiu sair da cadeia.

— Quando? — quase gritei. Alexandre suspirou e perdi o controle. — Quando, porra?

— Faz três horas.

Não deixei Alexandre terminar de falar e liguei para Larissa, mas ela não atendeu. Joguei o celular no banco e arranquei com o carro,

rezando para que Deus protegesse minhas meninas.

Larissa

— O que você tá fazendo aqui, Dennis?

— Foi difícil achar vocês. Pensei que ainda estivessem morando naquela espelunca que você chamava de casa. Fui até lá. Vi vocês algumas vezes, mas ainda não era a hora certa.

Fui andando devagar para trás e empurrei a porta com toda a minha força, mas Dennis a segurou, mantendo-a aberta. Ele tinha uma expressão sádica no rosto, um sorriso de quem não tinha aprendido nada no tempo em que passara preso.

— Estou diferente, não é mesmo? Eles cortam nosso cabelo na cadeia. Você amava aqueles cachinhos. O tempo todo eu fiquei pensando em todas as vezes que você passava as mãos neles enquanto dizia que me amava.

— Por favor, Dennis, não se esqueça de que você não pode se aproximar de mim.

Eu não ia conseguir fechar a porta, mas também não ia deixá-lo entrar, então parei entre ele e a sala. Meu corpo tremia e eu fazia de tudo para esconder o medo que ele ainda despertava em mim. Fechei os olhos pensando em Malu.

Por favor, filha, se esconda. Minha mente implorava.

Dennis estendeu a mão na minha direção. Olhei confusa, até que entendi o que ele queria.

— Vamos pra nossa casa, meu amor.

Sacudi a cabeça de um lado para o outro.

— Não existe mais a nossa casa. Não existe mais amor. Por favor, eu te imploro, vai embora daqui.

— Cadê nossa filha? — Ele deu dois passos para dentro. Fiquei na frente dele. — Chama a Malu e arruma as malas dela.

— Ela não está — menti. — Está com a Odete. Sua avó ama ficar com a Malu.

Ele riu, orgulhoso.

— Sabia que você não ia me virar as costas. Largar nossa família. Agora arruma as suas coisas e vem. Vamos voltar pra nossa casa. Depois pegamos a Malu.

Não me movi.

Ele deu mais dois passos.

Recuei.

— Você nunca me escutou, não é mesmo? Sempre zombando de mim. O.k.! Eu até ia te deixar juntar os trapinhos que agora anda usando. — Olhou para o meu vestido com desdém. Um que eu tinha escolhido a dedo para aquela noite. Minha noite com o Diego. Meu Deus! Onde ele estava? — Mas já que você quer do jeito mais difícil...

Dennis deu de ombros, como se estivesse dizendo algo banal, e não fazendo uma ameaça velada. Quando caminhou determinado até mim, eliminando a distância entre nós, gritei, me escondendo atrás do sofá.

— Vai embora. Eu vou chamar a polícia.

Cogitei as hipóteses, mas não conseguiria alcançar o celular sem que ele me pegasse antes. Ele riu. Uma risada tão descontrolada que fez todo o meu corpo tremer. Depois o sorriso morreu, como se duas pessoas habitassem nele. Dennis pôs a mão atrás do corpo e, segundos depois, eu estava diante do meu maior medo.

— O que é isso?

— Contatos que a gente faz na cadeia. Você não tem ideia das coisas que aprendemos por lá. Agora me escuta com atenção. Você vai vir comigo já. Nós vamos voltar pra casa. Eu, você e a nossa filha. Tá me entendendo, Larissa?

Ele se aproximou ainda mais e pude sentir o metal frio tocando meu rosto. Bastava uma respiração mais forte e Dennis atiraria. Meu coração estava em pânico, e ficou ainda pior quando vi o rostinho da Malu na porta do quarto. Quando Dennis seguiu meu olhar, ela se escondeu.

O medo de ele ir atrás dela me dominou, então tive uma ideia estúpida, mas que talvez pudesse salvar a vida da minha filha.

— Eu vou com você. — Ele voltou o olhar para mim e o sorriso que deu me fez querer vomitar. — Eu só preciso pegar algumas coisas e a gente pode ir.

Por favor, me deixe ir sozinha.

Por favor.

Eu rezava, ou tudo iria por água abaixo.

Dennis afastou o revólver e passou o cano da arma no próprio rosto, para cima e para baixo. Eu não conseguia acreditar no que estava acontecendo. Por mais que conhecesse minha situação, sempre sonhara com o dia em que teria paz. Eu acreditara.

Quando dei as costas para ele, sua voz me chamando me fez paralisar.

Por favor, me deixa ir sozinha.

— Não vai fugir, hein?

Olhei para ele e fiz de tudo para segurar minhas lágrimas.

— Não vou. Você venceu. Eu sou sua.

— Ahhh, menina bonita, você não sabe quantas vezes eu sonhei com isso. Com você dizendo que era minha. Só minha e de mais ninguém.

Fui até o quarto me controlando para não correr durante o caminho. Quando cheguei, meus olhos procuraram Malu e eu já não podia segurar o choro. Ela não estava em nenhum lugar e comecei a me desesperar. Dennis poderia ter um comparsa. Não! Não! Ele estava sozinho. Foi então que escutei um suspiro choroso. Abri a porta do guarda-roupa e lá estava ela. Encolhida embaixo dos meus vestidos enquanto segurava o Nemo. Ela o apertava com muita força, como se aquele urso de pelúcia pudesse lhe dar a segurança que eu não conseguira. Sequei as lágrimas depressa. Não tinha muito tempo. Entreguei a ela a folha com o desenho que havia feito da nossa família.

— Minha princesinha, escuta a mamãe. Você não vai sair daqui. Entendeu?

Ela balançou a cabeça e começou a chorar sem emitir um único

som. Meu peito se afundou com a hipótese de ela ter escolhido o silêncio outra vez. — Você só vai sair daqui se escutar a voz do tio Diego. Tudo bem? Só abra a porta se for ele que estiver aqui. Promete pra mamãe? — sussurrei, passando as mãos pelos seus cabelos, enquanto minha alma era rasgada mais uma vez pela dor de ver o sofrimento da minha filha. — Mamãe vem te buscar, eu prometo. — Beije seu rosto e, quando me afastei, sequei as lágrimas que seus olhos não conseguiam segurar. — Mamãe te ama e você vai ficar bem.

Fechei a porta do guarda-roupa, escondendo minha filha no mesmo instante em que Dennis entrou no quarto. Meu coração parou dentro do peito e nunca senti tanto medo em toda a minha vida.

— Você demorou. Cadê suas coisas?

— Não estava achando a mochila.

Abri a porta do guarda-roupa novamente e meus olhos pousaram em Malu segundos suficientes para um pedaço de mim morrer naquele quarto. Peguei algumas roupas, sem consciência nenhuma do que estava enfiando naquela bolsa. Eu só queria tempo. Talvez, se o enrolasse um pouco mais, Diego chegasse.

Não seja idiota!

A voz voltou a me perturbar. Pelo jeito ela nunca me abandonara e agora vinha para dizer que a minha história não teria final feliz. Eu não era uma princesa e Diego não conseguiria me salvar.

Quando me virei, Dennis pôs novamente a arma nas costas e caminhou até mim. Senti repulsa quando suas mãos tocaram meu rosto enquanto ainda segurava aquela arma. Desejei morrer quando sua boca encostou na minha. Seu beijo me causava asco. Naquele momento, soube que preferiria morrer a viver ao lado daquele monstro.

— Comprei duas passagens de ônibus pra casa. Depois voltamos pra pegar nossa filha e você vai ver como tudo vai ser diferente agora. Eu juro que eu vou te amar pra sempre, menina bonita. Como eu te amei a vida inteira. Você pode não entender agora, mas tudo que estou fazendo é para o nosso bem. O bem da nossa família.

Meu Deus, Dennis estava louco!

Assenti a cada palavra sem sentindo que ele dizia e obriguei meus

pés a seguirem-no quando ele puxou minha mão. Antes de sair pela porta, ainda olhei para o quarto e meus olhos buscaram aquela porta que escondia o maior tesouro que eu tinha na vida. Malu.

Diego

Parei derrapando em frente à casa da Larissa. Desci desesperado quando vi a porta aberta, com a certeza de que tudo que desejara no caminho até ali não havia se tornado realidade. Ela não estava a salvo. Larissa nunca deixaria a porta aberta. Não pensei duas vezes antes de entrar. A voz do Alexandre ainda ecoava na minha cabeça me pedindo para não fazer nenhuma besteira. O certo era esperar a polícia. Tudo que eu aprendera a vida inteira, tudo que explicara para as vítimas dos casos em que trabalhara foi posto em xeque quando fiquei frente a frente com o medo. Eu não ia esperar porra nenhuma. Ia entrar e fazer o possível para salvar minha princesa.

Afastei a porta para entrar. Fui o mais cauteloso possível. Chamei por ela, mas, naquele momento, só havia silêncio.

— Larissa, Malu. Princesas.

Por favor, Deus!

A cada cômodo por onde eu passava, um nó se formava em minha garganta. Quando cheguei ao quarto, tive que respirar fundo antes de abrir a porta, temendo o que poderia encontrar atrás dela. Não iria suportar.

Não havia nada. Apenas algumas roupas espalhadas pela cama. O convite para o concerto ainda estava na mesa de cabeceira. Caí de joelhos no chão e irrompi em lágrimas. Um choro que me rasgou por dentro e destruiu minha alma. Foi só quando silencieei que escutei um pranto tão triste quanto o meu. Segui o som que fazia meu coração disparar e, quando abri as portas do guarda-roupa, foi como se algo pesado me golpeasse. Malu estava deitada entre as roupas, seu corpinho curvado enquanto ela se agarrava a uma pelúcia. Eu a peguei nos braços, chorando junto com ela. O alívio de vê-la se misturava à dor de não

saber onde Larissa estava.

— Vai ficar tudo bem, minha princesinha. Cadê a mamãe?

Ela escondeu o rosto em meu pescoço e me abraçou forte. Sabia o que isso significava. Ele a levava. Meu Deus. Dennis a levava de nós. Eu precisava achá-la.

— Malu, você pode me contar o que aconteceu? — Ela afastou o rosto e me encarou confusa. — Seu papai esteve aqui? — Ela balançou a cabeça. — Ele levou a mamãe? — Outro aceno, e tudo que eu queria era que aquilo fosse um pesadelo. — Você ouviu pra onde eles iam?

Ela não respondeu, engolindo as palavras mais uma vez.

— Tudo bem, meu amor, eu vou achá-la. Vou trazer a mamãe de volta. Mas preciso que você fale com o tio Di... O seu papai veio aqui? Ele levou a mamãe? — insisti.

— Casa! — Ela falara comigo. Eu era puro sentimento naquele momento, pois Malu escolheu justamente o dia em que mais precisava para se abrir comigo. Suas palavras eram esperança. — Papai. Casa. Ônibus.

Meus olhos se encheram de lágrimas mais uma vez e abracei Malu, munido da força que ela me dera. O desgraçado estava levando Larissa para casa.

— Diego.

Era o Guy.

Saí apressado, segurando a garotinha em meus braços.

— Ele a levou — disse para o meu amigo.

— Ele comprou três passagens hoje à tarde. — Olhei para Malu. Uma era dela. Larissa a protegera. De alguma forma, minha princesa conseguira deixar a filha em segurança. Ela sabia que eu viria. — Mandeí uma equipe para a rodoviária. Tenho quase certeza de que ele vai estar lá.

— Precisamos ir. — Tentei passar por ele, mas Guy segurou meu ombro.

— Tem alguém que precisa de você.

Como se escutasse meu coração, um carro parou na porta. Manuela e Dereck desceram e logo outro carro parou atrás, com mais

três seguranças armados. Passei pelo Guy e fui até Manu.

— Alexandre ligou para o Dereck. Viemos ajudar. Onde ela está?

— O desgraçado a levou.

— Meu Deus! — Manu levou as mãos à boca. — Sinto muito,

Di.

— Preciso que cuide da Malu. — Manuela assentiu. —

Princesinha, olha aqui. — Ela relutou. — Tá vendo essa tia aqui? Ela tem um nome parecido com o seu. Tia Manu. Ela vai levar você pra brincar com a Vitória enquanto o tio vai buscar sua mamãe.

A garotinha afastou o rosto e me lançou um olhar cheio de esperança.

— Eu prometo.

Então ela balançou a cabeça e deu os braços para minha amiga. Beije as duas e, quando dei as costas, ouvi a voz do Dereck.

— Vou com você, bro.

— Não. — Parei ao lado da viatura do Guy. — Não sei se Dennis está sozinho nessa. Eu preciso que você cuide delas pra mim. — Olhei para o carro em que as meninas acabavam de entrar. — Você vai protegê-las. Ninguém se aproxima da minha família. Alexandre está indo para a rodoviária e eu preciso de você para deixá-las em segurança.

Dereck assentiu, entendendo perfeitamente o que eu queria dizer.

No mesmo instante, ele se virou e gritou algumas ordens em inglês para os guarda-costas. Pelo menos eu sabia que Malu estaria em segurança.

PASSADO

Larissa

Ele pediu, implorou para que eu o deixasse ver a Malu. Disse que estava com saudade da filha e, mesmo contra a orientação que havia recebido, eu deixei que viesse até nossa casa. Casa essa que ele cedera bondosamente para que eu e nossa filha morássemos. Ele chegou já bêbado, dizendo que eu tinha outro, que estava sendo traído. Disse que não aceitaria o fim, mesmo depois de quase dois anos da separação. Tentou me agarrar e, quando neguei, a mão que tanto conhecia caiu em meu rosto.

Uma.

Duas.

Três vezes...

— Vagabunda... Vadia... Vai dar pra mim sim — xingava, exigindo meu corpo.

Até que resolveu que bater de mão aberta não adiantava mais. O primeiro soco veio enquanto Malu ainda dormia. Fiquei zozza, caí no sofá, muda diante da dor, não querendo que minha filha visse o horror que experimentava mais uma vez. Eu a protegeria, mesmo que isso significasse ter de apanhar calada.

Depois que caí quase desmaiada, ele teve o que quis. Não precisou de muito, já que sua força, misturada à coragem fornecida pelo álcool, o tornava incontrolável. Apenas levantou meu vestido, aprisionou meu corpo já inerte e me tomou. Olhei o tempo inteiro para a porta do quarto, desejando com ardor que os anjos velassem o sono de Malu para que ela não acordasse. A cada investida, eu implorava que ele parasse, mas minhas palavras pareciam excitá-lo ainda mais, como uma espécie de jogo doentio. Cometi o erro de cuspir em

seu rosto.

— Tenho nojo de você — disse, com asco.

O soco veio mais pesado, mais forte, mais potente.

Desmaiei.

Quando recobrei a consciência senti nojo, quis morrer.

Ele me machucara, não só fisicamente, mas de uma maneira da qual eu talvez nunca mais me curasse. Quando se satisfez, olhei em seus olhos opacos e procurei pelo homem que conhecia desde a adolescência. Busquei pelo homem que amara. Para quem entregara não só meu corpo, mas também meu coração.

Ele não estava lá.

Talvez nunca tivesse estado.

Talvez eu nunca tivesse percebido.

Achei que me soltaria, mas me enganei, pois meu celular tocou no exato momento em que ele levantava o jeans. Seu rosto se contorceu de raiva e ele alcançou o aparelho em cima da mesa. Eu não tinha forças sequer para levantar do sofá, então permaneci ali, encolhida como um animal acuado, ferido. A presa fácil de um homem descontrolado e sem limites.

Quando viu a mensagem que acabara de chegar, voltou a me fixar com ainda mais fúria. Achei que o fim estava próximo, pois ele me segurou, levantando meu corpo do sofá, e passou a me sacudir com violência. Seus gritos ecoavam por toda a casa, e com certeza podiam ser ouvidos pelos vizinhos. Desejei que sim, implorei por ajuda e, dessa vez, gritei por socorro. Suas mãos acertavam tapas onde conseguiam alcançar, e eu podia ver o brilho da morte em seus olhos.

A minha morte.

Comecei a me sentir mal.

Tudo foi ficando escuro, o ar desaparecendo, me deixando zozza, perdida. Ele repetia, incansável, que eu era dele e que, se não fosse assim, não seria de mais ninguém.

— Você acabou com a minha vida. Por quê, meu amor?

Tive vontade de rir. Meu amor.

Tinha sido sempre assim.

Tapas, beijos, tapas, carinhos, abuso, amor, dor.

Havia muito tempo não sabia mais o que esperar dele.

Por um momento, cheguei a desejar esse fim. Por um momento, achei que seria melhor.

Nós dois mortos.

Enfim não sentiria mais medo.

Mas então Malu surgiu do quarto. Lágrimas escorreram quando a vi tão assustada, carregando seu ursinho nas mãos. Queria mandar que corresse, mas já estava sem ar.

— Malu... — A única coisa que consegui murmurar foi seu nome. Por favor, Deus.

Mas Deus havia se esquecido de mim.

Não pude impedir quando veio correndo em nossa direção e pulou no braço do pai, e, pela primeira vez em meses, gritou:

— Solta minha mamãe! Solta! Solta a mamãe!

Uma menina, uma princesa, três anos de vida e muito sofrimento em seu coração. Ele a empurrou com tanta força que Malu caiu de lado em uma mesa de madeira. Ela chorou e o monstro me soltou. Rastejei até ela, que se contorcia no chão. Alcancei seu corpo frágil e a abracei. Ouvi barulhos, a porta abrindo, alguém gritando, e tudo ficou escuro de novo, enquanto ouvia minha filha chorar de dor.

Diego

Um dos piores sentimentos é a incerteza. Quando o coração anseia por alguma coisa, mas a cabeça insiste em dizer o contrário. Algo dentro de mim dizia que ela estava na rodoviária. Queria muito acreditar nisso, porque seria muito mais fácil tirá-la das garras daquele desgraçado. Mas a razão me apontava que era muito óbvio. Se Dennis estivesse planejando isso havia muito tempo, ele não iria levá-la para o primeiro lugar em que a polícia procuraria.

Mesmo assim, eu precisava acreditar.

Guy fez todo o caminho em silêncio. Agradei, pois com certeza ele não ia mentir, dizendo que tudo terminaria bem, quando nós dois sabíamos que a situação era delicada. Assim que estacionou a viatura, desci do carro, mas ele segurou meu braço e me impediu de caminhar.

— Não vai fazer besteira.

— Ela precisa de mim — rosnei.

— Ela precisa de um cara vivo, e não de um herói morto. Esfria a cabeça e deixa que eu cuido dessa merda.

Não respondi. Não sabia mentir. E meu amigo também sabia que o que estava me pedindo era impossível.

Guy deu diversas ordens para sua equipe e os policiais se espalharam pela rodoviária. Depois me obrigou a segui-lo, porque nem a merda de uma arma eu tinha. Nunca quisera, mesmo que me fosse permitido.

As pessoas olhavam assustadas, abrindo caminho para os policiais enquanto meus olhos vasculhavam cada canto daquele local em busca dela. Sua voz me acompanhava o tempo inteiro, como se fosse um pedido para não a abandonar. O “eu te amo” que tanto custara a me dizer ecoava pela minha mente e me guiava mesmo quando minhas

pernas vacilavam.

Parei, escutando Guy atender o celular.

— Aham... Sei... O.k.... Plataforma 5L.

Não ouvi mais nada e saí correndo em disparada, ignorando os avisos do delegado. Não escutei os gritos. Não processei seus pedidos. Apenas corri como se minha vida dependesse do quão rápido eu pudesse chegar ao meu destino. E talvez dependesse. Porque Larissa se tornara tão parte de mim que não havia como nos separar. Quando vi a placa, parei já sem ar. Olhei para trás e vi Guy e parte da sua equipe um pouco afastados. Todos eles estavam paramentados e poderiam ser reconhecidos de longe. Seria um perigo se Dennis descobrisse que a polícia já estava atrás dele. Guy balançou a cabeça em negativa, pedindo que eu não fizesse o que estava prestes a fazer.

Abordei o agente da empresa de ônibus e mostrei minha identificação.

— Sou promotor de justiça. Não entre em pânico, mas está acontecendo um sequestro neste ônibus. Não deixe mais ninguém entrar e mantenha a calma.

— E os passageiros?

— Vamos tirar todos de lá — afirmei.

Ninguém morreria, não na minha frente, e eu só sairia de dentro daquele ônibus depois que todos estivessem seguros, principalmente Larissa.

Eu entrei no ônibus antes que Guy pudesse se aproximar. Subi os degraus respirando fundo e tentando imaginar a situação que encontraria e todas as opções que eu tinha para resolvê-la. Olhei todas as poltronas, havia várias famílias, crianças, pessoas que nem sequer imaginavam que tinha um psicopata armado tão próximo delas. Um homem se levantou na minha frente e eu me assustei, dando um passo brusco para trás.

— Desculpa, cara, só queria pôr a mochila no bagageiro.

— Tudo bem — respondi.

Imediatamente, quando olhei para a frente, meus olhos encontraram os dela. Larissa ouviu minha voz e me encarou com uma expressão de medo. Ela estava ao lado da janela e Dennis tinha um braço

sobre seu ombro, como se fosse um namorado amoroso e não um desgraçado que só trouxera sofrimento para minha princesa. Ela sacudiu a cabeça de leve, quase imperceptível, em negativa, e os olhos se encheram de lágrimas. Aproveitei que Dennis olhava preocupado pela janela e disse em silêncio que a amava.

Encontrei uma poltrona vazia dois bancos à frente e então sentei.

Meu celular tocou e o peguei apenas para ler a mensagem de um Alexandre furioso. Olhei para fora e ele estava ao lado do Guy. Virei e Larissa olhava para a mesma direção. Podia imaginar o que estava pensando naquele momento. Assim como protegera Malu, tinha certeza de que ela não concordava com o que eu estava fazendo.

De repente Dennis se levantou, furioso, batendo as mãos na janela.

— Foi você, não foi, vagabunda? — gritou, fazendo o sangue ferver em minhas veias. — Você chamou a polícia! Todo mundo pra fora — esbravejou, segurando Larissa pelos cabelos e fazendo com que levantasse, o rosto contorcendo-se de dor. Algumas pessoas demoraram a entender o que estava acontecendo.

— Pra fora agora ou eu meto uma bala nela!

Houve uma histeria generalizada. Tentei me manter calmo, ainda sentado enquanto as pessoas se empurravam para sair do ônibus. Não podia correr o risco de me revelar e pôr mais gente em risco. Quando todas as pessoas saíram, levantei.

— Você é surdo, cara? Eu mandei sair.

— Solta ela.

— O que você falou, merdinha?

— Diego, por favor — implorou Larissa.

— Vai ficar tudo bem — tentei acalmá-la.

Dennis nos olhava, tentando entender a troca que estava acontecendo. Eu não conseguia desviar os olhos dela. Larissa estava apavorada. As lágrimas rolavam por sua face e ela mal conseguia se segurar quando Dennis balançava bruscamente sua cabeça. Meu Deus! Eu nunca me sentira tão perdido em toda a minha vida. Tudo que eu queria era ir até aquele infeliz e arrancar minha mulher dos braços dele.

— O ônibus está cercado, Dennis. Solta ela e garanto sua segurança. Caso contrário, eles vão invadir com tudo.

— Mas o que... — Ele puxava Larissa ainda mais enquanto levantava a arma, totalmente desorientado. Então, apontou para mim. Senti um frio na barriga, mas era de alívio. Era melhor assim. Eu estava na mira dele, não ela. — Quem é você?

Levantei as mãos sem movimentos bruscos.

— Sou promotor. Estou desarmado. Agora abaixa a arma e vamos conversar.

Ele não me ouviu e fez exatamente o contrário, voltando a pistola para a cabeça da Larissa.

— Desce ou eu mato ela.

— Vamos conversar. Fica calmo. Aponta a arma pra mim. — Fiz de tudo para que minha voz não saísse desesperada, mas foi inútil, pois queria trocar de lugar com ela. — Deixa a Larissa ir e eu fico no lugar dela até as negociações terminarem. Por favor, aponta a arma pra mim.

Ele foi até a janela de novo. A formação policial do lado de fora era grande. Alexandre estava ao telefone e Guy apontava uma arma para a janela, mirando em Dennis e esperando o momento em que Larissa estivesse fora do alcance para poder atirar.

Quando ele endireitou o corpo, sua mão largou o cabelo dela e segurou seu queixo com tanta força que me fez dar dois passos à frente. Mas parei assim que ele pôs a arma rente à cabeça de Larissa.

— Sua vagabunda. Você ligou pra polícia. Você fez isso. — Eu queria matá-lo. — Diz, Larissa.

— Por favor, Dennis. Você está me machucando.

A dor dela era a minha. Como se nossa ligação fosse muito além do amor. Tinha que fazer alguma coisa. Precisava salvá-la.

— Não abaixa as mãos — gritou ele. — Vem aqui, meu amor.

Tinha nojo de escutar sua voz chamando Larissa daquela forma. Ele a arrastou para o último banco e escutei os estampidos das balas perfurando e quebrando as janelas. Larissa gritou e ambos se abaixaram, mas antes que eu pudesse me aproximar, ele levantou, arrastando-a mais uma vez para a janela e colocando a arma para fora. Dennis pressionou

Larissa entre ele e a abertura causada pelas balas, fazendo dela um escudo. O que ele fez não foi apenas quebrar uma janela. Ele mostrou que toda a maldade que prometia era real.

— Quero minha filha aqui — exigiu. As palavras mal saíram de sua boca e o grito de Larissa ecoou pelo ônibus, partindo mais um pedaço do meu coração. — Agora.

— Seu desgraçado, você não vai ver a Malu. Não vou deixar tocar nela de novo. Você é um monstro. Um monstro. — Larissa gritava e se debatia enquanto Dennis a apertava cada vez mais. — Você a machucou.

— Foi um acidente — gritou ele.

— Mentira. Por favor, Diego, não traz a Malu. Não traz a minha filha, por favor.

— Para de falar com ele!

Dennis acertou um tapa em seu rosto.

— Não toca nela, seu desgraçado, ou eu mato você — gritei com toda a raiva que nunca achara que poderia sentir. — Toca nela de novo e eu vou arrancar essa porra da sua mão.

Ele riu. E eu nunca ouvira um riso tão doentio quanto aquele.

— Pensando bem, não quero mais que você desça. Agora pega o seu telefone, liga pros canas lá fora e manda trazer minha filha aqui. Eu só negocio se vir a Malu.

Fiz o que ele mandou, mesmo contra os protestos da Larissa. Claro que não ia trazer Malu para aquele inferno, mas precisava avisar Guy sobre as condições de Dennis. Era um começo.

— Guy...

— Põe no viva-voz.

— Guy, ele exige que a filha esteja aqui pra uma negociação.

— Não podemos.

— Ela é minha filha — gritou Dennis.

— Dennis, aqui é Guy Vasconcelos, sou delegado da polícia civil e vou conduzir a negociação. Sua filha está muito abalada com a ausência da mãe e não vamos conseguir trazê-la aqui.

Eu mal podia respirar, uma mão para o alto e a outra segurando o

maldito telefone.

— Solta a Larissa e vamos conversar — insistiu Guy.

— Quero falar com a Malu. Põe ela no telefone — exigiu Dennis.

Assim que Larissa me olhou, pude ler seus pensamentos. Malu não ia falar. Ela jamais conseguiria pronunciar uma única palavra sob a influência do medo que o pai lhe causava. Ela mal conseguiu falar comigo. — Vocês têm dez minutos pra pôr minha filha no telefone. Desliga essa merda.

Deslizei o dedo pela tela do celular e finalizei a chamada. Dennis ainda estava no controle e eu não podia enfrentá-lo. Não ainda.

Larissa começou a chorar em desespero, e eu daria tudo para segurar seu rosto e beijar cada uma de suas lágrimas, como havia feito no dia em que fizéramos amor.

Não sabia o que ia acontecer a seguir, e o medo só cresceu quando Dennis jogou uma mochila no banco e ordenou que Larissa abrisse. De onde estava, podia ver o que ela tirava lá de dentro e sabia o que aquilo significava.

Álcool e fogo.

Alexandre

Ninguém era mais estúpido que meu irmão. Diego com certeza estava no topo das pessoas que não pensavam duas vezes antes de fazer merda. Quando eu achei que se jogar na frente de um carro tinha sido seu ato mais heroico, o moleque se meteu dentro de um ônibus com um psicopata armado.

Era para foder com a minha cabeça.

Olhar o meu irmão através daquela janela, sob a mira do maluco do Dennis, era uma das piores coisas que eu já vivera. Era como se experimentasse um déjà-vu. A mesma história que vivera com Ana havia alguns anos, com a diferença de que agora mais pessoas estavam envolvidas. Eu tinha que tirar Diego e Larissa de dentro daquele ônibus o mais rápido possível.

Guy explicou os riscos de trazer a menina para o pai e imediatamente dei minha posição sobre o assunto. Ela não viria. Tinha certeza de que isso era o que Diego gostaria que eu fizesse, e a mãe da garota também. Não ia pôr mais um inocente em perigo.

Pensa, Alexandre, pensa.

Uma ideia surgiu e comecei a achar que idiotice pegava, porque nem Diego faria uma coisa como aquela.

Liguei para Clara e ela atendeu no mesmo instante.

— Como eles estão? Estou vendo na internet, Alê. Alguém está filmando e transmitindo tudo.

— Guy, tem alguém filmando essa merda — avisei, antes de dizer para Clara o real motivo da minha ligação. Não era para dar notícias, e sim encontrar a solução. — Onde está a garotinha?

— Com a Vitória. Manu disse que ela saiu do estado de choque,

mas ainda não disse uma única palavra.

Foi o que imaginei.

— Dennis exige falar com ela.

— Impossível.

— Eu sei.

— E agora?

Levei alguns segundos para avaliar se aquela era a decisão mais acertada. Olhei para o ônibus, Diego me encarava de volta, na esperança de que eu pudesse fazer alguma coisa. E eu iria fazer. Meu irmão precisava de mim.

Me afastei um pouco para que ninguém pudesse me ouvir e respirei fundo, criando coragem.

— Agora você vai fazer tudo que eu disser. Eu tenho um plano.

— Eu faço — concordou Clara, sem qualquer hesitação.

Não podia esperar menos da minha menina. Ela amava o maldito fedelho tanto quanto eu.

Olhei para o ônibus mais uma vez. O perigo iminente rondava uma das pessoas que eu mais amava no mundo. Se pudesse, trocaria de lugar com ele. Daria minha vida pelo Diego, e sabia que podia esperar o mesmo do meu irmão. Eu não ia deixá-lo morrer por amor, justo ele, a pessoa que mais acreditava em finais felizes. Justo ele, que era puro coração. Esse sentimento não ia matá-lo, nem que para isso eu tivesse que pôr minha própria família no olho do furacão.

Larissa

Não conseguia reagir. Mal escutava o que ele dizia. A dor me entorpecera no momento em que Dennis exigira ver Malu. Meu corpo já não correspondia ao pânico que dominava meu coração. Era como se eu estivesse sob efeito de um sedativo. Por dentro, eu me debatia e gritava. Por fora, estava imóvel, os olhos grudados na janela, esperando o momento em que tudo aquilo acabaria e eu finalmente encontraria paz.

Se eu pudesse ao menos olhar nos olhos dele.

Se ao menos tivesse a chance de ver os lindos olhos do Diego refletindo o amor que sentia por mim.

Uma lágrima desceu pelo meu rosto. Toda a angústia que eu sentia se resumiu em uma simples lágrima.

Não era difícil descobrir o que meu ex-marido estava planejando. Ele queria tornar real o meu inferno. Na sua mão havia um isqueiro. Ele ficava o tempo todo acendendo e apagando, uma espécie de jogo doentio. Diego não se movia, talvez sabendo que um passo em falso faria Dennis cumprir sua promessa. Talvez isso não fosse de todo ruim. Eu ainda poderia salvar minha filha e o homem que eu aprendera a amar. Pelo menos eu morreria por um propósito. Nem todas as pessoas poderiam dizer o mesmo.

Fechei os olhos por um instante, a esperança dando lugar ao cansaço. Dennis murmurava palavras incoerentes e eu fazia de tudo para que meu subconsciente bloqueasse sua voz, porque apenas ouvi-lo dizer meu nome me causava nojo. Não fazia a menor ideia de que horas eram e, mesmo que tivessem se passado apenas minutos, era uma vida inteira para mim. Afinal, ela poderia terminar a qualquer momento.

Levei um susto quando escutei o celular do Diego tocar. Tentei virar, mas Dennis apertou meu cabelo, impedindo que eu me movesse.

Podia sentir o cano da arma tocar meu couro cabeludo. Ele usava a mesma mão para me segurar e me punir.

— No viva-voz — gritou ele, mais uma vez, depois que Diego sussurrou algumas coisas no telefone.

— Malu quer falar com você.

Meu coração parou. Não havia a menor chance de aquilo dar certo. Malu mal reconhecia o pai, ela não iria falar com Dennis.

— Não! Não! Por favor. — Ele iria machucá-la ainda mais.

— Malu, você pode falar com seu pai agora.

Comecei a gritar, mas Dennis tapou minha boca. Diego levou o telefone mais perto e a voz ressoou por todo o ônibus. Dennis sorriu e eu senti como se o ar tivesse sido roubado dos meus pulmões.

— Oi, papai. Você está com a mamãe?

Dennis começou a chorar e eu ainda não conseguia entender o que estava acontecendo.

— Tô sim, minha filha. Vamos buscar você. Tudo bem? Papai vai buscar você.

Uma longa pausa.

Eu ia sufocar.

— Papai, deixa a mamãe ir embora, por favor? Eu amo minha mamãe, deixa ela vir me ver, papai.

Não havia hesitação ou confusão de palavras. As frases eram claras, e os pedidos, dolorosos de ouvir.

Não era a Malu.

Olhei para Diego e ele parecia tão surpreso quanto eu.

Senti a mão de Dennis ceder, aos poucos, conforme ele ia falando. Senti um alívio enorme, como se minha cabeça voltasse ao normal depois de pesar cem quilos.

— Filhinha... — Dennis chorava copiosamente. Eu não esperava uma reação tão emocional quanto aquela. — Papai vai levar a mamãe pra você.

— Por favor, papai. Eu amo a mamãe e vou te amar também se você soltar ela.

Naquele momento, a ligação caiu.

— Cadê ela? — gritou Dennis, transtornado, apontando a arma para o Diego. — Quero minha filha.

— Você pode voltar a vê-la se fizer o certo. Solta a arma e deixa a Larissa ir. Prometo ficar aqui com você.

— Vocês vão me matar.

— Não — disse Diego, com firmeza. — Nunca faria justiça com as próprias mãos. Vou assegurar que você volte para a prisão em segurança e, quando o tempo chegar, você poderá ver sua filha de novo.

Podia ver nos olhos do Diego quanto aquelas palavras estavam custando a ele. Dizer que Dennis voltaria a ver a Malu pôs um brilho diferente em seus olhos. Um que eu nunca tinha visto. Ódio!

Dennis passou o braço pela frente do meu corpo, me abraçando, a arma pendendo de lado. Ele cheirou meus cabelos e enterrou o rosto na curva do meu pescoço.

— Eu não ia te machucar de verdade, meu amor. Só queria que você percebesse que ainda me ama. A gente podia tentar uma última vez. Eu prometo que aquelas coisas nunca mais vão acontecer. Eu aprendi, Larissa.

A ironia do que ele dizia quase me fez rir. Suas promessas sempre haviam sido vazias, mas fazê-las enquanto ameaçava tacar fogo em mim era insano.

— Me dê a arma, Dennis — pediu Diego, com calma. — Depois solta a Larissa.

Eu estava muda, a dificuldade de respirar me impedindo inclusive de chorar. Meu peito se apertou assim que Dennis se afastou e olhou para Diego. Naquele momento, ou ele me deixaria ir, ou me mataria.

Meu coração parou.

Diego tinha uma mão aberta em nossa direção. A mesma mão que um dia ele estendera para mim. Seus olhos estavam em Dennis e eu vi seu rosto suavizar quando a arma bateu no chão, quebrando o silêncio que nos engolia. Não acreditei quando Dennis me soltou, e levei alguns segundos até que minhas pernas se movessem. Corri até Diego. Tudo ao meu redor sumiu e a única coisa que eu via era o homem que eu amava na minha frente, com a mão ainda estendida. Me joguei em seus braços

e só então desabei, e comecei a chorar. Diego me abraçou e eu podia ouvir as batidas frenéticas do seu coração e sentir sua respiração acelerada.

— Você tá comigo.

Foi a única coisa que ele sussurrou.

— Larissa — disse Dennis.

Mesmo com Diego me puxando, virei. Seus olhos estavam vidrados nos meus dedos, que agora se entrelaçavam aos do Diego. Vi quando seu rosto se iluminou e ele por fim entendeu que o homem que havia ficado o tempo todo ao meu lado era o que eu tinha escolhido para amar o resto da minha vida.

— Princesa, vamos... — chamou Diego.

— Eu sempre te amei — declarou Dennis.

— Nunca foi amor, Dennis.

Ele nunca havia me amado. Hoje eu conhecia o amor, e esperava que Dennis um dia conhecesse também. Mas, quando ele levantou o isqueiro, eu tive plena certeza de que ele não achava o mesmo. Sua mão caiu e imediatamente o fogo subiu.

— Nããããão! — gritei desesperada.

O fogo crescia cada vez mais, o calor alcançando meu corpo. O pai da minha filha estava queimando, e desabei, porque, na verdade, sempre achara que ele poderia mudar. Acreditara até o final que ele poderia ser diferente.

Fui arrastada para fora e, assim que saí, Diego me pegou nos braços. Enquanto ainda olhava para as chamas destruindo tudo, a única coisa em que pensava era na ironia no destino.

— *Pede pra esperar. Preciso pegar esse ônibus.*

A cena voltava à minha cabeça enquanto pessoas gritavam ao redor. Diego dizia alguma coisa, mas não consegui ouvir. Na minha mente só havia a imagem do menino de cabelos cacheados que um dia eu amara.

— *Você é a Larissa, né?*

Não consegui controlar a dor que rasgava meu peito.

Por quê, Dennis?

Por quê?

— *Querem dar o fora do corredor?*

— *Você ouviu, garota bonita, vamos lá.*

Minha história com o Dennis terminava no mesmo cenário onde começara.

Larissa

Acordei um pouco desorientada, mas logo senti uma mão delicada tocar meu braço. Meu coração imediatamente se acalmou quando vi o rosto da Janaína.

— Jurei que nunca mais pisaria em um hospital — disse ela, com o rosto banhado em lágrimas. — E olha eu aqui.

Eu tinha um grande nó na garganta e, depois de segundos em silêncio, rompi em um choro desesperado. Naquele momento, chorei toda a minha dor. Tudo que um dia me fizera mal e toda a incerteza que eu ainda tinha sobre o futuro.

Chorei por mim.

Chorei por minha filha.

Chorei por Dennis.

Chorei.

— Obrigada — disse, quando finalmente consegui achar minha voz.

Um dia havia passado e eu ainda podia sentir o frio da arma no meu rosto. A voz do Dennis ainda ecoava em minha cabeça, e o calor do fogo parecia tão real que eu temia me queimar. Havia entrado em estado de choque assim que saíra daquele ônibus, e a última coisa de que me lembrava eram as labaredas consumindo tudo. Pensar em Dennis era reviver o inferno que vivera em suas mãos, e ainda não sabia o que sentir em relação a sua morte. Eu vivia um ciclo de dor. Algumas feridas cicatrizavam enquanto novas eram abertas.

— Precisa que eu chame uma enfermeira? — perguntou ela.

— Preciso da minha filha.

— Foi o que pensei. — Jana levantou da cama, sorrindo. — Vou chamar o bonitão pra ele te explicar tudo. Ele não arredou o pé daqui

nem pra comer, mas você sabe como posso ser persuasiva. — Piscou, maliciosa. — Ele foi tomar um café.

Ouvi-la falar sobre Diego fez meu coração se apertar. Ele estava lá. O tempo todo. Diego não saía do meu lado um minuto sequer, e foram seus braços que me ampararam quando desmoronei.

— Ele está bem? — gaguejei.

— Mais perfeito impossível.

Quando ela saiu e fiquei sozinha no quarto, refleti pela primeira vez sobre tudo que tinha acontecido. Eu quase morrera nas mãos do Dennis. Estivera tão perto do fim que sequer sabia como faria para me reerguer. Mas não tive muito tempo para pensar. Minutos depois de Janaína sair, a porta se abriu e eu o vi. Ele sorriu seu sorriso mais lindo e me olhou como se eu realmente fosse uma...

— Princesa... — A palavra saiu de sua boca naturalmente, como se o apelido tivesse substituído meu nome. — Você está bem?

Eu estava?

Balancei a cabeça fazendo que não e chorei quando ele me abraçou. Pela primeira vez tive coragem de dizer o que estava sentindo de verdade. Não. Eu não estava bem.

— Malu?

— Ela tá com a Clara. Achei melhor que ela não viesse pro hospital.

Balancei a cabeça em concordância.

Respirei fundo, porque a segunda pergunta me fazia tremer.

— O Dennis... Ele...? Ele...?

— Não. Ele tá vivo. A equipe da polícia conseguiu tirá-lo de lá. Está internado em outro hospital e vai voltar pra cadeia assim que se recuperar.

Suspirei, sem saber se me sentia aliviada ou amedrontada. Parte de mim nunca desejara a morte de Dennis, mas a outra temia por um futuro em que ele ainda existisse.

— Foi tudo muito rápido. Não consegui impedi-lo.

— Diego — chamei —, a culpa não é sua.

— E nem sua. — A sua mão acariciou meu rosto e me permiti

descansar sob seu toque tão reconfortante. Minha mente era inundada por cenas do que havia acontecido, e meu coração quase parou quando por fim entendi quem havia me salvo.

— Foi a Vitória, não foi?

Ele se afastou e me encarou com os olhos brilhantes de orgulho.

— Sim, foi a Vitória.

Se anjos realmente existissem, aquela garotinha com certeza era um. Talvez ela ainda não tivesse consciência do que fizera por mim e minha filha, mas um dia Vitória saberia que salvara a minha vida.

Diego ainda não havia tirado a mão do meu rosto e a segurei, pousando-a bem acima do coração. Ele sorriu mais uma vez e senti a ferida se fechando. Dessa vez eu não estava sozinha.

— Podemos ir pra casa? — pedi, e ele balançou a cabeça, sorrindo.

— Eu vou com você pra onde você quiser me levar, minha princesa.

Eu o queria para sempre comigo.

Fiquei mais algumas horas no hospital. Recebi algumas visitas, entre elas Fred e Heitor. Depois que saíram, expliquei para Diego quem eles eram, e ele ficou feliz por eu ter amigos tão preocupados comigo. Porém, assim que Diego saiu para assinar a papelada da minha liberação, uma última visita me surpreendeu. A ruiva.

— Desculpa vir sem avisar. Queria saber se você está bem. Fiquei sabendo do que aconteceu.

— Acho que todo mundo ficou sabendo.

A resposta saiu mais ríspida do que eu gostaria. E não era porque a ex-namorada do Diego estava na minha frente, e sim porque eu tinha virado uma espécie de subcelebridade. O vídeo do Dennis me mantendo refém se tornara um dos mais compartilhados no último dia.

— O Diego não está — avisei.

— Eu sei. Esperei ele sair. Acho que ele não ia aprovar minha visita.

Levantei uma sobancelha.

— Tem certeza de que estamos falando do mesmo Diego? Ele nunca te trataria mal.

— Sei disso, mas também sei que você é diferente.

— Eu amo ele, Sofie.

Ela sorriu com tristeza.

— Claro que ama. Não tem como não amar.

— Sinto muito.

Ela me deu as costas, pronta para sair.

— Não sinta. O amor dele só me fez feliz. Cuide dele.

Ao ver Sofie sair do quarto e deixar para trás o homem que amava, entendi que amar nem sempre era estar perto. Amor não era sobre distância. Era sobre ver o outro feliz, mesmo que não fosse junto de você.

Quando Diego entrou no quarto de novo e me ajudou a levantar da cama, eu tinha apenas uma coisa para dizer.

— Te amo.

Ele reagiu com surpresa, mas logo seus lábios tocaram com delicadeza os meus.

— Também te amo, princesa.

Larissa

Novamente estávamos no hospital. As pessoas passavam por mim, andando de um lado para o outro, e me perguntei se entendiam a grandiosidade do que faziam. Será que, ao dormir, elas pensavam nas vidas que salvavam, nas que traziam ao mundo, e naquelas que não conseguiam impedir de chegar ao fim?

Não pensava mais em Dennis. Não queria saber o que aconteceria. Talvez ele se recuperasse, talvez ele ainda viesse atrás de mim. O fato era que esquecê-lo dera paz para a minha vida. Sua mãe me procurara alguns dias depois do incidente com o ônibus e pedira perdão. Dissera que Dennis havia se candidatado para participar de um projeto que ajudava na ressocialização de agressores condenados por violência doméstica. Pensei no que havia dito para Diego: que nada adiantaria se Dennis não mudasse. E desejei isso. Que ele encontrasse em seu coração o verdadeiro amor. Perdoar era uma palavra forte demais, mas talvez um dia eu o fizesse. Por enquanto, queria apenas esquecer Dennis e toda a dor que um dia ele me causara.

Manuela parou na nossa frente e imediatamente meus olhos buscaram os do Diego. Ele apertou minha mão e, depois de me olhar com carinho, encarou a amiga.

— Clara acabou de ir para o centro cirúrgico. Alexandre está com ela e nossa menina está calma e bem.

— Graças a Deus! — O homem ao meu lado suspirou aliviado, e a emoção se instalou naquela sala de espera.

Além das pessoas que eu já conhecia, estavam também os pais da Clara e Priscilla, a irmã mais nova do Diego, acompanhada do marido Lorenzo.

Luís Felipe estava nascendo.

Manuela olhou para todos até que seus olhos pousaram em Dereck. Ele sorriu e ela fez o mesmo antes de entrar mais uma vez para acompanhar o parto da melhor amiga.

— Ai, minha nossa senhora. — Foi a vez da Laís expressar seu nervosismo. — Dereck, vamos lá, canta uma música pra gente.

— *What?* — perguntou ele, totalmente surpreso.

Laís revirou os olhos.

— Para de falar em inglês comigo, sr. Rockstar. E canta uma música logo, porque eu não tô me aguentando mais de tanta ansiedade.

— Pantera... — O marido tentou intervir, mas foi em vão.

— Agora não, Bruno.

— Acho uma excelente ideia — completou Priscilla. Lorenzo até tentou dizer algo, mas desistiu, dando de ombros assim que viu seu olhar.

Diego fez um carinho em minha mão enquanto eu observava Dereck pegar o violão e dedilhar algumas notas, dando-se por vencido. Não queria, mas era impossível não sorrir diante de todo o amor que envolvia aquela família. Uma família da qual eu também fazia parte.

*I could set this song on fire, send it up in smoke
I could throw it in the river and watch it sink in slowly
Tie the pages to a plane and send it to the moon
Play it for the world, but it won't mean much
Unless I sing this song to you.**

Não sei quantas músicas Dereck cantou, mas sei que só parou quando Alexandre entrou na sala ostentando um sorriso que seria capaz de iluminar todo o hospital.

— Meu filho nasceu — disse, enquanto seus olhos se inundavam de lágrimas. — Minha menina conseguiu. Luís Felipe nasceu.

Diego soltou minha mão, correu até o irmão e o puxou para um abraço. Ninguém se moveu. Ninguém ousaria interromper os irmãos Ferraz. Eles eram o complemento um do outro.

* Eu poderia pôr fogo nesta canção, fazê-la virar fumaça/ Eu poderia jogá-la no rio e vê-la afundar devagar/ Amarrar as páginas a um avião e enviá-las para a Lua/ Poderia tocá-la para o mundo, mas não significa nada/ A menos que eu cante esta canção para você. “Song on Fire”, Nickelback.

UM ANO DEPOIS

Larissa

— Essa aqui, tio Di?

— Claro, princesinha.

— Ela também é vermelha.

— Igual a essas. — Diego levantou duas bolas e Malu olhou fascinada.

Nunca vira uma árvore de Natal tão enfeitada. Não tínhamos pensado nisso ano passado, mas, depois de tudo que acontecera, decidíramos comemorar todos os dias, e isso incluía um grande pinheiro na minha sala. No dia anterior, havíamos montado uma no apartamento do Diego. Malu amara e falara durante todo o tempo. Aquilo quase fazia meu coração de mãe explodir. Mais uma vez ela se reerguera. Minha filha era uma lutadora.

Um ano.

Um ano se passou desde que tudo acontecera e desde então eu tenho vivido em um sonho. Nada poderia estar mais perfeito.

— Quem quer brigadeiro?

— Eeeeeeu — gritou minha menina, soltando o enfeite no chão.

— Vem, tio Di. — Ela voltou apenas para pegar a mão de Diego.

Os dois sentaram e fiz o mesmo, observando a forma como interagiam e, principalmente, como Diego fazia minha filha sorrir. Ela enfiava um brigadeiro na boca, fazendo-o parar na bochecha, e Diego apertava, levando minha filha a gargalhar. Nunca estivéramos tão felizes, e essa constatação só fazia meu coração bater cada vez mais forte. Eu era

feliz.

Depois que os brigadeiros acabaram, voltamos os três para a árvore. Ajoelhei, ajudando Malu a pôr os últimos enfeites. Diego fazia o mesmo, sempre sorrindo, sempre me olhando com amor. Era impossível questionar o sentimento que nos unia. Em um amor tão grande, não cabiam dúvidas, e deixei de me perguntar *como isso aconteceu?* quando percebi que a resposta não faria diferença. Eu continuaria amando Diego. E eu continuaria a amar enquanto meu coração permitisse.

— Põe esse aqui, mamãe.

Quando a voz de Malu chamou minha atenção, percebi que meu olhar estava preso no do Diego.

Quando peguei a caixa da mão dela, minha filha sorriu para o Diego como se estivessem escondendo um segredo. Não era um enfeite, e comecei a tremer. Malu correu para o colo do Diego e os dois me encararam ansiosos.

Desfiz o laço vermelho e abri a caixa.

— Larissa, Malu, vocês querem casar comigo?

— Simmmmmmm! — gritou Malu.

Não havia nada que meu coração quisesse mais.

— Sim — também respondi. — É tudo que eu quero.

Eu tinha meu próprio conto de fadas.

Larissa

A porta do quarto se abriu e Clara entrou segurando Luís Felipe em seus braços. Fui até ela e dei um beijo no rosto, fazendo o mesmo na testa do meu sobrinho. Eu também havia me transformado na tia Lari. Afastei-me e, sob o olhar atento da minha amiga, segurei a saia do vestido e rodopiei. Quando me casei com Dennis, não tive festa, não usei um vestido bonito e nem fomos abençoados em uma igreja. E agora eu estava ali, me sentindo noiva pela primeira vez.

— Você está linda, Lari. Meu Deus! Diego vai mergulhar dentro dos melhores sonhos dele. — Respirei fundo, tentando acalmar todo o nervosismo que sentia. — O.k.! Tenho um presente para você.

Sorri.

Abri a caixa que ela segurava enquanto Luís Felipe batia palminhas animadas.

— Eu ganhei do Felipe no dia do meu casamento — disse ela, assim que puxei a correntinha. Era tão delicada e tinha um pingente azul de Nossa Senhora Aparecida. — Eu mandei pôr um coração. — Meus olhos se encheram de lágrimas por seu gesto. — E pelo amor de Deus, não vai chorar e borrar essa maquiagem maravilhosa.

Como se fosse fácil falar. A própria Clara secava uma lágrima fujona.

— Obrigada, Clara. Você é uma mulher incrível.

Ela me deu um abraço rápido e depois se afastou.

— Somos.

Assenti.

— As meninas estão prontas?

— Deixei as duas sentadas para não amassarem o vestido. Estão só esperando você. Então vamos lá, futura sra. Ferraz.

Ela estava certa. Eu ia ser do Diego de uma maneira em que nunca deixaria de ser de mim mesma. Duas peças que se completavam.

Clara me deixou sozinha e me olhei no espelho uma última vez, acreditando que a Larissa que eu via era a única que poderia existir. Não havia mais espaço para tristeza. Amar não podia inspirar dor. E hoje eu sabia disso.

Quando saí do quarto, Vitória e Malu me esperavam. Usavam um vestido muito parecido com o meu. As tiaras de flores no cabelo também eram iguais. Ambas sorriam e meu coração se aqueceu.

— Mamãe tá linda.

— Verdade, tia Lari. Você tá linda.

Malu veio até mim e segurou minha mão, olhando para cima até encontrar meu rosto.

— Parecendo uma princesa.

— É, meu amor? — Eu a peguei nos braços, sem me importar se meu vestido iria amassar. — Nunca se esqueça, minha garotinha. Você é o amor da minha vida. Te amo mais que tudo nesse mundo.

Malu me abraçou e foi inevitável não chorar.

— Também te amo, mamãe. Muito, muito, muito.

De onde eu estava, podia ouvir a música escolhida por Diego. Meu coração bateu forte quando começou a tocar “Perfect”, do Ed Sheeran. Tínhamos escutado aquela música dias antes, mas ele me enrolara direitinho. A letra era linda e eu mal conseguia respirar de tanta emoção. Malu e Vitória estavam na minha frente e, quando as portas se abriram, deram as mãos e caminharam pelo corredor da igreja. Meu pai estava do meu lado e eu estava feliz de tê-lo comigo. Apesar de tudo, eu o amava e sabia que ele também sentia o mesmo por mim. Ele ofereceu o braço e eu sorri, feliz.

Levantei a cabeça e vi Diego no final do corredor me esperando. Ele arregalou os olhos quando a introdução de outra música ressoou. “Pela luz dos olhos teus”, de Vinicius de Moraes. Não havia melhor maneira de representar tudo que sentia quando Diego me olhava. Desde

a primeira vez. Fora a luz dos olhos dele que iluminara meu coração.

Meu amor...

Pisei sobre pétalas de rosas até chegar a ele. Meu pai me entregou a Diego e o cumprimentou emocionado. Eles trocaram algumas palavras, mas eu só tinha olhos para o homem da minha vida, que vestia um terno branco. Seu rosto encontrou o meu e, por um segundo, senti meu coração falhar. Como eu o amava.

— Oi, minha princesa — sussurrou assim que segurou minha mão.

— Oi, príncipe.

Ele sorriu e me apaixonei mais um pouco.

— Pronta para o seu “felizes para sempre”?

— Você está? — questionei.

— Passei uma vida inteira esperando por você. Então sim, estou pronto.

— Eu também.

Desviei o olhar do Diego apenas para ver as pessoas que estavam conosco no momento mais especial de nossas vidas. Janaína e Heitor, Fred e Ester, sua namorada — que acabara virando minha amiga —, estavam no meu lado do altar. Diego tinha Manuela e Dereck, e, como não poderia deixar de ser, Alexandre e Clara.

Quando o sacerdote pediu as alianças, Malu caminhou até nós segurando um pequeno baú. Diego pegou uma e segurou minha mão.

— Eu prometo ser a luz que te guiará na escuridão. Prometo ser sol quando houver chuva, e te aquecer nos dias frios. Prometo ser a mão que te sustentará e a âncora que não te deixará se perder. Prometo ser seu, completamente, infinitamente e eternamente. Prometo a você um mundo muito além do amor.

Eu não iria conseguir falar. Não logo depois de ele me prometer o mundo. Lágrimas arderam em meus olhos e tive que respirar fundo para não desmoronar.

Peguei a aliança e não me contive quando Malu sorriu para mim. Deslizei-a pelo dedo do Diego enquanto dizia tudo aquilo que carregava em meu coração.

— Prometo fazer você se apaixonar todos os dias. Prometo chamar seu nome quando o mundo quiser me engolir. Prometo estar aqui quando você voltar e prometo aliviar suas dores quando forem pesadas demais. Prometo receber seu sorriso e te retribuir sempre da mesma forma. Prometo cuidar do nosso amor e regá-lo com respeito e carinho para que floresça. Prometo te amar para sempre.

Quebrando o protocolo, Diego se aproximou e colou os lábios nos meus. Era tudo que eu necessitava naquele momento. Porém, ele me surpreendeu mais uma vez quando se ajoelhou diante da Malu. Ele tirou um pequeno anel do bolso e eu levei as mãos à boca quando o escutei dizer: — Prometo te levar ao parque e te ajudar com a lição de casa. Prometo andar de bicicleta e também prometo que você sempre será minha princesinha. Prometo te amar com a minha vida.

Malu olhou para o anel e depois para a minha aliança e sorriu.

— Promete que eu posso te chamar de meu papai?

Diego olhou para mim e assenti, emocionada.

— Prometo — disse ele à minha pequena.

Ela envolveu seu pescoço e o abraçou.

— Te amo.

— Também te amo, filha.

Epílogo I

Diego

Eu acabara de pôr Malu para dormir quando Larissa entrou em casa. O sorriso iluminou seu rosto assim que ela me viu jogado no sofá, segurando um processo. É, eu nunca parava...

— Acho que você vai fazer o jantar no sábado — disse ela, enquanto caminhava na minha direção. Ela deixou os livros da faculdade em cima da mesa de centro e sentou ao meu lado, aninhando o corpo no meu. Um dia inteiro longe dela e eu já sentia saudade. Seu cheiro me invadiu, aplacando imediatamente a sensação de vazio.

— De quem foi a brilhante ideia de fazer essa aposta?

— Sua — respondeu Larissa. — Quando me pegou testando uma receita nova de brigadeiro. Como você disse mesmo?! Ah! *Nada de trabalho em casa, princesa.*

Gargalhei ao ouvi-la imitando minha voz.

— Não foi bem assim...

— Foi sim. — Ela levantou, tirando o processo das minhas mãos e subindo em cima de mim. Sua barriga redonda, abrigando meu filho, quase a impediu de se ajeitar. Cada vez que eu a olhava, sentia a mesma felicidade do dia em que me contara que estava grávida. — E depois você me beijou.

— Beije?

— Sim.

— Como?

Ela não respondeu com palavras. Muitas vezes elas eram desnecessárias. Dois anos e eu ainda sentia meu coração disparar como se fosse a primeira vez. Sua boca se aproximou ainda mais e senti a respiração se misturar com a minha. Minhas mãos inquietas seguraram

seu rosto e o beijo teve gosto de sonho. Como todos os outros. Um sonho real que eu vivia dia após dia. Eu a amava incondicionalmente e sentia o mesmo amor me tocar cada vez que ela se aproximava de mim.

Ela era minha.

Mas ela era muito mais dela.

E eu era inteiro da princesa que possuía meu coração.

Epílogo II

MUITOS ANOS DEPOIS...

Diego

Eu segurava a mão da Clara.

Sempre iria segurá-la.

A brisa fria que nos envolvia tornava o momento ainda mais melancólico. O vento soprava através das árvores em um canto triste, como se o universo também sentisse a nossa dor.

Senti Clara vacilar quando o padre finalizou suas palavras. Ela apertou minha mão o mais forte que pôde. Não consegui segurar o soluço que se formou em meu peito e escapou pela garganta. Eu tinha uma porra de uma dor esmagando meu coração e a certeza de que ela nunca passaria, porque não havia nenhuma forma de essa ferida cicatrizar. Não quando eu acabava de perder o meu maior exemplo de vida.

Meu irmão.

Ele se fora.

Alexandre nos deixou em um mundo que não faria mais o mesmo sentido sem ele.

Olhei para a mulher ao meu lado e no mesmo instante senti toda a força que seus olhos emanavam. O rosto coberto por rugas e expressões que o tempo lhe dera ainda transmitia a mesma beleza de quando tinha vinte e três anos. Seus olhos traziam a mesma doçura do primeiro dia em que a vira.

Ajudei Clara a levantar da cadeira e ela caminhou até onde estava o caixão. A mão trêmula segurava uma rosa vermelha e, com lágrimas nos olhos, ela sussurrou algo que não consegui ouvir antes de jogar a flor

sobre a madeira, despedindo-se do homem que fora seu grande amor. Clara sorriu, um sorriso que mais ninguém no mundo tinha. Minha cunhada chorou, mas a fortaleza que existia dentro dela e a certeza de que amara meu irmão como ele merecia faziam com que não se desesperasse. Ela apenas chorou sua saudade.

Clara respirou fundo, dando as costas para o caixão e virando-se para mim.

— Obrigada, Di — agradeceu com a voz enfraquecida. Vitória e Luís Felipe se aproximaram da mãe, que se dirigiu mais uma vez a mim antes de sair com os filhos. — Você sempre esteve aqui.

— E sempre estarei.

Então ela olhou para o caixão afundando e depois me encarou com mais lágrimas em seus olhos profundos.

— Até mais, Clarinha.

— Adeus, Di.

Todos se foram e eu ainda olhava para aquele maldito buraco. A sensação que tinha era de que um pedaço de mim havia sido enterrado junto com meu irmão. O homem a quem eu devia tudo. Alexandre fora melhor em tudo. O melhor homem, advogado, pai, marido, avô e, principalmente, o melhor irmão que poderia existir. Depois que Clara saiu, eu me permiti chorar. Chorei porque eu devia tudo o que era ao homem que acabara de enterrar.

Senti uma mão delicada em meu ombro e não precisei olhar para saber que era ela. Meu coração a reconhecia sem que meus olhos precisassem vê-la.

— Vamos, amor? — disse Larissa, descansando o rosto em minhas costas. Segurei sua mão e o toque em sua pele acalmou minha alma.

Puxei Larissa, fazendo-a ficar de frente para mim. Os cabelos brancos dos quais ela tanto reclamava haviam se tornado seu charme particular. Seus olhos ainda me faziam mergulhar na calma que ela me proporcionava, e eu a amava todos os dias, porque era impossível não amar.

Sorri e ela fez o mesmo.

Entrelaçamos os dedos e caminhamos juntos.

— Sim, minha princesa, vamos para casa.

Clara

Assim que pus os pés dentro de casa, senti que as paredes daquele lugar iam me engolir. Dentro do peito havia um buraco do tamanho do meu coração, porque na verdade ele fora enterrado junto com o homem que eu amava. Ouvi vozes, enxerguei pessoas, mas minha mente não conseguia acompanhar meu corpo.

— Mãe, mãe, está tudo bem?

— Oi?

— A senhora está bem?

Vi Vitória ao meu lado e observei seus olhos, azuis como os do meu Alê. Senti um orgulho imenso da mulher maravilhosa em que ela se transformara, a profissional incrível e a mãe extraordinária. Toquei seu rosto, fazendo um carinho, mas não consegui manter a mão levantada por muito tempo. Sentia-me cansada, perdida, como se a vida tivesse saído de mim.

— Precisa de ajuda, mamãe? — Meu menino que já não era mais tão menino perguntou, e eu apenas sorri. Fisicamente, ele era muito parecido com o pai, a mesma beleza e porte imponente de Alexandre, mas sempre com os mesmos ideais que eu.

— Só preciso dormir — menti com um sorriso no rosto. Dormir não iria curar a ferida que rasgava a minha alma e me machucava cada vez que lembrava dos olhos dele.

Eles me ajudaram a chegar ao quarto e, depois de muita insistência, me deixaram sozinha. Tomei um banho demorado. Fazia um tempo que meu corpo deixara de ser ágil. Olhei para as mãos debaixo d'água e minha mente voltou a um tempo em que eu era jovem. Um tempo em que eu tinha a vida inteira pela frente. Não me arrependia da caminhada que fizera. Cometera erros, acertos e tropeçara algumas vezes, mas conseguira me reerguer. Enrolei-me na toalha, deitei

sobre a cama sem me importar com nada e me permiti chorar. Meus dedos acariciaram o travesseiro de Alexandre e ainda podia sentir seu cheiro.

Senti o cansaço chegar e foi inútil lutar para manter os olhos abertos. Adormeci devagar, as pálpebras se fechando aos poucos enquanto as imagens surgiam, alegrando meu coração e acalmando minha alma.

Como uma espectadora da minha própria vida, observei a menina que um dia eu fora se arrumar para uma entrevista de emprego. Ela escolhia com cuidado a roupa que iria usar, amarrava os longos cabelos castanhos e se maquiava com delicadeza.

Ela entrou no escritório, observando tudo, analisando e se sentindo deslumbrada com a elegância do lugar. Ela sentou na poltrona, sem saber que em poucos minutos estaria de frente para o homem da sua vida.

Quando as portas abriram, meu coração disparou, porque fora assim que me sentira naquele dia.

Ela não desviou os olhos dele, sentado atrás daquela cadeira, vestindo seu lindo terno e a encarando com os olhos azuis mais lindos do mundo. Ela se aproximou, analisando sua beleza, encantada com sua postura, sem se dar conta de que, naquele momento, o amor a encontrara. Ele não falou nada e ela sorriu, pois sabia que ele estava tão afetado quanto ela.

— *Bom dia, dr. Ferraz. Meu nome é Maria Clara...*

Então sua voz pronunciou meu nome pela primeira vez.

— *Bom dia, Maria!...*

Eu não sabia e levei a vida inteira para admitir, mas, naquele momento, enquanto estava sentada de frente para um dos advogados criminalistas mais importantes do Brasil, eu dava início ao meu próprio conto de fadas.

Diego

Ela nos deixou naquela mesma noite, depois de adormecer. Não

me espantei nem me senti triste, pois compreendi o que o destino havia preparado para os dois.

Clara seguiu sua alma e Alexandre reencontraria seu coração.

A menina que não sonhava com conto de fadas.

Ela preferiu o Lobo Mau.

Agradecimentos

À minha família, que sempre está ao meu lado.

Ao meu marido, pelo apoio incondicional.

Ao meu filho, Apollo, que eu sempre soube que amaria, mas que não imaginava que seria a ponto de dar minha vida por ele.

Às minhas betas: Gisah, Virgínia, Luzi, Renata, Karol, Carol Rabello, Carol Nonato, Manu, Luana, Débora e Vanessa. Obrigada por caminharem lado a lado comigo na construção dessa história.

Às autoras Cinthia Freire, LM Gomes e Julianna Costa, muito obrigada pelos conselhos e por me deixarem compartilhar com vocês os surtos de ansiedade. Que a literatura nacional cresça cada vez mais.

À minha agente Roberta Pantoja, por continuar me ajudando a tornar reais meus sonhos.

Aos leitores... Sem vocês esta história não teria se concretizado. Obrigada por me apoiarem e torcerem por esse personagem, por amarem Diego e enxergarem no irmão de Ferraz potencial para viver uma grande história de amor.

A Diego e Larissa, por me ensinarem que um relacionamento vai *Muito além do amor*.

Com carinho,

Camila Moreira

Nota da autora

A cada oito segundos uma mulher é vítima de violência doméstica no Brasil.* Em 2016, 12 milhões de mulheres sofreram abuso verbal. Cinco milhões foram ameaçadas fisicamente. Quase 4 milhões sofreram ofensa sexual. Quase 2 milhões foram ameaçadas com faca ou arma de fogo. Um milhão e meio foram espancadas. Duzentos e cinquenta mil levaram um tiro.

De acordo com a ONU, o Brasil é o quinto país que mais mata mulheres. São treze mortes a cada 24 horas. Quarenta e três por cento dos casos acontecem dentro de casa. Cinquenta e dois por cento das mulheres não denunciam nem buscam a ajuda de família e amigos. Entre as três principais causas da violência estão álcool, brigas e ciúme.

São números assustadores, que continuarão sendo apenas números se a sociedade não reagir.

Estão nos matando.

Isto é um pedido de socorro...

*FONTE: Instituto de Pesquisa Datafolha, em parceria com Fórum Brasileiro de Segurança Pública, “Visível e invisível: A vitimização de mulheres no Brasil”, *Atlas da Violência no Brasil*, 2017.

Muito além do amor se passa logo após o final de Minha melodia.



ROSANIA ALVES PIMENTEL SOLINSKI/
ESTÚDIO FOTO NOVA COLOR

CAMILA MOREIRA é taurina e mãe do Apolo. Goiana de nascimento e mato-grossense de coração, formou-se em direito e começou a escrever nas horas vagas, no final de 2013. Estreou no mundo literário com *O amor não tem leis* e *O amor não tem leis — O julgamento final*, que tiveram repercussão internacional: Camila foi citada pelo jornal americano *The Washington Post* como referência da nova literatura erótica brasileira. Em 2015, lançou *8 segundos*, em 2016, *Minha melodia* e, em 2017, *As cores do amor*. Camila vive em Lucas do Rio Verde com o “namorado” e o filho.

Copyright © 2018 by Camila Moreira

A editora Paralela é uma divisão da Editora Schwarcz S.A.

Grafia atualizada segundo o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa de 1990, que entrou em vigor no Brasil em 2009.

Capa

Thiago de Barros

Foto de capa

IVASHstudio/ Shutterstock

Foto de quarta capa

YolandaVanNiekerk/ iStock

Preparação

Natalia Engler

Revisão

Renato Potenza Rodrigues
Érica Borges Correa

Jane Pessoa

ISBN 978-85-545-1197-5

Os personagens e as situações desta obra são reais apenas no universo da ficção; não se referem a pessoas e fatos concretos, e não emitem opinião sobre eles.

Todos os direitos desta edição reservados à

EDITORA SCHWARCZ S.A.

Rua Bandeira Paulista, 702, cj. 32

04532-002 — São Paulo — SP

Telefone: (11) 3707-3500

www.editoraparela.com.br

atendimentoaleitor@editoraparela.com.br

facebook.com/editoraparela

instagram.com/editoraparela

twitter.com/editoraparela



Camila Moreira

AUTORA DE O AMOR NÃO TEM LEIS

As
CORES
do **AMOR**

O TÃO AGUARDADO SPIN-OFF DE 8 SEGUNDOS

As cores do amor

Moreira, Camila

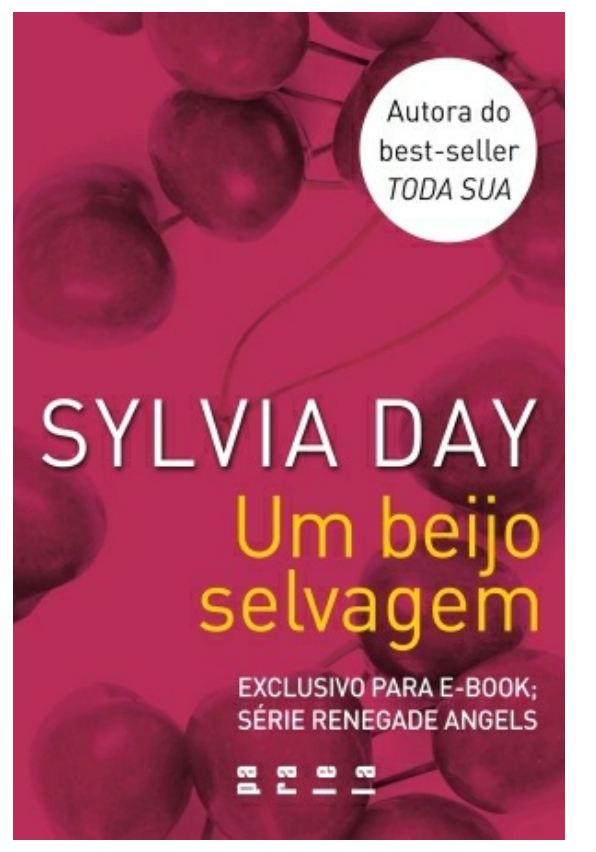
9788543810355

320 páginas

[Compre agora e leia](#)

O aguardado spin-off de 8 segundos. O que define uma pessoa? O dinheiro? O sobrenome? A cor da pele? Filho único de um barão da soja, Henrique Montolvani foi criado para assumir o lugar do pai e se tornar um dos homens mais poderosos da região. No entanto, o jovem se tornou um cafajeste aos olhos das mulheres, um cara egocêntrico segundo os amigos e um projeto que deu errado na concepção do pai. Quando o destino coloca Sílvia em seu caminho, uma jovem decidida e cheia de personalidade, Henrique reavaliará todas as suas escolhas. O amor que ele sente por Sílvia o fará enfrentar o pai e transformará sua vida de uma maneira que ele nunca pensou que fosse possível. Um sentimento capaz de provar que nada pode definir uma pessoa, a não ser o que ela traz no coração.

[Compre agora e leia](#)



Autora do
best-seller
TODA SUA

SYLVIA DAY

Um beijo
selvagem

EXCLUSIVO PARA E-BOOK;
SÉRIE RENEGADE ANGELS

BRUNO

Um beijo selvagem

Day, Sylvia

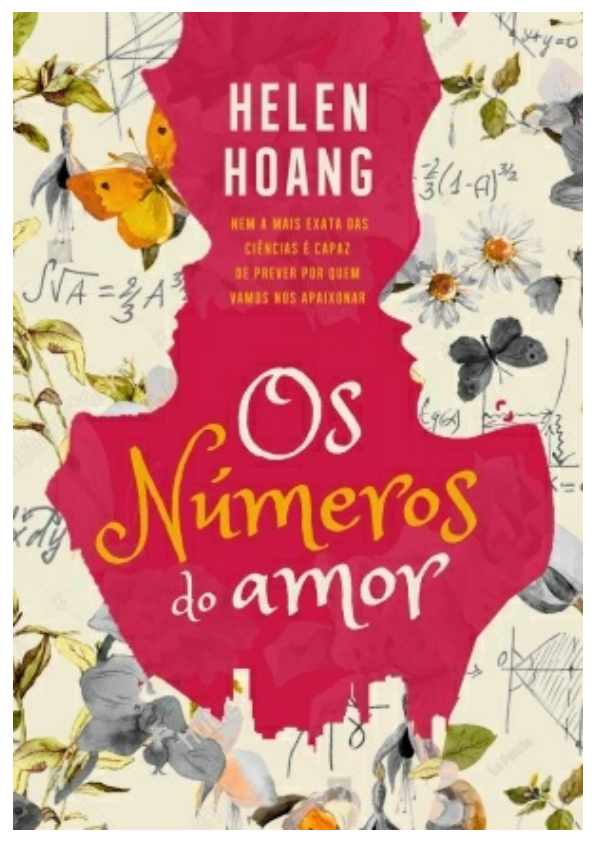
9788580869774

61 páginas

[Compre agora e leia](#)

Novela gratuita da série Renegade Angels, de Sylvia Day, autora best-seller do New York Times e da Veja e que já vendeu mais de 12 milhões de exemplares. O vampiro Raze perdeu suas asas por ser um grande sedutor. E é o único dos Caídos que nunca encontrou uma parceira. Mas ter conhecido Kimberly McAdams parece ter mexido com ele. Ela é inteligente, linda, rica e, por algum motivo inexplicável, se interessa por Raze. Depois de passarem uma noite inesquecível juntos, ele percebe que encontrou em Kim algo de especial. Será que este amor será maior do que as diferenças que existem entre eles?

[Compre agora e leia](#)



HELEN
HOANG

NEM A MAIS EXATA DAS
CIÊNCIAS É CAPAZ
DE PREVER POR QUEM
VAMOS NOS APAIXONAR

Os
Números
do amor

Os números do amor

Hoang, Helen

9788554512217

280 páginas

[Compre agora e leia](#)

Um romance que prova que o amor muitas vezes supera a lógica. Já passou da hora de Stella se casar e constituir família — pelo menos é isso que sua mãe acha. Mas se relacionar com o sexo oposto não é nada fácil para ela: talentosa e bem-sucedida, a econometrista é portadora de Asperger, um transtorno do espectro autista caracterizado por dificuldades nas relações sociais. Se para ela a análise de dados é uma tarefa simples, lidar com os embaraços que uma interação cara a cara podem trazer parece uma missão impossível. Diante desse impasse, Stella bola um plano bem inusitado: contratar um acompanhante para ensiná-la a ser uma boa namorada. Enfrentando uma pilha cada vez maior de contas, Michael Phan usa seu charme e sua aparência para conseguir um dinheiro extra. O acompanhante de luxo tem uma regra que segue à risca: nada de clientes reincidentes. Mas ele se rende à tentação de quebrá-la quando Stella entra em sua vida com uma proposta nada convencional. Quanto mais tempo passam juntos, mais Michael se encanta com a mente brilhante de Stella. E ela, pela primeira vez, vai se sentir impelida a sair de sua zona de conforto para descobrir a equação do amor. "Fazia tempo que não lia um livro assim, tão completo:

é engraçado, triste, comovente e impossível de parar de ler." — Christine Feehan, autora best-seller do New York Times

CONTEÚDO ADULTO

[Compre agora e leia](#)

Bridget Jones

O diário de

Jones



Helen
Fielding

O diário de Bridget Jones

Fielding, Helen

9788543806792

288 páginas

[Compre agora e leia](#)

Bridget Jones já é uma personagem querida por milhões de leitores. Seja pelas desventuras amorosas ou pelos problemas com os pais, é muito fácil se identificar (e se encantar) com a personagem criada por Helen Fielding. Nesta nova edição comemorativa dos vinte anos de lançamento do primeiro livro, os fãs antigos terão a chance de reencontrá-la e os novos leitores descobrirão uma paixão por este clássico! Bridget continua atual e afiada como nunca: uma personagem tão perfeitamente imperfeita para ajudar todos aqueles que já se sentiram incapazes de tomar as rédeas da própria vida.

[Compre agora e leia](#)

Michele Contel

AMORES ETERNOS DE UM DIA



Jogando a real sobre aplicativos
e relacionamentos efêmeros

Amores eternos de um dia

Contel, Michele

9788554512194

224 páginas

[Compre agora e leia](#)

Procurando ou não romance (ou sexo) nos Tinders e Happns da vida, este é um livro para você pensar, se divertir e entender melhor a nossa época. Como identificar um boy lixo? O que fazer quando VOCÊ age como um boy lixo? Como lidar com o ghosting? A jornalista Michele Contel tenta responder a essas e outras perguntas em seu primeiro livro, Amores eternos de um dia. Escrito com sensibilidade e leveza, ele ajuda a desmitificar o casamento de romance com tecnologia, combinando reflexões autobiográficas com ficção. A autora defende que sim, pode haver sentimento por trás de um match no Tinder ou no Happn. E não, isso não significa que é errado aderir aos apps só por diversão. Um livro original, que vai fazer você repensar tudo o que sabia sobre o amor nos tempos do like.

[Compre agora e leia](#)